

AS AVENTURAS NA VIDA RELIGIOSA¹

Swami Yatiswarananda²

PREFÁCIO DO AUTOR

Este livro tem sua origem nas instruções e bênçãos que recebi de meu reverenciado mestre, Swami Brahmananda – o filho espiritual de Bhagavan Sri Ramakrishna.

Desejando me ver crescer nas linhas intelectual e literária lado a lado com a espiritual, o Swami me incentivou muito em meus estudos de literatura religiosa e afins. Uma vez ele disse: ‘Forme seu hábito de estudo a tal ponto que você se sentirá infeliz se algum dia deixar de prosseguir seus estudos.’ Então ele explicou o que queria dizer: ‘A mente pode não ser capaz de permanecer sempre no plano espiritual. Nesse caso, ela pode ser mantida ocupada com pensamentos religiosos mais elevados e não será permitido que caia em um plano inferior.’ As palavras do mestre me deram um grande incentivo para meus estudos, dos quais às vezes mantinha anotações elaboradas.

Durante os primeiros anos de minha vida monástica, por medo de desenvolver um falso ego, eu era muito relutante em discutir assuntos religiosos com os membros do público ou em escrever artigos para nossas revistas, embora estivesse diretamente conectado com a publicação de nossa revista de Madras, *The Vedanta Kesari*, desde seu início. Um dia o Swami me perguntou: ‘Por que você não fala sobre temas religiosos com os devotos?’ Em resposta, perguntei: ‘Sobre o que devo falar?’ Respondeu o Swami: ‘Por que, o que você está aprendendo conosco, o que você está adquirindo através de seus estudos, o que você está ganhando através de suas tentativas de levar a vida religiosa – apenas fale sobre isso.’ Este conselho me deu a direção para fazer meu tratamento de assuntos religiosos o mais prático possível.

¹ Este texto é uma tradução do livro “*The Adventures in Religious Life*”, publicado pelo *Ramakrishna Math*, Mylapore, Madras, Índia -1959.

² Swami Yatiswarananda (1889-1966), um venerado discípulo de Swami Brahmananda, foi vice-presidente da *Ordem Ramakrishna* de 1962 até seu falecimento.

Em outro dia ele me perguntou: 'Por que você não escreve um artigo toda semana?' Perguntei: 'O que devo escrever? Não tenho ideias.' O Swami respondeu: 'Aprenda a pensar profundamente. Então as ideias virão com tanta força que será um problema para você regular a corrente.' O que o guru havia previsto provou-se literalmente verdadeiro. Através de sua graça, nunca me faltaram ideias no curso de minha fala ou escrita.

Mais tarde, por ordem do Swami, servi por três anos como editor da *Prabuddha Bharata*, nossa revista agora publicada de Calcutá, e também, alguns anos depois, como editor da *Vedanta Kesari*, juntamente com meus deveres como Presidente do *Sri Ramakrishna Math, Madras*. Assim, tive a oportunidade de escrever muitos artigos.

Mas a sugestão de preparar um artigo toda semana só pôde ser literalmente realizada durante os anos de meu serviço como líder do *Vedanta Centre, Philadelphia, Pa., E.U.A.*, entre 1942 e 1949. Eu costumava preparar notas elaboradas para minhas palestras de domingo, muitas das quais foram preservadas em discos e posteriormente transcritas. Isto também se repetiu anos depois em Bangalore, desde outubro de 1951.

Os capítulos do presente volume são originalmente palestras proferidas na Filadélfia e em Bangalore, todas publicadas em *The Vedanta and the West, Prabuddha Bharata, Vedanta Kesari* e *Vedanta for East and West*. Sou muito grato às autoridades dessas revistas por sua generosa permissão para publicar estes artigos em forma de livro.

Agradeço também cordialmente aos muitos autores e editores de vários livros, demasiado numerosos para mencionar, que me ajudaram na preparação das palestras e dos quais citei muitas passagens apropriadas. Apesar de meus melhores esforços, não consegui localizar as fontes de algumas das passagens por mim citadas. Devo mencionar aqui que tomei a liberdade de resumir e adaptar algumas delas por uma questão de conveniência. Ao traduzir algumas das passagens em sânscrito e outras, segui o método livre e interpretativo, evitando assim muitas explicações e provavelmente tornando a leitura o mais indolor possível.

Na preparação do livro, recebi a cordial cooperação de muitos de meus amigos, alunos e colaboradores, cujo número é grande demais para menção individual. Portanto, aproveito esta oportunidade para oferecer a todos o meu mais grato agradecimento coletivo.

Este livro é humildemente dedicado ao Espírito Universal que habita em todos os seres e particularmente se manifesta nos corações dos sinceros buscadores espirituais. Desejo e oro para que este trabalho cooperativo de amor possa provar ser benéfico para muitos buscadores espirituais em sua

aventura religiosa. Que ele desperte seu interesse em seu ideal espiritual, ajude-os em sua prática espiritual e encoraje-os em seu esforço para atingir as alturas da realização espiritual.

Sri Ramakrishna Ashrama,
Bangalore-4:
26 de maio, 1959,

Swami Yatiswarananda

INTRODUÇÃO

“Conheça o Ser como o Mestre sentado na carruagem, e o corpo como a carruagem. Considere o intelecto como o cocheiro, e a mente como as rédeas. Os sentidos são os cavalos, e os objetos dos sentidos, a estrada. Aquele que sempre tem a mente contida e possui a compreensão correta, tem seus sentidos controlados como os bons cavalos de um cocheiro. Ele, que tem a sabedoria como seu cocheiro e a mente como rédeas bem controladas, alcança o fim da jornada espiritual — a realização do Espírito Supremo, que tudo permeia.”

— *Katha Upanishad*. III: 3, 4, 6, 9.

“Com o coração concentrado pelo Yoga, com olhos de equanimidade para todos os seres, o Yogi iluminado contempla o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser. Estabelecido na unidade, ele adora o Espírito Supremo que habita em todos os seres e permanece sempre na mais elevada consciência espiritual.”

— *Bhagavad Gita*. VI: 29 e 31.

A atitude religiosa

Enquanto o materialista radical vê o homem como um corpo — uma combinação de células —, e o psicólogo como uma integração corpo-mente, o iluminado espiritualmente considera o homem em sua natureza essencial como uma alma que tem a mente e o corpo como seus revestimentos ou instrumentos. A vida material é, portanto, relacionada principalmente com o bem-estar do corpo. A vida mental ocupa-se com o bem-estar tanto do corpo quanto da mente. A vida espiritual, por outro lado, leva em conta todos os três fatores — a alma, a mente e o corpo — e visa ao desenvolvimento harmonioso do corpo e da mente, para que a alma possa desenvolver sua divindade potencial espontaneamente. Os instrumentos da mente e do corpo devem ser tornados saudáveis e vigorosos, para que a alma possa funcionar através deles livre e alegremente. É por isso que encontramos os antigos *Rishis* védicos orando: “Que meus membros, fala, respiração, olho, ouvido e também minha força e todos meus sentidos sejam revigorados e vigorosos... Que eu, que sou devotado ao *Ātman*, seja dotado de todas as virtudes exaltadas nos *Upanishads*.”³

A Tarefa dos Aventureiros

Em todas as formas de aventura, o aventureiro de alguma maneira sente a existência de uma região infinita desconhecida e deseja descobri-la. Como disse Thomas Gray, o poeta inglês:

“Alguns audazes aventureiros desdenham
Os limites de seu pequeno reinado,
E ousam desvendar regiões desconhecidas.”⁴

O explorador científico tenta entrar em contato com novas regiões no mundo da matéria. O psicólogo procura investigar regiões inexploradas da mente, subconsciente e inconsciente. O parapsicólogo, com a ajuda da percepção extra-sensorial, está descobrindo o “novo mundo da mente” e demonstrando como “a mente pode, de alguma forma, transcender barreiras do tempo e adquirir impressões de eventos futuros.” Ele está provando como “um contato direto de mente a mente é possível no caso de pessoas que vivem muito distantes uma da outra”, ampliando assim as fronteiras da mente e revelando o poder da mente de alcançar novas

³ *The Universal Prayers* -Swami Yatiswarananda, pg. 49.

⁴ *Ode on a Distant Prospect of Eton College*.

regiões, transcendendo o domínio e as leis da matéria. O buscador espiritual está ansioso por entrar diretamente – de forma intuitiva – em contato com o Espírito Infinito, que, como a Luz Infinita, interpenetra e permeia não apenas sua própria alma, mas todas as almas. No curso de sua busca por seu próprio *Ātman*, a alma individual acaba por descobrir a glória do *Paramatma* – o Espírito Infinito, que é chamado por várias designações: Brahman, Deus, Jeová, Allah, Tao, Verdade e assim por diante.

O vidente no *Upanishad* aconselha:

“Abandonando conversas vãs, conheça o Supremo *Ātman*, o Ser por quem o céu, a terra e o espaço, a mente e as forças vitais são permeados. Este é o caminho para alcançar a imortalidade – a vida eterna.”⁵

O aventureiro religioso

O aventureiro religioso foi comparado a um mergulhador. Sri Ramakrishna costumava cantar uma canção *Vaishnava*:

“Mergulha fundo, ó mente!
Mergulha fundo no Oceano da beleza de Deus;
Se desceres às profundezas mais extremas,
Lá encontrarás a gema do Amor.”⁶

É a pérola do Amor divino que torna o buscador espiritual mais rico em espírito e mais feliz na vida.

Certamente, como diz o Sr. Browning, há

“Dois momentos na aventura do mergulhador,
Um – quando, um mendigo, ele se prepara para mergulhar,
Outro – quando, um príncipe, ele surge com sua pérola.”⁷

O que o poeta diz sobre o mergulhador do oceano também é verdade para todos os mergulhadores, e especialmente para os mergulhadores espirituais, que exploram as profundezas do Espírito Infinito e se enriquecem em conhecimento espiritual.

O aventureiro religioso também foi comparado a um explorador que deseja alcançar os cumes nevados dos picos do Himalaia. Como o alpinista, o buscador espiritual, ansioso por

⁵ *Mundaka Upanishad*

⁶ The Gospel of Sri Ramakrishna, p. 83.

⁷ “Paracelsus”.

atingir as alturas da consciência transcendental, treina seu corpo e nervos, pulmões e músculos, e também toda a sua mente — com seu pensar, sentir e querer. Ele começa sua jornada, por assim dizer, conquistando o chão sob seus pés, passo a passo, até alcançar o pico mais alto e perde-se em sua glória. Falando sobre o explorador vedântico, o Prof. Max Müller observa:

“Eu mesmo não sou um alpinista, nem sou totalmente um vedantista; mas se posso admirar os ousados escaladores do Monte *Gauri-Shankar*, também posso admirar os ousados pensadores que se esforçam para alcançar as alturas da Vedanta, onde parecem se perder para nós em nuvens e céu.”⁸

A Atitude do Homem em Relação a Deus — a Realidade Última

Há várias atitudes adotadas pelos buscadores religiosos em relação a Deus. “Ó Senhor, enquanto me identifico com o corpo, sou Teu servo. Quando me considero uma alma individual, sou Tua parte. E quando me vejo como o Espírito, sou um contigo mesmo — o Espírito Supremo.”⁹

O dualista consciente do corpo considera Deus uma pessoa separada de si mesmo e estabelece um relacionamento pessoal com Ele — como servo, filho, amigo ou bem-amado. Para o aflito, Ele é o removedor do sofrimento; para o frustrado, o realizador de desejos; para o questionador, o objetivo de sua busca. A ideia de Deus é colorida pela atitude do aspirante.

O renomado psicólogo Professor Gordon Allport, que reconhece o valor da religião, comenta: “É desnecessário esgotar a lista dos desejos que contribuem. Sua multiplicidade é indicada pelas diversas concepções da Divindade mantidas por diferentes indivíduos e pelo mesmo indivíduo em diferentes períodos de tempo... Quando precisamos de afeto, Deus é amor; de conhecimento, Ele é onisciente; de consolo, Ele concede a paz que excede todo entendimento. Quando pecamos, Ele é o Redentor; quando precisamos de orientação, o Espírito Santo. Os atributos divinos claramente se conformam ao panorama do desejo, embora o indivíduo raramente perceba que sua abordagem à sua divindade é determinada por suas necessidades presentes.”¹⁰

⁸ Six Systems of Indian Philosophy — Prof. Max Müller, p. 184.

⁹ The Universal Prayers, p. 238.

¹⁰ “The Individual and His Religion”, pp. 10-11.

Deus não é uma projeção da mente

Se nossas concepções de Deus são influenciadas por nossas próprias emoções, isso implica que Deus mesmo é uma projeção da mente? Um enfático “não” é a resposta dada pelos mestres iluminados da religião. Com total clareza sobre esse ponto, os sábios dos *Upanishads* declaram, a partir de sua própria experiência: “Eu conheci o Ser Infinito, que é resplandecente e está além de toda escuridão; somente conhecendo-O, pode-se ser salvo da morte. Não há outro caminho para a imortalidade.”¹¹ “Ele é invisível, mas vê; inaudível, mas ouve; imperceptível, mas percebe; desconhecido, mas conhece. Não há outro que veja senão Ele. Não há outro que ouça senão Ele, não há outro que conheça senão Ele. Esse é o Ser.”¹²

A verdade última está além de todo pensamento e da fala e é o Uno sem um segundo, mas as pessoas pensam n’Ele de várias maneiras e O chamam por vários nomes.

A Realidade e as opiniões sobre Ela

Os filósofos místicos racionais da Vedanta fazem uma distinção entre *Tat-tvam* (a Realidade) e *Matam* (as opiniões sobre a Realidade). A Realidade é una, mas as opiniões sobre Ela são muitas, embora apontem para a mesma Realidade.

“Os devotos seguem caminhos diferentes, retos ou tortuosos, de acordo com suas diferentes tendências. No entanto, ó Senhor, só Tu és o objetivo final de todos os homens, assim como o oceano o é para todos os rios.”¹³

Foi bem dito que são os óculos coloridos da mente que tingem nossas opiniões. Em todos os caminhos espirituais, pede-se aos buscadores que se submetam a práticas e disciplinas rigorosas, que removem as manchas dos desejos e paixões e ajudam no desabrochar do poder de perceber a Verdade cada vez mais clara e diretamente.

O problema da maioria dos buscadores espirituais é que eles querem se apegar à sua própria personalidade, às formas de suas divindades e também aos relacionamentos pessoais com elas, seja em algum aspecto ou outro. No entanto, com o despertar de uma percepção cada vez mais profunda, os buscadores espirituais conseguem elevar-se acima das

¹¹ Svetashvatara Upanishad, III:8.

¹² Brihadaranyaka Upanishad, III:7:23.

¹³ Shiva Mahimna Stotra, 7.

relações pessoais e perceber que, essencialmente, são almas, e a divindade que adoram nada mais é do que o Espírito Supremo. Então, eles sentem ainda que estão inseparavelmente conectados a Ele como partes ao todo, como qualidades para a substância, como raios para a Luz Infinita.

Há um estado ainda mais elevado, no qual os aspirantes reconhecem que o individual e o cósmico são as manifestações duplas do Espírito Supremo, que é Um, mas aparece como muitos. Por alguma razão, a Vedanta tem sido identificada com o *Advaita* (não-dualismo) no Ocidente. Mas, nos sistemas abrangentes da Vedanta, todos os três estágios — dualismo (*Dvaita*), não-dualismo qualificado (*Vishishtadvaita*) e não-dualismo puro (*Advaita*) — são como três degraus na escada da experiência espiritual, levando ao estado transcendental de consciência que está além de *Dvaita* e *Advaita*.

Respondendo aos argumentos superficiais dos críticos, o Prof. Max Müller revela o verdadeiro significado do *Advaita*, que está além do tempo, espaço e causalidade: “Este é o sentimento que não posso evitar ao examinar a antiga Vedanta. Outros filósofos negaram a realidade do mundo como o percebemos, mas ninguém ousou negar, ao mesmo tempo, a realidade do que chamamos de ego, dos sentidos e da mente e de suas formas inerentes. E, no entanto, depois de elevar o Ser acima do corpo e da alma, depois de unir céu e terra, Deus e o homem, Brahman e *Ātman*, esses filósofos da Vedanta não destruíram nada na vida dos seres fenomênicos, que têm de agir e cumprir seus deveres neste mundo fenomênico. Pelo contrário, eles mostraram que não pode haver nada fenomênico sem algo que seja real, e que a bondade e a virtude, a fé e as obras, são necessárias como preparação — mais ainda, como condição indispensável — para o alcance daquele conhecimento supremo que traz a alma de volta à sua fonte e ao seu lar, restituindo-a à sua verdadeira natureza, à sua verdadeira identidade em Brahman.”¹⁴

Mais perto de Deus e do Homem

Todas as formas da verdadeira experiência religiosa aproximam o buscador tanto de Deus quanto do homem. Se ele é um dualista que acredita que Deus está separado de todas as almas e experimenta uma relação viva com Deus, como servo para o mestre, filho para o pai ou mãe, naturalmente passa a ver todas as almas como companheiras servas ou

¹⁴ “Six Systems of Indian Philosophy”, p. 183.

filhos do mesmo Ser Divino. O buscador que se eleva acima da consciência corporal e consegue sentir que é uma alma, e que Deus — o Todo — é a Alma de todas as almas, espontaneamente vê todos os seres como almas irmãs unidas no único Deus. Quando o aspirante avançado, que descobriu que é um ser espiritual, distinto do ego, mente, sentidos e corpo, prossegue com a ajuda de sua visão interior cada vez mais em sua busca pela Realidade, ele chega a perceber que seu ser real e o ser real de todos não é outro senão o Único Espírito Infinito que aparece como as muitas almas sem perder sua natureza essencial. Ele então entende que, ao meditar nesse Ser Infinito como o Todo e a si mesmo como uma parte, ele estava adorando o mesmo Espírito Supremo como mestre, pai, mãe ou amado. Portanto, ele experimenta a superficialidade do crítico que diz que “Deus, no fundo, não é nada além de um pai exaltado”¹⁵. Ele realiza que a relação espiritual entre a alma e Deus não é uma imitação glorificada da relação terrena, mas, na verdade, é o arquétipo do qual a relação humana é apenas uma cópia pálida. Mesmo aqueles que adoram Deus em um aspecto pessoal sabem em seu íntimo que Ele é muito mais do que isso. É por isso que encontramos o adorador dirigindo-se à divindade com as palavras: “Tu és minha mãe, Tu és meu pai, Tu és meu amigo, Tu és meu companheiro, Tu és meu conhecimento, Tu és minha riqueza, Tu és meu tudo, ó Deus dos deuses”. Agora ele sabe plenamente que, em vez de Deus ser “modelado a partir do pai”¹⁶, o pai humano é modelado a partir de Deus, o Pai Divino, e a relação terrena é, na melhor das hipóteses, uma sombra pálida da relação espiritual eterna que existe entre a alma eterna e o Deus eterno.

De fato, a alma iluminada descobre que é Deus quem é Amor Infinito e é a fonte de todos os amores. Apenas uma gota desse amor chega ao pai terreno, à mãe e a outras relações. Chega um momento em que os buscadores espirituais não se satisfazem com essa mera gota de amor terreno e se voltam para a própria fonte divina infinita. E, tendo realizado o Infinito e com seus corações cheios de amor infinito, eles o compartilham com seus semelhantes.

Assim, a verdadeira experiência espiritual desperta amor real por Deus e também pelo homem. A alma iluminada passa a conferir a cada indivíduo uma dignidade espiritual, não apenas como uma alma, mas o considera como alguém como ela, eternamente conectado com o mesmo Espírito Divino que se manifesta em todos os seres e habita neles.

¹⁵ Sigmund Freud. Citado por Gordon W. Allport em “Individual and His Religion” P. 8.

¹⁶ Ibid.

Por que devemos amar o próximo?

De acordo com os sistemas do Vedanta, o próximo não é apenas um próximo, mas também um companheiro que serve, um irmão ou irmã espiritual, ou mesmo uma alma irmã, ou, como Sri Krishna diz – “uma porção eterna do mesmo Espírito Supremo”.

A alma iluminada que realizou a unidade de todos os seres no Ser Universal passa a reconhecer uma identidade espiritual com todos os seres e seu bem-estar. O Prof. Paul Deussen, ilustre estudioso da Vedanta na Alemanha, observa: “A grande fórmula *Tat Tvam Asi* – Tu És Aquele – dá em três palavras tanto a metafísica quanto a moral. Você deve amar o próximo como a si mesmo, porque você é seu próprio próximo, e é apenas a ilusão que o faz acreditar que seu próximo é algo diferente de você”¹⁷. Um escritor ocidental pensador aponta muito apropriadamente: “Aqui temos profundamente lançada a base metafísica do dever de amar nosso próximo e agir em relação a ele como se ele fosse nosso Ser. ‘Tu És Aquele’ – ou seja, há um Ser mais profundo e inclusivo no qual você e ele são um; e o serviço amoroso é a nota ou sinal dessa identidade prática”¹⁸.

Serviço espiritualizado

Muitas vezes, o chamado serviço social empreendido por organizações religiosas tornou-se muito manchado pela política inadequada de trazer as pessoas servidas para dentro do rebanho de religiões ou denominações particulares. Esse motivo sectário é contra o espírito da Vedanta.

É um insulto considerar o próximo como um potencial convertido. Ele deve receber uma dignidade espiritual, que é seu direito de nascença, e deve ser servido em um espírito de adoração. Sri Ramakrishna proclamou esse ideal ao se referir à instrução de mostrar compaixão por todos os seres vivos. Ele observou: “Falar de compaixão pelos seres? Você, um mero animalzinho, terá compaixão pelos seres? Seu miserável, quem é você para dá-la? Não, não; não compaixão pelos *jivas*, mas servi-los como *Siva*”¹⁹.

¹⁷ “Elements of Metaphysics.” P. 336.

¹⁸ “The Faith of the Future”-James Henry Tuckwell. p. 185.

¹⁹ Sri Ramakrishna, the Great Master – Swami Saradananda. P. 821.

Seguindo os passos de seu mestre, Swami Vivekananda proclamou esse ideal – servir ao homem é servir a Deus no homem. “Você já leu ‘considere sua mãe como Deus, considere seu pai como Deus’, mas eu digo – os pobres, os analfabetos, os ignorantes, os aflitos – que estes sejam seu Deus. Apenas o serviço a esses é a religião mais elevada”²⁰. “Para nós, não é ter pena, mas servir. Nosso sentimento não é de compaixão, mas de amor, e o sentimento do Ser em todos”²¹. Falando de si mesmo, o Swami disse: “Eu perdi todo o desejo pela minha própria salvação”²².

No entanto, percebendo que poucas pessoas têm a força para abandonar seu amor pela salvação, o Swami combinou o ideal de salvação com o de serviço. “A liberação é apenas para aquele que renuncia a tudo pelos outros, enquanto outros que atormentam seus cérebros dia e noite repetindo ‘minha salvação, minha salvação’, vagam com seu verdadeiro bem-estar arruinado, tanto presente quanto futuro... É apenas fazendo o bem aos outros que se alcança o próprio bem, e é levando outros à *Bhakti* (devoção) e *Mukti* (salvação) que se alcança para si mesmo.”²³ Ele colocou diante de nós e do mundo o ideal duplo em poucas palavras: ‘*Atmano Mokshartham Jagaddhitaya Cha.*’ – Trabalhar pela própria liberação e pelo bem do mundo.

Este é um ideal universal que, sem distinção de raça, nacionalidade ou religião, todos nós devemos tentar praticar e realizar. E devemos fazê-lo para trazer harmonia e paz às nossas próprias almas e à nossa família humana dividida. A humanidade é Deus encarnado e deve realizar sua natureza e herança divinas.

“Que o mundo alcance a paz, que todos os seres sejam libertos dos perigos, que todos realizem o que é bom, que todos sejam movidos por pensamentos nobres, que todos sejam felizes em todos os lugares.”

Om Shantih Shantih Shantih.

Om Paz Paz Paz.



²⁰ Letters of Swami Vivekananda. P. 173.

²¹ Ibid. 395.

²² Ibid. 399.

²³ Ibid. 384 & 246.

O que é aquilo pelo qual todo o resto é conhecido?

“Os que conhecem Brahman dizem que há dois tipos de conhecimento, o superior e o inferior. O inferior é o conhecimento dos Vedas e também de fonética, cerimoniais, gramática, etimologia, métrica e astronomia. O conhecimento superior é aquele pelo qual se conhece a Realidade Imutável. Por isto é plenamente revelado aos sábios Aquilo que transcende os sentidos, que não tem causa, que é indefinível, que não tem olhos nem ouvidos, nem mãos nem pés, que é onipresente, mais sutil do que o mais sutil - o eterno, a fonte de tudo.”

– Muṇḍaka Upaniṣad.

“O Ser deve ser conhecido. Ouça sobre Ele, reflita sobre Ele, medite sobre Ele. Conhecendo o Ser, através do ouvir, reflexão e meditação, chega-se a conhecer todas as coisas como nada mais que o Ser.”

– Brhadāraṇyaka Upaniṣad.

CAPÍTULO I

HARMONIA E UNIVERSALISMO NA VERDADEIRA VIDA RELIGIOSA

A religião pode trazer harmonia?

A religião tem alguma chance de trazer harmonia a um mundo no qual, se diz, temos religião suficiente para odiar e explorar uns aos outros, mas não o suficiente para amar e servir uns aos outros?

Como estudantes universitários, muitos de nós éramos céticos em relação à religião, vendo as brigas sem sentido e a guerra teológica entre as religiões Hindu, Muçulmana e Cristã, e entre as várias denominações. Alguns de nós duvidávamos da presença de Deus naquilo que eram chamadas de casas de Deus, e não sentíamos interesse por elas, como o menino da história cuja mãe o repreendia por não ir à igreja voluntariamente: “Você vai ao cinema para se divertir, vai à casa do

Freddie, e à casa do Tommie e se diverte. Agora, você não acha que é justo que uma vez por semana você deva ir à Casa de Deus, apenas por uma hora?” O menino respondeu: “Mas, mamãe, o que você pensaria se fosse convidada para a casa de alguém e toda vez que fosse, o sujeito não estivesse lá?”

Estávamos nos tornando céticos sobre a utilidade do culto religioso, embora não pensássemos que a religião era “o ópio do povo”. Sentíamos dentro de nós um profundo anseio pela Verdade, mas não sabíamos como esse anseio poderia ser satisfeito. Em tal período transitório de nossas vidas, por boa sorte ou graça divina, entramos em contato com vários discípulos de Sri Ramakrishna. Todos eles possuíam uma notável mentalidade aberta, intensidade e extensão na vida religiosa, felizmente combinadas. Eles viam todas as religiões como caminhos que levam à mesma Divindade e nos ensinavam que os seguidores das diferentes religiões não são inimigos, mas companheiros na busca da Verdade, e devem ser servidos tanto quanto possível. A vida de seu Mestre, Sri Ramakrishna, era em si um verdadeiro parlamento das religiões. Ele havia percebido que, embora os caminhos sejam diferentes, há apenas um Deus em direção ao qual todos estão viajando.

O universalismo único da Índia

Não foi por acaso que Sri Ramakrishna, o mais recente profeta mundial, nasceu na Índia. A religião sempre foi o tema central, a nota-chave da vida indiana – individual e coletiva. Apesar de uma certa dose de estreiteza, existiu na Índia um grande espírito universal, uma liberdade de pensamento única no campo da religião, cujo igual não existe em nenhuma outra parte do mundo. No final do século passado, Robert Ingersoll – o famoso orador agnóstico da América – disse a Swami Vivekananda, que fora à América para espalhar a mensagem da Vedanta:

“Quarenta anos atrás, você teria sido enforcado se tivesse vindo pregar neste país, ou teria sido queimado vivo. Você teria sido apedrejado fora das vilas se tivesse vindo até mesmo mais tarde.”²⁴

Se, no Ocidente, alguém declara que apenas os cristãos serão salvos enquanto outros sofrerão punição eterna, ele pode ser chamado de bom

²⁴ *The Life of Swami Vivekananda*, por seus Discípulos Orientais e Ocidentais. P. 327.

cristão. Por outro lado, se, na Índia, um hindu pensasse de forma tão estreita, ele seria, via de regra, chamado de mau hindu.

Na Índia antiga, havia uma escola de materialistas do tipo extremo. Mesmo eles foram deixados livres para propagar suas opiniões, embora muito poucos tenham sido influenciados por eles. Entre as escolas ortodoxas de filosofia, há algumas nas quais Deus como Criador não encontra lugar. Como Mahatma Gandhi uma vez disse: “Um homem pode não acreditar em Deus e ainda se chamar de hindu.”²⁵

O refúgio para vítimas de perseguição religiosa

Fiel ao seu universalismo, a Índia deu abrigo aos judeus quando seu templo foi destruído pela tirania romana e eles vieram em busca de refúgio. Reis hindus deram-lhes um alvará concedendo liberdade de culto.

Quando os imperadores persas começaram a perseguir os cristãos, um grande grupo deles veio com seus bispos e clero e recebeu abrigo dos tolerantes príncipes hindus no sul. Antigas placas de cobre indicam que aos cristãos foi concedida liberdade de culto e até mesmo os privilégios da casta mais alta. A primeira igreja cristã no estado hindu de Travancore foi construída através da generosidade do rei hindu.

Mais tarde, quando a própria Pérsia foi invadida pelos muçulmanos, e milhões de parsis foram convertidos à força e por persuasão, um grande número deles fugiu para a Índia em busca de refúgio. Eles também foram recebidos com grande consideração pelos reis hindus, que os ajudaram a construir seu primeiro templo do fogo na Índia. A Índia, e não a Pérsia, tornou-se assim o lar dos zoroastrianos e de sua antiga religião.

Harmonia religiosa – a nota-chave

A harmonia religiosa tem sido, em geral, o tema central da Religião Eterna da Índia, mesmo que alguns fanáticos tenham às vezes levantado notas discordantes.

Os mais antigos escrituras do mundo, o *Rig Veda*, contêm a maior declaração de harmonia religiosa: “A Verdade é uma, mas os sábios a chamam por vários nomes.”²⁶

²⁵ Young India. 27 de abril de 1924.

²⁶ Rig Veda I: 164: 46.

O *Bhagavad Gita* contém os ensinamentos de Sri Krishna, o grande harmonizador, que deu a todos os caminhos uma direção divina:

“De qualquer maneira que os homens se aproximem de Mim, o Espírito Supremo, assim Eu os aceito. Qualquer caminho que escolham leva a Mim apenas.”²⁷

O Buddhismo foi uma tentativa de reformar o Hinduísmo em uma época em que ele havia se degenerado; mas nunca foi espalhado pelo fogo e pela espada, como foi amplamente feito mais tarde no caso do Cristianismo e do Islã. A mensagem de iluminação de Buddha penetrou em todos os lugares de forma pacífica. O Rei Asoka, que era um seguidor fervoroso do Buddhismo, promulgou o édito:

“Aquele que, por respeito à sua própria fé, despreza as fés dos outros, inflige o maior dano à sua própria [religião].”

O espírito de universalismo dinâmico permitiu ao Hinduísmo assimilar em seu seio um número de raças – nativas e estrangeiras – com a variedade de costumes e culturas.

O impacto do Cristianismo

Nos primeiros séculos da era cristã, muitos cristãos vieram para a Índia como refugiados, mas depois muitos vieram como conquistadores e, ao tentar converter outros à sua fé, às vezes usaram força e vários meios injustos. Muitos missionários apoiados pelos governantes estrangeiros abusaram grosseiramente da hospitalidade da Índia e difamaram os hindus, que eram tolerantes ao extremo. A atmosfera indiana, com sua harmonia religiosa, no entanto, tem mudado a atitude de alguns dos missionários e seus seguidores cristãos.

A princípio, essa atitude era de denúncia generalizada e destruição sempre que possível. A religião hindu era considerada “um caos fervilhante de escuridão, terror e incerteza”. Era “a obra de Satanás”. Mais tarde, alguns dos líderes do pensamento cristão passaram a sustentar:

“Em sua literatura, filosofia, arte e vida regulada (da Índia) há muito que é sem valor, muito também que é distintamente insalubre; ainda assim, os tesouros de conhecimento, sabedoria e beleza que contêm são demasiado preciosos para serem perdidos.”²⁸

²⁷ Bhagavad Gita IV: 11.

²⁸ Hymns of the Tamil Saivite Saints. Eds. F. Kingsbury & G. F. Phillips. Prefácio editorial.

A próxima atitude foi:

“Outras religiões são luzes fragmentadas; o Cristianismo é a luz perfeita e completa. Outras religiões são preparações para a recepção do Cristianismo. O Cristianismo é o cumprimento. Cristo é a coroa do Hinduísmo!”

Uma nova perspectiva está ganhando terreno, considerando diferentes religiões como ‘legítimas’, assim como diferentes tipos de linguagem humana são produtos legítimos de condições locais; mas a atitude ainda mantém um senso de superioridade. Isso lembra a observação do inglês sobre a língua dos americanos: “Eles falam a mesma língua que nós, mas não tão bem.” “Vocês falam o que nossos primos na América chamam de inglês!” Algo desse esnobismo ainda existe entre os melhores missionários cristãos na Índia, mas o espírito do universalismo está, sem dúvida, atuando.

O Islã militante se acalma

Isso também é parcialmente verdadeiro para os muçulmanos – que vieram como conquistadores e finalmente se estabeleceram na terra. Apesar de explosões ocasionais de fanatismo, a fé militante do Islã também se tornou um tanto amenizada na Índia.

O universalismo hindu tem atuado sobre o Islã. Sob sua influência, o imperador mogol Akbar tentou lançar as bases de uma nova religião ampla e eclética. Ele declarou:

“Cada pessoa, de acordo com sua condição, dá um nome ao Ser Supremo, mas na realidade nomear o incognoscível é vão.”²⁹

Seu filho Jehangir sustentou que a ciência da Vedanta é a ciência do Sufismo ou do misticismo do Islã. Dara Shukoh, um neto de Jehangir, reconheceu o espírito universal do Islã e do Hinduísmo e foi instrumental em fazer com que os *Upanishads* fossem traduzidos para o persa. Isso mais tarde foi traduzido para o latim, grego e persa, e atraiu a admiração do filósofo alemão Schopenhauer, que declarou:

“Esse livro incomparável agita o espírito até as profundezas da alma. Tem sido o consolo da minha vida, será o consolo da minha morte.”³⁰

²⁹ Citado por H. G. Rawlinson em “India - A Short Cultural History”.

³⁰ Citado pelo Prof. Max Müller em “The Six Systems of Indian Philosophy”. P. 193.

Fanáticos muçulmanos destruíram muitos templos hindus e budistas e converteram muitas pessoas à força, mas ainda assim, os hindus, em geral, continuaram a permitir a eles e a outros liberdade perfeita de culto. A este respeito, o que Abdul Razak, o embaixador muçulmano persa na corte hindu de Calicute, sul da Índia, escreveu por volta de meados do século XV, é muito revelador:

“O povo (de Calicute) são infiéis; conseqüentemente, considero-me em um país inimigo, já que os muçulmanos consideram infiel todo aquele que não recebeu o Alcorão. No entanto, admito que encontro perfeita tolerância e até favor; temos duas mesquitas e somos autorizados a orar em público.”³¹

O muçulmano não conseguia entender que a atitude hindu é algo mais do que tolerância. É a aceitação de todas as religiões como verdadeiras, do fato de que Deus pode ser realizado através de muitos caminhos.

Unidade essencial e harmonia das diferentes religiões

Todas as religiões apresentam ao homem o ideal de perfeição, que é denominado variadamente como Deus, Allah, Tao e assim por diante. Elas enfatizam a purificação moral e o esforço espiritual como os meios para realizar o ideal. Mesmo uma breve análise dos pontos essenciais das várias religiões mundiais revela esta unidade de propósito e harmonia subjacentes.

Zoroastro, um grande reformador da antiga religião persa, deu à antiga religião com muitos deuses um viés monoteísta. Ahura Mazda, o Ser Supremo, autor do universo e de seus destinos, sempre quer o que é Bom, mas é oposto por Ahriman, o espírito do mal. Zoroastro acreditava no triunfo final do Bem. Ele enfatizou o bom pensamento, a boa palavra e a boa ação que conduzem a este triunfo.

O *Judaísmo* acredita na adoração de um Deus — Jeová, que revelou Sua vontade aos profetas. Ele exige conduta moral de Seus adoradores. Não há ninguém além d’Ele; portanto, o homem deve guardar Seus estatutos. “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.”

³¹ Quoted by S. Radhakrishnan. "Eastern Religions and Western Thought." P. 312.

O misticismo judaico sustenta que o homem — feito à imagem de Deus — tem acesso direto a seu Pai celestial.

O *Cristianismo* aceita tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, e enfatiza a necessidade de um mediador, de Cristo, o Filho de Deus. “Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai no céu.” “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma.” “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.”

O *Islã* é produto de muitas influências, incluindo o Judaísmo e o Cristianismo. É a religião da submissão a Deus. Um muçulmano é aquele que se submete a Deus e aceita Mohammed como o último de todos os profetas de Deus. A fé viva de Mohammed em Deus e em sua própria missão incendiou seus seguidores com uma vitalidade tremenda. As revelações dadas a Mohammed por Allah estão coletadas no Alcorão. “Vosso Deus é um Deus único. Não há divindade senão Ele, o Misericordioso, o Compassivo... Tudo na terra perecerá, mas a face do Senhor permanecerá, resplandecente de majestade e glória. ... Invocai vosso Senhor com humildade e em segredo. Invocai-O com temor e ardente desejo. Em verdade, a misericórdia de Deus está próxima dos justos.”

Segundo *Buddha*, que era agnóstico, a Verdade é a mais alta realidade, e esta Verdade, chamada Nirvana ou liberdade incondicionada, deve ser realizada pela compreensão correta, palavra correta, conduta correta e meditação correta, etc. “Pela completa destruição do desejo, do ódio e da ilusão, os homens devotos não estão mais sujeitos ao sofrimento e têm assegurada a emancipação final.”

O *Buddhismo* se espalhou por muitas terras, incluindo a China, onde se misturou com o Taoísmo e o Confucionismo.

Para *Lao Tsé*, há um Ser Real, que é chamado de ‘*Tao*’, mas a palavra é um substituto para ‘o nome que não pode ser nomeado’. Tao é a fonte de todas as coisas, onipotente através da não-assertividade. Tao implica também a ordem interior do universo. “Só Ele permanece; e Ele não muda. Ao redor d’Ele tudo se move; e Ele não sofre. Mesmo que alguém tenha um pouco de conhecimento, pode caminhar nos caminhos do Grande Supremo.”

Confúcio, o grande humanista, baseou seu humanismo na vida e conduta moral. Ele declara: “O homem de tipo superior faz do senso de dever o alicerce de seu caráter, combina com ele em ação o senso de proporção harmoniosa, manifesta-o num senso de altruísmo, aperfeiçoa-o pela adição de sinceridade e verdade. ... Quando lhe é oferecida uma oportunidade de ganho, ele pensa apenas em seu dever.”

O que se chama *Hinduísmo* é uma confederação de credos, uma comunidade de religiões. Todas as escolas do Hinduísmo acreditam, de uma forma ou de outra, no *Ātman*, divindade potencial do homem, em Brahman ou Espírito Supremo, no ideal de Autorrealização e nos caminhos do Yoga que levam à experiência espiritual direta.

O Hinduísmo sustenta que todas as religiões são caminhos para a Verdade Eterna; todas as almas alcançarão a salvação no devido tempo; a fraternidade mundial só pode ser baseada no Princípio Divino e não em qualquer personalidade. O ideal não é tolerância, mas aceitação de todos os caminhos como verdadeiros.

“Aquele, o eterno entre os não-eternos, a inteligência dos inteligentes, que, embora Um, realiza os desejos de muitos — aqueles sábios que O percebem existindo dentro de sua própria alma, a eles pertence a paz eterna, e a nenhum outro.”

Para reviver nossa vida espiritual, devemos enfatizar o tema central das religiões. Precisamos do ideal de Autorrealização. E, junto com isso, também precisamos de tudo o que é grande e bom em cada religião. Combinando os elementos nobres de todas as religiões, devemos aprender como tornar nossa vida mais rica e plena.

A experiência une — o dogma divide

A vida e os ensinamentos das almas iluminadas de todas as religiões apontam o caminho para o Supremo. Não há falta de ideais espirituais e morais nas religiões do mundo. O problema é que nós, os seguidores, não nos importamos em viver de acordo com os ideais. Enquanto usamos os nomes dos grandes mestres, rejeitamos seus ensinamentos. Se eles revisitassem o mundo, certamente não ficariam satisfeitos com o que estamos fazendo. Isto lembra uma história sobre o grande pintor italiano, Rafael. Enquanto ele estava ocupado pintando seus afrescos célebres em Roma, foi visitado por dois cardeais que começaram a criticar seu trabalho e a encontrar defeitos nele sem entendê-lo. “O Apóstolo Paulo tem o rosto

muito vermelho”, disse um. O artista irritado retrucou: “Sim, ele cora ao ver em que mãos a Igreja caiu.” Isto é verdade para todas as religiões que parecem ter se afastado de seus ensinamentos originais.

A essência de todas as religiões, conforme refletida nas vidas de seus grandes místicos e profetas, é a mesma, sempre conduzindo os seguidores sinceros em direção à pureza, força e harmonia. É o acréscimo posterior de credos e dogmas introduzido por sacerdotes egoístas e ignorantes que produziu a discórdia. A religião do dogma divide; a religião da experiência une. Córregos espirituais foram poluídos pelo egoísmo daqueles que professam seguir a religião e protegê-la.

Fases na história religiosa

Na história das religiões, vemos cinco fases:

(1) *Destruição e denúncia*: Alguém pensa que sua própria religião é a única verdadeira e boa; as outras são falsas e perversas e devem ser destruídas por todos os meios.

(2) *Sincretismo*: Homens de diferentes crenças religiosas convivem num espírito de ‘viva e deixe viver’, enfatizando mais seus pontos em comum do que suas diferenças.

(3) *Ecletismo*: Faz-se uma tentativa de incorporar o que são considerados os pontos bons de outras religiões juntamente com a sua própria, rejeitando o que é considerado ruim.

(4) *Tolerância*: Embora se considere que a própria religião é, é claro, a melhor e mais verdadeira, não se condena as outras, mas meramente as tolera.

(5) *Aceitação*: Nesta não há atitude negativa alguma. Todas as religiões são sinceramente aceitas e respeitadas como caminhos igualmente verdadeiros que conduzem ao mesmo objetivo.

Atitude de aceitação expressa por Mahatma Gandhi

Mahatma Gandhi deu expressão a esta atitude de aceitação, que é o espírito do Hinduísmo, quando observou:

“Acredito na Bíblia assim como acredito no Gita. Considero todas as grandes fés do mundo igualmente verdadeiras quanto a minha própria.” “Quero que a cultura de todas as terras seja soprada sobre minha casa tão livremente

quanto possível, mas recuso ser derrubado por qualquer uma. Recuso viver nas casas de outras pessoas como um intruso, um mendigo ou um escravo.”³²

Em outra ocasião ele disse:

“Se no mais íntimo do meu coração tiver a suspeita de que minha própria religião é a mais verdadeira, e que outras religiões são menos verdadeiras, então, embora possa ter um certo tipo de comunhão com as outras, é um tipo extremamente diferente daquele requerido nas Irmandades Internacionais. Nossa atitude para com os outros deve ser absolutamente franca e sincera. Nossas orações pelos outros nunca devem ser: ‘Deus, dá-lhes a luz que Tu me deste!’, mas ‘Dá-lhes toda a luz e verdade de que necessitam para seu mais alto desenvolvimento’.”³³

Quando alguém lhe perguntou: “Não posso esperar dar minha experiência religiosa de Deus ao meu amigo?”, ele respondeu:

“Ore antes para que Deus possa dar ao seu amigo a mais plena luz e conhecimento — não necessariamente a mesma que Ele lhe deu.”³⁴

Ele disse a outro:

“Ore simplesmente para que seus amigos possam se tornar homens melhores, qualquer que seja sua religião”.³⁵

Antes de Gandhiji, Sri Ramakrishna, que em sua própria vida praticou as várias religiões e as testou, declarou:

“Você pode dizer que há muitos erros e superstições em outra religião. Eu deveria responder: Suponha que haja. Toda religião tem erros. Cada um pensa que só o seu relógio dá a hora correta. É suficiente ter anseio por Deus... Ele vê a ânsia do nosso coração e o anseio da nossa alma.”³⁶

³² M. K. Gandhi in “Harijan”. Quoted by S. Radhakrishnan in: “Eastern Religions and Western Thought”. P. 312.

³³ Citado por Romain Rolland das ‘Notas tomadas na reunião anual do Conselho da Federação das Irmandades Internacionais no Satyagraha Ashram, Sabarmati’, 13-15 de janeiro de 1928, em “The Life of Vivekananda and the Universal Gospel”. P. 310.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid. P. 311.

³⁶ The Gospel of Sri Ramakrishna, pag. 37

A religião comparada amplia o horizonte mental

Um estudo comparativo da religião, às vezes chamado de religião comparada, está revelando novos fatos e desafiando as reivindicações exclusivas de qualquer religião particular de ser a única guardiã da Verdade.

As antigas religiões da Assíria, Babilônia e Egito deixaram de existir, mas alguns de seus textos ainda foram preservados. À medida que esses textos estão sendo decifrados, nova luz está sendo lançada e somos forçados a revisar nossas concepções da singularidade de nossas próprias fés.

Nos ensinamentos antigos da Índia, particularmente nos Upanishads, o sábio vidente às vezes fala de Deus ou da Realidade Última como estando além de todo nome e forma. Muitos consideram isso único. A religião comparada, no entanto, revela que um vidente ou poeta egípcio desconhecido falou de Deus como estando além de toda expressão:

“Ele não é visto; Ele não tem nem ministro nem oferendas; Ele não é adorado em templos; Sua morada não é conhecida. Não há habitação que O possa conter; desconhecido é Seu nome no céu, e Sua forma não está manifestada, pois toda imagem d’Ele é em vão. Seu lar está no universo; não em qualquer morada feita por mãos humanas.”

Está sendo revelado que o Cristianismo se assemelha em muitos aspectos ao *Mitraísmo*, a antiga religião de mistério originária da Pérsia e que se espalhou pelo Império Romano. 25 de dezembro, o dia em que o Natal é celebrado, era originalmente o dia do festival do solstício de inverno, o dia da festa mithráica, o aniversário do deus Sol invencível. Mithra era um mediador entre Deus e o homem. Os mithraístas também acreditavam numa lei moral e numa vida futura.

Cristãos piedosos de tempos posteriores, que atribuíam a semelhança aos trabalhos do diabo, ficaram chocados ao saber do antigo rito mithráico de consagração de pão e vinho. Muitas autoridades sustentam que o Cristianismo emprestou este rito da antiga fé.

Os historiadores nos dizem ainda que a cruz é milhares de anos mais antiga que Cristo. Alguns dos ensinamentos éticos de Cristo são encontrados nos antigos ensinamentos dos hindus e budistas. Aprendemos ainda que a fé dos antigos persas com seu dualismo do bem

e do mal influenciou os judeus durante seu cativeiro babilônico. Do Judaísmo a ideia do bem e do mal passou para o Cristianismo.

A mentalidade do sapo-do-poço

Muitos de nós possuem a mentalidade do proverbial sapo-do-poço, que considera o poço maior que o oceano e quer continuar nele. Isto é positivamente devido à ignorância. No entanto, não é um fenômeno novo.

Numa famosa reunião da *Free Religious Association of America*, realizada em Boston durante a segunda metade do século XIX, um ministro cristão um tanto excessivamente zeloso citou algumas passagens dos evangelhos cristãos e acrescentou que aquelas não poderiam ser igualadas nos livros sagrados de qualquer das outras religiões. Neste ponto, o grande transcendentalista americano, Ralph Waldo Emerson, que estava bem familiarizado com o pensamento indiano, levantou-se e disse calmamente: “A observação do cavalheiro apenas prova quão limitadamente ele leu.”

Os pensamentos influenciam uns aos outros. Através do contato com outras religiões, podemos todos apreciar o ideal religioso prático do Zoroastrismo, a fé viva em Deus do Judaísmo, o amor ardente de Cristo por Deus e pelo homem expresso através do serviço social do Cristianismo, o fervor religioso e espírito democrático de Mohammed, o ideal de viver em harmonia com o Espírito Cósmico proclamado por Lao Tsé, o ideal moral e social estabilizador e humanizador de Confúcio, a mensagem de retidão e paz do Buddhismo e o ideal da divindade potencial do homem e o espírito de unidade-na-diversidade do Hinduísmo.

A Mensagem de Universalismo de Vivekananda

A mensagem de universalismo em sua melhor expressão, que Swami Vivekananda aprendeu sentado aos pés de seu Mestre, Sri Ramakrishna, foi proclamada por ele em 1893 no Parlamento das Religiões de Chicago:

“... Se alguma vez houver uma religião universal, deve ser uma que não tenha localização no espaço ou no tempo; que será infinita, como o Deus que pregará, e cujo sol brilhará sobre os seguidores de Krishna e de Cristo, sobre santos e pecadores igualmente; que não será bramânica nem budhista, cristã nem maometana, mas a soma total de todas estas, e ainda terá espaço infinito para desenvolvimento; que em sua catolicidade abraçará em seus braços infinitos, e encontrará um lugar para, todo ser humano.... Será uma religião que não terá lugar para perseguição ou intolerância em sua política, que reconhecerá

a divindade em cada homem e mulher, e cujo escopo inteiro, cuja força inteira, estará centrada em ajudar a humanidade a realizar sua própria verdadeira natureza divina.... O cristão não deve se tornar hindu ou budhista, nem um hindu ou budhista deve se tornar cristão. Mas cada um deve assimilar o espírito dos outros e ainda preservar sua individualidade e crescer de acordo com sua própria lei de crescimento.”³⁷

Suas palavras concluindo foram:

“Ajuda e não Luta,” “Assimilação e não Destruição,” “Harmonia e Paz e não Dissensão.”³⁸

A experiência espiritual – o meio indispensável para a harmonia

A realidade da religião, sua universalidade e influência harmonizadora não podem ser provadas pela espada ou pela guerra teológica, mas pela própria experiência espiritual.

Continuando a tradição dos grandes sábios videntes dos Vedas que declararam: “A Verdade é Uma, mas os sábios a chamam por vários nomes”, nos séculos XV e XVI, Kabir e Nanak provaram a realidade e unidade essencial das religiões por sua própria experiência espiritual. Kabir declarou:

“Deus é um, quer O adoremos como Allah ou como Rama.... Há um Pai do hindu ou do muçulmano, um Deus em toda a matéria; Ele é o Senhor de toda a terra, o guardião em meu peito.” “Hari habita no Sul (Banaras); Allah tem Seu lugar no Oeste (Meca). Procura em teu coração, procura no coração dos corações, ali está Sua morada e paz.”

Como Kabir, Nanak também apontou para o vínculo comum entre Hinduísmo e Islamismo. Diz-se que Nanak foi em peregrinação a Meca e quando alguém o repreendeu por dormir com os pés voltados para a sagrada Caaba, ele respondeu: “Mostre-me uma direção onde Deus não esteja.”

Ele declarou ainda:

“Deus disse que o homem será salvo apenas por seu trabalho. Ele não perguntará a um homem qual sua tribo ou seita, mas o que ele fez.” “Só é um

³⁷ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. Pp. 17-22.

³⁸ Ibid.

verdadeiro hindu aquele cujo coração é justo, e só é um bom maometano aquele cuja vida é pura.”

As experiências diretas de Sri Ramakrishna

Na linha desses homens-deuses, desses profetas do universalismo e harmonia, veio Sri Ramakrishna. Ele seguiu muitos caminhos religiosos — hindu, sufista, cristão — e atingiu a mesma Divindade que está além de todo nome e forma e ainda assim Se manifesta através de todos os nomes e formas. Ele provou em sua própria vida a veracidade eterna das religiões. Escrevendo sobre ele, Mahatma Gandhi declarou:

“A história da vida de Ramakrishna é uma história da religião em prática. Sua vida nos permite ver Deus face a face. Ninguém pode ler a história de sua vida sem ficar convencido de que somente Deus é real e que todo o resto é uma ilusão. Ramakrishna foi uma encarnação viva da divindade. Seus ditos não são os de um mero homem erudito, mas são páginas do Livro da Vida. São revelações de suas próprias experiências. Eles, portanto, deixam no leitor uma impressão que ele não pode resistir. Nesta era de ceticismo, Ramakrishna apresenta um exemplo de uma fé brilhante e viva que dá consolo a milhares de homens e mulheres que, de outra forma, teriam permanecido sem luz espiritual.”³⁹

De sua própria experiência direta, Ramakrishna proclamou o espírito universal da religião:

“Um homem comum, por ignorância, considera sua própria religião a melhor e faz muito clamor inútil; mas quando sua mente é iluminada pelo verdadeiro conhecimento, toda discussão sectária desaparece.⁴⁰ E ele sabe que o único *Satchidananda* — Existência-Inteligência-Bem-aventurança Absoluta — é invocado por alguns como Deus, por alguns como Allah, por alguns como Hari e por outros como Brahman.”⁴¹

“Vejo pessoas que falam constantemente sobre religião brigando umas com as outras. Hindus, muçulmanos, brahmos, shaktas, vaishnavas, shaivas, todos brigam uns com os outros. Eles não têm a inteligência para entender que Aquele que é chamado Krishna também é Shiva, e a *Shakti* Primordial, e que é

³⁹ The Life of Sri Ramakrishna. Prefácio.

⁴⁰ Sayings of Sri Ramakrishna. P. 153.

⁴¹ Sayings of Sri Ramakrishna. P. 150.

Ele, novamente, quem é chamado Jesus e Allah. Há apenas um Rama e Ele tem mil nomes.”⁴²

“A Verdade é Um; apenas é chamada por nomes diferentes; todas as pessoas estão buscando a mesma Verdade; a variação se deve ao clima, temperamento e nome.”⁴³

“Tive que praticar cada religião por um tempo — Hinduísmo, Islamismo, Cristianismo. Além disso, segui os caminhos dos Shaktas, Vaishnavas e Vedantistas. Realizei que há apenas um Deus em direção a quem todos estão viajando; mas os caminhos são diferentes.”⁴⁴

“Todos estão indo em direção a Deus. Todos O realizarão se tiverem sinceridade e ânsia do coração.”⁴⁵

Um estudo inteligente das várias religiões nos revela suas características especiais e sua harmonia subjacente como caminhos que levam ao mesmo objetivo. No entanto, Sri Ramakrishna realizou esta harmonia não através do estudo, mas através da experiência espiritual da mesma Divindade alcançada seguindo as diferentes religiões na forma e no espírito, transcendendo as formas e atingindo o Espírito. Ele nos lançou o desafio — que as verdades das religiões sejam provadas pela experiência espiritual.

O teste da verdadeira religião

Para Sri Ramakrishna, a religião é a experiência do relacionamento eterno entre a alma eterna e o Deus eterno; todas as religiões particulares são caminhos que conduzem ao mesmo objetivo da experiência ou realização espiritual.

As várias religiões são como raios que levam ao mesmo centro. Elas se aproximam umas das outras à medida que se aproximam do centro, no qual todas se encontram. Essa foi a grande experiência de Sri Ramakrishna. Todas as religiões podem ser reduzidas a três abordagens para a realização de Deus. Ele as experimentou todas e demonstrou que são as três fases da iluminação espiritual.

Ele disse:

⁴² The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 374.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid. P. 57.

⁴⁵ Ibid.

“Cheguei à realização final de que Deus é o Todo e eu sou uma parte d’Ele, que Deus é o Mestre e eu sou Seu servo. Além disso, penso de vez em quando que Ele sou eu e eu sou Ele.”⁴⁶

Chegou o momento em que devemos nos perguntar: “De que vale a religião se ela não pode nos aproximar tanto de Deus quanto do homem?”

Se reconhecermos Deus como nosso Mestre, Pai ou Mãe, também devemos sentir que somos todos companheiros servos, todos filhos do mesmo Deus. Se sustentamos que Deus é o Todo e a Alma é uma parte, devemos sentir que somos todas almas companheiras — porções eternas do Espírito Supremo. Se considerarmos que a Verdade Última é a Unidade, nós e nossos vizinhos, aliás, todos os seres, somos um. Nosso amor por nossos semelhantes deve ser baseado neste fato; e amar é servir.

Não existe tal coisa como religião por procuração. Portanto, devemos ser espirituais e realizar a Verdade por nós mesmos. Se nós — cada um de nós — tentarmos viver nossa vida com seriedade e sinceridade, podemos descobrir a harmonia dentro de nós mesmos e transformar nosso mundo em conflito em um verdadeiro céu.



CAPÍTULO II

AS AVENTURAS DOS BUSCADORES ESPIRITUAIS

A tarefa de um herói

Há um provérbio que diz: “Quem busca aventuras encontra golpes.” Isto é muito verdadeiro. Mas se obtivermos algo mais do que golpes, as aventuras certamente serão bem-vindas. Emerson tem uma visão melhor das aventuras quando diz: “A sede por aventura é a válvula de escape que o Destino oferece; uma guerra, uma cruzada, uma mina de ouro, um novo

⁴⁶ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 534.

país, falam à imaginação e oferecem liberdade e movimento aos poderes confinados.”

Uma vida espiritual bem direcionada é de fato como travar uma guerra entre as tendências superiores e inferiores. É como uma cruzada. Queremos alcançar nossa Terra Santa, evitando os inimigos no caminho. Como diz Sri Ramakrishna, o ouro está escondido em nossos próprios corações, mas não o sabemos. Devemos procurar por essa mina de ouro e encontrá-la. Através de nosso esforço, novos poderes se desdobram e continuamos nossa jornada para o domínio do Espírito, e finalmente a alma alcança sua meta, a Realidade Última.

A natureza da Realidade

Buddha, o Iluminado, deu a esta meta um nome definitivo; ele o chamou de *Nirvana*, a destruição do desejo. Nirvana é a ausência de paixão; sendo a cessação da existência egoísta, é um estado transcendental além da existência e da não-existência. Certamente não é aniquilação.

As almas iluminadas de outras religiões, se falam da Realidade Última como transcendental, também falam d’Ela como imanente. É algo em que todas as contradições se encontram. Como Sri Ramakrishna nos conta a partir de sua própria experiência, Deus é tanto com forma quanto sem forma, e Ele vem naquela forma da qual ninguém pode falar.

Os mestres espirituais falam de Brahman, Deus, Allah, Jeová, Tao, mas todos significam uma realidade espiritual indivisível. Swami Vivekananda fala da religião como a relação eterna entre a alma eterna e o Deus eterno. E seu Deus não é um ser distante; Ele está em toda parte.

Aparência e Realidade

Sri Ramakrishna diz que a maioria das pessoas está mais interessada na criação do que em seu autor. Há uma história ilustrando isso, por Vyasa, que escreveu o *Mahabharata*:

“Um certo homem tinha a habilidade peculiar de grunhir perfeitamente como um porco, e ele o fazia tão bem que sempre que grunhia onde porcos estavam pastando, todos se viravam para ver se outro novo membro havia entrado em seu rebanho. A fama desse homem se espalhou e ele começou uma turnê para obter dinheiro por meio de sua arte, erguendo um *pandal* (um galpão semelhante a uma barraca de carnaval) onde quer que fosse e emitindo ingressos

para admissão. Seu sucesso foi tremendo, tal era a ansiedade das pessoas para ouvi-lo grunhir.

“Enquanto ele assim ganhava dinheiro em uma aldeia, um sábio passou por acaso com seus discípulos. Ocorreu ao sábio que ele poderia ensinar uma boa lição a seus discípulos através deste incidente. Consequentemente, ele ordenou que um pequeno *pandal* fosse erguido e anunciou que um grunhido melhor poderia ser ouvido ali gratuitamente. As pessoas naturalmente estavam muito ansiosas para ouvir e correram para dentro.

“O sábio trouxe um porco vivo e, apertando-o um pouco, fez com que grunhisse. Realmente, o grunhido era muito melhor que o do homem, mas as pessoas exclamaram com aborrecimento: ‘Bah! É só isso? Ouvimos isso todos os dias, mas o que há nisso? Não é nada maravilhoso.’ E foram embora. Apesar do alto tambor que o sábio usou para atrair pessoas, ninguém entraria em seu *pandal*, enquanto o do imitador de porcos estava abarrotado a ponto de lotar a cada poucos minutos.

“Depois que todas as pessoas deixaram seu *pandal*, o sábio se dirigiu a seus discípulos, dizendo: ‘Aqui está uma excelente lição para nós. Os homens raramente se importam com a realidade, mas sempre buscam imitação. É por isso que este mundo existe, uma mera imitação, um reflexo no espelho distorcido de Mâyā, do grande Ātman. Nenhuma ajuda externa é necessária para ver o Ser, mas muito poucos O desejam e mesmo que você O anuncie ansiosamente, ninguém virá a você, exceto aqueles que amam a Verdade por amor à Verdade. Reflitam sobre isso.’”

É por isso que as pessoas amam o mundo. Ele é uma imitação, um reflexo no espelho distorcido de Mâyā do Ātman, o Espírito Eterno, e nenhuma ajuda externa é necessária para ver o Ser. Mas muito poucos querem vê-lo ou se importam com a Verdade. Vivemos em um mundo estranho; as pessoas querem milagres estranhos e fantásticos. Elas seguem cultos que prometem perfeição física e o caminho para alcançar saúde e juventude perpétuas, e que lhes oferecem riqueza ilimitada sem qualquer forma de pobreza, gozo infinito sem dor ou consequência prejudicial. Madame Guyon, uma grande autora do misticismo francês do século XVII, disse:

“Eles falam do (amor de Deus), mas pouco sentem seu poder. Enquanto em seu seio muitos ídolos se escondem, eles deixam as mãos do Criador e se apegam às Suas obras.”

O objetivo da religião é a compreensão direta de Deus, a realidade espiritual, distinta da existência fenomênica. Na literatura religiosa ocidental, isso é conhecido como misticismo.

O que significa ser um verdadeiro místico

Por místicos são entendidos aqueles que amam a Verdade por si mesma, e seguiram o caminho e alcançaram a Verdade. Um verdadeiro místico é aquele que atingiu uma experiência imediata da Realidade Última através de seus poderes intuitivos que transcendem a razão e a percepção sensorial.

Por que houve tão poucos místicos verdadeiros no mundo? Como o antigo Vyasa disse — ‘os homens raramente se importam com a realidade, mas sempre buscam imitação’. Cristo observou: ‘Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos.’ O que ele quis dizer foi que poucos são chamados e menos ainda são escolhidos. No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna observa:

“Entre milhares de homens, um aqui e ali se esforça pela perfeição, e dentre aqueles que se esforçam pela perfeição e têm sucesso, um, talvez, conhece a Realidade Divina em Verdade.”⁴⁷

E Sri Ramakrishna nos diz:

“Buscando o belo jardim de um homem rico, todos ficam maravilhados, mas quantos buscam conhecer o dono do jardim?”⁴⁸

Ele explica ainda essa ideia com a ajuda de uma parábola:

“Certa vez, dois homens santos, no curso de suas andanças, se encontraram em uma cidade. Um deles, com sua bagagem na mão, andava vendo o mercado, as barracas e os edifícios. O outro andava livremente sem nenhuma bagagem. O primeiro homem perguntou: ‘Onde está sua bagagem?’ e o segundo respondeu: ‘Assim que cheguei, encontrei um bom lugar para morar e consegui um quarto. Coloquei tudo nele e estou andando aproveitando minha visita e toda a diversão’.”⁴⁹

⁴⁷ VII. 3.

⁴⁸ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 295.

⁴⁹ Ibid. P. 257. (Adaptado.)

Aqui está uma lição para todos nós. Tendo nascido neste mundo, nossos mestres nos dizem que o objetivo mais elevado é encontrar a Verdade e não ficar andando de uma coisa para outra apenas fazendo turismo e esquecendo esse ideal, o maior privilégio nesta vida, a realização da Verdade.

A vida espiritual, como cada um de nós que está tentando vivê-la em nosso modo humilde sabe, é certamente uma aventura, uma façanha ousada, um empreendimento audacioso. Tem seus perigos e dificuldades, e também sua agradável emoção, suas alegrias. No curso de sua evolução, algumas almas não podem viver uma vida monótona. Elas devem ter algo de natureza aventureira, e algumas destas preferem as aventuras da vida espiritual ou mística. Essa aventura espiritual é às vezes comparada a uma jornada até as montanhas cobertas de neve. É necessário um grande treinamento. Aqui está uma história de um amigo meu que queria escalar o Monte Branco. Ele pediu a um guia que o levasse. O guia disse: “Não vou lhe dizer agora se vou levá-lo para escalar ou não. Vamos primeiro dar um passeio.” E assim eles caminharam juntos por horas por caminhos muito difíceis, meu amigo suportando muito bem o esforço. O guia ficou muito satisfeito e concordou em levá-lo até o topo da montanha.

Obstáculos e armadilhas

Na escalada de montanhas, há muitos obstáculos e até perigos que podem impedir o alpinista de chegar ao topo. À medida que se escala e se avança pelos estágios, pode-se ser atraído por uma vista grandiosa da terra abaixo e assim parar a jornada, ou pode-se ser encantado por uma vista das regiões superiores e tentado a sentar e olhar para os picos nevados à distância, esquecendo de seguir adiante. Da mesma forma, na vida espiritual, à medida que entramos em regiões cada vez mais sutis, à medida que desenvolvemos novos poderes de visão ou audição, podemos ser atraídos pelos encantos do mundo exterior e podemos encontrar um perigo que todas as almas espirituais têm que enfrentar, e podemos ser seduzidos pelos perigos do mundo psíquico a esquecer nosso objetivo final.

Sri Ramakrishna costumava falar de um homem que, no início de sua busca espiritual, praticou disciplina de forma muito austera e eventualmente desenvolveu o poder estranho de poder desaparecer da vista dos outros e se mover como quisesse, mas embora tivesse avançado a um grande grau, ele não tinha um coração puro e usava esse poder para

motivos egoístas e para levar uma vida sensual. O resultado foi que, após algum tempo, esse homem perdeu esse poder extraordinário junto com o que havia conquistado espiritualmente.

Swami Vivekananda uma vez chegou a possuir o poder de clarividência e clariaudiência. Ele podia ver coisas à distância e ouvir o que estava acontecendo longe. Essa habilidade simplesmente veio a ele, não procurada, como às vezes acontece com buscadores espirituais que progridem ao longo do caminho. Ele relatou isso ao Mestre, que ordenou que ele parasse de meditar por alguns dias e assim fechasse aquele canal que o estava levando em direção a poderes psíquicos.

Meu próprio mestre, Swami Brahmananda, costumava dizer que, em certa época, ele podia ver dentro e através das pessoas e julgá-las de acordo. Isso foi quando Sri Ramakrishna estava vivo, e o jovem Brahmananda, ao ver que certas pessoas não eram puras, recusava-se a admiti-las à presença do Mestre. Mas o Mestre desejava ver tais pessoas e ajudá-las, não importa quão ruins elas fossem, e esse discípulo estava bloqueando seu caminho. Ele foi severamente repreendido pelo Mestre, que disse: “Não desperdice sua energia com todos esses poderes psíquicos. Vá em direção à Verdade.” Swami Brahmananda seguiu seu caminho espiritual e tornou-se grandemente iluminado mais tarde. Quando tivemos o privilégio de sentar aos seus pés, descobrimos que ele tinha poderes estranhos pelos quais podia elevar nossa consciência a planos mais elevados, mas ele usava esses poderes com grande discernimento.

Há muitos que começam sua vida espiritual com toda sinceridade, mas, posteriormente, tornando-se interessados em percepção extra-sensorial e poderes psíquicos, perdem seu objetivo.

Estágios de consciência

Toda a nossa consciência é comparada a uma grande mansão de vários andares. Há o porão inferior, o porão superior e o primeiro andar. Há o mezanino entre os dois. Tendo subido um pouco acima deste plano do ser, entramos nesta região intermediária na qual podemos desenvolver poderes psíquicos através dos quais podemos ver e ouvir mais do que os outros; se formos muito curiosos, seremos presos neste estágio, incapazes de prosseguir. Mas se ignorarmos a tentação de nos aprofundar em tais coisas, subimos cada vez mais e entramos em contato com o aspecto pessoal da Divindade, a Divindade como imanente e, ainda mais, podemos alcançar o ponto mais elevado, no qual o indivíduo se perde na consciência

universal. E nossos mestres nos dizem que há um estágio além desse, no qual a alma iluminada pode se mover onde quiser, sentindo que é uma parte da Existência Infinita, ou Deus.

Tentações

Várias são as tentações que podem aparecer diante de nós, e por esta razão todos os mestres enfatizam a necessidade de pureza. Sri Krishna nos diz:

“Os objetos dos sentidos se afastam mais cedo de um homem que pratica a abstinência, mas não o gosto por eles. O gosto desaparece quando o Espírito Supremo é realizado.”⁵⁰

As histórias religiosas do mundo nos contam como Buddha foi tentado por Mara, o Maligno, como Cristo foi tentado por Satanás, e como Sri Ramakrishna foi tentado pelo que chamamos de *Papa-Purusha*, a personificação do pecado. Todos têm que passar por essas tentações, mas as grandes almas não sucumbem como mortais comuns. Nossa natureza inferior pode subitamente surgir e se impor, mas se estivermos estabelecidos na pureza, não temos nada a temer.

Outros avisos

Swami Vivekananda alertou seus irmãos discípulos sobre outros perigos e obstáculos que confrontam os aspirantes espirituais. Ele disse que oitenta por cento daqueles que se dedicam à vida espiritual se tornam hipócritas; é mais fácil ser hipócrita, fazer uma demonstração exterior sem mudar interiormente, do que passar por todos os problemas e dificuldades da intensa vida espiritual. Quinze por cento ficam insanos; aqueles que não são suficientemente puros, mas tentam entrar em contato com a força cósmica, vêm a sofrer. Muitas pessoas se arruinam dessa maneira. Se quisermos passar uma alta voltagem de eletricidade através de um fio fraco, o que acontecerá? Vamos queimar um fusível, e por isso há uma grande necessidade da prática da pureza. Cinco por cento daqueles que iniciam a vida espiritual e se purificam constantemente avançam em direção ao objetivo. Deve-se aprender o segredo de se manter perfeitamente sob controle.

⁵⁰ Bhagavad Gita. II. 59.

Todos os grandes mestres espirituais nos dizem para evitar as atrações dos prazeres passageiros, da luxúria, da riqueza e do poder. Se quisermos embarcar nesta grande aventura da vida mística, precisamos de muito treinamento.

Qualificações necessárias para a realização espiritual

Shankara, o grande filósofo monista, fala de quatro qualificações necessárias para a realização espiritual, e todos os místicos, mais ou menos, falam nos mesmos termos. Deve haver discriminação entre o Espírito Eterno e a existência fenomênica não-eterna e mutável. Deve haver o espírito de renúncia, de desapego, sem o qual nunca se pode ter sucesso na vida espiritual. O barco ancorado não pode se mover, e, similarmente, se a alma está ancorada aos objetos do desejo, ela não pode se mover em direção ao Espírito. Precisamos de uma mente calma, sentidos controlados, uma paz mental que não nos permita ser afetados por estímulos externos. Precisamos de uma grande fé nas instruções colocadas diante de nós por nossos mestres. E devemos ter uma grande fé em nós mesmos e em nossas possibilidades de alcançar a meta, e junto com isso devemos praticar a autoentrega em todos os momentos. Em seu *Vivekachudamani* (A Joia Suprema do Discernimento), Shankara diz:

“Somente através da Graça de Deus podemos obter os três benefícios mais raros: o nascimento humano, o anseio pela liberação e um mestre iluminado.”⁵¹

É necessário para nós termos um tremendo anseio pela liberação. É a vontade de ser livre dos laços impostos a nós pelo nosso ambiente, pelo nosso corpo, nossos pensamentos, emoções e até pelo nosso pequeno ego. A alma anseia por ser livre, e através de nossa tomada de consciência disso, passamos pelo que os místicos chamam de conversão ou despertar espiritual, e começamos a centralizar nossa vida em um alto ideal espiritual. Uma nova aspiração nasce na alma, que sente a necessidade de uma inspiração maior de ar, um horizonte mais expansivo, e que deseja o contato direto com a Existência Infinita.

O testemunho dos místicos

⁵¹ Vivekachudamani. 3.

A meditação, se praticada adequadamente, conduz ao estado supraconsciente — a comunhão da alma com a Superalma. Pela prática dos vários caminhos do Yoga, as impurezas são destruídas e a faculdade intuitiva adormecida dentro de nós se expressa, e é com esta luz interior, sem um guia externo, que a alma se move em direção à Verdade. Como diz Plotino, o fundador do Neoplatonismo:

“É o voo do só para o Só.”

Nada vai nos acompanhar, exceto a mente pura. Foi por esta razão que Swami Brahmananda costumava nos dizer:

“Deixe sua mente ser tão pura que a mente se torna sua mestra.”⁵²

Quando a mente se torna pura, ela recebe diretamente as instruções do Mestre de todos os mestres — chame-O de Buddha, dê-Lhe qualquer nome — que habita em cada coração.

O místico cristão, Ricardo de São Vitor, declara:

“Aquele que pensa em ver a Deus, limpe seu espelho, faça seu espírito brilhante.”

Prática da meditação

Dhyana ou contemplação ou meditação no Ser Primordial não é uma tarefa fácil. Devemos ter treinamento, e o melhor curso é adotar algum Nome Divino ou alguma oração sagrada e continuar refletindo sobre ela. Com o tempo, essa corrente de pensamento fluirá ininterrupta. Isso é meditação. Como nossos mestres nos dizem:

“Quando derramamos óleo de um vaso para outro, o fluxo é ininterrupto. A meditação é assim.”

A meditação leva à absorção e, finalmente, à mais elevada realização. Mas é preciso controlar os pensamentos. Podemos usar várias imaginações; podemos pensar em Deus como luz, por exemplo, e ser absorvidos nesse pensamento. Mas há imaginações e imaginações! Podemos imaginar um castelo no ar, mas nunca podemos viver nesse

⁵² The Eternal Companion. P. 126.

castelo; podemos pensar em uma lebre com chifres na cabeça e, meditando nisso, podemos até pensar que nós mesmos temos dois chifres, mas tais imaginações fantásticas não podem ser realizadas. A imaginação sobre o Divino não é assim. É imaginação sobre a Verdade, pensamento intensivo sobre a Verdade. Ela remove todas as noções erradas e então a mente se torna um terreno neutro. Quando adicionamos ácido a um alcalino, obtemos uma substância neutra, e quando a mente se tornou, como Patanjali diz, “livre de todas as ondas”, a Verdade Interior reluz e isso é a realização espiritual. Mas para que isso aconteça, um longo período de preparação é necessário.

As realizações dos místicos

São Teógnis, um místico da Igreja Ortodoxa Grega, referindo-se à sua realização, diz:

“Uma palavra estranha eu te direi. Há algum mistério oculto que procede entre Deus e a alma. Isso é experimentado por aqueles que alcançam as mais elevadas alturas da perfeita pureza de amor e fé, quando o homem, mudando completamente, une-se a Deus, como Seu próprio, através de oração e contemplação incessantes.”⁵³

Aqui o místico nos diz algo sobre as mais elevadas formas de prática espiritual. Dissemos que a vida espiritual é uma aventura; ela tem seus riscos e perigos, mas também tem suas visões divinas, experiências, alegria e bem-aventurança. Alcançando esta realização divina, Lao Tsé declara:

“Quão puro e sereno é o Ser Supremo, Quão profundo e insondável.”

“Estar em acordo com o homem é felicidade humana, mas estar em acordo com Deus é a felicidade de Deus.”

E aí terminam todos os prazeres sensoriais. Plotino, quando conheceu as mais elevadas experiências espirituais, disse:

“Agora estou despertado do corpo para meu verdadeiro ser e emergo de tudo o mais e entro em mim mesmo e contemplo uma beleza maravilhosa. Levo uma vida supremamente boa e me torno idêntico à Divindade. Então é que somos inflamados.”

⁵³ Citado por P. D. Ouspensky. *Tertium Organum*. Pp. 287-288, de M. I. Lodziubensky's *Superconsciousness and the Path to its Attainment*. (Original em russo.)

A alma brilha com uma nova luz, com uma nova alegria, com uma nova paz.

Shankara, assim fala da conquista da alma iluminada:

“Meu ego desapareceu, realizei minha identidade com o Espírito Supremo. Que felicidade é essa que sinto — a felicidade da realização mística? Quem pode medi-la? Não conheço nada além de felicidade, ilimitada, sem fronteiras.”⁵⁴

Eckhart, o místico cristão, diz:

“Tenho tanta certeza quanto a de que vivo, que nada está tão próximo de mim quanto Deus.”

Ele é a fonte de toda consciência. Ele é a Realidade Última.

“Onde os dois se tornam um, um perde sua natureza.”

A alma se perde na supraconsciência. Ângela de Foligno nos conta sobre sua experiência:

“Então a alma é iluminada pela presença de Deus, quando Deus e ela se perdem um no outro, ela compreende e possui com alegria coisas boas que não pode descrever. A alma nada em alegria e conhecimento.”

Esta grande alegria é a experiência de todos os mestres espirituais. São Francisco, o místico da natureza, confirma isso. Antes de sua morte, ele começou a cantar a glória de Deus. Quando um irmão reclamou, dizendo: “Irmão, tal conduta não é apropriada para a morte de uma pessoa santa como você”, o santo respondeu:

“Permita-me regozijar-me em meu Senhor. Sinto-me tão unido a Ele que preciso cantar.”

Aqui temos um vislumbre da Comunhão Divina. Um dos grandes discípulos de Sri Ramakrishna, Swami Turiyananda, estava em seu leito de morte. Ele estava plenamente consciente da Realidade Divina, e repetiu um dos textos dos Upanishads: “Brahman, o Espírito Supremo, é inteligência. Ele é bem-aventurança eterna.”

⁵⁴ Shankara's Crest-jewel of Discrimination (Vivekachudamani). Pp. 131-132.

Meu mestre espiritual, Swami Brahmananda, quando estava prestes a partir, dirigindo-se aos discípulos e outros presentes, disse:

“Brahman é a única Realidade. Todo o resto é irreal. Estou flutuando na folha da fé no oceano de Brahman. Ah! O oceano bem-aventurado de Brahman.”

Essas experiências de Bem-aventurança Divina só vêm ao místico como resultado de sua busca em sua jornada aventureira através de muitas dificuldades, sofrimentos e dores do coração.

O segredo simples

Conta-se uma história que uma vez um discípulo do místico sufi, Junayd, veio a ele e disse: “Ouvi dizer que você possui a pérola do conhecimento divino; ou me dê ou me venda.” Junayd respondeu: “Não posso vendê-la, pois você não tem o preço dela; e se eu lhe der, você a terá ganhado muito barato. Você não sabe seu valor. Lance-se de cabeça, como eu, neste Oceano de Deus para que você mesmo possa encontrar esta pérola do amor e sabedoria Divinos.”

E isso é exatamente o que Sri Ramakrishna disse a seus discípulos, citando uma canção: “Mergulhe fundo, ó mente, mergulhe fundo no oceano da beleza de Deus. Se você descer às profundezas mais extremas, lá você encontrará a joia do Amor” — a joia do conhecimento Divino e a joia da bem-aventurança.

O amor da alma iluminada por Deus expressa-se como amor pelo homem — pelo Deus no homem. Mas devemos realizar este Amor Divino, cada um de nós, por nós mesmos. Se desejamos buscar este alto ideal espiritual, devemos estar preparados para passar por treinamento, e devemos aprender a flutuar em Brahman em vez de flutuar na superfície de nossa consciência, absorvidos neste mundo dos sentidos. Devemos ir cada vez mais fundo.



CAPÍTULO III

A BUSCA E A CONQUISTA DA FELICIDADE

O que é felicidade?

A felicidade tem sido definida como “o desfrute ou satisfação prazerosa que acompanha o bem-estar ou o estado de prosperidade [sucesso] de algum tipo ou outro”. É considerada por muitos como “o estado de satisfação que é experimentado na busca, mas mais obviamente na conquista, daquilo que é considerado desejável ou bom”.

Nós, seres humanos, estamos em diferentes estágios de evolução e, portanto, temos diferentes concepções de felicidade e dos meios para alcançá-la. Um homem que se tornara uma máquina de fazer dinheiro considerava o dinheiro como a meta mais elevada. Ele afirmava que conhecia os cinco segredos da felicidade. Quando perguntado: ‘Quais são os cinco segredos da felicidade?’, ele prontamente respondeu: ‘Dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro, dinheiro!’

Mas o mero dinheiro torna um homem feliz? E os milionários dispépticos, insones e infelizes? Eles não podem comprar apetite, sono ou felicidade com qualquer quantia de dinheiro.

Os grandes líderes americanos que proclamaram a Declaração de Independência em 4 de julho de 1776 escreveram:

“Sustentamos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade.”

Diz-se que Jefferson, que fez o rascunho, primeiro escreveu: “Vida, Liberdade e Riqueza.” Então, após reflexão, mudou a palavra ‘riqueza’ para a frase mais significativa, ‘busca da Felicidade’.

É a felicidade que todos buscamos de alguma forma ou outra. Queremos isso para nós mesmos e para aqueles que amamos. Queremos felicidade nesta vida e também na vida futura. Há a história de uma viúva que estava ansiosa para saber como seu falecido marido estava. Ela consultou um médium que a colocou em comunicação com seu marido. ‘Pedro’, ela perguntou, ‘você está feliz agora?’ Pedro respondeu: ‘Estou muito feliz!’ A viúva, continuando, perguntou: ‘Você está mais feliz do que estava na terra comigo?’ Pedro prontamente respondeu: ‘Sim, estou muito mais feliz do que estava na terra com você.’ Então a viúva indagou: ‘Diga-

me, Pedro, como é o céu?’ ‘Céu?’, exclamou Pedro, ‘Eu não estou no céu.’ Ele estava no inferno e achou melhor do que a terra, no que lhe dizia respeito. Às vezes nós, seres humanos, tornamos a vida na terra ainda pior do que o inferno, de modo que o verdadeiro inferno parece ser muito melhor! No entanto, não pensemos muito na vida após a morte. Vejamos se podemos ser felizes nesta mesma vida antes de morrer.

A felicidade suprema

Em sânscrito, as palavras para felicidade são *Ananda*, *Sukha*, *Rasa*, *Shanti*, ou bem-aventurança, alegria, êxtase, paz. Em seu sentido mais elevado, as palavras sânscritas significam Bem-aventurança do Espírito, Alegria Ilimitada, Estado Extático de Consciência e a Paz que ultrapassa o entendimento.

O que é a mais elevada felicidade? E quem é o homem mais feliz? Sri Ramakrishna afirma:

“Há três tipos de *Ananda* ou felicidade: a felicidade do desfrute ou gozo mundano, a felicidade da adoração e a felicidade de Brahman ou do Espírito Supremo.”⁵⁵

O homem mais feliz é aquele que realizou que Brahman se tornou tudo. Portanto, para o *Vijnāni* — o homem da mais plena realização espiritual — o mundo é uma ‘mansão de alegria’. Mas para o *Jnāni*, cuja experiência é parcial, é uma ‘estrutura de ilusão’. Sri Ramakrishna continua:

“Deus mantém um pouco do ‘eu’ em Seu devoto, mesmo depois de lhe dar o conhecimento de Brahman. Através desse ‘eu’, o devoto desfruta do jogo infinito de Deus. Ele retém o ‘eu’ para saborear a Bem-aventurança de Deus e ensinar as pessoas. Ele realizou ambos os aspectos de Deus, pessoal e impessoal.”⁵⁶

Várias concepções de felicidade

A ética popular tende a indicar que o que o homem realmente busca é a felicidade. Sendo esse o caso, as máximas morais apontam os meios

⁵⁵ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 432.

⁵⁶ Ibid. P. 433.

certos e alertam contra os errados para alcançá-la. A questão surge: “Felicidade de quem e que tipo de felicidade devemos buscar?” As respostas variam.

De acordo com algumas escolas de pensamento, cada indivíduo deve buscar sua própria felicidade à sua própria maneira. Este ponto de vista é egocêntrico. (a) Em sua forma mais grosseira, a felicidade egoísta é identificada com o prazer físico, sensual, e seu slogan é ‘Coma, beba e seja feliz’. (b) Em sua forma mais refinada, a felicidade egoísta atribui um valor maior aos prazeres da mente, derivados da busca do conhecimento, arte e ciência. (c) Em sua forma mais elevada, a felicidade egoísta é identificada com a transformação moral e espiritual da personalidade. Pode-se até mesmo renunciar aos prazeres mundanos para atingir a felicidade espiritual. Mas a atitude continua sendo egoísta; é a felicidade do indivíduo que é buscada.

De acordo com o universalista, o objetivo a ser alcançado é a felicidade não apenas do indivíduo, mas também da comunidade. Do ponto de vista puramente egoísta, o buscador da felicidade está interessado em outras pessoas apenas na medida em que servem ao seu propósito de alguma forma ou outra, enquanto o universalista sustenta que nenhum indivíduo deve contar como mais do que um, e a felicidade almejada deve ser a maior para o maior número.

O eudemonismo altruísta, ou busca da felicidade dos outros, mesmo à custa da própria, é outra atitude. A autonegação leva à autorrealização em um plano mais elevado. Através do autossacrifício, o praticante do bem chega a atingir a felicidade interior. Quando a mente se torna pura, ela reflete a luz e a bem-aventurança interior do indivíduo. Este tipo de felicidade interior, que ainda é egocêntrica, brota do *Anandamayakosha*, “envoltório da bem-aventurança”, que individualiza a consciência e faz a alma se sentir distinta dos outros. De acordo com a Vedanta, a alma é uma parte, ou melhor, um reflexo do Espírito Infinito, *Sat-Chit-Ananda*, Existência, Consciência, Bem-aventurança Infinitas. A alma individual, distinta do corpo, sentidos e mente, possui sua própria bem-aventurança, embora limitada. Como veremos mais tarde, “a forma mais elevada de felicidade é aquela que vem da perfeita ausência de desejos e da experiência espiritual”.

Três tipos de felicidade

Antes de prosseguirmos, vejamos o que Sri Krishna nos diz sobre a felicidade no *Bhagavad Gita*. Há três tipos de felicidade: (1) Aquela felicidade que começa e termina na ilusão e surge do sono, indolência e desatenção é declarada 'inerte'. É nascida de *Tamas*, ou forças cósmicas que induzem à inércia. (2) Aquela felicidade que surge do contato dos objetos com os sentidos, que embora a princípio seja como néctar, é como veneno no final, é declarada 'passional'. É o produto de *Rajas*, ou forças cósmicas que criam agitação. (3) Aquela felicidade que se aprende a desfrutar através da prática, pela qual se chega ao fim da dor, e que é como veneno no início, mas como néctar no final, é declarada 'pura', nascida de *Sattva*, ou forças cósmicas que produzem harmonia.⁵⁷

Em seu aspecto mais elevado, a felicidade não se origina de coisas externas. É provocada pelo Autoconhecimento. O homem da realização espiritual a desfruta através da comunhão com o Ser Supremo. "Obtendo isso, pensa-se que não há ganho maior, e estando estabelecido nisso, não se é abalado nem mesmo pela maior das tristezas."⁵⁸ A fonte desta felicidade está no Ser Supremo, o Deus que habita em cada um de nós e está ao alcance de cada um de nós. Se apenas pudéssemos conhecê-lo ou experimentá-lo, a Autorrealização ou a Experiência Divina Suprema traz a mais alta bem-aventurança à alma iluminada.

Todas as religiões prometem a felicidade

Todas as religiões, de uma forma ou de outra, prometem alegria, felicidade, beatitude e bem-aventurança a seus seguidores.

O *Zoroastrismo* sustenta que a santidade, a melhor de todas as coisas boas, é também felicidade. O homem com perfeita santidade é perfeitamente feliz.

De acordo com o *Judaísmo*, a presença do Senhor está cheia de alegria eterna.

O *Cristianismo* declara que no Reino de Deus há justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

De acordo com o *Islamismo*, o crente em Deus, que deseja a união com Deus e o caminho espiritual, atinge a verdadeira felicidade.

⁵⁷ XVIII. 36-39.

⁵⁸ Ibid. VI. 22.

Como o *Buddhismo* sustenta, aquele que pratica caridade, tranquilidade e amizade para com todos os seres atinge o estado de felicidade duradoura.

Lao Tsé declara que o homem que fala, pensa e pratica o que é bom é abençoado. Estando em acordo com o *Tao* (a Realidade Suprema), ele atinge a felicidade duradoura do *Tao*.

Confúcio aconselha o homem a ser inteiramente virtuoso para que possa desfrutar de toda felicidade.

O Vedanta declara nas Upanishads: “Aquele Supremo Governante, o Ser de todos os seres, que torna Sua forma múltipla — aqueles sábios que O percebem como existindo em sua própria alma, a eles pertence a felicidade eterna e a mais ninguém.”⁵⁹ Acrescenta o *Bhagavad Gita*: “O Yogi que se tornou perfeitamente tranquilo e aquietou suas paixões, que está livre de todas as impurezas, atinge com facilidade a bem-aventurança infinita da comunhão com o Espírito Supremo.”⁶⁰

A felicidade é um fim em si mesma?

Todas as religiões prometem felicidade a seus devotos. Mas a felicidade é um fim em si mesma ou a consequência da realização de algum fim desejado?

Alguns psicólogos criticam fortemente a visão de que a felicidade é um fim em si mesma. Eles sustentam que a felicidade “geralmente não é nem o fim ou objeto real desejado, nem mesmo o propósito consciente pelo qual algo mais é buscado”. Na maior parte, dizem eles, são apenas pessoas desprovidas de interesse nas coisas que expressam um anseio por felicidade.

A Vedanta enfrenta essa crítica com ousadia. Os videntes da Verdade declaram na Upanishad:

“Aquele Um que é Autoexistente é verdadeiramente Alegria, Bem-aventurança e Felicidade Suprema. Quem teria vivido e respirado se esta Bem-aventurança Infinita não existisse? Isto é verdadeiramente aquilo que confere bem-aventurança — a mais alta felicidade.”⁶¹

⁵⁹ Katha Upanishad. V. 12.

⁶⁰ Bhagavad Gita. VI. 28.

⁶¹ Taaittiriya Upanishad. II. 7.

Realizando Brahman, o conhecedor é libertado do medo, da carência e dos desejos, e é preenchido com a Bem-aventurança, Felicidade e Paz Supremas.

Tipos de felicidade

Todos os seres refletem essa felicidade de acordo com sua evolução.

No *Taittiriya Upanishad* há um capítulo sobre o exame de *Ananda* ou Bem-aventurança. Um jovem — nobre, versado nas escrituras, cheio de esperança, resoluto e forte — tem o mundo inteiro diante de si. Essa é a unidade de medida da bem-aventurança humana. Cem vezes essa bem-aventurança humana é a unidade de medida dos *Gandharvas* ou seres quase celestiais. Incontáveis centenas de vezes dessa bem-aventurança é a unidade de bem-aventurança dos *Devas* ou seres celestiais superiores. Muitas centenas de vezes essa bem-aventurança é a unidade de bem-aventurança de *Brihaspati*, o grande preceptor dos seres celestiais. Cem vezes essa bem-aventurança é a unidade de bem-aventurança de *Prajapati*, ou o Ser Cósmico. Verdadeiramente infinita é a Bem-aventurança de Brahman, o Espírito Supremo. Isto é realizado pelo Conhecedor de Brahman.

Estando absolutamente livre de desejos por gozos mundanos e também celestiais, somente a alma plenamente iluminada experimenta a bem-aventurança infinita. Todos os outros seres obtêm, no máximo, apenas uma partícula dela.

Alcance da felicidade através da ausência de desejos

Falando verdadeiramente, a felicidade que realizamos dentro de nós não existe em coisas ou pessoas externas. Quando um desejo é satisfeito momentaneamente, nos tornamos livres de desejo. Então, um pouco da bem-aventurança que está dentro de nós surge.

O próprio fato de que uma pessoa que nos traz felicidade em um momento pode nos causar miséria em outro mostra que a felicidade que sentimos vem de nosso estado de desapego, revelando-nos o Espírito Supremo, que é da natureza da Bem-aventurança. A qualidade, quantidade e duração da bem-aventurança que podemos desfrutar depende da qualidade, quantidade e duração de nossa ausência de desejos. Em seu modo infantil, Sri Ramakrishna observou:

“Se uma pessoa puder estar totalmente livre de desejos, ela poderá atingir o estado do *Paramahansa* — a alma perfeitamente iluminada e livre — e realizar a Alegria e Bem-aventurança Divinas Infinitas.”⁶²

Felicidade de acordo com a Vedanta

O grande discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, fala de três tipos de felicidade: (1) Nos animais e nos mais baixos dos seres humanos, que são muito parecidos com animais, a felicidade está toda no corpo; (2) a felicidade nos homens que são de uma ordem superior está em um plano mais elevado — o do pensamento; e (3) a felicidade no *Jnāni* — o homem da Autorrealização — é a mais elevada e é experimentada no Ser Supremo.

Os mestres de Vedanta falam de três estágios ou camadas de véus que cobrem o *Sat-Chit-Ananda*: a primeira camada de ignorância vela Existência-Consciência-Bem-aventurança, a segunda camada de ignorância cobre o aspecto Consciência e o aspecto Bem-aventurança da Realidade, e a terceira camada de ignorância esconde o aspecto Bem-aventurança. Por estar coberta por três camadas de ignorância, a Bem-aventurança é difícil de realizar. No entanto, há meios de remover os véus.

O primeiro véu da ignorância é removido pela razão adequadamente direcionada, que auxilia na descoberta da Verdade. O segundo véu é removido pelo conhecimento parcial, que temos na autoconsciência, autoanálise e introspecção. O terceiro véu é destruído apenas pela intuição plena ou conhecimento direto da Realidade Espiritual.

Onde encontrar a felicidade

Apenas a experiência espiritual permite à alma iluminada realizar não apenas a Existência e a Consciência Infinitas, mas também a Bem-aventurança, que é a essência do Espírito, e essas três estão ocultas no coração de cada um de nós.

Em nossa ignorância, tentamos expressar essa bem-aventurança através de nosso amor humano — amor pelo marido, esposa, filhos, amigos. Sem dúvida, há uma gota dessa Bem-aventurança Infinita na

⁶² The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 304.

forma mais grosseira de amor e felicidade. Mas esse amor deve ser purificado, essa felicidade espiritualizada.

Alguns psicólogos ocidentais consideram o sexo como a força motivadora da vida; outros sustentam que o desejo por poder é o incentivo orientador. Os mestres espirituais hindus sustentam que em tudo há um impulso consciente e subconsciente por *Ananda*, ou a Felicidade Suprema. Tendo esquecido sua verdadeira natureza, devido à ignorância, a alma tenta encontrar a Bem-aventurança Infinita no finito, mas falha miseravelmente. A bem-aventurança infinita só pode ser encontrada no Ser Infinito. É o que os videntes dos Upanishads declaram: “O Infinito apenas é Bem-aventurança. Não há bem-aventurança duradoura em nada finito. Somente o Infinito é Bem-aventurança. O Infinito apenas é Felicidade Suprema e deve ser realizado.”⁶³

A fonte da Suprema Felicidade está em cada um de nós! A parábola de Sri Ramakrishna sobre o homem com uma lanterna acesa na mão indo à casa de um vizinho e pedindo fogo para acender seu cachimbo ilustra o ponto. O ‘fogo’ que ele quer está com ele, embora ele se esqueça disso e o procure em outro lugar. Depois, há a antiga ilustração hindu do veado-almiscareiro que, iludido, vaga pela floresta em círculos, procurando loucamente pelo almíscar perfumado que deve ser encontrado dentro de seu próprio umbigo. A Felicidade Infinita que buscamos com tanto afincamento está em nossos próprios corações, mas nossos desejos e paixões, luxúria, ira, ganância, paixão, orgulho e ciúmes ficam no caminho. O que devemos fazer?

Aqui, em resumo, está a instrução prática que Sri Krishna dá no *Bhagavad Gita*: Purifique a mente, aquiete as paixões, estabeleça sua conexão com o Espírito Supremo. Você atingirá a Bem-aventurança Suprema. Você contemplará o Espírito Divino em si mesmo e a si mesmo no Espírito Divino manifestado em todos os seres. Adore o Único Espírito que habita em todos os seres, medite n’Ele, ame-O, comungue com Ele, sirva-O em todos os seres e desfrute da Bem-aventurança d’Aquele que é Existência, Consciência e Bem-aventurança.



⁶³ Chandogya Upanishad. VII: 23: 1.

CAPÍTULO IV

O TIPO DE SALVAÇÃO QUE QUEREMOS

Uma anedota dos Upanishads

Há várias concepções de salvação, algumas das quais estão sendo tratadas nestas páginas. Aqui está uma anedota dos Upanishads, as mais espirituais escrituras hindus antigas:

“O Ser que é livre de impurezas, de velhice e morte, de tristeza, fome e sede, que não deseja nada além do que deve desejar, deve ser buscado, deve ser indagado, deve ser realizado; e aquele que aprende sobre o Ser, o Espírito Supremo, e O realiza, obtém todos os mundos e todos os desejos.

Os deuses e os demônios ambos ouviram essa verdade, e pensaram consigo mesmos: Vamos buscá-la e realizar o Ser para que possamos obter todos os mundos e todos os desejos. Imediatamente, Indra, o rei dos deuses, e Virochana, o rei dos demônios, foram até Prajapati, o renomado mestre, e por trinta e dois anos viveram com ele como discípulos.

Então Prajapati perguntou a eles por que ambos tinham vivido com ele por tanto tempo, e eles responderam: ‘Ouvimos dizer que aquele que realiza o Ser obtém todos os mundos e todos os desejos. Vivemos aqui porque queremos aprender sobre o Ser.’ Prajapati respondeu: ‘Aquilo que é visto com o olho, Aquilo é o Ser, Aquilo é imortal, Aquilo é destemido e Aquilo é Brahman.’ Os discípulos perguntaram: ‘Senhor, é aquele o Ser que se reflete na água ou no espelho?’ E o mestre respondeu: ‘O Ser é de fato refletido nestes. Olhem para si mesmos na água e o que não entenderem, venham e me contem.’ Então os dois discípulos contemplaram seus reflexos na água e retornaram ao sábio dizendo: ‘Senhor, vimos o Ser. Vimos até os cabelos e as unhas todos refletidos na água.’ Então o mestre mandou que vestissem suas melhores roupas e olhassem novamente na água. Eles fizeram isso e, retornando ao sábio, disseram: ‘Vimos o Ser exatamente como nós mesmos, bem adornados e em nossas melhores roupas’, e o mestre acrescentou: ‘O Ser é de fato visto nestes. O Ser é imortal, destemido, É Brahman, o infinito.’ E os discípulos ficaram muito satisfeitos e foram embora.

O mestre, olhando para eles, lamentou:

‘Ambos partiram sem analisar ou discriminar, sem compreender plenamente o Ser. Quem segue uma doutrina falsa do Ser perecerá.’

Agora, o rei dos demônios ficou satisfeito, por sua parte, por ter descoberto o Ser — ele estava convencido de que o corpo era o Ser. Ele retornou aos demônios e começou a ensiná-los que somente o corpo deve ser adorado, somente o corpo deve ser servido, e que aquele que adora o corpo, serve o corpo, ganha ambos os mundos — este e o próximo. E os Upanishads dizem: ‘Tal doutrina é, na verdade, a doutrina dos demônios.’

Mas Indra, o rei dos deuses, em seu caminho de volta, percebeu a inutilidade desse conhecimento. Como o Ser parece bem adornado quando o corpo está bem adornado, e bem vestido quando o corpo está bem vestido, assim será cego quando o corpo for cego, aleijado quando o corpo for aleijado, deformado quando o corpo for deformado, e quando o corpo morrer, o mesmo Ser também morrerá. Em tal conhecimento, ele não via nenhum bem.

Se todos nós pudéssemos ver assim, seria maravilhoso! Mas agora, para continuar nossa história:

Então Indra retornou ao mestre e pediu instruções adicionais, e o mestre exigiu que ele vivesse com ele por mais trinta e dois anos, após o que o ensinou assim: ‘Aquilo que se move nos sonhos, desfrutando deleites sensuais e vestido em glória — Aquilo é o Ser, Aquilo é imortal, Aquilo é destemido, e Aquilo é Brahman, o infinito.’ Satisfeito com o que ouvira, o rei dos deuses partiu novamente, mas antes de chegar aos outros deuses, percebeu a inutilidade desse conhecimento também. ‘É verdade que este Ser não é cego quando o corpo é cego, nem aleijado ou ferido quando o corpo é aleijado ou ferido, mas mesmo nos sonhos pode estar consciente de muitos sofrimentos. Então, nesta doutrina também, não vejo nenhum bem.’

Então ele voltou ao mestre para mais instruções. O mestre agora ordenou que ele vivesse com ele por mais trinta e dois anos, e quando o tempo passou, disse a ele: ‘Quando o homem está em sono profundo, livre de sonhos e em perfeito repouso, Aquilo é o Ser. O Ser é imortal, É destemido, É Brahman.’ Agora Indra foi embora, mas antes de chegar em casa, sentiu a inutilidade mesmo desse conhecimento. ‘Na realidade’, pensou ele, ‘não se conhece a si mesmo como isso ou aquilo durante o sono. Na verdade, não se está consciente de nenhuma existência. O estado de alguém em sono profundo é quase aniquilação. Também não vejo nenhum bem nesse conhecimento.’

Então, mais uma vez, o discípulo retornou ao seu mestre, e o mestre pediu que ele ficasse com ele por mais cinco anos. Quando esse tempo passou, o mestre revelou-lhe a mais elevada verdade sobre si mesmo: ‘Este corpo é mortal, sempre dominado pela morte. Mas dentro dele habita o Ser imortal. Este Ser, quando associado à nossa consciência do corpo, está sujeito a prazer e dor; e enquanto esta associação continuar, a liberdade do prazer e da dor não pode ser obtida por qualquer homem. Mas quando esta associação cessa, cessam também o prazer e

a dor. Elevando-se acima da consciência física e conhecendo o Ser como distinto dos sentidos e da mente, conhecendo-O em Sua verdadeira luz, se regozija e se é livre.”⁶⁴

Esta é a salvação, nossos mestres nos dizem, que o buscador espiritual deve tentar realizar.

Nenhuma satisfação duradoura é possível no plano dos sentidos

Estamos todos em diferentes estágios de evolução e naturalmente acalentamos vários ideais de vida. Para o demônio, e muitos de nós podem não ser muito melhores que o demônio, o corpo é o Ser. Podemos não gostar de ser chamados de demônios, mas a maioria de nós segue o culto da adoração ao corpo e do desfrute sensorial. O gozo físico parece ser tudo e o fim de tudo na vida, e muitas vezes queremos encontrar nosso céu, nossa salvação em relacionamentos mundanos, esquecendo completamente o Espírito Divino que brilha nos corações de todos nós.

Há a história de um jovem que encontrou uma garota e pensou que ela era um anjo. Ele se casou com o ‘anjo’ e vários meses depois a esposa advertiu seu marido, dizendo: ‘Bem, meu querido, antes de nos casarmos você costumava me chamar de anjo; mas agora você não me chama de nada.’ O marido respondeu calmamente: ‘Estou surpreso com meu autocontrole.’ Ele já conhecia a natureza do anjo e se sentiu muito irritado, mas controlou seu temperamento.

Bem, o anjo em um caso pode ser um homem, em outro uma mulher; mas se tentarmos encontrar anjos, seres perfeitos, neste mundo de imperfeição, certamente estamos iludidos. Não pode haver qualquer satisfação real em relacionamentos humanos.

Na antiga Índia, havia uma classe de materialistas — materialistas grosseiros, tão maus quanto os piores no Ocidente — e eles sustentavam que o objetivo da vida era comer, beber e ser feliz. Coma bem, não importa mesmo se você se endividar! Em toda parte, diziam eles, vemos prazer misturado com dor. É sábio de nossa parte abandonar o prazer simplesmente porque ele traz dor? Não, vamos nos tornar tão felizes quanto pudermos e quando o fim chegar, partimos — nada resta. Almas adotando esta concepção grosseira e materialista de salvação estão fadadas a sofrer.

⁶⁴ Chandogya Upanishad. Traduzido por Swami Prabhavananda e Frederick Manchester. Pp. 123-127.

Distinto desse tipo de salvação, há outro que é chamado de 'egoísta', baseado em ideias materialistas refinadas. Aqueles que pertencem a esta escola não acreditam em nada além do corpo, mas acreditam em viver uma vida de moderação e querem atingir uma espécie de repouso intelectual e equilíbrio no organismo.

Nenhuma segurança no mundo da fantasia

Psicólogos modernos falam dos introvertidos. O introvertido quer fugir da vida, quer fugir até de si mesmo. Ele quer viver no mundo dos sonhos. Ele cria um paraíso de tolos. Ele constrói um ego falso, uma imagem idealizada, um ser fictício, ilusório, e se deleita nele.

Ouvimos pessoas dizendo: 'Oh, sou tão bondoso e compassivo! Que alma espiritual sou e que visão poética tenho, mas o pobre mundo não consegue me apreciar.' Sendo frustrados na vida, queremos compensar isso no mundo da fantasia, e o resultado inevitável é o desastre.

Às vezes lemos romances baratos ou histórias policiais sensacionalistas, ou vamos ver filmes sujos. Por quê? Para permanecer no mundo dos sonhos. E, novamente, às vezes tentamos desfrutar vicariamente coisas ignóbeis das quais temos medo de fazer nós mesmos e, no entanto, gostamos. Nessas circunstâncias, tentamos fugir de nós mesmos. Um psiquiatra nos dá algumas ilustrações:

Uma garota se faz passar por muito religiosa; ela se certifica de ler jornais cuidadosamente em busca de itens de pecado, e o resultado é que ela sabe mais sobre pecado do que sobre religião. E quando alguém pergunta por que ela faz isso, ela diz que deseja testar seu autocontrole sobre pensamentos pecaminosos!

Um jovem tem medo mortal de morrer, mas está completamente atualizado sobre toda a literatura sobre o assunto da morte. Embora, como ele diz, tenha medo de pensar em morrer, ele insiste na ideia incessantemente e até a desfruta.⁶⁵

Esquecimento de si mesmo — não é solução

Conheci pessoas que têm uma habilidade maravilhosa de esquecer as coisas, e ao tentar esquecer o desagradável, às vezes esquecem também seus deveres. Há pessoas que tomam fortes comprimidos para dormir para esquecer suas preocupações. Uma vez, uma senhora veio me ver e me

⁶⁵ Cf. "The Person in the Body." Leland E. Hinsie, M. D. P. 173.

mostrou cinco cápsulas vermelhas de aparência terrível. ‘O que você faz com isso?’, perguntei a ela. Ela respondeu: ‘Uso quando preciso de um bom sono e quero esquecer meus problemas.’ De alguma forma, consegui persuadi-la a me dar essas cápsulas, que passei a um amigo médico. Contei a ela sobre o perigo de usar o material quando ela, uma pessoa normalmente saudável, poderia praticar relaxamento com suas orações simples e meditação. Ela seguiu o conselho com grande benefício.

Há pessoas que, em nome de praticar meditação, induzem uma espécie de sono muito relaxante. Eles conseguem sono e relaxamento, tudo bem, mas isso não é meditação porque não traz iluminação de qualquer tipo.

A salvação que nossos mestres espirituais colocam diante de nós pode ser obtida não através do escapismo, não fugindo da vida, não fugindo de nós mesmos, mas enfrentando as realidades da vida, elevando-se acima delas e alcançando um estado de consciência superior.

Todas as grandes religiões apresentam o ideal de salvação de alguma forma ou outra, as concepções variando desde uma pessoa ser enviada a uma esfera superior, ou céu após a morte como recompensa por realizar boas ações nesta vida, até a visão exaltada da Vedanta, cujo objetivo é que o indivíduo atinja a realização mais plena nesta mesma vida, antes que o corpo morra.

Salvação de acordo com as várias religiões

Visão Zoroastriana: O Zoroastrismo fala de quatro tipos de salvação. Há o céu para aqueles que pensam bons pensamentos, o céu para aqueles que pronunciam boas palavras, outro para aqueles que fazem boas ações e depois o céu mais elevado, a morada de *Ahura Mazda*, o Espírito Supremo, alcançado apenas por aqueles que, além de levar uma vida virtuosa, ao mesmo tempo adoram o Senhor. Às vezes, tenta-se localizar esses céus nas regiões das estrelas, da lua ou do sol. Mas o céu mais elevado não tem localização. O buscador espiritual o descobre em toda parte, e nele o habitante desfruta da felicidade suprema.

Ahura Mazda não permitirá nem mesmo que o pior pecador sofra indefinidamente — não há concepção de um inferno eterno no Zoroastrismo. No devido tempo, o pecador será purgado de seus pecados e, vestindo um corpo imortal, viverá na companhia de *Ahura Mazda*. Nesta forma de salvação, o devoto sente a presença de Deus.

Visão Judaica: No Judaísmo, encontramos o salmista dizendo: “Oh, Senhor, crie em mim um coração puro. Oh, Senhor, renove um espírito reto dentro de mim. Não me afastes da Tua presença; e não retires de mim o Teu santo espírito. Restaura-me a alegria da Tua salvação...”

O Judaísmo não acredita na necessidade de um salvador, um intermediário entre o homem e Deus. O ideal mais elevado é amar Deus e praticar a virtude, e essa é a bem-aventurança mais elevada. O aspirante desfruta da presença de Deus.

Visão Cristã: No Cristianismo, a salvação é a restauração do homem à comunhão com Deus, uma comunhão que foi quebrada pelo pecado do primeiro homem. Isso, o cristão sente, deve ser estabelecido através da vida e morte de Jesus Cristo de alguma forma ou outra.

Há várias ideias sobre a salvação. Uma escola acha que Deus elege alguns para serem salvos e alguns para serem perdidos; não o esforço do homem, mas apenas o decreto de Deus pode trazer a salvação. Outra escola sustenta que a cada homem é dada uma chance de ser salvo, e aqueles que não aproveitam essa chance estão perdidos. A terceira escola, a dos Universalistas, sustenta que nenhuma alma está finalmente perdida. Esses universalistas formam uma minoria, mas seu número está crescendo; alguns deles estão sendo atraídos pela ideia da reencarnação, que dá uma chance a cada alma de corrigir seus caminhos e, finalmente, avançar em direção à salvação. A quarta visão não acredita na salvação de todos os seres; ela sustenta que aqueles que não estão ao final perdidos podem ser purgados no purgatório — um estágio intermediário entre o céu e o inferno — e tornados aptos para a salvação. Esta é a visão católica romana, enquanto a Igreja Protestante rejeita a ideia de purgatório.⁶⁶

Os teólogos católicos sustentam que os sacramentos são necessários para a salvação: ‘Fora da Igreja não há salvação.’ Então, desse ponto de vista, não há esperança nem mesmo para os protestantes. Chegando ao protestantismo, descobrimos que ele enfatiza a salvação pela fé. A salvação é o dom de Deus ao homem, e não um resultado do próprio mérito do homem. Ela vem através da fé em Cristo como o Salvador.

Mas, quando estudamos o misticismo cristão, descobrimos que os místicos colocam diante de nós uma concepção mais profunda de salvação — como os místicos de outras religiões também fazem. Esta salvação é alcançada através da união da alma com o Espírito Divino.

⁶⁶ Cf. "Man's Quest for Salvation." Charles S. Braden. Pp. 173-174.

Visão Islâmica: De acordo com a visão islâmica, não há salvação fora do Islã. No Alcorão, Mohammed descreve o céu de forma muito atraente para os fiéis.

Entre jardins de delícia habitarão aqueles que temeram a Deus, regozijando-se no que seu Senhor lhes deu.

Os místicos, no entanto, não tomam essa descrição literalmente. O ideal de salvação defendido pelos místicos *sufis* é muito diferente da salvação sensual que atrai a mente popular. Para eles, a salvação só pode ser obtida através da união com o Espírito Supremo.

Visão Budhista: Buddha fala do *Nirvana* como o objetivo mais elevado. *Nirvana* é a cessação da falsa individualidade, do desejo e do sofrimento e a realização do estado transcendental de consciência. Está além de todas as limitações e mudanças, além do 'É' e do 'Não é', e por isso é indescritível.

Tornando-se um com esta Inteligência mais elevada ou *Bodha*, Gautama, o Príncipe, tornou-se Buddha, o Iluminado. Ele não pôde expressar o que está além da relatividade, mas mostrou o caminho que leva à sua realização, por meio de disciplinas abrangentes.

Esta salvação é obtida não através de qualquer ajuda externa, mas através do autoesforço, no qual Buddha deu a maior ênfase:

"Apegue-se à verdade como a uma lâmpada. Não procure refúgio em ninguém, exceto em si mesmo. Trabalhe sua salvação com diligência."

No Budhismo posterior, a salvação tornou-se cada vez mais dependente de se refugiar em Buddha. O budhismo *Mahayana* introduziu o ideal do *Bodhisattva*. De acordo com ele, aquele que está a caminho da iluminação, em vez de buscar sua própria salvação, ajuda os outros a ganhar a salvação antes de alcançar a sua. Assim, à ideia de salvação alcançável através do autoesforço é adicionada a doutrina da graça.

Visão Hindu: O que é chamado de Hinduísmo não é uma religião estereotipada. Não é um reino, mas uma comunidade de fés, todos unidos por laços espirituais comuns.

Seja não-dualista, teísta ou agnóstica, todos os sistemas hindus acreditam na natureza eterna e pureza da alma. De acordo com quase todos eles, a salvação é possível através do desapego, autoanálise e meditação.

Há o [sistema] agnóstico *Sankhya*. Ele não tem lugar para um Deus em seu sistema, mas acredita que o homem é Espírito. Aquele espírito puro ele chama de *Purusha*. Através da ignorância, este espírito puro se une à matéria, mas, com o amanhecer do conhecimento, o Espírito realiza sua verdadeira natureza e é separado da matéria para sempre. Este é o ideal de salvação defendido pelos filósofos *Sankhya*.

Mas no sistema *Yoga* de Patanjali, temos a concepção de Deus. Deus não é o Criador, mas o Mestre dos mestres. Os mestres de Yoga concedem que através da adoração a Deus como o Mestre dos mestres e pela repetição de Seu Nome Divino, o buscador espiritual pode obter iluminação espiritual sobre sua própria natureza e sobre a natureza de Deus. A salvação vem através do autoconhecimento.

Entre os hindus, há várias escolas *teístas*. Aqueles que chamamos de dualistas acreditam que a alma é diferente de Deus, e todas as almas são diferentes umas das outras, mas todas as almas são controladas pela vontade de Deus. Deus é o único Mestre, e todas as almas são Seus servos. A salvação é alcançada através da realização desse relacionamento.

Quando chegamos ao sistema do que é chamado de *Não-dualismo Qualificado*, temos uma concepção ligeiramente diferente. As almas são eternas por natureza, mas são, por assim dizer, uma parte do todo infinito chamado *Ishvara*. *Ishvara* é a Alma das almas e muito mais. Assim como temos nosso corpo e nossa alma habita no corpo, assim, nesta forma de pensar, Deus — a Alma de todas as almas — nos conecta a todos, e a mais elevada realização é experimentar esse relacionamento íntimo entre Deus e a alma, ambos os quais são eternos.

De acordo com Sri Ramanuja, o maior expoente desta escola de pensamento, Deus é como a substância e a alma é como o atributo. Deus é o Senhor, e a alma é o dependente. A alma é, por assim dizer, o corpo, e Deus é a Alma de todas as almas. O objetivo mais elevado é alcançado quando o buscador espiritual realiza seu relacionamento íntimo com Deus. A alma realizada atinge a natureza de Deus, embora não a identidade com Ele. Deus é a personificação da pureza e do amor, e à medida que o aspirante vem a possuir cada vez mais pureza e amor, ele se une à Divindade.

Há outros aspectos da salvação que podem ser considerados mais humanos, segundo os quais o devoto atinge seu objetivo após sua morte e habita eternamente com o Senhor no céu mais elevado, ou ainda, ele pode desfrutar da proximidade da Divindade, assumindo uma forma semelhante à Sua forma pessoal especial, ou até mesmo atingindo atributos

e poderes divinos, mas não o poder sobre a criação e dissolução do mundo, que é possuído apenas pelo Senhor. Todas essas formas de salvação, nas quais o buscador espiritual compartilha os atributos e perfeição divinos, são grandiosas, mas ficam aquém do ideal espiritual mais elevado apresentado pelo *Advaita Vedanta*.

Caminho não-dualista para a salvação

O único Espírito Supremo é considerado de várias maneiras. Ele é considerado como Brahmā o Criador; como Vishnu, o Preservador; como Shiva, que leva esta criação de volta à sua causa; e como várias outras Encarnações Divinas como Rama e Krishna. Isto não é politeísmo como é mal compreendido por muitos; o mesmo Espírito Divino está por trás de todos esses aspectos. Os aspectos podem ser muitos, mas o Espírito é o mesmo. Um grande missionário cristão que, ao contrário da maioria de seus colegas, tem simpatia [pelo Hinduísmo], declara:

“Todas as divindades, até as mais baixas da escala, são manifestações, de alguma forma, de Deus Supremo. Assim, considerada corretamente, a teologia hindu é tão monoteísta quanto o cristianismo ou o islamismo.”⁶⁷

O outro aspecto da Vedanta é o não-dualista. Distinto daquelas formas de salvação nas quais o buscador espiritual, mantendo sua individualidade espiritual, sente a perfeição do Senhor, há outra, cujo tema central é que o aspirante une sua alma à Superalma. Assim como os rios fluem em direção ao oceano e lá se encontram, assim também os buscadores espirituais encontram o Espírito Infinito e se tornam um com Ele. Tais ideias não são estranhas ao misticismo cristão ou islâmico. Assim, São João da Cruz declara: “O amor divino faz a alma ser inteiramente assimilada a Deus.” E um místico sufi diz: “Quem entra na Cidade do Amor — o amor de Deus — encontra espaço apenas para um.”

Salvação — Parcial e completa

Depois de alcançar esta união com o Espírito Supremo, a maioria das almas não pode retornar ao plano normal de consciência; mas felizmente há algumas que, através da Vontade Divina, descem ao nosso plano. São

⁶⁷ "A Garland of Hindu Prayers." Dr. Justin E. Abbott. Prefácio.

elas que nos trazem a mensagem do Amor Divino, da Unidade Divina. Elas nos trazem a mensagem não apenas da Realidade Transcendental, mas também da Realidade Imanente.

Em nosso mundo moderno, tal personalidade foi Sri Ramakrishna. Tendo atingido a mais elevada iluminação, ele voltou através da Vontade Divina. A unidade que ele realizou no estado supraconsciente, essa unidade ele experimentou brilhando em e através de tudo. A unidade que o homem de conhecimento ou *Jnāni* atinge e na qual ele se perde, certamente traz sua salvação, mas esta salvação é parcial em certo sentido. A salvação daquele que, por outro lado, realizou tanto o Transcendente quanto o Imanente, e que é livre em todos os planos de consciência, é abrangente.

Esta é a forma mais elevada de salvação, e aquele que a atinge é um *Vijnāni*. Ramakrishna nos diz que a experiência do *Vijnāni* é mais plena e mais doce:

“É uma grande alegria *fundir* a mente no Brahman Indivisível, no Espírito Supremo Indivisível. Mas para o *Vijnāni*, o homem da mais doce realização, também é uma alegria manter a mente no *Lila* ou aspecto relativo. Ele vê o mesmo espírito brilhando em e através de tudo.”⁶⁸

Meios para alcançar a salvação

Como esta salvação completa pode ser realizada? Vamos ouvir o que o *Vijnāni* moderno, Sri Ramakrishna, nos diz:

“O caminho do conhecimento leva à Verdade, assim como o caminho que combina conhecimento e amor. O caminho do amor também leva a esta meta. O caminho do amor é tão verdadeiro quanto o caminho do conhecimento. Todos os caminhos levam finalmente à mesma Verdade. Mas enquanto Deus mantém em nós o sentimento do ego, é mais fácil seguir o caminho do amor.”⁶⁹

A mesma ideia encontramos no *Bhagavad Gita*:

“A tarefa daqueles cujas mentes estão fixas no Absoluto é muito difícil. Os seres encarnados consideram difícil seguir o caminho do Absoluto.”⁷⁰

⁶⁸ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 485.

⁶⁹ Ibid. P. 30.

⁷⁰ Bhagavad Gita, XII. 5.

O que, então, devem fazer? Que eles, Sri Krishna nos diz, consagrem todas as suas ações a Ele, o Espírito Supremo. Que eles O considerem como a meta final. Que O adorem, meditem n'Ele com concentração de mente única, e então atingirão a realização suprema.

Alcançando a Salvação nesta mesma vida

Alguns buscadores espirituais não estão preparados para esperar por sua salvação até que morram; eles desejam experimentá-la nesta mesma vida. Eles realizam seu desejo ao realizar a Realidade Divina brilhando em todos os corações, purificando-se por meio de suas ações consagradas, orações e meditações. Sri Krishna nos diz que aqueles que estão livres de todas as impurezas, que controlaram suas mentes e realizaram o Ser, alcançaram a liberdade ou salvação tanto aqui quanto depois. Este é o ideal completo de salvação que temos diante de nós.

Portanto, em vez de buscar nossa salvação no plano de vigília, que é fugaz, ou no mundo dos sonhos e da fantasia, que é passageiro, ou no plano do sono profundo, que é inconsciente, vamos tentar buscá-la no plano supraconsciente, no plano da Realização Divina. Vamos nos tornar aptos para esta salvação completa que é Autoconhecimento, que é Liberdade, que é Bem-aventurança.



CAPÍTULO V

O CONTROLE DA MENTE SUBCONSCIENTE

O nascimento espiritual

Para atingir a mais alta iluminação, todos temos que passar por um segundo nascimento ou nascimento espiritual. Através dele, despertamos para a consciência de que somos seres espirituais em nossa natureza

essencial; que nós, como seres espirituais, somos todos partes ou modos ou reflexos do Espírito Infinito. Os mestres hindus chamam isso de *Sat-Chit-Ananda* — Existência, Consciência, Bem-aventurança Absolutas. Outros o chamam de Deus, Espírito Supremo, Allah, Tao, a Superalma e assim por diante.

Como resultado de prática espiritual constante, ou mesmo antes de começarmos a vida espiritual, de repente podemos ser elevados a um plano de consciência espiritual mais elevado. Este primeiro despertar espiritual nos mostra a que alturas podemos subir, mas não a que profundidades podemos cair a qualquer momento depois. Nossos desejos e paixões estão escondidos profundamente na mente subconsciente. A menos que sejam controlados e transmutados, eles podem levar a alma a uma morte espiritual prematura. Claro, o espírito nunca pode morrer; mas, após uma queda, a alma terá que começar sua vida espiritual novamente, seja nesta vida ou em uma vida futura. Tal desperdício absoluto de tempo e energia deve ser evitado.

Instinto — a memória de nossas experiências passadas

Patanjali, o antigo mestre de Yoga, declara:

O homem é Espírito. Ele o chama de *Purusha*... uma entidade espiritual. Devido à ignorância, o Espírito se identifica com o ego. O egotismo, novamente, torna a alma sujeita ao apego e às aversões; então vem o grande apego à vida, com medo da morte e o desejo de autopreservação, juntamente com todos os problemas consequentes a isso.

Ele diz em um aforismo: “O apego à vida é encontrado tanto nos instruídos quanto nos ignorantes.”⁷¹

Swami Vivekananda comenta sobre isso da seguinte forma:

“Este apego à vida você vê manifestado em todo animal... Na Índia, este tem sido um dos argumentos para provar experiência e existência passadas. Por exemplo, se for verdade que todo o nosso conhecimento veio da experiência, então é certo que aquilo que nunca experimentamos não podemos imaginar ou entender... O que é instinto?... Na linguagem do Yogi, o instinto é a razão envolvida e se torna automático em *Samskaras*. Portanto, é perfeitamente lógico pensar que tudo o que chamamos de instinto neste mundo é simplesmente razão

⁷¹ Yoga Sutras. II: 9.

envolvida. Como a razão não pode vir sem experiência, todo instinto é, portanto, o resultado de experiência passada... As experiências recorrentes de vários medos com o tempo produzem esse apego à vida... Vimos que se tornou instintivo. Na linguagem psicológica dos Yogis, tornou-se um *Samskara*. Os *Samskaras*, sutis e ocultos, estão adormecidos no *Chitta*. Todas essas experiências passadas de morte, tudo o que chamamos de instinto, é experiência tornada subconsciente. Vive no *Chitta* e não está inativa, mas trabalhando por baixo. As *Chitta-Vrittis*, as ondas mentais, que são grosseiras, podemos apreciar e sentir; elas podem ser mais facilmente controladas, mas e os instintos mais sutis?... Estes têm que ser controlados no germe, na raiz, em suas formas sutis, antes mesmo de nos tornarmos conscientes de que estão agindo sobre nós. Com a grande maioria da humanidade, os estados sutis dessas paixões nem mesmo são conhecidos — os estados em que emergem da subconsciência. Quando uma bolha está subindo do fundo do lago, não a vemos, nem mesmo quando está quase chegando à superfície; é apenas quando ela estoura [na superfície] e faz uma ondulação que sabemos que está lá. Só seremos bem-sucedidos em lidar com as ondas quando pudermos agarrá-las em suas causas sutis, e até que possamos agarrá-las e subjugar-las antes que se tornem grosseiras, não há esperança de conquistar qualquer paixão perfeitamente. Para controlar nossas paixões, temos que controlá-las em suas próprias raízes; só então seremos capazes de queimar suas próprias sementes.”⁷²

No trecho acima, Swami Vivekananda está nos dando um vislumbre do sistema hindu de psicologia que nós, modernos, também podemos aplicar com grande proveito.

As impressões podem ser controladas

Freud, o fundador da escola psicanalítica moderna, nos prestou um grande serviço com sua descoberta da importância do subconsciente e sua influência dinâmica na consciência em relação à neurose e aos problemas mentais. No entanto, é estranho que ele se recusasse a acreditar que os antigos pensadores hindus conheciam bem o funcionamento da mente subconsciente. Na verdade, o antigo hindu sabia muito mais do que os psicólogos ocidentais modernos.

Logo no início de seus *Yoga Sutras*, Patanjali nos diz que o Espírito se identifica com as ondas da mente. A mente é comparada a um lago e este lago está se quebrando em ondas. Mas como essas ondas surgem?

⁷² The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. P. 239. Comentário sobre II: 9 dos Yoga Sutras de Patanjali.

Há o objeto externo, do qual algum estímulo chega aos sentidos. Tome, por exemplo, o olho, o estímulo é levado adiante para o centro óptico, que é a sede do sentido da visão. De lá, vai para a mente. A mente o leva ao Senhor da mente. Então vem uma reação que está na forma de uma ideia. É uma onda. Estamos sempre nos identificando com tais ondas que chamamos de pensamento, sentimento e vontade.

De acordo com os mestres da psicologia hindu, pensar, sentir e querer são todos como ondas do lago mental. Não há compartimentos estanques separando-os; todos vão juntos. Cada onda contém graus variados de todos os três — pensamento, sentimento e vontade. O nome é dado de acordo com o elemento dominante. Quando uma onda toca mais a cabeça do que o coração, chamamos de pensamento, e quando toca mais o coração do que a cabeça, chamamos de sentimento. E quando a onda, por assim dizer, toca a cabeça e o coração igualmente, chamamos de vontade, que se expressa em ação. Com todas essas ondas, a alma está constantemente se identificando.

No entanto, há ondas e ondas. Algumas ondas vêm das camadas superiores da mente, outras de suas profundezas, e estas últimas são mais problemáticas. Patanjali nos diz como o Espírito permanece sempre identificado com o não-Espírito, absorvido em fantasias, construindo castelos no ar, vivendo em um paraíso de tolos. Ele diz ainda que este Espírito permanece identificado com noções falsas, tomando o irreal como real, identificado com egotismo, apego, aversão, com vazio no sono e apego à vida o tempo todo. Assim identificados com nossos próprios pensamentos e sentimentos, por mais corretos e bons que sejam, não sabemos o que somos em nossa natureza essencial.

Síntese Espiritual Antiga e a Psicanálise Moderna

Swami Vivekananda condenou os homens de ciência de sua época por sustentarem que as impressões ou tendências pertencem apenas ao corpo material, físico. Houve um tempo em que ‘materialistas médicos’, como William James os chamava, costumavam explicar todas as emoções em termos de nervos e glândulas. Eles descartavam os estados supraconscientes dos santos assim:

“A extraordinária conscienciosidade se deve a nervos superestimulados. A melancolia se deve a um fígado lento. A visão do apóstolo São Paulo na estrada de Damasco foi possível simplesmente porque ele era um epilético. Santa

Teresa, a mística cristã, era uma mulher histérica. O descontentamento de George Fox com as falsidades do mundo era um sintoma de um cólon desordenado”.⁷³

Mas, felizmente, os tempos mudaram. Descobrimos como os psicólogos modernos, especialmente após as descobertas de Freud, estão nos revelando as formas como a mente exerce influência sobre o corpo. Alguns exemplos notáveis podem ser citados.

Um psicólogo fala de uma senhora que se tornou paciente diabética. Ela desenvolveu algumas dores que foram diagnosticadas como neurite diabética. Ela era casada feliz e tinha dois filhos. Não havia causa especial para preocupações, ainda assim ela estava doente. A psicanálise revelou que ela tinha um ódio profundamente enraizado por sua própria mãe — uma mulher tirânica. Ela acumulou muita culpa nela. À medida que ela aliviava suas queixas reprimidas para o psicólogo, começou a se sentir melhor. Sua rigidez a deixou e a dor também. Através de seu tratamento, ela aprendeu que ‘aborrecimento, raiva e medo causavam mais açúcar em seu sangue do que batatas, doces e sorvete’.⁷⁴

Há outra ilustração interessante: É sobre um homem de negócios próspero que desenvolveu um leve problema de estômago. A dor aumentou e o médico diagnosticou uma úlcera como a causa. Estranhamente, ele sentia os piores ataques em sua própria casa; mas quando estava em viagens de negócios, estava quase livre da dor. Eventualmente, os médicos descobriram que a causa de seu problema era sua esposa agressiva, que nunca o permitia relaxar. Ele confessou, ‘Às vezes fico tão bravo com aquela mulher que tenho que sair por um tempo. Mas ela me adora e não há nada que eu possa fazer para mudá-la.’ O médico ajudou o homem a perceber que era seu próprio conflito emocional que criava a doença e que era ele quem tinha que mudar, não sua esposa. À medida que sua perspectiva mudava, ele se tornou livre da úlcera.⁷⁵

Agora, essas ilustrações têm uma grande moral para todos nós que, em nosso humilde modo, estamos tentando viver a vida espiritual. Nós mesmos devemos fazer uma mudança enquanto queremos que os outros mudem.

Há a história de um rei que sofria de icterícia. O médico aconselhou-o a ver apenas coisas verdes. O rei ordenou que toda a cidade fosse pintada

⁷³ Resumido e adaptado de ‘*Varieties of Religious Experiences*.’ William James. Pp. 11-14.

⁷⁴ Resumido e adaptado de ‘*Mind and Body*.’ Flanders Dunbar. Pp. 61-62.

⁷⁵ Ibid.

de verde. As pessoas não sabiam o que fazer. O primeiro-ministro disse ao rei: 'Tenho uma solução melhor. Por que você não usa óculos com lentes verdes?' Mudando seus óculos, o rei podia ver todas as coisas verdes.

Mudando nossos próprios óculos, coloridos por nossas próprias emoções, manchados por nossos problemas mentais, podemos ver o mundo sob uma nova luz e até mesmo alcançar paz e tranquilidade com isso.

O homem, uma mistura de bem e mal

Devemos sublimar e purificar todos os nossos vários instintos, tendências inatas e hábitos. Temos que dar-lhes um rumo mais elevado. A maioria dos psicólogos ocidentais fala em socializar os instintos. Os mestres hindus também falam mais ou menos nessa linha, mas dizem algo mais. Eles dizem que há em todo ser um impulso consciente ou subconsciente por *Ananda* ou bem-aventurança, que geralmente toma uma direção errada em direção ao desfrute dos sentidos. Seguindo o curso certo, a alma pode passar por disciplinas morais e espirituais e, assim, alcançar sua união com o Espírito Supremo, o que significa sua realização mais elevada na Bem-aventurança Suprema.

Temos em nós coisas maravilhosamente boas e coisas terrivelmente más. Aqueles que dizem que o homem é vil, que o homem é um amontoado de mal, estão dizendo uma meia-verdade, porque o homem possui qualidades boas junto com as ruins. Alguns de nós podem ser egoístas às vezes, mas também temos a capacidade de fazer sacrifícios. Alguns de nós podem ser muito raivosos e egotistas, mas ainda assim há momentos em que mostramos grande humildade; podemos ser dominados por paixões e, no entanto, em ocasiões, mostramos um grande poder de autocontrole. Portanto, devemos fazer um balanço do melhor e do pior em nós e, em seguida, encontrar maneiras e meios de eliminar o ruim e fortalecer o bom. À medida que tivermos sucesso na purificação de nossas emoções, nossa alma avança em direção à Autorrealização.

A importância da Religião

Muitas vezes se pergunta: 'Os psiquiatras são contra a religião?' Um deles responde: 'Dificilmente... Se você obtém conforto da oração, continue a orar. Mas não ore pelo presente de um novo conjunto de pneus de automóvel. (Isto o psiquiatra escreveu durante a guerra, quando os pneus

eram escassos!) Ore por uma ampliação de seu senso de decência e jogo limpo. Ore por gentileza e apreciação da integridade da personalidade para evitar que você maltrate outras pessoas.’⁷⁶

Três tipos de problemas na vida

Geralmente, onde estão nossos problemas? A Vedanta nos diz que nossos problemas estão dentro de nós mesmos. Nenhuma pessoa pode nos prejudicar ou fazer mal a nós, a menos que haja algum problema dentro de nós mesmos.

Há três tipos de problemas pelos quais sofremos. Primeiro, podem ser problemas causados pelos elementos — como uma tempestade, uma grande inundação ou uma seca; em segundo lugar, há os problemas causados por outros seres humanos e, às vezes, por animais; terceiro, problemas que surgem dentro de nosso corpo e mente. Obviamente, é muito importante tentarmos nos livrar dos problemas que acalentamos dentro de nosso corpo e mente, tanto conscientes quanto subconscientes. Em relação a estes últimos, raramente temos consciência de quão profundamente enraizadas são nossas tendências. Há uma história: uma mulher foi mordida por um cão raivoso e desenvolveu hidrofobia. No hospital, enquanto ainda estava lúcida, o médico disse a ela: ‘Estou lhe dando papel, caneta e tinta. Escreva seu testamento.’ Ela começou a escrever e continuou fazendo isso por um longo tempo. O médico viu que ela estava escrevendo uma lista. ‘O que você está fazendo?’, perguntou ele, percebendo que agora sua mente estava indo embora. Ela respondeu: ‘Estou fazendo uma lista daqueles que vou morder.’ Alguns de nós, mesmo em nosso leito de morte, podem fazer a mesma coisa, se não formos capazes primeiro de nos desfazer daqueles pensamentos e sentimentos mais profundos, muitas vezes indesejados e não saudáveis, que abrigamos dentro de nós.

Controle através da prática espiritual

É muito difícil se livrar de emoções profundamente arraigadas, como raiva, ódio, ciúme, amor e medo, mas Sri Krishna no *Bhagavad Gita* e Patanjali nos *Yoga-Sutras* nos dizem que, através da prática, é possível. Em todas as várias formas de Yoga, a primeira ênfase é colocada na prática

⁷⁶ "Release From Nervous Tension." David Harold Fink. P. 139.

moral. Isso significa dar às nossas tendências um rumo mais elevado, especialmente nossas energias mentais, para não apenas socializá-las, mas também espiritualizá-las. Devemos praticar a liberdade do apego, manter o entusiasmo, trabalhar em espírito de adoração, tentar ser verdadeiros e sinceros e fazer o bem aos outros sem pensar em retribuição. Não devemos pensar em pensamentos vãos, mas devemos aprender a parar as divagações de nossa mente.

Junto com a prática das virtudes morais, também devemos ter disciplinas espirituais. Lembremos sempre do Espírito Supremo enquanto trabalhamos. Deixemos nossas mãos ocupadas com o trabalho enquanto enchemos nossa mente e coração com pensamentos divinos. Oremos para obter um poder de compreensão melhor.

Meditação – uma grande ajuda

O ideal na vida espiritual é a Autorrealização. Como psicólogo profundo, Sri Krishna diz no *Gita*:

“Quando uma pessoa está praticando o controle, ela naturalmente se afasta dos objetos externos; mas o sabor do desejo sutil interior não desaparece. Esse desejo sutil só pode desaparecer com a realização do Ser.”⁷⁷

Já sabemos como, de acordo com Patanjali e, mais tarde, Vivekananda, desejos e paixões são impedimentos no caminho da Autorrealização e devem ser controlados no germe, na raiz, em suas formas mais sutis. Como fazer isso? A meditação se torna uma grande ajuda se já acalmamos nossa mente até certo ponto através de práticas morais e orações. Através da meditação, ou controle da mente, vamos até grande extensão nos recessos mais íntimos da mente e lá descobrimos todos os problemas que estão ocultos. Gradualmente, passamos a possuir essa introspecção e poder de autoanálise que nos permitem encontrar as formas mais sutis de problemas, desejos e tendências ocultos. Tendo-os encontrado, podemos nos desvencilhar deles à medida que se tornam controlados e atenuados.

Os psicólogos também enfatizam esse ponto, mas param no meio do caminho. Deve-se descobrir não apenas os problemas ocultos dentro da

⁷⁷ Bhagavad Gita. II: 59.

mente subconsciente, mas também suas causas e livrar-se deles. Swami Vivekananda diz:

“Nos tornamos identificados com nossas emoções, mas quando essa visão interior, essa introspecção desperta em nós, descobrimos nossos problemas em sua forma mais sutil e, ao mesmo tempo, podemos dizer ‘Não sou meus problemas; não sou minha raiva, sou separado dela’, e ‘Sou separado dessas emoções e de todas essas tendências, sou uma alma livre’.”

Seguindo o caminho moral e espiritual com seriedade e constância, aprende-se o segredo de acender o fogo do Conhecimento dentro de si mesmo para que, mais cedo ou mais tarde, queime todas as tendências e desejos mundanos. O Espírito então brilha em todo o seu esplendor, e nos tornamos livres e bem-aventurados. Devemos passar por disciplinas espirituais de forma sistemática se quisermos pôr fim a todos os nossos problemas, tanto conscientes quanto subconscientes, e alcançar a verdadeira iluminação e paz.



CAPÍTULO VI

YOGA INDIANO E PSICOLOGIA OCIDENTAL

Mais de meio século atrás, Swami Vivekananda percebeu a ‘Importância da psicologia’ e traçou, em uma palestra com o mesmo título, uma comparação entre as abordagens ocidental e indiana da psicologia, que ele chama de ‘ciência das ciências’. Para citar as palavras do Swami:

“A psicologia é a ciência das ciências; mas no Ocidente ela é colocada no mesmo plano que todas as outras ciências; ou seja, é julgada pelo mesmo critério — utilidade.

“Quanto benefício prático trará para a humanidade? Quanto acrescentará à nossa felicidade em rápido crescimento? Quanto diminuirá de nossa dor em rápido aumento? Tal é o critério pelo qual tudo é julgado no Ocidente.

“Mas mesmo tomando a ideia ocidental de utilidade como um critério para julgar, a psicologia, por tal padrão mesmo, é a ciência das ciências. Por quê? Somos todos escravos de nossos sentidos, escravos de nossas próprias mentes, conscientes e subconscientes.

“No fundo de nossa mente subconsciente estão armazenados todos os pensamentos e atos do passado, não apenas desta vida, mas de todas as outras vidas que vivemos. Este grande, ilimitado oceano da mente subjetiva está cheio de todos os pensamentos e ações do passado. Cada um deles está se esforçando para ser reconhecido, empurrando para fora para expressão, surgindo, onda após onda, sobre a mente objetiva, a mente consciente. Esses pensamentos, essa energia armazenada, tomamos por desejos naturais, talentos, etc. É porque não percebemos sua verdadeira origem. Nós os obedecemos cegamente, inquestionavelmente, e a escravidão, o tipo mais desamparado de escravidão, é o resultado, e nos chamamos de livres. Livres!

“Os fantasmas de pensamentos passados, vidas passadas nos mantêm para baixo. Todo o sofrimento do mundo é causado por essa escravidão aos sentidos. Nossa incapacidade de nos elevar acima da vida dos sentidos — a busca por prazeres físicos, é a causa de todos os horrores e misérias no mundo.

“É a ciência da psicologia que nos ensina a manter sob controle os selvagens giros da mente, colocá-la sob o controle da vontade e, assim, nos libertar de seus mandatos tirânicos. A psicologia é, portanto, a ciência das ciências, sem a qual todas as ciências e todos os outros conhecimentos são inúteis.

“A mente descontrolada e não guiada nos arrastará para baixo, para baixo para sempre — nos despedaçará, nos matará; e a mente controlada e guiada nos salvará, nos libertará. Portanto, ela deve ser controlada, e a psicologia nos ensinará como fazer isso.

“No fundo, no fundo, está a alma, o homem essencial, o *Ātman*. Volte a mente para dentro e torne-se unido a aquilo, e desse ponto de vista de estabilidade, os giros da mente podem ser observados e fatos observados, que são encontrados em todas as pessoas. Tais fatos, tais dados, são encontrados por aqueles que vão fundo o suficiente, e apenas por tais.

“Se você pretende estudar a mente, deve ter treinamento sistemático; deve praticar para trazer a mente sob seu controle, para atingir aquela consciência a partir da qual você será capaz de estudar a mente e permanecer inabalado por qualquer de seus giros selvagens.”⁷⁸

⁷⁸ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. VI. Pp. 26-30.

Nosso mundo moderno está cheio de estresse e tensão. A maioria de nós está sofrendo de uma febre mental que está aumentando o número de casos mentais em todos os lugares. 'Mais da metade dos leitos hospitalares deste país', diz um eminente médico americano, 'estão ocupados por pessoas mentalmente doentes.'⁷⁹ Como comparado àqueles que estão acomodados nos hospitais, há um número enormemente grande de pessoas para quem leitos não estão disponíveis. Isso é verdade em todos os países, incluindo a Índia. Em tal situação, surge a questão — O Yoga hindu e a Psicoterapia Ocidental podem nos ajudar e até que ponto?

O sistema de Yoga

A palavra 'Yoga' passou a ser associada a façanhas físicas e poderes e fenômenos psíquicos. No entanto, de acordo com o antigo mestre de Yoga Patanjali, o verdadeiro significado de Yoga é a cessação de todas as ondas mentais, como resultado das quais o buscador espiritual é estabelecido em seu verdadeiro Ser.⁸⁰ No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna define Yoga como "aquele estado em que a mente é restringida pela prática da concentração, em que, vendo o Ser pelo Ser, desfruta da bem-aventurança transcendental e permanece inabalável mesmo pela maior dor."⁸¹

Em um manicômio, um dos internos estava jogando paciência — um jogo de cartas para uma única pessoa — e seu amigo estava observando. 'Espere', interrompeu seu amigo, 'peguei você trapaceando a si mesmo.' 'Você não se pega trapaceando?' O homem respondeu: 'Não, nunca. Sou muito esperto.' Todos nós somos muito espertos como o homem louco e estamos nos enganando de inúmeras maneiras. O mestre de Yoga nos diz que estamos praticando autoengano e fugindo de nosso verdadeiro Ser o tempo todo. No estado de vigília, permanecemos identificados com várias experiências em constante mudança. No sonho, permanecemos absorvidos em nosso mundo dos sonhos e seus fenômenos. No sono [profundo], estamos perdidos no estado de inconsciência. Quantas vezes sonhamos acordados e vivemos no mundo da memória e da fantasia! Nossa observação é falha, a informação não confiável e a conclusão errada. Certamente precisamos de observação clara, informação confiável e conclusão precisa como um passo para realizar nosso verdadeiro Ser.

⁷⁹ Dr. S. Bernard Wortis. Citado por Herbert V. Prochnow em "The Public Speakers' Treasure Chest".

⁸⁰ Yoga Sutras. I: 2 e 3.

⁸¹ Bhagavad Gita. VI: 23.

Nosso verdadeiro Ser

O que é nosso verdadeiro Ser? De acordo com o Yoga, o homem é espírito puro, mas devido à ignorância, ele vem a ser identificado com o ego, mente, sentidos e corpo. A psicologia ocidental ainda não descobriu o verdadeiro Ser do homem, embora pareça estar procurando por ele. Muitos psicólogos modernos falam da 'pessoa no corpo', significando que um ser humano é 'um corpo-mente integrado'.

A realização da Psicologia Ocidental

Agradecemos a esses psicólogos por terem refutado a teoria materialista de que o homem é uma combinação de células e sua mente é um epifenômeno. Os pensadores materialistas sustentam que o cérebro altamente organizado secreta pensamentos assim como o fígado secreta bile. O conceito de que o homem é um ser físico-psíquico é certamente uma melhoria em relação à antiga forma materialista de pensar.

Os psicólogos modernos estão nos revelando como não queremos enfrentar as realidades da vida e estamos pregando peças em nós mesmos de várias maneiras. Quando somos confrontados por nossos inimigos na forma de raiva, sexo, medo, orgulho, ciúme, em vez de lutar contra eles, os suprimimos ou reprimimos. Conscientemente ou inconscientemente, nós os empurramos para o plano subconsciente. Tentamos esquecer nossos problemas, mas eles não se esquecem de nós. Eles continuam trabalhando despercebidos por nós e produzem neurose e outras doenças. O homem apaixonado, o avarento, a pessoa cruel em nós pratica o autoengano chamado racionalização. Tentamos de alguma forma justificar nossa conduta, nos abrigando sob um raciocínio falso que nos faz parecer melhores do que somos. Colocamos óculos de raciocínio falso e vemos o mundo colorido por nossas próprias ideias projetadas nele. Tentamos evitar conflitos, nos refugiando sob o autoengano de alguma forma ou outra, tornamo-nos intelectualmente e emocionalmente confusos e desenvolvemos doenças nervosas e até mentais.

Todas essas formas de autoengano são como muletas e queremos usá-las em todas as circunstâncias. Há uma história de um homem que foi ferido em um acidente de bonde. Ele teve que usar muletas sob a direção de seu médico. Seu advogado entrou com uma ação na corte contra a empresa e o caso estava pendente. Após algumas semanas o médico disse

a ele para dispensar as muletas. Mas ainda assim ele continuou a usar esse suporte artificial. Um amigo dele que o encontrou após várias semanas perguntou: 'Você não pode abandonar as muletas agora?' Ele respondeu: 'Meu médico diz que posso, mas meu advogado diz que não posso!' O médico em nós deseja que enfrentemos as realidades da vida, enquanto o advogado nos aconselha a fugir delas.

Alguns eminentes psicólogos observam —

"Há uma maneira de andar sem muletas, andar mentalmente ereto. Chama-se sublimação.⁸² Sublimação significa refinar os instintos grosseiros, elevar os impulsos inferiores a níveis pessoais e sociais mais elevados, utilizá-los para o bem de si mesmo e da sociedade. A maioria dos psicólogos não sabe como ir além disso e sugerir métodos para espiritualizar nossos instintos e impulsos. No entanto, somos gratos a eles por toda a ajuda e alívio que podem nos fornecer no nível psicofísico. Às vezes, eles efetuam curas notáveis para grande alívio de seus pacientes.

Sublimação

Existem várias escolas de psicoterapia baseadas em diferentes teorias. Dr. Freud e sua escola sustentam que o impulso sexual é a força motriz primária da vida. De acordo com Dr. Adler, é a vontade de poder que impele o homem à ação. Dr. Jung, por outro lado, sustenta que a energia básica é una e abrangente e encontra sua expressão através do instinto sexual, da vontade de poder e outros impulsos. No entanto, em seu método terapêutico, todos eles nos ensinam como sublimar e socializar nossos instintos de alguma forma ou outra, encarar nossos problemas e dificuldades de forma objetiva e encontrar maneiras e meios de resolvê-los.

No entanto, devemos nos precaver contra uma certa classe de psicólogos que está se tornando uma ameaça à sociedade. Eles pensam no homem em termos de sua natureza mais baixa, associam sua vida demais ao sexo e lhe dão o conselho de expressar seus instintos livremente. Às vezes, aconselham seus pacientes a esquecer seus problemas que, expulsos do plano consciente, continuam trabalhando e causando estragos no subconsciente. Além disso, muitas vezes dão o conselho de se casarem, como se o casamento fosse uma panaceia universal.

⁸² *Discovering Ourselves*. E. A. Streker and K. E. Appel. P. 377.

Falando contra tais formas perigosas de conselho, um grande psicólogo observou que nunca soube de nenhum caso de neurose sendo aliviada ou curada pelo libertinismo, entregando-se a uma vida selvagem e sensual. Referindo-se ao casamento, ele observou que metade de seus pacientes eram neuróticos porque eram casados, e a outra metade porque não eram casados.⁸³

O casamento é uma grande instituição e a maioria das pessoas precisa das disciplinas e sacrifícios da vida conjugal. Mas aqueles que são solteiros também devem levar uma vida controlada e regulada. Esta é a opinião ponderada de muitos psicólogos sábios, um dos quais declara: "A sublimação é o destino de todos nós, aliás, nosso privilégio. O objetivo de toda vida civilizada, casada ou solteira, deve ser encontrar seu interesse sublimado."⁸⁴

Psicologia Ocidental e Yoga

A sublimação do psicólogo — socializar os instintos, olhar as coisas objetivamente e viver uma vida inteligente, estar mais ou menos adaptado à própria condição e ambiente — certamente dá uma certa quantidade de equilíbrio mental, mas do ponto de vista do Yoga isso não é suficiente. Precisamos de algo mais. O Yoga, se nos importamos em segui-lo, nos ensina como encontrar um equilíbrio maior, vivendo uma vida ética que minimiza nossos conflitos morais. Além disso, nos mostra o caminho para coordenar nosso pensar, sentir e querer através da prática da meditação. Finalmente, nos ensina como alcançar o estado supraconsciente no qual nossa alma se integra na Superalma ou Espírito Supremo, que é a alma de todas as almas. É então que sentimos nossa unidade com nossos semelhantes.

Psicologia Ocidental e Religião

A maioria dos psicólogos não se importa com a religião, mas alguns outros reconhecem seu valor. 'A religião é um dos melhores tipos de sublimação', diz um. Referindo-se a seu mestre, Dr. Freud, que era cético sobre o papel da religião, Dr. Jung observa:

⁸³ "On Being a Real Person." Harry Emerson Fosdick. P. 93.

⁸⁴ "About Ourselves." H. A. Overstreet. P. 249.

“Freud, infelizmente, ignorou o fato de que o homem nunca conseguiu, sozinho, manter-se contra os poderes das trevas... O homem sempre precisou da ajuda espiritual que a própria religião de cada indivíduo lhe oferecia. É isso que o tira de seu sofrimento.”⁸⁵

Freud evidentemente não sabia nada da psicologia do Yoga e, portanto, de acordo com um entrevistador, se recusou a acreditar que os antigos mestres hindus sabiam muito sobre a mente inconsciente e suas funções.

Durante os primeiros dias da psicoterapia, a maioria dos psicólogos ocidentais via a religião com suspeita e considerava as práticas religiosas sem sentido. No entanto, em suas palestras Gifford proferidas em Edimburgo em 1901-1902, posteriormente publicadas sob o título “Variedades da Experiência Religiosa”, o Professor William James chamou a atenção do mundo ocidental para o sistema de Yoga:

“Na Índia, o treinamento em insight místico é conhecido desde tempos imemoriais sob o nome de Yoga. Yoga significa a união essencial do indivíduo com o divino. Baseia-se em exercício perseverante e na dieta, postura, respiração, concentração intelectual... O Yogi que, por esses meios, superou suficientemente a escuridão de sua natureza inferior, entra na condição denominada *Samādhi*.”⁸⁶

Ele cita Swami Vivekananda de seu *Raja-Yoga*: “A própria mente tem um estado mais elevado de existência, além da razão, um estado supraconsciente... Todos os diferentes passos no Yoga pretendem nos trazer cientificamente ao estado supraconsciente de *Samādhi*.” Esta é a meta comum de todas as formas de Yoga, como será discutido a seguir.

Doença devido à supressão da emoção religiosa

Já foi observado que alguns psicólogos modernos ponderados reconhecem o valor da religião. Um deles menciona um caso que considera muito notável. Uma senhora excepcionalmente brilhante era profundamente religiosa e tinha estreita associação com pessoas de natureza religiosa, com quem costumava realizar práticas religiosas regularmente. Mais tarde, ela se tornou uma alta executiva em uma empresa. Estando profundamente absorvida em seus negócios, ela perdeu

⁸⁵ "Modern Man in Search of a Soul." Dr. C. G. Jung. Pp. 217-218.

⁸⁶ "Varieties of Religious Experience." William James. P. 391.

todo contato com seus amigos e não tinha tempo para a prática da devoção. Evidentemente, permaneceu um conflito subconsciente nela. Após algum tempo, ela começou a perder o sono e o apetite e desenvolveu uma espécie de neurose. Ela foi consultar um médico eminente. Em sua análise da paciente, o médico introspectivo descobriu que ela estava faminta por falta de emoções religiosas e, conseqüentemente, aconselhou-a a restabelecer seu contato com pessoas de mentalidade religiosa e a fazer suas orações, etc., à sua maneira antiga. Tendo seguido o conselho do médico, a senhora recuperou sua saúde perfeitamente dentro de pouco tempo. Falando dela, o médico observou: 'O problema de saúde decorrente da supressão emocional nem sempre indica que as emoções suprimidas são de natureza sexual. Este é um caso de supressão de sentimento religioso.'⁸⁷ No curso de nosso trabalho espiritual na Índia e no Ocidente, encontramos muitos desses casos em que as pessoas recuperam a saúde normal e até melhoram em corpo e mente como resultado do seguimento de disciplinas morais e espirituais. Dr. Jung também fala da necessidade de religiões quando diz:

"Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida — ou seja, acima de trinta e cinco anos — não houve um cujo problema, em última análise, não fosse o de encontrar uma visão religiosa da vida."⁸⁸

Os caminhos do Yoga

Muitos dos psicólogos ocidentais modernos falam de autoexpressão através do serviço social. Os mestres de Yoga reconhecem isso plenamente, mas vão além quando pedem a seus estudantes que deem a suas tendências um rumo moral e espiritual. Isso é feito igualmente em *Karma Yoga*, *Bhakti Yoga*, *Jñāna Yoga* e *Raja Yoga*.

Para seguir o *Karma Yoga*, o aspirante deve tentar se libertar do apego e do egotismo. Ele deve possuir entusiasmo, equanimidade no sucesso e no fracasso e ser inspirado pelo ideal de trabalhar no espírito de adoração. Primeiro, ele oferece os frutos de seu trabalho ao Espírito Supremo; mais tarde, sente a presença do Divino dentro de si e trabalha como um canal para o fluxo da vontade e poder Divinos, promovendo o bem-estar da humanidade.

Aquele que segue o *Bhakti Yoga* deve ser dotado das virtudes da veracidade, sinceridade e do espírito de fazer o bem aos outros. Ele

⁸⁷ "The Mind at Mischief." William S. Sadler. Pp. 75 e 76.

⁸⁸ "Modern Man in Search of a Soul." P. 264.

também deve praticar a alegria, evitar conversas vãs, repetir o Nome Divino e meditar no Espírito Divino como o mais elevado objeto de seu amor e devoção.

No caminho do *Jnāna Yoga*, o buscador espiritual deve possuir qualificações muito elevadas: desapego por todos os gozos aqui e no além, e discriminação entre o real e o irreal. Ele deve ainda praticar o controle da mente e dos sentidos, a retirada da mente de todas as distrações e também a paciência. Além disso, deve desenvolver uma fé ardente nos ensinamentos que segue e um intenso desejo de se libertar de todos os laços, e também praticar a meditação no Espírito Supremo com devoção unidirecionada.

O aspirante que segue o caminho do *Raja Yoga* deve praticar as disciplinas preliminares de não-violência, veracidade, não-cobiça, celibato e não-dependência de outros. Além disso, deve adquirir pureza, contentamento, austeridade, capacidade de estudo profundo e o espírito de autoentrega ao Ser Supremo tanto quanto possível. Em seguida, deve praticar postura e controle da respiração (*Prāṇāyāma*). Desapegando a mente de todas as coisas não-espirituais, ele deve tentar se estabelecer na concentração e meditação.

Em todos esses caminhos, o primeiro passo é a purificação moral, a ser seguida pela prática da meditação no Espírito Supremo, levando a meta da Autorrealização. Falando sobre esse objetivo comum, que aparentemente é considerado um tanto diferente, Swami Vivekananda observa:

“Para o trabalhador, é a união entre os homens e toda a humanidade; para o devoto, é a união entre seu ser inferior e seu Ser superior; para o amante, é a união entre ele mesmo e o Deus de Amor; e para o filósofo, é a união de toda a existência.”⁸⁹

O ideal de Yoga integrado de Swami Vivekananda

Swami Vivekananda coloca diante de nós, ainda, o ideal de Yoga integrado, combinando todos os elementos do Yoga em nossa própria vida:

“Quem dera a Deus que todos os homens fossem constituídos de modo que, em suas mentes, todos esses elementos de filosofia, misticismo, emoção e trabalho estivessem igualmente presentes em plenitude... Tornar-se

⁸⁹ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. II. P. 386.

harmoniosamente equilibrado em todas essas quatro direções é meu ideal de religião.”⁹⁰

Se pudermos combinar atividade com meditação, e temperar nossa devoção com conhecimento, podemos alcançar uma integração notável de nosso pensar, sentir e querer. O Yoga visa a uma integração ainda mais elevada através da prática da meditação. Ao elevar-se ao plano espiritual de consciência e pensar em si mesmo como uma alma, que se medite na Superalma, o Espírito Supremo, do qual todas as almas são, por assim dizer, partes. Esta meditação leva à realização do Ser Infinito, o verdadeiro Ser do homem, que aparece como muitos. A alma iluminada que sente sua unidade com todos os seres começa a viver uma vida mais plena de consagração e serviço. Assim, vemos que, se os psicólogos ocidentais falam de autoexpressão através do serviço social, os mestres espirituais hindus mostram a seus discípulos o caminho para se estabelecerem no mais elevado ideal espiritual, para servir a Deus no homem e tentar transformar este mundo em um verdadeiro céu, tanto quanto possível.

Yoga mostrando o caminho para a bem-aventurança infinita

Devido à ignorância, a alma se sente separada do Espírito Infinito, o *Sat-Chit-Ananda* — Existência-Consciência-Bem-aventurança Infinitas; mas ela anseia pela União Divina e Bem-aventurança o tempo todo. Em sua busca pela bem-aventurança pura, ela segue direções erradas. Tenta encontrar felicidade infinita no finito e fica desapontada. Não satisfeita com o desfrute do sexo, poder, riqueza e outros objetos mundanos, ela continua seu esforço e busca. Aqui, o Yoga é de imensa ajuda, dando à alma a direção adequada e capacitando-a a descobrir felicidade duradoura na realização e serviço do Espírito Supremo, que habita nos corações de todos nós. Nas palavras do *Bhagavad Gita*: “O Yogi atinge com facilidade a Bem-aventurança Infinita da comunhão com o Espírito Supremo; ele O vê em todos os seres e todos os seres n’Ele; ele adora o Espírito Supremo que habita em todos os seres e desfruta da felicidade duradoura n’Ele.”⁹¹



⁹⁰ Ibid.

⁹¹ Bhagavad Gita, VI: 28 e 29.

CAPÍTULO VII

DESTINO, ESFORÇO HUMANO E GRAÇA DIVINA

Estamos à mercê do Destino?

Um dia, quando o Sultão estava em seu palácio em Damasco, o belo jovem que era seu favorito irrompeu em sua presença e, em grande agitação, proclamou que devia ir a Bagdá imediatamente. Ele implorou para ser autorizado a levar o cavalo mais rápido de Sua Majestade. O Sultão perguntou: 'Por que você está com tanta pressa?' e o jovem respondeu: 'Quando passei pelo jardim do palácio, vi a Morte, que estendeu as mãos e me assustou. Não posso perder tempo para escapar dela.' O favorito foi autorizado a levar o cavalo que queria, e depois que ele partiu, o Sultão foi para o jardim. A Morte ainda estava lá. 'Por que você ameaça meu favorito?', exigiu o governante. 'Eu não o ameacei', a Morte respondeu, 'ergui meus braços surpreso ao vê-lo aqui, pois tenho que encontrá-lo esta noite em Bagdá.' Isso é obra do Destino ou Predestinação?

Muitas vezes, quando encontramos reveses e lutas no curso de nossa peregrinação espiritual, surge a questão: Somos brinquedos nas mãos das forças da natureza, ou escravos de deuses que presidem os assuntos do mundo? Ou somos criaturas impotentes à mercê de algum deus caprichoso que se acredita guiar nossos destinos?

A importância do autoesforço

Aqui está uma seleção de citações das escrituras hindus que enfatizam a importância do autoesforço em nossa vida espiritual:

"Este Ser não pode ser alcançado pelos fracos, pelos desatentos, nem por aquele que pratica disciplinas espirituais de forma imprópria. Os sábios que se esforçam por meios adequados realizam o Espírito Infinito."

– *Mundaka Upanishad*

“Saiba que o Ser é o Mestre, sentado na carruagem do corpo. Considere o intelecto como o condutor e a mente as rédeas. Os sentidos são os cavalos e os objetos dos sentidos são as estradas. Os sábios chamam o Ser de desfrutador quando Ele está identificado com o corpo, os sentidos e a mente.”

– *Katha Upanishad*

“O homem que é sempre de mente descontrolada e é desprovido de compreensão correta tem seus sentidos incontroláveis como os cavalos indomáveis de um cocheiro. Mas aquele que está sempre controlado na mente e tem compreensão correta tem seus sentidos controlados como os bons cavalos de uma carruagem. Aquele que tem a compreensão correta como seu cocheiro e a mente como as rédeas bem controladas alcança a meta mais elevada, a realização do Espírito onipresente, seu verdadeiro Ser, o Ser de todos.”

– *Katha Upanishad*

“A corrente de tendências fluindo através de canais bons e maus deve ser direcionada pelo autoesforço ao longo do bom caminho. Quando entrou no caminho do mal, deve ser voltada para o bom caminho.”

– *Muktikopanishad*

“Os homens obtêm objetos desejados pelo esforço pessoal. Aqueles que carecem de autoesforço falam apenas de destino. Nem os preguiçosos nem aqueles que dependem unicamente do destino alcançam seu objetivo. Portanto, uma pessoa deve, por todos os meios, persistir no autoesforço.”

– *Matsya Purana*

“O sucesso das ações repousa igualmente no destino e nos próprios esforços. Destes dois, o destino é a expressão dos esforços feitos em uma vida anterior.”

– *Yajnavalkya Smriti*

“Um homem deve erguer a si mesmo por seu Ser Superior. Que ele não enfraqueça este Ser. O Ser Superior é o amigo, e o ser inferior o inimigo de si mesmo. O Ser é amigo daquele que conquistou o ser inferior por meio do Ser Superior. Mas para aquele cuja natureza inferior não foi conquistada, ele se comporta como um inimigo.”

– *Bhagavad Gita*

“Temos direito ao trabalho, mas nunca aos frutos do trabalho. Não trabalhe em nome do fruto [resultado], nem se permita inclinar-se para a inação.”

– *Bhagavad Gita*

“Entregando todas as ações ao Espírito Supremo, fixando a mente no Ser interior e abandonando todos os anseios e egoísmo, lute a batalha da vida sem medo ou agitação.”

– *Bhagavad Gita*

“Seja o que fizer, o que comer, o que oferecer em sacrifício, o que der e o que praticar na forma de disciplinas, faça-o como uma oferenda ao Espírito Supremo. Assim, você será livre do cativo das ações que produzem resultados bons ou maus; com sua mente firmemente fixada no desapego, você será libertado de todos os laços e realizará o Espírito Supremo, seu verdadeiro Ser, a morada da paz e bem-aventurança supremas.”

– *Bhagavad Gita*

Um estudo das passagens acima nos leva a compreender que o autoesforço e a autoentrega devem andar de mãos dadas. Ambos devem ser considerados como expressões da graça divina.

Destino e livre-arbítrio

Enquanto muitos pensadores acreditavam no poder absoluto das forças da natureza, que se pensava controlarem inteiramente o destino do homem, os sofistas da Grécia antiga sustentavam que ‘o homem é a medida de todas as coisas’, que ele não é totalmente escravo dos Destinos, mas pode moldar seu próprio destino entre seus semelhantes.

Platão insistiu na liberdade como base necessária para a boa vida. Ele teria os homens livres para seguir suas paixões, livres também para controlá-las e construir uma vida mais elevada superando o mal. Aristóteles também acreditava na liberdade do homem e sustentava que a moralidade era uma questão de escolha livre — ‘A virtude, bem como o mal, está em nosso poder.’ Os estoicos, por outro lado, sustentavam que tudo no universo tem seu início e fonte na vontade de Deus. No entanto, eles deram ao homem um grau de liberdade para obedecer ou desobedecer

à lei moral. O homem pode se entregar às suas paixões e se tornar escravo delas, ou pode conquistá-las e se tornar livre. A ideia da liberdade da alma também foi considerada por alguns dos primeiros pensadores cristãos. Outros, como Santo Agostinho, sustentavam que a humanidade era livre com Adão, mas perdeu essa liberdade através do pecado de Adão. Esta é a doutrina do 'pecado original', pela qual o pecado de Adão se acreditava ter sido transmitido a todos os seus descendentes. Assim, o homem é pecador por nascimento e só pode obter sua salvação através da Graça Divina. Aqueles que não aceitarem a oferta da graça através de Jesus Cristo estão destinados a sofrer punição eterna.

A ideia de pecado

Quando fui à Europa e estudei a situação religiosa, fiquei muito impressionado com a descoberta de que a ênfase excessiva na ideia de pecado, expiação vicária e salvação através de um profeta em particular havia, até certo ponto, retirado a iniciativa espiritual do homem. Os homens passam a pensar que, por serem pecadores, são impotentes.

A iluminação final vem através da graça de Deus. Pense na Luz. A luz está lá e, na medida em que nos tornamos puros, nessa medida a luz brilha em nós. Há muita conversa sobre pecado e fogo do inferno em algumas formas de cristianismo institucional e muito pouca reflexão sobre a Luz. Não culpo os jovens por se afastarem desse tipo de religião. Atualmente, a maioria das pessoas não leva a sério as ideias de céu e inferno. Se a teoria da predestinação é verdadeira, há pouco significado na iniciativa e no esforço moral e espiritual.

Predestinação

Todas as concepções populares da religião têm alguma ideia de um Destino onipotente. Mas o tema central do fatalismo absoluto é que não atribui lugar algum à iniciativa individual.

Muito próximo ao fatalismo está esta doutrina da predestinação, que para alguns significa 'a decisão imutável de Deus desde a eternidade de tudo o que será.' Neste esquema, a vida humana é reduzida quase a um teatro de marionetes. No entanto, distinto desta escola de pensamento, há outras que concedem uma certa quantidade de livre-arbítrio ao homem e consideram esta liberdade compatível com a onisciência e bondade divinas.

Lembro-me de uma história sobre Lyman Beecher, um grande líder da Nova Inglaterra no campo da religião na América. Um domingo, ele iria trocar de púlpito com um pastor vizinho que era um crente rigoroso na predestinação. No domingo, os dois homens se encontraram no meio do caminho. Estavam a cavalo, cada um indo em direção à igreja do outro. Disse o segundo ministro: “Dr. Beecher, antes da criação do mundo, Deus tinha arranjado que você pregasse em minha igreja e eu na sua neste Sábado particular.” “É mesmo?”, respondeu Beecher. “Então não farei isso.” E o Dr. Beecher virou seu cavalo e cavalgou de volta para sua própria igreja! Esta é a atitude correta que todos devemos adotar. Nunca devemos permitir nos tornarmos autômatos.

Já vi pessoas prejudicadas na vida por falsa teologia, assim como por falsa astrologia.

As pessoas perdem a iniciativa ao acreditar em cálculos astrológicos, muitos dos quais, a longo prazo, se provam errados. Muitos culpam as estrelas e planetas e os signos do zodíaco e os consideram responsáveis por todos os seus fracassos. ‘A culpa não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos’, diz Shakespeare. Ao removermos a culpa que está em nós mesmos, podemos mudar nossos destinos.

Determinismo e Libertarianismo

Chegando à ética, encontramos a escola do Determinismo, que sustenta que toda escolha moral é determinada por causas mentais, morais, físicas ou ambientais preexistentes. Nesta teoria, o agente não pode ser considerado responsável por suas ações.

Oposto a esta visão, existem outras doutrinas como o Voluntarismo, Libertarianismo, que sustentam que todo ser humano é livre para escolher qualquer curso de conduta, independentemente de condições passadas ou presentes.

Ambos esses extremos são contrários aos fatos. O homem é limitado por sua hereditariedade e ambiente, bem como por suas condições físicas e mentais, seus hábitos e tendências, alguns dos quais, pelo menos, ele traz de uma vida anterior. No entanto, no meio de suas muitas limitações, o homem desfruta de um certo grau de liberdade. Como veremos mais adiante, somente fazendo o melhor uso dessa liberdade podemos obter liberdade ainda maior e a bem-aventurança da iluminação.

A natureza do homem

O suficiente sobre destino. Agora, e sobre nós mesmos? O que somos? Vamos tentar entender algo sobre o homem real em nós. Existem várias teorias sobre a natureza do homem. A visão materialista é que o homem nada mais é do que uma combinação de células altamente organizadas, sua mente sendo apenas um subproduto de seu cérebro. Não há nada permanente nele. Ele nasce, assimila alimentos, cresce até a velhice e morre; tudo nele termina com a morte. Se isso for verdade, o homem nada mais é do que uma combinação de células e, naturalmente, um mero brinquedo nas mãos da natureza.

Da mesma forma, uma criatura trazida à existência do nada, por um Deus extracósmico, está certamente à mercê de seu criador, que pode enviá-la ao céu, inferno ou purgatório, ou aniquilá-la completamente, devolvendo-a ao nada do qual foi criada.

Se, por outro lado, o homem é um espírito, ao se tornar espiritualmente consciente, ele pode controlar seu destino. Os *Upanishads* ensinam que, por meio da ignorância, o homem esquece, ou a alma esquece sua natureza divina e, identificando-se com a mente, os sentidos e o corpo, torna-se limitada. Nascemos com todos os tipos de diferenças. Nascemos todos iguais? Todos temos potencialidades iguais? Nossas diferenças estão em nossos corpos, nossas mentes e memórias. Tudo isso é bem distinto do Espírito. Alguns cientistas tentaram explicar as diferenças nos seres humanos em termos de células e transmissão hereditária, atribuindo todos os nossos hábitos, tendências e ideias aos nossos ancestrais. Isso provou ser uma teoria muito insatisfatória, porque um homem inteligente não pode imaginar que o gênio de um Cristo, um Buddha, um Shakespeare ou um Mozart venha de seus ancestrais.

Insatisfeito com essa teoria, um biólogo formulou a hipótese do germoplasma, que sustenta que hábitos e tendências que não existem nos pais aparecem em seus descendentes. Esses hábitos e tendências estão em estado potencial no germoplasma, e cada germoplasma é, até certo ponto, diferente em sua potencialidade dos outros. Se 'a predisposição é pré-existente no germoplasma', então surge a grande questão que nenhum cientista pode responder: De onde vem essa predisposição? Uma resposta satisfatória é dada apenas por aqueles que acreditam na reencarnação.

Reencarnação

A alma é seu próprio ancestral. A alma, com suas associações passadas, tendências e resultados de experiências anteriores, se associa ao corpo no nascimento. Os *Upanishads* ensinam que o Ser é o desfrutador quando identificado com a mente, os sentidos e o corpo. No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna dá à alma humana uma grande dignidade, chamando-a de uma porção eterna do Espírito Supremo. Individualizada por causa da ignorância, ela passa a se identificar com a mente e os sentidos. Este é o corpo sutil do homem, e quando ele é separado do corpo físico, chamamos de morte. Mas aquele que ‘morre’ continua a existir, e é ele quem vem novamente. Com todo seu ir e vir, o Ser, que é uma parte do Espírito eterno, sempre continua a existir.

A meta suprema da vida humana

A meta suprema do homem é conhecer a si mesmo, conhecer o Espírito Supremo, do qual ele é inseparável. Devido à nossa ignorância e desejos, esquecemos nossa verdadeira natureza. Poderíamos nos tornar livres de desejos se pudéssemos alcançar o autoconhecimento, realizar nossa consciência espiritual e nos tornarmos livres. Vez após vez, Buddha disse: “A miséria do homem é causada inteiramente por seus desejos.”

É a mente que é a causa do cativeiro ou da liberdade. Este é o principal ensinamento dos *Upanishads*. A mente, apegada aos objetos dos sentidos, cria cativeiro. A mente, livre do apego, traz a liberdade da alma. Não há mistério sobre o desapego. Podemos cultivá-lo assim que passarmos por um treinamento sistemático.

Karma

Muito do que foi feito no passado agora pode ser desfeito. Aqui entra a lei hindu do *Karma*, a lei de causa e efeito, a lei da Justiça Divina. Karma não significa destino. Se o presente é o resultado do passado, o futuro, por sua vez, é o resultado do presente. Colhemos o que semeamos. Isso nos dá grande iniciativa para o esforço em direção ao bem.

Há um antigo ditado:

“Semeie um pensamento e você colherá um ato. Semeie um ato e você colherá um hábito. Semeie um hábito e você colherá um caráter. Semeie um caráter e você colherá um destino.”

É através do autoesforço que o destino é feito e também pode ser alterado. É um fato que, até certo ponto, podemos desfazer o que foi feito. Todos os mestres espirituais hindus dão grande ênfase ao autoesforço, e quando chegamos a Buddha, o encontramos dizendo a seus discípulos:

“Sejam lâmpadas para vocês mesmos... Não dependam de qualquer ajuda externa. Confiem em si mesmos. Quanto mais você depender de si mesmo, mais suas potencialidades serão realizadas.”

O ensinamento de Cristo não é diferente quando ele diz:

“Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial”.

Ele quis dizer que o homem deve se esforçar ao máximo para atingir a perfeição.

“A menos que vossa justiça exceda a justiça dos escribas e fariseus, nunca alcançareis o reino de Deus. Pedi e recebereis; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á, pois todo aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e ao que bate abrir-se-lhe-á.”

Estamos começando a encontrar uma resposta para a questão: Estamos à mercê do destino? Devemos aceitar o que foi feito no passado, mas podemos, ao mesmo tempo, fazer novos esforços para neutralizar o que foi feito.

A necessidade da graça

Podemos neste ponto perguntar: O autoesforço é tudo? Qual é o lugar da graça em nossa vida espiritual? Os mestres espirituais hindus são bastante claros neste ponto. Shankara, o grande não-dualista, ensinou que é pela grande graça de Deus que nascemos como seres humanos com anseio espiritual, e que o desejo de ser livre e conhecer Deus é uma graça de Deus.

A graça vem até nós também na forma de autoesforço. Enquanto muitos se deixam levar por suas paixões e pela força das circunstâncias, há almas resistentes que alcançam realizações extraordinárias na vida espiritual. Esse poder de autoesforço em si é uma marca da graça divina. É uma regra fundamental da vida espiritual que todas as formas de esforço devem ser feitas em um espírito de desapego e dedicação ao Espírito Supremo, do

qual o indivíduo é uma parte. Encontramos essa ideia enfatizada por Sri Krishna no *Bhagavad Gita* e também no sistema de Yoga de Patanjali. O autoesforço, ou a prática de disciplinas espirituais, deve ser feito em um espírito de autoentrega ao Ser Supremo.

Persistência no esforço

Na medida em que nos esforçamos, nessa medida a barreira entre o individual e o universal é removida. A evolução humana pode ser comparada a um sistema de irrigação; um agricultor remove os obstáculos de uma fonte de água para que ela flua pelo campo por sua própria natureza. Swami Brahmananda, citando seu mestre Sri Ramakrishna, costumava nos dar a ilustração de um bezerro que tenta andar. No início, suas pernas são fracas e instáveis, e ele continua caindo, mas, por fim, consegue aprender a andar, porque essa é sua natureza. O que está acontecendo aqui? Ao se esforçar, as barreiras são removidas e mais e mais energia flui para nossas mentes e espíritos da fonte cósmica.

Sofrimento e anseio espiritual

Primeiro, há o anseio por ser livre, por estar em sintonia com o Espírito Supremo. Na vida de Tolstói, lemos sobre o período de tortura pelo qual ele passou, quando sentiu que algo se quebrou dentro dele, algo sobre o qual sua vida sempre se apoiara. Subitamente, parecia não haver nada em que se segurar e ele sentiu que moralmente sua vida havia parado. Durante o curso de um ano, ele continuou se perguntando se não deveria acabar com sua vida. Ele pensou em vários meios — uma corda ou uma bala — mas todo esse tempo ele foi assolado por um anseio que chamou de sede por Deus. Ele nos conta em sua autobiografia como, de repente, ouviu uma voz interior, que disse: “Ele está aqui, dentro — Ele sem quem não se pode viver. Reconhecer Deus e viver são uma e a mesma coisa. Deus é o que a vida é. Aceite Deus e viva.”

Discutindo essa experiência, Tolstói diz:

“Depois disso, as coisas se esclareceram dentro de mim, e a luz nunca se apagou completamente. Fui salvo do suicídio. Exatamente como ou quando a mudança ocorreu, não sei, mas, tão insensível e gradualmente quanto a força da

vida foi anulada dentro de mim, e eu havia alcançado meu leito de morte moral, tão gradual e imperceptivelmente a energia da vida voltou.”⁹²

Na mesma época, Devendranath, pai de Rabindranath Tagore, o poeta, estava passando por um período de grande depressão e indiferença ao mundo. Um dia, uma página de um livro em sânscrito voou perto dele. Ele a pegou e descobriu que era uma folha rasgada de um dos *Upanishads*. Um estudioso de sânscrito traduziu o primeiro verso para ele: “Todo o nosso universo está permeado pelo Espírito. Receba-O renunciando a todo desejo por prazer mundano. Deleite-se apenas n’Ele.” Uma tremenda mudança ocorreu nele, e sua miséria caiu dele de uma só vez. Em sua autobiografia, lemos:

“Quando aprendi a explicação, o néctar do paraíso fluía sobre mim. Eu estava ansioso para receber resposta simpática dos homens; agora uma voz divina descera do céu para responder ao meu íntimo, e meu anseio foi satisfeito. Poderiam os homens dar tal resposta? A própria misericórdia de Deus desceu ao meu coração. Minha fé em Deus lançou raízes profundas; em vez do prazer mundano, provei a partir de então a felicidade divina.”⁹³

Chegando a Ramakrishna, encontramos que ele também sofreu, mas não na forma de arrependimento por uma vida ímpia, ou qualquer grande luto. A grande tristeza de seu coração era que ele sabia que ainda não realizara o Espírito Supremo, a Divina Mãe a quem adorava. Ele não podia acreditar em Deus de forma superficial. Deus, para ele, era uma realidade. Seu grande anseio era realizar o Espírito Supremo do universo, e até que fizesse isso, sua alma não conhecia paz. A ele também vieram pensamentos de pôr fim à sua vida. Dias e meses ele passou em meditação e adoração até que, por fim, o mundo exterior se perdeu. Portas, janelas, o próprio templo – tudo parecia desaparecer, e ele viu o oceano da vida, o infinito oceano do Espírito no qual foi engolfado em uma felicidade inefável; ele sentiu a presença real da Divina Mãe e com ela uma bem-aventurança infinita.

A Realização Divina

⁹² Citado por William James em "Varieties of Religious Experience." P. 182.

⁹³ Autobiografia de Maharshi Devendranath Tagore. Tradução para o inglês. Citado por James Bissett Pratt, Ph.D. em "The Religious Consciousness". Pp. 138-139.

A experiência da realização divina pode provocar uma tremenda mudança em toda nossa natureza e destino. Para alcançá-la, além de um grande anseio em nossos corações, devemos possuir a vontade de passar por disciplinas espirituais e realizar todos os nossos deveres em espírito de desapego e consagração. A graça divina vem àquele que anela por ela.

Nosso grande mestre, Swami Brahmananda, costumava nos lembrar de um ditado de seu mestre Sri Ramakrishna:

“A brisa da Graça Divina está sempre soprando. Desenrolai vossas velas.”

É o esforço espiritual que nos ajuda a desenrolar nossas velas. E então a graça e o poder divinos soprarão sobre nós. Lembremo-nos da advertência do Swami:

“Sejam autoconfiantes. O esforço é indispensável para o sucesso na vida espiritual. Quão abençoado é este nascimento humano. Através dele, o homem pode encontrar Deus. Encontrar Deus deve ser o propósito principal do homem na vida. Esforce-se arduamente para alcançá-Lo e seja livre nesta mesma vida.”



CAPÍTULO VIII

A HIGIENE DE UMA MENTE PACÍFICA

Tensão mental crescente: Sinal de perigo dos dias de hoje

Hoje, a ciência e a tecnologia modernas minimizaram distâncias e aproximaram raças e povos como nunca antes. Conflitos e choques no mundo parecem estar em aumento, e devido ao colapso das barreiras físicas, distúrbios entre o povo de um país ou continente rapidamente afetam até aqueles que vivem a milhares de quilômetros de distância. Eles estão criando em todo o mundo uma tensão, ou melhor, uma hipertensão, que tem sido chamada de mais mortal do que o câncer. Isso ameaça

arruinar a saúde física e mental de um número crescente de pessoas em todo o globo.

Falando de suas experiências nos Estados Unidos, um médico americano apontou uma vez que uma em cada vinte pessoas vai a um hospital psiquiátrico mais cedo ou mais tarde na vida. Além dos hospitais gerais, há muitos hospitais especiais para doentes mentais. A demanda parece estar aumentando.⁹⁴

Lembro-me da história sobre Dr. Johnson que, quando estava cortejando a Sra. Porter, com quem depois se casou, disse a ela um dia: "Minha querida, sou de família humilde, não tenho dinheiro, e um de meus tios foi enforcado." A isso a senhora respondeu: "Também não tenho dinheiro, e se nenhum de meus parentes foi enforcado, sei que há cinquenta deles que merecem ser!" *Da mesma forma, nem todos os perturbados mentais estão trancados em hospitais; há muitos mais em liberdade. A marca da loucura é sem dúvida uma coisa terrível, e há um certo pânico a respeito no mundo; mas é bem possível superar nossos desajustes mentais tomando os devidos cuidados a tempo.*

Falta de conhecimento adequado – uma causa potente

Uma certa quantidade de tensão nervosa pode ser necessária se quisermos realizar algo na vida; devemos fazer o melhor uso até mesmo de nossas tendências neuróticas e das tensões nervosas para que elas possam, em última análise, nos ajudar a ser de maior serviço. Mas a falta desse conhecimento está aumentando constantemente o número de pessoas emocionalmente instáveis em nossa sociedade contemporânea insana. A razão para esse aumento de doenças mentais é dada por um psiquiatra praticante como a incapacidade de relaxar, que é 'uma das doenças mais disseminadas de nossa civilização e uma das mais raramente reconhecidas.'⁹⁵ O ar ao nosso redor está cheio de vibrações prejudiciais ao corpo, nervos e mente. É muito afortunado que a necessidade de tratamento mental através da prática de relaxamento esteja sendo reconhecida cada vez mais por muitos médicos e psiquiatras, alguns dos quais estão até começando a apreciar o valor da meditação. Cada um de nós, à sua própria maneira, deve praticar alguma forma de meditação, pois, nas palavras do Dr. Austen Fox Riggs, 'a meditação contém fresco e

⁹⁴ Dr. S. Bernard Wortis — Citado por Herbert V. Prochnow em "The Public Speaker's Treasure Chest." P. 25.

⁹⁵ Dr. Flanders Dunbar. "Mind and Body." P. 110.

repouso, conserva a energia para necessidades futuras e ajuda a manter a vida equilibrada e elástica.”⁹⁶ O médico, no entanto, usa a palavra meditação em vários sentidos. É concentrar a mente na forma e natureza da beleza, ou no significado da verdade, ou no espírito da coragem, ou no futuro da raça humana e sua civilização. Pode ser, novamente, concentração nas implicações da imortalidade. Pode até ser nas verdades eternas da religião. Ele deu dicas ao processo e objetivo da meditação nas palavras:

“Para iniciar o processo de meditação, é preciso apenas 'mover a mente' na direção certa. A direção preliminar deve apontar a mente para cima e para fora, na direção do universal e impessoal, em vez de para baixo e para dentro, em direção ao ego específico e centrado.”

O médico conclui seu conselho louvável dizendo:

“Uma vez dada à corrente de pensamento sua direção, siga com a corrente e deixe-a levá-lo aonde quer que ela queira. Simplesmente torne-se um espectador.”

Instruções para acalmar a mente

Mas é a mais difícil de todas as coisas — esse controle e concentração da mente inquieta. Lembro-me de como um de nós, em seus dias de estudante, foi até Swami Brahmananda e perguntou: ‘Minha mente ainda está inquieta. Como posso acalmá-la? Com todas as minhas lutas, pareço não fazer progresso. Tudo parece irreal.’ O Swami respondeu:

“Não há motivo para angústia. O efeito da meditação é inevitável, e se você praticar *japa* com devoção, certamente obterá resultados. Se continuar regularmente a praticar uma forma simples de meditação, repetindo o nome divino, certamente encontrará paz. Nos estágios primários, a meditação é como travar uma guerra com sua mente. Requer um esforço poderoso para trazer a mente inquieta sob controle e colocá-la aos pés do Senhor. No início, tome cuidado para não sobrecarregar seu cérebro enquanto medita. Intensifique seu esforço gradualmente e descobrirá que, através da prática regular, a mente se torna estável, e você não sentirá mais nenhuma tensão, mesmo se ficar sentado por longas horas em contemplação. Sua saúde melhorará e você se sentirá tão revigorado em corpo e mente quanto se sente após um sono profundo. Após um

⁹⁶ Austen Fox Riggs — The Readers' Digest. Janeiro, 1948.

tempo, vem uma experiência intensa de felicidade. Quando o corpo é perturbado, a mente também se perturba. Portanto, deve-se ter cuidado especial com a dieta para manter o corpo saudável. A meditação requer concentração mental e, se você comer demais, a mente fica lenta. As paixões devem ser mantidas sob controle para que a mente permaneça estável. ... A menos que você medite, a mente não pode ser controlada, e a menos que a mente seja controlada, você não pode meditar. Se você pensar: 'Primeiro deixe-me aprender a controlar minha mente, e então meditarei', você perderá o caminho da vida espiritual. Você deve aprender a fazer ambos ao mesmo tempo — acalmar sua mente e meditar."

Lembre-se do que Jesus disse — que os puros de coração verão a Deus. Esta é a afirmação mística eterna de que a Realidade Divina não está longe, mas se manifesta em nós como a Alma de nossas almas. Ele está sempre perto e, quando nossas mentes se tornam puras, então a Realidade Divina se reflete em nós. Esse é o verdadeiro significado da realização de Deus, e a quietude e paz que vêm ao homem iluminado é aquela paz de Deus 'que ultrapassa todo entendimento'.

O que é a mente?

Mas o que é a mente? Como mencionamos antes, houve um tempo em que a maioria dos cientistas ocidentais, que também eram materialistas, sustentava que a mente era um epifenômeno, um produto da matéria, um movimento no cérebro, e que o cérebro secreta pensamentos assim como o fígado secreta bile.

Em seu *Varieties of Religious Experience*, o Professor William James critica os materialistas médicos que tentaram explicar todos os fenômenos físicos e religiosos como devidos à condição mórbida dos órgãos, glândulas e nervos corporais, nas palavras:

"As teorias científicas são condicionadas organicamente tanto quanto as emoções religiosas; e se conhecêssemos os fatos intimamente o suficiente, sem dúvida veríamos 'o fígado' determinando os ditos do ateu robusto tão decisivamente quanto os do metodista sob convicção ansioso por sua alma... Alegar a causa orgânica de um estado mental religioso, então, em refutação de sua reivindicação de possuir valor espiritual superior, é bastante ilógico e arbitrário...."⁹⁷

⁹⁷ Página 15.

Os psicólogos modernos, com sua ênfase na influência da mente sobre o corpo, refutaram o materialismo médico que sustentava que a mente era meramente um subproduto do cérebro. A personalidade humana não é um corpo mais mente, mas um corpo-mente integrado. ‘Sua mente é seu corpo e vice-versa’, diz um psicólogo. Pacientes que estão satisfeitos com essa teoria de uma personalidade corpo-mente integrada às vezes recebem curas maravilhosas através do tratamento psicossomático. (*Psique* significa mente ou alma e *Soma* significa corpo.)

Pense por si mesmo e seja curado

Em seu admirável livro *Mind and Body*, a Dra. Flanders Dunbar descreve o caso de uma mulher de trinta e nove anos que ficou inválida por dezoito anos logo após seu casamento. Todo esse tempo, ela sofreu de problemas estomacais e cardíacos, dores por todo o corpo, tonturas e fraqueza geral. Ela tentou encontrar alívio sucessivamente, embora sem sucesso, por vários meios. Finalmente, a análise psicológica revelou que ela nutria um profundo ressentimento contra seus pais, aos quais tinha que ajudar, e também contra sua irmã mais velha, que se esquivava de sua parte na responsabilidade familiar. Então, ela se casou com um homem de quem não tinha certeza se amava e a quem considerava inferior. A chegada de um filho não teve efeito terapêutico, e ela continuou doente. O psicólogo que a tratou a ajudou a ver a conexão entre seus sintomas psíquicos e somáticos, a descobrir como suas raivas reprimidas causavam sua condição de inválida. Ela agora se tornou capaz de pensar claramente e ajustar sua vida em uma base saudável. Ela ficou realmente curada e adquiriu um equilíbrio mental tão estável quanto se pode esperar de qualquer ser humano.⁹⁸

Perspectiva espiritual é essencial

Mas há muitos casos em que uma perspectiva espiritual é essencial para a cura. Em nosso campo espiritual, encontramos muitas e variadas causas de tensão. Há uma tensão que pode ser atribuída à fome emocional de natureza espiritual. Anos atrás, uma mulher, mãe de cinco filhos, veio até mim. “Swami, estou desmoronando”, ela disse. Eu a incentivei a praticar um pouco de meditação, a se colocar em contato com uma

⁹⁸ Pp. 49-52.

existência mais ampla, pois tinha certeza de que tal prática a faria se sentir melhor e lhe permitiria desempenhar seus deveres domésticos em um espírito mais feliz. Ela disse que não tinha tempo. Aconselhei-a a dedicar alguns minutos à meditação todas as manhãs antes de sair de seu quarto: “Comece cada dia com uma mente calma e você verá um milagre.” Um ano depois, quando visitei a família, seu marido disse: “Swami, o que quer que lhe deu certamente funcionou maravilhosamente bem.” Ela se tornou uma esposa e mãe melhor, uma pessoa melhor no geral, que adquiriu uma notável serenidade e equilíbrio interior. Se uma pessoa começa com uma perspectiva espiritual e está faminta por alguma emoção mais elevada, ela encontrará sua própria satisfação de uma forma que nenhum psicólogo jamais poderá dar a ela.

Houve outro caso de uma mulher que me disse que se sentia sem sintonia com tudo. Ela era uma mulher casada, com um marido excelente, bastante dinheiro e um bom lar, mas estava perdendo todo o interesse na vida. Ela foi levada a um proeminente psicólogo na Suíça. De alguma forma, ela começou a escrever um livro sobre sua luta interior pela paz. O psicólogo a incentivou a completar o trabalho, dizendo que era seu inconsciente que estava se expressando. O que ela realmente precisava era uma vida espiritual na qual pudesse manifestar sua energia; e com um mínimo de instrução espiritual, ela fez progressos notáveis.

Consertando almas quebradas

Somos gratos aos psicólogos, que, mesmo sem uma perspectiva espiritual, são capazes de aliviar o sofrimento humano; mas muitos dos problemas com os quais eles lidam são realmente religiosos ou espirituais — um fato admitido pelo eminente Dr. Jung. É uma coisa feliz que algumas pessoas possam ser ajudadas a viver uma vida física e mentalmente saudável sem qualquer perspectiva religiosa na vida, mas isso é apenas uma estabilidade egocêntrica sem uma base sólida e pode não durar. Anos atrás, o Dr. Jung sugeriu que psicólogos e clérigos deveriam unir forças para aliviar o sofrimento humano. A *American Magazine* de outubro de 1947 publicou um artigo descrevendo uma clínica notável desse tipo, projetada para consertar almas quebradas e restaurar a fé abalada.

Uma mulher de trinta e quatro anos veio a essa clínica. Ela parecia uma mulher de cinquenta anos e havia sofrido por meses de insônia, nervosismo e fadiga crônica. Ela havia consultado médicos, mas sem sucesso. Religiosa de coração, ela tentou orar, mas sem sucesso. Ela

finalmente ficou tão deprimida que quis cometer suicídio. O psiquiatra da clínica descobriu a causa real de sua doença: por vários anos, ela havia nutrido um profundo ressentimento em relação à sua irmã, que se casara com o homem que ela mesma queria casar. Externamente, ela era gentil com a irmã, mas profundamente em sua mente subconsciente, ela nutria um ódio terrível que arruinou sua saúde mental e física. Então, um ministro veio em seu auxílio. ‘Você sabe que é mau odiar. Você deve pedir a Deus que a ajude a perdoar sua irmã em seu coração; então Deus lhe dará paz.’ Ela seguiu esse conselho. ‘Através da oração e da fé em um poder maior do que ela, ela foi capaz de perdoar sua irmã. Sua depressão e insônia desapareceram. Ela é uma nova pessoa e mais feliz do que nunca.’

Pureza de caráter — a necessidade básica

Esses exemplos são citados para mostrar que, para meditar com sucesso, é preciso ser capaz de orar com sucesso. Que psicologia profunda está por trás das palavras de Jesus: “Se, ao lebares a tua oferta ao altar, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali... tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e depois vem apresentar a tua oferta.” A oração não é eficaz enquanto a mente está perturbada por sentimentos não-espirituais.

Tudo se resume à pureza e à sinceridade de coração. Muitas vezes, quando os estudantes nos diziam que nada resultava de suas orações e meditação, descobríamos que isso ocorria porque suas mentes ainda não haviam alcançado nem mesmo a purificação mínima. Deve-se lembrar que, sem purificação, é impossível ter uma boa meditação ou oração. Sem purificação, nenhuma oração ou meditação nos colocará em contato com o Espírito Cósmico com o qual queremos estar em sintonia.

Visão hindu da mente e seu controle

Em vez de encarar a personalidade humana como um corpo-mente integrado, o hindu considera o corpo meramente como a morada do Ser, ou o instrumento do Ser, assim como o olho é o instrumento da visão, o nariz do olfato e a audição do ouvido. “Aquele que conhece é o Ser, a mente é o olho divino” — o instrumento do conhecimento. A personalidade humana é complexa. O homem, em sua natureza essencial, é uma entidade espiritual autoconsciente, uma porção eterna do Espírito Supremo. Esta alma individual ou *Jivātmā* está vestida com um corpo sutil consistindo de

mente e sentidos, e também um corpo físico grosseiro, mas a Alma Suprema ou *Paramātmā* é diferente de ambos.

A mente é matéria sutil em estado de vibração. No *Bhagavad Gita*, Arjuna reclama que a mente é inquieta, turbulenta, poderosa e obstinada, e que controlá-la é tão difícil quanto controlar o vento. Sri Krishna responde que, sem dúvida, a mente é inquieta e difícil de controlar, mas pode ser trazida sob controle pela prática constante, e a chave para isso é o exercício do desapego.⁹⁹

O corpo pode ser comparado a um redemoinho e a mente a um turbilhão; ou, como Patanjali coloca, um lago que se quebra em ondas quando gostaríamos que estivesse calmo. Um objeto ou emoção externa fornece um estímulo aos órgãos externos; estes, por sua vez, afetam os órgãos internos e o ser interior. Então vem a reação na forma de uma onda. Pensamento, sentimento e vontade são inseparáveis. Cada onda contém mais ou menos todos esses três fatores. Sua natureza é determinada pelo fator dominante. Se as ondas atingem a cabeça mais fortemente, resulta o pensamento; se batem contra o coração, o sentimento. Na vontade, a reação é mais ou menos equilibrada entre os dois. A alma — o habitante da mente — está constantemente sendo escondida atrás dessas ondas de pensamento, sentimento e vontade. Certos psicólogos modernos estão descobrindo que os problemas de seus pacientes geralmente se devem à identificação com essas ondas; mas a maioria deles ainda se posiciona na própria mente, considerando-a uma entidade autoconsciente.

Os pensadores hindus, por outro lado, se posicionam na consciência espiritual. Para eles, até a própria mente é um invólucro que cobre a alma, ou uma vestimenta que a alma veste. No estado não-iluminado, o espírito se identifica com várias impressões conscientes e inconscientes que tornam o lago mental impuro e perturbado. A alma está constantemente identificada com as ondas inquietas. Em nosso estado de vigília, essas ondas estão subindo o tempo todo. No mundo da fantasia, também nos identificamos com elas através da emoção e da memória. Desvencilhar-se de tudo isso, para que possamos descobrir e nos tornar o que realmente somos, é uma tarefa tremenda.

Às vezes, a mente pode estar inerte, talvez devido à baixa vitalidade, mas a maior parte do tempo a mente é como um macaco, sempre correndo, saltando e se precipitando loucamente atrás de algo novo. Swami Vivekananda disse que a mente humana é como o macaco,

⁹⁹ Bhagavad Gita. VI: 34 e 35.

incessantemente ativa por sua própria natureza; então fica embriagada com o vinho do desejo, aumentando assim sua turbulência. Depois que o desejo toma posse, vem a picada do escorpião do ciúme pelo sucesso dos outros, e, por último, o demônio do orgulho entra na mente, fazendo-a pensar que é de suma importância. Como é difícil controlar tal mente! Devemos nos livrar dessa embriaguez, desse veneno e desse demônio.

Pare de desperdiçar energia mental

Também, a mente pode ser comparada a um elefante malandro que corre descontrolado, ou a um pacote de sementes de mostarda que se quebra e se espalha pelo chão. Também pode ser comparada aos raios de luz que são dissipados em várias direções sem serem focalizados. Uma grande quantidade de energia mental está sendo desperdiçada a cada momento do dia e da noite. Às vezes, quando reclamamos que não temos energia, é porque desperdiçamos nossa energia mental com pensamentos aleatórios e com a divagação da mente, consciente e subconsciente. A menos que aprendamos a canalizá-la utilmente por meio de alguma disciplina, como a meditação, a energia mental está fadada a ser constantemente desperdiçada, com a consequente perda de poder e paz.

As pessoas são muito cuidadosas quanto ao uso de seu dinheiro e, no entanto, muito descuidadas quanto ao uso de seus poderes mentais, que estão constantemente desperdiçando.

Totapuri, um sábio que ensinou Sri Ramakrishna, costumava adverti-lo contra o desperdício de seus poderes mentais: “Não dê sua mente de presente. Mantenha-a com você e sob controle.”

Há a velha história da esposa doente cujo marido a levou a um psiquiatra. ‘A mente dela se foi completamente’, disse o médico. ‘Não me surpreendo com isso’, comentou o marido, ‘ela tem dado um pouco de sua mente todos os dias durante esses vinte anos!’

Isso está acontecendo conosco o tempo todo: estamos jogando fora nossos poderes mentais. Desperdiçamos nossos poderes mentais tão constantemente que é uma maravilha que não estejamos todos em asilos. É hora de mais de nós começarmos a reconhecer esse desperdício e perda, essa direção errônea de energia. Devemos encontrar maneiras de pará-lo, como taparíamos os buracos de rato que drenam toda a água dos campos irrigados; e devemos dar a nossas energias mentais uma direção espiritual.

Remando o barco ancorado

O primeiro passo em toda prática espiritual projetada para parar esse desperdício é o exercício do desapego. Temos que lembrar da mulher que não podia orar porque sua mente estava presa ao ódio de sua irmã e era como um barco ancorado.

Certa vez, um grupo de bêbados decidiu fazer um passeio de barco. Felizes e bêbados, entraram em um barco e remaram a noite toda até que a embriaguez passou. Então, à luz do amanhecer, descobriram que estavam no mesmo lugar. Não haviam se movido um centímetro, pois haviam se esquecido de levantar a âncora! Da mesma forma, sem cultura moral, nenhuma prática espiritual pode nos ajudar a fazer progresso. Então, antes que um mestre de Yoga dê qualquer instrução em postura, exercícios respiratórios ou formas de meditação, ele enfatiza a necessidade de atingir pelo menos um mínimo de purificação ou limpeza mental, que é chamada de sublimação na psicologia e purgação pelos místicos.

A verdadeira paz que devemos buscar

Somente após esse passo inicial essencial devemos seguir as várias formas de prática espiritual, e isso, no devido tempo, levará à realização da Realidade Suprema e à obtenção de um equilíbrio e serenidade que nada no mundo pode perturbar. O que precisamos não é a quietude de um cordeiro, ou de uma criança, ou de um homem adormecido ou morto. Nem devemos aspirar à quietude de uma pessoa egocêntrica que pode estar, até certo ponto, equilibrada e controlada, mas cujo equilíbrio é inseguro e pode a qualquer momento ser derrubado. Precisamos da mente quieta de uma alma iluminada que entrou em contato com a Consciência Infinita, em contato com o oceano sem limites, em vez de permanecer, por assim dizer, em uma pequena poça de água estagnada. Um elefante entrando em uma pequena poça de água criará uma grande perturbação e a fará transbordar, mas isso não acontecerá se ele entrar no oceano. O homem de iluminação que aprendeu a unir sua pequena consciência à Consciência Suprema se torna como um oceano. Mesmo no meio de atividade intensa ou turbulência, tal homem pode permanecer quieto e sereno, e no controle da situação. Todos os grandes mestres espirituais levam vidas de intensa concentração e canalização de energia, mantendo uma serenidade imperturbável.

Se uma boia estiver amarrada a uma pequena âncora, a corda pode arrebentar em uma tempestade, a âncora ser perdida e a boia se desviar.

Mas se estiver presa com um cabo forte a uma âncora pesada, ela flutua com segurança nas ondas, mesmo em uma tempestade. De alguma forma, podemos permanecer ancorados ao Espírito Cósmico, do qual podemos ser inseparáveis, se apenas fizermos o esforço. Que nossa paz seja a paz profunda da pureza divina e da realização divina!



CAPÍTULO IX

SUPERANDO OBSTÁCULOS NA VIDA RELIGIOSA – I

Quais são os ‘obstáculos’?

Na vida espiritual, usamos a palavra ‘obstáculos’ em referência tanto ao mundo interior quanto ao exterior, a objetos físicos e sutis, e a condições e situações que ficam no caminho de nosso progresso espiritual.

Em geral, há obstáculos de vários tipos, produzindo sofrimento ou *Duhkha* de vários tipos. Nos *Sankhya Sutras*, Kapila menciona *Duhkhas* de três tipos: *Adhyatmika* ou aquele causado dentro de nós mesmos – no corpo por doenças e vida não saudável, e na mente por desejos maus, raiva, ganância, loucura, orgulho, inveja, etc.; *Adhibhautika* ou aquele causado por outros seres vivos, como feras, ladrões e pessoas mal-intencionadas; e *Adhidaivika* ou o sofrimento trazido por fenômenos naturais, como extremos de temperatura, inundações e tempestades, terremotos, pestilências, etc. Estes podem atuar como impedimentos à vida espiritual. E somos afetados por problemas externos ainda mais quando não estamos bem interiormente.

Todos nascemos com impressões e tendências sutis trazidas de vidas anteriores e também adquirimos novas em nossa vida atual. Enquanto as tendências boas ajudam, as más obstruem nosso progresso espiritual.

Há diferentes tipos de obstáculos e os encontramos nos diferentes estágios de nossa vida espiritual. A vida espiritual é como um riacho e deve

fluir em direção ao oceano de *Sat-Chit-Ananda* ou Existência-Consciência-Bem-aventurança Infinitas, chame-o de Divindade, Brahman, o Senhor, Allah ou Tao, como quiser. Às vezes, a corrente espiritual não se move; às vezes, se move por um tempo e para; às vezes, tende a se mover em direções erradas. A tarefa em nossa vida espiritual é fazer com que essa corrente se mova, se mova na direção certa e se mova constantemente até que o objetivo seja alcançado.

Obstáculos são inevitáveis, mas podem ser superados

Esse é o ideal. Mas na vida real, não há tal coisa como movimento em linha reta. Há altos e baixos, quebras ou paradas no movimento. Obstáculos continuam a nos confrontar até que tenhamos conhecido a graça de Deus e alcançado a paz e bem-aventurança que vêm da realização divina. Até lá, no entanto, temos que persistir constantemente em nossas práticas espirituais; temos que continuar a luta, por mais intransponíveis que os obstáculos possam parecer no momento.

Isso é uma questão de experiência real para muitos aspirantes espirituais. Um jovem foi uma vez questionado sobre seu progresso espiritual por Swami Brahmananda, seu mestre. Ele disse: 'Não muito bem, Maharaj; minha mente está inquieta. Ainda não tenho gosto por práticas espirituais. Parece haver um obstáculo dentro de mim. Sinto-me tão infeliz. Devo ter nascido com tendências más, e estas ficam no caminho do meu progresso espiritual.' A isso, o Swami respondeu:

"Meu filho, você não deve falar assim. Tente praticar *Japa* à meia-noite; se isso não for possível, faça-o durante as primeiras horas da manhã... Não desperdice mais seu tempo valioso. Perca-se em oração e meditação; caso contrário, como a porta para a verdade espiritual pode ser aberta? ... O aspirante deve primeiro aprender sobre o caminho espiritual de alguma grande alma e depois segui-lo metodicamente. Se ele proceder de forma desorganizada, não pode fazer muito progresso, e se desistir completamente, o esforço para começar novamente será duas vezes mais difícil. Mas nenhum esforço é desperdiçado. Luxúria, ganância, raiva, tudo gradualmente deixa um homem que pratica disciplinas espirituais."¹⁰⁰

Quando o jovem disse: 'Minha mente está inquieta', ele não estava falando de inquietação e infelicidade comuns. Tendo feito algum progresso

¹⁰⁰ The Eternal Companion: Spiritual Teachings of Swami Brahmananda. P. 145.

substancial na vida espiritual, ele encontrou obstáculos internos no caminho, e estes estavam tornando o avanço adicional difícil. Pode-se perguntar: como eu conheço a mente do jovem? Conheço porque o jovem não era outro senão eu mesmo.

Há inquietação e inquietação — a do homem mundano ansiando pelos prazeres do mundo; e a do buscador espiritual ansiando por progresso, querendo passar de um plano inferior de consciência para um mais elevado.

A vida espiritual é um movimento duplo, um dos quais pode ser representado como vertical e o outro como horizontal. Temos que nos elevar cada vez mais e também expandir mais e mais em nossa consciência.

A maioria de nós pode não se importar em se elevar a um plano mais elevado. Nós nos enganamos pensando que estamos bem onde estamos. Somos como os homens na caverna de Platão, que tomavam as sombras como reais e estavam bastante satisfeitos com a vida de escuridão que levavam. Estamos muito contentes com nossa vida no porão.

Mas alguns de nós querem sair para a luz e se elevar a um plano mais elevado com a ajuda da corrente espiritual, que pode ser comparada ao elevador que leva as pessoas de um andar para outro. A corrente espiritual, quando devidamente despertada, nos leva de um centro de consciência, ou *Chakra*, para outro. Às vezes, queremos entrar no elevador, mas a porta não abre; este é um tipo de obstáculo. A porta abre, entramos no elevador, mas ele não se move — este é outro tipo de obstáculo. Um terceiro é quando subimos, mas descobrimos que a porta não abre. O quarto é a porta abrir, saímos para o andar, andamos por um tempo, mas não conseguimos encontrar o caminho de volta para o elevador quando queremos subir mais alto. Algo desse tipo aconteceu comigo quando falei com Swami Brahmananda sobre alguns obstáculos no caminho do meu progresso espiritual.

Mas esses obstáculos podem ser superados. Podemos passar por práticas espirituais, desenvolver o olho interior, descobrir a ‘Escada Secreta’ e subir cada vez mais.

Coexistência de obstáculos e ajudas

Não vamos, no entanto, imaginar que a vida é apenas cheia de obstáculos. Se encontramos muitos obstáculos e impedimentos, também recebemos muitas ajudas e auxílios, tanto dentro de nós quanto fora. É

essencial que tenhamos uma ideia correta, uma estimativa equilibrada, de nossas condições e ambientes.

Nunca devemos nos enfraquecer pensando demais apenas em nossas deficiências. Se temos tendências más, também temos boas — até mais boas do que más. Se temos dentro de nós inimigos da vida espiritual, como egotismo, sensualidade, ganância e raiva, também temos amigos como altruísmo, autocontrole, caridade e compaixão.

Uma grande ajuda para nossa vida moral e espiritual é a lembrança da verdade suprema de que somos o *Ātman*. Somos as almas eternamente em contato com a Superalma, assim como uma onda está em constante contato e é sustentada pelo oceano, assim como um raio de luz está em contato com a luz infinita.

E devemos nos precaver contra teólogos mórbidos que pensam apenas em termos de pecado, que sempre falam do homem como um amontoado de pecados.

Todos os nossos mestres espirituais nos dizem que há dois tipos opostos de ideias trabalhando em nossas vidas, o bom e o agradável — *Sreyas* e *Preyas*. Encontramos no *Katha Upanishad*:

“O bom é uma coisa; o agradável é outra. Ambos, servindo a necessidades diferentes, se apresentam ao homem. Vai bem com aquele que, dos dois, escolhe o bom; mas aquele que escolhe o agradável perde o objetivo... Tanto o bom quanto o agradável vêm a um homem. O calmo os examina bem e discrimina. Ele prefere o bom ao agradável, mas o tolo escolhe o agradável por cobiça e avareza.”

Mâyā, o poder que projetou este mundo fenomênico, tem em si dois aspectos: *Vidyā* e *Avidyā*, que podem ser comparados às forças centrípeta e centrífuga: *Vidyā* é aquela corrente que nos leva em direção a Deus; manifesta-se como discriminação, desapego, devoção e amor por Deus. *Avidyā* nos leva ao mundano e se expressa como várias paixões — desejo por riqueza, ambição mundana, trabalho com apego, crueldade, etc. *Avidyā* obscurece o entendimento e prende a alma. *Vidyā* tende a ajudar o homem em direção à Autorrealização e liberdade. Escolhamos o caminho do bom e nos tornemos mais puros em corpo e mente. Essa pureza é essencial para nosso crescimento espiritual e nos coloca em contato com as forças espirituais cósmicas que o devoto chama de graça de Deus.

Condições para o desenvolvimento espiritual

É necessário que tenhamos uma concepção clara do desenvolvimento espiritual e sua relação com a existência cósmica e as forças cósmicas. Vamos tentar entender seu segredo através da ilustração de uma semente.

Se a semente é plantada no leito adequado e mantida em contato com a natureza — com a terra, água, calor, ar e espaço — ela cresce e se transforma em uma planta e finalmente se desenvolve em uma árvore poderosa. A semente deve ser mantida em contato íntimo com a natureza e também na condição interna adequada, pois só assim pode se beneficiar da terra, água, etc.

O microcosmo se desenvolve adequadamente quando está em sintonia com o macrocosmo. Isso também é verdade na vida espiritual. O indivíduo deve estar em sintonia com o cósmico.

Se olharmos para dentro de nós mesmos, descobrimos que nosso corpo é uma parte do oceano da matéria e que a energia cósmica flui através dele e o sustenta. Nossa mente individual é uma parte da Mente Cósmica, e nossa alma individual é uma parte da Alma Cósmica. Para manter o corpo com boa saúde, devemos seguir as leis físicas. Quando o corpo é mantido em boa condição, permanece em contato com as forças cósmicas, que então ajudam o corpo a manter a boa saúde. Para manter a mente com boa saúde, devemos seguir as leis morais que representam pureza e harmonia. Isso mantém a mente em contato com a Mente Cósmica e, portanto, com boa saúde. Da mesma forma, nossa alma também deve estar em condição adequada, em estado de pureza e harmonia, para que possa permanecer em contato direto com as forças espirituais cósmicas. É então que a Vontade Cósmica ou a Graça Divina flui através da alma e garante seu progresso.

Alimentação adequada, exercícios respiratórios corretos que regulam o fluxo das forças cósmicas, práticas morais e exercícios espirituais removem os obstáculos no corpo, mente e ego e nos mantêm em sintonia com a Vontade Cósmica e aptos a receber a Graça Divina.

A Graça Divina vem até nós, a princípio, na forma de anseio e esforço espiritual. À medida que nos tornamos cada vez mais puros, entramos cada vez mais em contato direto com a corrente espiritual cósmica.

Na vida espiritual, deve haver um esforço tremendo, mas não deve ser do tipo egocêntrico. Todas as nossas práticas devem ser realizadas em espírito de oração, autoentrega e dedicação ao Divino. Em nossa perspectiva, hábitos e formas de pensar, deve haver uma revolução. A vida

espiritual, se vivida adequadamente, deve nos levar da posição egocêntrica para a cosmocêntrica.

Graça Divina e autoesforço

O que denominamos como autoesforço e Graça Divina se complementam. Não podemos ter um sem o outro. Sem esforço intenso e incessante de nossa parte, nunca podemos experimentar a Graça Divina. A mera oração sem esforço correspondente não dará frutos. Seria como o homem que, encontrando sua casa em chamas, começou a orar por chuva em vez de tentar apagá-la por meios disponíveis ali e então. A coisa certa a fazer é fazer tudo o que pudermos e também orar.

O irmãozinho de uma menina costumava armar uma armadilha para pegar pássaros. Pensando que era errado e cruel, ela ficou muito triste e chorou. Depois de algum tempo, a mãe a encontrou feliz e alegre e ficou curiosa para saber como tal mudança ocorreu. ‘Mamãe’, a garota explicou, ‘primeiro orei para que meu irmão fosse um menino melhor, depois orei para que nenhum pássaro caísse mais na armadilha, e depois...’, ela acrescentou triunfantemente, ‘saí e chutei a velha armadilha em pedaços.’ Portanto, a oração deve ser combinada com o autoesforço para quebrar velhos hábitos antiéticos e formar novos e bons.

Cegos por suas próprias ideias estreitas, teólogos criam muito mistério sobre a Graça Divina, que dizem só pode ser alcançada seguindo suas próprias doutrinas e dogmas favoritos. Mas os iluminados usam uma linguagem diferente.

“Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus”, diz Cristo na maior bem-aventurança proferida por ele. Este também é o antigo ensinamento dos sábios da Índia:

“O Ser resplandecente e puro, a quem as almas puras e sem pecado, livres do mal ou impurezas, realizam como residindo no corpo, pode ser alcançado pela veracidade, concentração, verdadeiro conhecimento e perfeita castidade.”

A Realidade Suprema ou Deus é como o sol. Ela se reflete na mente pura.

Com a ajuda de uma conversa iluminadora entre um devoto e Sri Sarada Devi — a consorte espiritual de Sri Ramakrishna, também conhecida como Santa Mãe — podemos entender claramente a conexão entre a prática espiritual e a Graça Divina.

Devoto: “Mãe, como se realiza Deus? Adoração, *Japa*, Meditação — isso ajuda alguém?”

Mãe: “Nada disso pode ajudar.” (significando ajudar diretamente.)

Devoto: “Então, como se alcança a sabedoria de Deus?”

Mãe: “É apenas através de Sua graça. Mas deve-se praticar meditação e *Japa*. Isso remove as impurezas da mente. Deve-se praticar disciplinas espirituais, como adoração e assim por diante. Assim como se obtém a fragrância de uma flor ao manuseá-la, assim como se obtém o cheiro do sândalo ao esfregá-lo em uma pedra, da mesma forma se obtém o despertar espiritual pensando constantemente em Deus. Mas você pode realizá-Lo imediatamente se libertar-se dos desejos.”¹⁰¹

A mente ficou suja pela mundanidade. As práticas espirituais removem as impurezas, e então, assim como o espelho limpo reflete o sol brilhante em toda a sua glória, o Espírito Divino é revelado claramente na mente purificada de forma espontânea.

Aqui, um ponto deve ser entendido claramente. A pureza alcançada através de disciplinas espirituais pode ser de ordem muito elevada, mas não é perfeita. O buscador espiritual se estabelece na pureza perfeita somente após a realização divina, quando os objetos de tentação se tornam irreais e o Espírito Supremo permanece como a única realidade. É por isso que Sri Krishna declara no *Bhagavad Gita*:

“Os objetos dos sentidos se afastam do homem abstinente, mas o gosto por eles ainda permanece; com a realização do Espírito Supremo, até mesmo o gosto desaparece.”¹⁰²

É necessário para nós entendermos a relação da prática espiritual com a Graça Divina e a parte importante que elas desempenham em nossas vidas, removendo nossos obstáculos internos. Só então podemos nos sentir entusiasmados com as disciplinas que normalmente realizamos de forma desorganizada.

Uma vez, um discípulo perguntou à Santa Mãe sobre a utilidade da prática espiritual. Ela respondeu: “Através dessas disciplinas espirituais, os laços do Karma passado são rompidos... Por elas, a turbulência dos órgãos dos sentidos é subjugada.”

Devoto: “A ação pode cancelar a ação?”

¹⁰¹ Sri Sarada Devi, the Holy Mother. P. 487.

¹⁰² Bhagavad Gita. II: 59.

Mãe: “Por que não? Se você fizer uma boa ação, isso neutralizará sua ação má passada. Pecados passados podem ser neutralizados por meditação, *Japa* e pensamento espiritual.”¹⁰³

É uma questão de experiência que, na medida em que temos sucesso em tornar nossa mente pura através da luta moral e espiritual, sentimos o fluxo da Graça Divina. Swami Brahmananda costumava nos dizer: “Obter a Graça de Deus é o objetivo mais importante na vida espiritual. A brisa de Sua Graça está sempre soprando. Apenas desenrole sua vela.”¹⁰⁴ Isso significa que devemos nos manter abertos à Graça Divina — a corrente espiritual cósmica — alcançando a pureza através da realização da prática espiritual regular.

Vida espiritual — a preparação para receber a Graça Divina

Todos os nossos mestres espirituais declaram unanimemente que a alma, em sua natureza essencial, é espírito puro. Devido à ignorância, o espírito se esquece de si mesmo e se identifica com o ego, com a mente e os sentidos, com apego e aversão, com os objetos dos sentidos, com o corpo e suas funções — todos produtos da ignorância. O *Ātman* veste as máscaras do corpo causal, do corpo sutil e do corpo grosseiro. São as máscaras que se tornam impuras, não o *Ātman*. O ego, a mente e o corpo podem ser contaminados, mas o espírito permanece sempre puro, iluminado e livre.

O *Katha Upanishad* declara:

“Assim como o sol, que forma o olho do universo, nunca é contaminado pelas impurezas externas vistas pelos olhos, assim o único Ser que reside em todos os seres nunca é tocado pelos males do mundo.”¹⁰⁵

Nenhuma impureza pode afetar nossa natureza primária, que permanece sempre pura. É nossa segunda natureza que se torna impura, e ela pode e deve ser purificada. A vida espiritual é a limpeza dessa nossa segunda natureza, limpeza das máscaras, das coberturas do ego, da mente e do corpo. Portanto, certamente há esperança para cada um de nós. É dito corretamente que, assim como todo santo tem um passado, todo pecador tem um futuro. No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna dá esta garantia categórica:

¹⁰³ Sri Sarada Devi, the Holy Mother. Pp. 425 e 434.

¹⁰⁴ The Eternal Companion. P. 181.

¹⁰⁵ Katha Upanishad. II: 2: 11.

“Mesmo o mais pecador entre os homens, se ele adora a Mim, o Espírito Supremo, com devoção inabalável, deve ser considerado virtuoso, pois resolveu corretamente. Logo ele se torna justo e atinge a paz eterna. Proclame corajosamente que Meu devoto nunca é destruído.”¹⁰⁶ “Abandonando todos os outros deveres, refugie-se apenas em Mim. Eu o libertarei de todos os pecados; não se aflija.”¹⁰⁷

O Senhor mesmo remove todos os obstáculos para o devoto que se entregou completamente a Ele.

Graça Divina – o critério

Uma ilustração gloriosa de como até o homem mais pecador pode se tornar correto e atingir a mais elevada iluminação e paz através da graça do Espírito Supremo é vista na vida de Girish Chandra Ghosh, o famoso ator-dramaturgo e grande discípulo de Sri Ramakrishna.

Segundo sua própria declaração, não havia pecado que Girish não tivesse cometido. Em um momento, ele considerava a religião uma fraude. Mais tarde, no entanto, uma grande mudança ocorreu nele e surgiu um profundo anseio por luz e paz espiritual. Foi então que ele foi atraído para Sri Ramakrishna. Gradualmente, sua mente se purificou, embora tivesse um longo caminho a percorrer.

Uma vez, esta conversa ocorreu entre eles:

Girish: “Por favor, abençoe-me, senhor.”

Mestre: “Tenha fé na Divina Mãe e você alcançará tudo.”

Girish: “Mas sou um pecador.”

Mestre: “O infeliz que constantemente pensa em pecado se torna um pecador.”

Girish: “Senhor, o próprio chão onde me sento se torna impuro.”

Mestre: “Como você pode dizer isso? Suponha que uma luz seja trazida para um quarto que esteve escuro por mil anos, ela ilumina o quarto pouco a pouco, ou de repente?”

Girish: “Não tenho sinceridade; por favor, conceda-a a mim.”

Mestre: “Tudo bem, você tem fé.”¹⁰⁸

¹⁰⁶ Bhagavad Gita. IX: 30-31.

¹⁰⁷ Ibid. XVIII: 66.

¹⁰⁸ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 851.

O jovem Narendra, que mais tarde se tornou Swami Vivekananda, era muito amigável com Girish e foi advertido pelo Mestre para não se associar muito com ele: “Girish é como um copo no qual se guardou alho. Você pode lavá-lo mil vezes, mas nunca se livrará completamente do cheiro.” Girish ouviu isso e ficou ofendido. Ele perguntou ao Mestre se o ‘cheiro de alho’ desapareceria de vez. O Mestre garantiu a ele: “Todo o cheiro desaparece quando um fogo ardente é aceso; se você aquecer o copo no fogo, se livrará do cheiro; ele se torna um novo copo.”¹⁰⁹ Ele declarou ainda que as pessoas ficariam pasmas com a maravilhosa mudança que ocorreria nele. O cheiro de alho desapareceu no devido tempo e Girish se transformou de maneira maravilhosa.

Conduzido pelo Mestre, Girish seguiu o caminho da autoentrega absoluta à Vontade Divina — um caminho que muito poucos podem seguir. Ele não prometeu nem mesmo praticar a disciplina espiritual mais simples e ficou muito feliz quando Sri Ramakrishna pediu que lhe desse ‘a procuração’ e prometeu assumir toda a responsabilidade por sua vida espiritual. Girish, naquela época, pensou que o caminho da autoentrega era o mais fácil, mas mais tarde percebeu que era algo extremamente exigente. Ele teve que praticar a autoentrega a cada momento. Como resultado disso, no entanto, ele passou a sentir a presença do Senhor constantemente e se tornou um homem de Deus. O Senhor havia removido todos os seus vícios — todos os seus obstáculos no caminho espiritual — e preenchido sua alma com Sua amável Presença Divina. Na última vez que alguns de nós vimos Girish, ele nos disse: “Ao mover minha mão, sinto que não sou eu, mas o Senhor quem a move.” Seus olhos e rosto estavam radiantes com o brilho de sua iluminação interior e amor ilimitado pelo Senhor. Esta é uma das ilustrações mais gloriosas de transformação trazida pela graça divina, que flui para o buscador espiritual enquanto ele se esforça ao máximo.



¹⁰⁹ Ibid. P. 681.

CAPÍTULO X

SUPERANDO OBSTÁCULOS NA VIDA RELIGIOSA – II

Obstáculos peculiares da nossa era

Estamos agora vivendo em uma era de slogans. Um dos slogans muito repetidos é que a religião é o ópio do povo e, portanto, deve ser evitada como veneno. Como resultado de ouvi-lo constantemente, alguns de nós que não estão preparados para usar nosso poder de raciocínio dado por Deus passam a acreditar nele e perdem nossa fé até na verdadeira religião que, nas palavras de Swami Vivekananda, é realmente ‘a manifestação da divindade já no homem’. Há religião e religião. Há a religião que prende a alma a doutrinas e dogmas estreitos; e há, novamente, aquela que desperta nossa consciência espiritual, nos faz sentir que somos todos partes do Único Ser Eterno e nos incentiva a amar e servir uns aos outros em espírito de adoração. Devemos superar o obstáculo criado por um slogan falso.

Há um segundo obstáculo. É o slogan psicológico barato. Ao defender a repressão ou supressão de nossos instintos básicos, a religião cria conflitos ou complexos que provavelmente tornam nossa mente e corpo doentes; e, portanto, a religião deve ser evitada como uma busca perigosa. Vamos examinar esta afirmação em termos da própria psicologia.

Repressão é o processo involuntário pelo qual desejos ou impulsos inaceitáveis são excluídos da consciência e, assim, sendo negada a satisfação direta, são deixados para operar no subconsciente. Supressão, por outro lado, é a exclusão forçada de uma ideia ou desejo da consciência. Impulsionados para o subconsciente, eles começam a causar estragos lá. Em ambos os casos, esses inimigos subterrâneos tendem a produzir neurose e podem afetar adversamente a saúde mental e física.

Há uma classe de psicólogos perigosos que, com o propósito de aliviar um paciente da tensão nervosa, dizem: ‘Expresse seus instintos livremente.’ Eles até defendem uma vida imoral imprudente, sugerindo assim um meio que não é apenas doentio, mas também muito prejudicial. Ao tentar evitar um certo ‘complexo’, o paciente passa a formar um ‘complexo’ pior e, finalmente, pode ser arruinado em corpo e mente.

Isso é reconhecido por muitos psicólogos sábios e eminentes. Um deles, Dr. Hadfield, declara em seu livro *Psychology and Morals*:

“Do ponto de vista da cura, o conselho de ‘ir e expressar seus instintos’ é apenas um grau mais tolo do que o conselho antiquado que costumava ser dado a toda garota neurótica ‘Tudo que você precisa é se casar’. Na experiência real, nunca conheci uma verdadeira neurose curada pelo casamento, muito menos pelo libertinismo sexual. Mas pessoalmente conheci muitas neuroses precipitadas pelo casamento; na verdade, às vezes sou tentado a pensar que metade de meus pacientes são neuróticos porque não são casados e a outra metade porque são!”¹¹⁰

O termo psicológico ‘complexo’ realmente significa uma ideia ou grupo de ideias intimamente ligadas por um forte vínculo emocional. Quando sentimos algo fortemente, estamos lidando com um complexo. Os três complexos mais importantes que desempenham um grande papel na vida adulta são os complexos do ego, sexo e de rebanho. Esses complexos principais produzem outros, e as demandas opostas desses complexos criam sérios conflitos em nosso ser.

Complexos por si só não são ruins. Eles são ruins quando assumem a forma de egoísmo comum, sensualidade, ganância, intolerância, etc., e se tornam prejudiciais ao indivíduo e à sociedade; eles são bons quando se expressam como o espírito de autossacrifício dos pais, patriotas, trabalhadores sociais e promovem o bem-estar do indivíduo, bem como da sociedade.

A necessidade de perfeita sublimação

O esquema sociorreligioso hindu reconhece todos os desejos normais por riqueza, prole e posição social e, a princípio, tenta levar a maioria dos homens e mulheres pelo caminho da realização mundana. Aqui, grande ênfase é colocada na vida do chefe de família, na qual os desejos são sublimados através do cumprimento dos deveres para com a família e a sociedade e direcionados ao Espírito Supremo por meio de oração, adoração e meditação.

Alguns eminentes psicólogos ocidentais defendem a sublimação dos instintos através da socialização. Assim, Strecker e Appel dizem:

¹¹⁰ Psychology and Morals. P. 116.

“Na sublimação, a energia que poderia ser usada exclusivamente para realizar impulsos primitivos é direcionada total ou parcialmente para atividades mais socialmente úteis... não apenas para o desenvolvimento e preservação da sociedade, mas também para o próprio indivíduo.”¹¹¹

O professor Overstreet declara:

“A sublimação, então, é o destino de todos nós. Aliás, deveria ser nosso privilégio. O objetivo de toda vida civilizada, casada ou solteira, deve ser encontrar seu grande interesse sublimado.”¹¹²

Como mencionado em um capítulo anterior, os mestres espirituais hindus falam não apenas de socialização, mas também de espiritualização de nossos instintos, e a defendem como um passo em direção à Autorrealização ou Comunhão Divina — a meta mais elevada da vida espiritual.

É significativo que alguns psicólogos ocidentais líderes estejam percebendo cada vez mais o valor da religião. Na opinião de Strecker e Appel, ‘Educação, moralidade e religião são ajudas organizadas para promover a sublimação’ e “um amor que não é satisfeito no nível pessoal pode ser cumprido no calor da devoção religiosa ou pode ser correspondido na devoção prática do serviço social.”¹¹³ Observa o Dr. Jung, o grande psicólogo suíço:

“...a ideia de um Ser Divino todo-poderoso está presente em toda parte inconscientemente, se não conscientemente, porque é um arquétipo... Portanto, considero mais sábio reconhecer a ideia de Deus conscientemente...”¹¹⁴

Nós mesmos somos nossos maiores obstáculos

Quanto mais lutamos e avançamos ao longo do caminho espiritual, mais descobrimos que nossos maiores obstáculos somos nós mesmos. Por nossos problemas, devemos assumir toda a responsabilidade, em vez de culpar os outros.

¹¹¹ Discovering Ourselves. Pp. 385 e 388.

¹¹² About Ourselves. Pp. 249-250.

¹¹³ Discovering Ourselves. Pp. 387 e 388.

¹¹⁴ Collected Works of C. G. Jung. Vol. I: P. 711.

Há biólogos, psicólogos e outros pensadores que atribuem ou rastreiam alguns de nossos problemas ao ambiente, alguns aos nossos ancestrais e alguns à mente inconsciente universal. Com o objetivo de evitar nossas próprias responsabilidades, às vezes também gostamos de pensar nessa linha. Com que frequência nos justificamos atribuindo todos os nossos obstáculos e dificuldades a agentes externos! Mas quando aprendemos a nos analisar impiedosamente, descobrimos que os problemas estão mais conosco e dentro de nós.

William Ernest Hocking, um grande pensador ocidental, observou: “De todos os animais, é o homem em quem a hereditariedade conta menos e as forças de construção consciente contam mais.”¹¹⁵ Então, por que devemos valorizar demais a árvore genealógica ou a ancestralidade física? Através do autoesforço inteligente, podemos nos transformar completamente e alcançar uma mudança tão completa que não é possível para qualquer animal. Dr. Karen Horney, um psicólogo americano moderno, fundamenta esse ponto quando diz: “Não é apenas a criança pequena que é maleável. Todos nós mantemos a capacidade de mudar, mesmo de mudar de maneiras fundamentais, enquanto vivermos. Esta crença é apoiada pela experiência.”¹¹⁶

Criamos muitos obstáculos através de nosso pensamento, sentimento e ação errados. Podemos prejudicar nosso progresso espiritual por excesso de autoelogio ou autocondenação. Mas, tendo a atitude correta e o treinamento adequado, podemos superar isso.

Uma vez, um cavalheiro europeu veio me ver. Em nome da prática da quietude mental e do *Samādhi*, ele estava induzindo uma espécie de sono. Pensando que havia alcançado o estágio de *Samādhi* — que realmente é o objetivo final do Yoga — ele me perguntou: “Deve haver um estado mais elevado que o *Samādhi*!” No entanto, quando a coisa correta foi apontada a ele, ele percebeu seu erro e superou seu problema.

Em nome da prática de meditação, um americano estava induzindo uma espécie de estado de sonho, onde a imaginação corria solta com uma mistura do sublime e do ridículo, de ideias puras e impuras, de imagens e emoções. E ele pensava que sentar por um longo tempo nesse estado mórbido era uma conquista. Ele foi aconselhado a se levantar de sua cadeira assim que sentisse sonolência e a melhorar a qualidade de sua meditação, em vez de pensar demais na quantidade. Ele seguiu a sugestão e foi muito beneficiado.

¹¹⁵ Human Nature and Its Remaking. William Ernest Hocking. Pp. 9-10.

¹¹⁶ Our Inner Conflicts — Dr. Karen Horney.

Uma senhora costumava se condenar demais por emoções que havia superado. Ela foi aconselhada a esquecer tudo isso como um sonho ruim, a afirmar sua natureza espiritual, fazer bem os deveres da vida e dedicar um pouco de tempo para oração e meditação. Ela seguiu as instruções e um novo capítulo se abriu em sua vida.

Outro era um pintor com uma grande dose de ceticismo. Mais tarde, ele se convenceu da utilidade da prática espiritual. Seguindo certas instruções, ele se tornou cada vez mais espiritual em sua perspectiva e sua pintura também melhorou muito em qualidade.

Certamente houve casos de fracasso, mas não há dúvida de que aqueles que têm seguido o caminho espiritual com sinceridade estão minimizando seus obstáculos, até mesmo obtendo vislumbres do ideal espiritual e entrando em um novo reino de luz e paz.

Obstáculos – inferiores e superiores

Há obstáculos e obstáculos. Há os obstáculos que criamos e aumentamos ao ceder a nossos instintos mais baixos, como luxúria, raiva e ciúme, e os obstáculos de um Ramakrishna tentando atingir o mais elevado estado de consciência transcendental. Quando ele foi iniciado por seu Guru nas disciplinas do Vedanta Não-dual, com a maior facilidade ele alcançou o penúltimo estágio desse caminho, quando se viu confrontado com um obstáculo intransponível na forma da bem-aventurada Mãe do Universo! Mas mesmo isso ele superou seguindo a instrução de seu Guru e se fundiu no Absoluto.

As almas iluminadas não caem do céu. Elas nascem sem dúvida com grandes potencialidades, mas estas elas trazem à tona superando obstáculos através de intensas lutas espirituais continuadas sob a direção de mestres espirituais competentes.

Sri Ramakrishna às vezes removia os obstáculos de seus discípulos. O jovem Rakhal – que mais tarde se tornou Swami Brahmananda – estava uma vez meditando. Sua mente ficou seca e inquieta e todos os seus esforços foram inúteis. Muito deprimido, ele queria ir ao seu Mestre. Mas Ramakrishna mesmo conhecia os problemas de seu discípulo e estava indo até ele. Eles se encontraram no meio do caminho e o Mestre colocou sua mão na cabeça de seu discípulo. Rakhal ficou livre de distrações e sua alma se encheu de paz e alegria.

Quando conhecemos Swami Brahmananda, ele era ele próprio um mestre altamente iluminado, possuindo tremendos poderes espirituais. Sabemos de muitos casos em que o Swami capacitou a que muitos de seus discípulos, incluindo alguns de nós, superassem seus obstáculos.

No curso de nossos esforços espirituais, às vezes chegávamos a uma porta fechada, ou sentíamos que estávamos no meio de uma nuvem espessa e não conseguíamos enxergar nosso caminho. Em tais casos, o Swami nos incentivava a intensificar nossas práticas espirituais, e estas removiam os obstáculos imediatos. Às vezes, quando cometíamos grandes erros, ele até nos dava repreensões severas. Nós nos sentíamos magoados, mas nos tornávamos cada vez mais introspectivos, continuávamos nossas disciplinas com intensidade aumentada e, elevando-nos acima dos obstáculos, encontrávamos nosso caminho novamente. Houve ocasiões em que ele até nos deu vislumbres da Realidade superior. Com seu toque abençoado, ele podia elevar nossa mente a um plano de consciência mais elevado temporariamente.

Luta constante — a única ferramenta para superar obstáculos

Não deixe ninguém pensar que nossa vida foi facilitada dessa forma; era justamente o contrário. A luta real para dominar a experiência começou a partir daquele momento, levando a uma luta maior do que nunca. A luta ainda continua, embora nem sempre se manifeste externamente. Mas através dessas lutas estamos progredindo.

Os mais intensos foram os esforços espirituais que Swami Brahmananda e seus irmãos discípulos passaram após o falecimento de seu Mestre. Uma vez, Vijayakrishna Goswami — um grande devoto que conhecia intimamente o Mestre e os discípulos — perguntou ao Swami por que ele estava praticando disciplinas espirituais tão intensas mesmo depois que Sri Ramakrishna lhe dera tudo o que era necessário. O Swami respondeu: “Estou apenas tentando me estabelecer na visão de Deus que recebi pela graça do Mestre.”

A maioria de nós, é claro, não tem a oportunidade de ter um mestre iluminado para nos guiar. Não há dúvida de que não é seguro seguir o caminho espiritual sem um guia adequado. No entanto, se formos sinceros, podemos, no devido tempo, conseguir um — pelo menos um buscador espiritual avançado, se não uma alma iluminada. Tal guia minimizará os riscos no caminho e nos ajudará em nosso progresso. Mas quando nenhum guia humano está disponível, temos que depender de nós mesmos e fazer

o melhor que pudermos, orando constantemente ao Espírito Supremo, que é realmente o Mestre Último, por luz e orientação. A brisa da Graça Divina, como o Mestre e seus discípulos costumavam dizer, está constantemente soprando. Temos apenas que desenrolar a vela. Através do esforço espiritual sistemático, devemos entrar em contato com a corrente espiritual divina e avançar em direção a meta firmemente. Devemos estar alertas e trabalhar. Devemos lembrar as palavras de Sri Krishna:

“Um homem deve se elevar por seu próprio ser. Pois este ser é o amigo de si mesmo e este ser é o inimigo de si mesmo.”¹¹⁷

A vida espiritual é uma luta constante, uma parte indispensável da qual é superar os obstáculos morais. Os iluminados e as escrituras apontam o caminho. Assim, Buddha diz: “Quando os homens falam mal de você, assim devem treinar: ‘Nosso coração será inabalável. Não proferiremos nenhuma palavra má. Mas viveremos compassivos com o bem-estar dos outros, bondosos de coração, sem ressentimento.’ E aquele homem que assim falar, inundaremos com pensamentos acompanhados de amor; e assim viveremos.”

Cristo declara: “Amai vossos inimigos; abençoai aqueles que vos amaldiçoam; fazei o bem àqueles que vos odeiam; orai por aqueles que vos maltratam.” Na antiga escritura hindu, o *Mahabharata*, encontramos: “A raiva deve ser conquistada pelo perdão; e o perverso deve ser conquistado pela honestidade. O avarento deve ser conquistado pela generosidade; e a falsidade deve ser conquistada pela verdade.”

Agora, há obstáculos causados por *Tamas* e *Rajas*. Sob a influência de *Tamas*, a mente fica cheia de ignorância, embotada, lenta e iludida. Quando dominada por *Rajas*, a mente fica inquieta, cheia de paixão, sem harmonia e infeliz.

O que precisamos é a predominância de *Sattva*, que traz conhecimento correto, bondade, harmonia, alegria e felicidade à mente. Os obstáculos de *Tamas* e *Rajas* devem ser removidos tanto quanto possível com a ajuda de *Sattva*, que por si só deve finalmente ser transcendido para se atingir a Autorrealização.

O caminho mostrado por Patanjali

¹¹⁷ Bhagavad Gita. VI: 5.

Patanjali, o grande mestre de Yoga, nos pede para praticar *Yama* e *Niyama* e alcançar o estado de desapego e harmonia, no qual o espírito transcende suas limitações, suas identificações com o não-ser, e se manifesta em sua verdadeira e pura natureza. Ele fala dos muitos obstáculos que confrontam o aspirante nos vários estágios da luta espiritual e sugere meios pelos quais podem ser superados: “Os obstáculos ao Yoga são matar, falsidade, etc., seja cometido, causado ou aprovado.” “Para obstruir pensamentos que são inimigos do Yoga, pensamentos contrários devem ser levantados.” Ele explica:

“A tendência de prejudicar, mentir, roubar, viver uma vida não-casta e depender demais dos outros deve ser superada pela prática de *Yama* — de não-violência e amor, de verdade, de não-roubar, de castidade e autoajuda ou não-dependência dos outros. Então vem a prática de *Niyama*. A impureza deve ser superada por hábitos de limpeza do corpo e da mente, o descontentamento pelo contentamento e alegria, a entrega a muito conforto pelo ascetismo, a leitura desleixada pelo estudo profundo e assimilação de ideias, e o egocentrismo pela devoção ao Espírito Supremo.”¹¹⁸

Este é o primeiro passo de purificação — denominado por outros como sublimação ou purgação — no caminho espiritual. Somente depois disso pode-se dar os passos posteriores da prática, como postura, controle da respiração, retirada da mente das distrações, concentração, meditação e absorção, com sucesso.

Patanjali fornece uma lista dos vários obstáculos experimentados nos diferentes estágios da prática de Yoga. Estes são: Doença ou perturbações no corpo, languidez ou sentimento de impotência na mente, vacilação ou dúvida, letargia ou falta de esforço para alcançar a comunhão, preguiça ou inatividade do corpo e da mente devido a *Tamas*, ausência de desapego ou ânsia da mente por objetos dos sentidos, noções equivocadas ou ideias erradas, não-alcançar a meta ou não atingir o estado de comunhão, e instabilidade ou incapacidade da mente de permanecer estável, tendo chegado muito perto do estado de comunhão. Através de *Japa* ou a repetição do Nome Divino e meditação, esses obstáculos são superados e a introspecção é alcançada no devido tempo.¹¹⁹

Obstáculos de vários tipos podem vir até mesmo a almas muito avançadas. O sábio *Vedantin* Sadananda fala de quatro obstáculos ao

¹¹⁸ Yoga Sutras. II: 30 e 32.

¹¹⁹ Ibid. I: 30.

Nirvikalpa Samadhi ou o mais elevado estado supraconsciente: torpor ou sono, distração ou ocupação da mente com coisas não-espirituais, apego devido a desejos latentes por prazeres e o desfrutar da bem-aventurança das visões espirituais de estados inferiores de consciência. O remédio prescrito é:

“Quando a mente estiver torpe, desperte-a; quando estiver distraída, traga-a de volta à consciência; quando ficar apegada, perceba e torne-a desapegada; não se demore na bem-aventurança das visões dualistas; seja desapegado de todas as *vruttis* ou ondas mentais, através do exercício de extrema discriminação entre o absolutamente real e o irreal.”¹²⁰

No *Bhagavad Gita*, Sri Krishna fala da mente controlada do Yogi como sendo semelhante à chama da lâmpada que está abrigada do vento e não tremula.¹²¹ Como já mencionado, esse ideal também é mencionado por Patanjali logo no início de seus aforismos de Yoga: “Yoga é restringir a substância mental de assumir várias formas... Nesse momento, o Sábio Vidente repousa em seu próprio estado não-modificado, perfeitamente puro.”¹²²

Japa e meditação — os melhores meios

Patanjali não nos pede para superar os obstáculos um a um. Eles devem ser eliminados seguindo adequadamente várias instruções alternativas, uma das mais importantes sendo: “Repita o Nome Divino, conforme indicado por OM, e medite no Espírito Divino.” O comentarista explica o aforismo assim:

“Após a repetição de OM, o buscador espiritual deve recorrer à meditação; após a meditação, ele deve novamente se dedicar à repetição. Através da perfeição da repetição e da meditação, o Espírito Supremo se manifesta... Todos os obstáculos deixam de existir por força da devoção ao Senhor, e então segue para ele a percepção de sua própria natureza real. Ele chega a perceber que, assim como o Senhor é Espírito — puro, bem-aventurado, livre de problemas — assim também é o espírito que funciona através da mente.”¹²³

¹²⁰ "Vedantasara" de Sadananda. Comentado por Swami Nikhilananda. Verso 215.

¹²¹ VI: 19.

¹²² Yoga Sutras. I: 2 & 3

¹²³ Cf. Yoga Sutras. I: 27 e 28.

Swami Brahmananda costumava nos incentivar dizendo:

“Mergulhe profundamente na prática de *Japa* e da meditação. Agora a mente é grosseira e se alimenta de objetos grosseiros. Mas à medida que o *Japa* e a meditação são praticados, a mente se torna sutil e aprende a apreender verdades sutis. Pratique, pratique. Veja por si mesmo se realmente existe um Deus... Os véus de *Māyā* serão removidos um após o outro; uma nova visão se abrirá. Então você verá que tesouro maravilhoso está dentro de você. Você desenvolverá sua própria divindade e herdará a felicidade eterna.”¹²⁴

Então, vamos repetir o Nome Divino e meditar n’Ele. Que o corpo e a mente vibrem com o ritmo espiritual cósmico. Que a corrente cósmica varra todos os males do corpo e todas as distrações da mente. Que nossa meditação no Grande Iluminador — o Guru sentado em nossos corações — dissipe toda a escuridão e revele a nós Sua natureza divina e também nossa natureza espiritual, que é eterna, sempre pura, sempre iluminada, sempre livre e sempre bem-aventurada.



CAPÍTULO XI

O SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS

Métodos de Adoração

Um discípulo perguntou certa vez a Swami Brahmananda: “Qual é o significado de todos os deuses e deusas? Eles realmente existem? Qual é o significado e o propósito da adoração ritualística?” O Swami respondeu: “Esses muitos deuses e deusas representam apenas muitos aspectos

¹²⁴ The Eternal Companion. Pp. 164 e 185.

diferentes da única Divindade. Os homens diferem em seus temperamentos e, portanto, estão inclinados a diferentes maneiras de adoração. Para atender às necessidades de todos, as escrituras prescrevem métodos distintos de adoração.”¹²⁵

Esses métodos distintos de adoração são para pessoas em diferentes estágios de evolução espiritual. Primeiro é a adoração ritualística de Deus, incorporada em uma imagem ou símbolo. Superior a esta é a adoração de Deus através da oração e *Japa* ou repetição do nome divino e meditação sobre ele. Por este meio, o aspirante ora, entoa o Nome Divino e medita sobre a forma radiante de seu ideal escolhido dentro de seu próprio coração. Ainda mais elevada é a meditação. Quando um homem pratica esta forma de adoração, ele mantém um fluxo constante de pensamento em direção a Deus e se torna absorvido na presença viva de seu ideal escolhido. Ele vai além da oração e do *Japa*, mas o senso de dualidade, o ‘Eu’ e ‘Tu’, permanece.

Diferentes estágios da evolução espiritual

O método mais elevado de adoração é a meditação sobre a unidade do *Ātman* e Brahman — da alma individual e do Espírito Supremo. Isso leva direta e imediatamente a Deus, o Espírito Supremo. O aspirante experimenta Brahman como uma realização real da Realidade onipresente. No entanto, se um homem comum for instruído a meditar sobre isso, ele não compreenderá a verdade disso nem será capaz de seguir as instruções. Mas a mesma pessoa pode entender e realizar a adoração a Deus com flores, incenso e outros acessórios de adoração. É de importância vital que um homem comece sua jornada espiritual de onde ele está. Ao fazer a adoração ritualística, sua mente gradualmente se concentrará e isso aumentará sua devoção na realização do *Japa*. Quanto mais sutil a mente se torna, maior será sua capacidade para as formas mais elevadas de adoração. Através do *Japa*, a mente se inclinará para a meditação, até que o aspirante se mova natural e gradualmente em direção ao ideal mais elevado.

Swami Brahmananda dá a ilustração de um homem parado no pátio de uma casa. Ele quer alcançar o telhado, mas, em vez de subir a escada passo a passo, ele se permite ser jogado para cima, causando assim ferimentos graves. Assim é com a vida espiritual. Deve-se seguir o caminho

¹²⁵ Resumido e adaptado de "The Eternal Companion." Pp. 118 e 119.

gradual, pois assim como existem leis que regem o mundo físico, também existem leis que regem o mundo espiritual.

Visões

Em 1901, Swami Brahmananda, enquanto estava sentado às margens do Ganges, viu a Divina Mãe vindo através do rio em direção ao Mosteiro de Belur, da direção de Dakshineswar, onde Sri Ramakrishna a havia adorado como Kali. Ao mesmo tempo, Swami Vivekananda retornou de Calcutá e expressou seu desejo de adorar a Divina Mãe em imagem. Ele acrescentou ainda que seu olho espiritual tinha visto a Mãe vindo ao mosteiro e sendo adorada lá. Ouvindo isso, Swami Brahmananda narrou sua própria visão a Swamiji. Naquele ano, a Divina Mãe foi adorada no mosteiro com grande felicidade.

O Espírito Divino se manifesta em formas familiares ao devoto. Assim, um hindu pode ver certas formas luminosas e gloriosas de vários deuses e deusas, e seguidores de outras fés terão visões de seu aspecto particular da divindade — Cristo, talvez, a Virgem Maria, e assim por diante — dependendo de sua religião. São Paulo descreve sua visão que o converteu e transformou:

“Vi uma luz do céu, excedendo o esplendor do sol, resplandecendo ao redor de mim, e ouvi uma voz dizendo-me: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’ E eu disse: ‘Quem és, Senhor?’ E o Senhor disse: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues’.”¹²⁶

Esta visão transformou Saulo, o perseguidor dos cristãos, em Paulo, o ardente apóstolo de Cristo. Aqui Deus apareceu a São Paulo na forma de uma luz.

A Bíblia Judaica fala de um tipo diferente de visão. O Senhor apareceu diante de Moisés e dos filhos de Israel e os tirou do Egito. Em Êxodo encontramos:

“Ele ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar.”

Sri Ramakrishna e outros devotos hindus tiveram visões de formas luminosas. Essas visões espirituais são manifestações diferentes da única

¹²⁶ [Nota: Paráfrase de Atos 26:13-15. O autor não forneceu a citação direta no trecho.]

Divindade, que está além do nome e da forma, e ainda assim Se manifesta através de nome e forma. Swami Abhedananda, um dos discípulos diretos de Sri Ramakrishna, costumava ter várias visões de deuses e deusas. Um dia ele viu todas essas formas se fundindo em um único ser luminoso. Quando ele relatou isso ao Mestre, Sri Ramakrishna disse: “Daqui em diante você não terá mais essas visões. Você se elevou acima desse estágio.” E isso provou ser verdade. Doravante, o Swami meditava não em formas, mas no aspecto infinito e onipresente do Brahman impessoal. Assim ele veio a saber que existem estágios no caminho para o Supremo, Absoluto sem Forma.

Dualismo e Não-Dualismo

No estágio dualista, o devoto sente que Deus está separado de si mesmo e aborda a Divindade com sentimentos humanos, como o do servo para o mestre, do filho para o pai, de um amigo para um amigo, de um amante para seu bem-amado.

O próximo estágio é o não-dualismo qualificado. O devoto sente o Espírito Supremo como o Todo e todos os seus adoradores como partes infinitesimais do Todo. Há apenas um grande Todo ao qual todos os atributos se apegam.

O último estágio é o do não-dualismo absoluto. O devoto percebe que o único Espírito Infinito está se manifestando em uma forma como a Alma Cósmica e em outra como a alma humana. No curso de sua evolução espiritual, o buscador percebe que o cósmico e o individual são um em sua natureza essencial. O Todo e a parte são ambas manifestações do mesmo Espírito Infinito.

Concepções da Divindade

O *Bhagavad Gita* fala de várias concepções da Divindade. A Realidade Última está além de todas as concepções de existência e não-existência, mas se manifesta através de Seu poder insondável como *Ishvara* ou Deus, alma e o Universo. Novamente, é este Espírito transcendental que Se manifesta de uma maneira especial como uma Encarnação divina, e Sri Krishna declara:

“Embora não nascido e eterno por natureza, aceito o nascimento através de meu próprio poder divino. Para a proteção da retidão e a destruição da maldade, nasço em cada era.”¹²⁷

A Encarnação divina é o maior de todos os mestres espirituais. Sri Krishna revelou a seu discípulo, Arjuna, a glória de sua forma cósmica que ele desejava ver. “Com esses seus olhos”, disse Sri Krishna, “você não pode Me ver. Eu lhe dou o olho divino.” O que Arjuna viu quando recebeu o olho divino? “Se o resplendor de mil sóis explodisse de uma só vez no céu, isso seria como o esplendor do Poderoso.”¹²⁸ Ali, naquela luz infinita, o discípulo contemplou o universo inteiro com todos os seus aspectos ternos e terríveis. Ele teve medo. Sua alma tremeu e ele orou:

“Ó Infinito, Senhor dos deuses, Morada do Universo, Tu és o Ser imortal e o não-ser e aquilo que é o Supremo. Saudações a Ti diante; saudações a Ti atrás; saudações a Ti de todos os lados. Regozijo-me por ter visto o que nunca foi visto antes, mas minha mente também está perturbada pelo medo. Mostra-me aquela Tua outra forma.”¹²⁹

A forma universal do Senhor foi avassaladora para o devoto. Ele ansiava por uma forma humanizada com a qual pudesse estabelecer um relacionamento humano amoroso, considerando o Senhor como pai, mãe, amigo ou amado. Krishna manifestou-se como mestre. Isto é o que todo devoto busca a princípio. Mas à medida que se estabelece no amor divino, o Senhor, o Guru Supremo, revela-lhe, no devido tempo, Suas múltiplas formas, Sua forma universal e também Seu aspecto transcendente além de todo nome e forma.

Deus é tanto com forma quanto sem forma

Como pode Deus ser sem forma e ainda aparecer em muitas formas? Quando Sri Ramakrishna perguntou a ‘M’ – o compilador de “O Evangelho de Sri Ramakrishna” – se ele acreditava em Deus com forma ou sem forma, o discípulo ficou perplexo. Ele era um homem altamente educado. Ele perguntou a si mesmo: ‘Como podem essas ideias contraditórias serem verdadeiras ao mesmo tempo?’ Mas ele disse a Sri

¹²⁷ Bhagavad Gita. IV: 6-8.

¹²⁸ Ibid. XI: 12.

¹²⁹ Ibid. XI: 18, 40, 45.

Ramakrishna: ‘Senhor, gosto de pensar em Deus como sem forma’. A resposta do Mestre foi muito significativa. ‘Muito bem’, disse ele, ‘é suficiente ter fé em um ou outro aspecto. Você acredita em Deus sem forma; isso é bastante correto. Mas nunca pense, nem por um momento, que só isto é verdadeiro e todo o resto é falso. Lembre-se de que Deus com forma é tão verdadeiro quanto Deus sem forma. Mas mantenha-se firme em sua própria convicção’.¹³⁰

Em outra ocasião, Sri Ramakrishna observa: ‘Deus é sem forma, e Deus também é possuidor de forma. Ele é também aquilo que transcende tanto a forma quanto a ausência de forma. Só Ele sabe o que É’. O sem forma manifesta-se através de formas divinas, e essas formas se dissolvem novamente no sem forma.

“Pense em Brahman — Existência, Conhecimento, Bem-aventurança, Absoluto — como um oceano sem margens. Através da influência refrescante do amor do devoto, a água congelou em alguns lugares em blocos de gelo. Em outras palavras, Deus ora assume várias formas para Seus amantes e Se revela a eles como uma pessoa. Mas com o nascer do sol do conhecimento, os blocos de gelo derretem. Então não se sente mais que Deus é uma pessoa, nem se veem as formas de Deus. O que Ele é não pode ser descrito. Quem O descreveria? Aquele que o fizesse desapareceria. Ele não pode mais encontrar seu ‘eu’.”¹³¹

Sri Ramakrishna dá outra ilustração:

“O fogo em si não tem forma definida, mas em brasas ardentes, assume formas diferentes. Assim, o fogo sem forma é visto dotado de formas. Similarmente, o Deus sem forma às vezes Se assume formas definidas.”

Escolha o Ideal que mais o ajuda

Com que aspecto de Deus devemos começar nossa vida espiritual? Swami Brahmananda diz: “É de importância vital que um homem comece sua jornada espiritual de onde ele está.” Devemos descobrir onde estamos e escolher nosso *Ishta* (Ideal Escolhido). Deve ser aquele que é mais adequado ao estágio particular de evolução da pessoa e que apele ao seu intelecto, sentimento e vontade. Todos os homens estão em diferentes estágios de evolução. O *Uttara Gita* diz:

¹³⁰ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 4.

¹³¹ Ibid. P. 78.

“Para o nascido duas vezes [pertencente às castas superiores] que é culturalmente mais avançado, o fogo ou a luz é o símbolo do Espírito Divino. Para o sábio que se tornou introspectivo, o Espírito Supremo habita em seu próprio coração. Os iluminados O veem brilhando em toda parte. Para aqueles com entendimento mais pobre, o Espírito Supremo aparece em forma humana, e eles necessitam de uma imagem ou ídolo dessa forma, antes que possam iniciar seu progresso espiritual.”

Há três classes de devotos. De acordo com Sri Ramakrishna, o mais baixo diz: ‘Deus está lá em cima’, apontando para um céu além das nuvens. O devoto um pouco mais superior diz que Deus habita no coração como o Espírito interior. O mais elevado devoto diz: ‘Deus se tornou tudo. Tudo o que percebemos são tantas formas de Deus.’

Nenhum de nós gostaria de pertencer à classe mais baixa de devotos que pensam que Deus está além dos céus, nem estamos dispostos a nos considerar pessoas de entendimento pobre. Muitos de nós pensam que não precisam do uso de símbolos materiais para adoração e meditação; mas se ainda estamos nos estágios inferiores do desenvolvimento espiritual, somos como crianças. Não precisamos nos envergonhar de sermos crianças porque, se uma criança cresce de forma normal, ela é capaz de uma melhoria maravilhosa. Se uma criança não é alimentada adequadamente, pode ter seu crescimento atrofiado e permanecer assim pelo resto da vida.

Significado dos símbolos

Talvez a compreensão do significado dos símbolos lance uma nova luz sobre o assunto. O latim *Symbolus* ou *Symbolum* significa um sinal pelo qual se conhece ou infere uma coisa. Símbolos são signos para expressar o invisível por meio de representações visíveis ou sensíveis. Para o cristão, a cruz é um símbolo de salvação por causa de sua conexão com a crucificação. Para muitos místicos, o círculo é um símbolo de eternidade porque, como a eternidade, não tem começo nem fim. O triângulo representa o poder criativo do qual todas as coisas surgem, pelo qual são sustentadas e ao qual finalmente retornam. No Hinduísmo, o hexágono, o octógono e vários outros diagramas místicos são usados para representar a Divindade. O devoto mantém um desses diagramas diante de si enquanto medita e, através da lei da associação, a referência ao símbolo permite-lhe continuar sua meditação sem interrupção.

E também, para um hindu, o triângulo pode significar o poder criativo, enquanto para um cristão, a mesma coisa pode significar a Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Existem, de fato, dois tipos de símbolos — geométricos e antropomórficos. Os símbolos geométricos são às vezes referidos como *Yantras*.

O símbolo antropomórfico é o símbolo humano. Pode ser um símbolo físico, como pinturas ou estátuas de Personalidades divinas, tais como Buddha absorto em meditação, Krishna, Vishnu, Shiva, Durga, a Madona com o menino Jesus em seus braços; Cristo, Ramakrishna, e assim por diante. Ou pode ser um relacionamento humano, como o de Deus como pai, irmão, mãe, amigo, etc. O relacionamento humano em si é um símbolo, quer uma imagem seja usada ou não.

A necessidade de imagens

Uma e outra vez, o homem contemporâneo pergunta: 'Por que precisamos de imagens?' A resposta é que precisamos delas simplesmente porque muitos de nós somos idólatras em alto grau. Gostamos demais de ídolos de carne e osso. Seguimos o culto da adoração ao corpo e gostamos demais de nossos próprios corpos e dos corpos daqueles que amamos, esquecendo o espírito interior. Gostamos demais de nossas imagens e fotografias. Muitos de nós somos realmente pessoas de entendimento curto e precisamos do uso de símbolos físicos e personalidades santas no início de nossas vidas espirituais.

Sri Ramakrishna diz: 'O espinho que entrou na carne deve ser removido por outro espinho, e então ambos podem ser jogados fora'. Da mesma forma, devemos substituir a forma mundana pela forma sagrada e a personalidade mundana pela personalidade sagrada.

Existem pessoas que possuem uma consciência corporal e senso de personalidade excessivos. Elas continuamente se envolvem emocionalmente com outros e, no entanto, recusam-se a aceitar um aspecto pessoal da Divindade ou a escolher uma Encarnação Divina como um ideal a seguir em suas vidas espirituais. Mas é disso que elas precisam para permitir-lhes transcender a consciência corporal e elevar-se ao plano espiritual.

O símbolo é um meio de lembrar do Espírito Divino através da associação de ideias. O Divino não deve ser rebaixado ao nível da imagem. O símbolo é útil enquanto é entendido que ele é uma representação do

Espírito Divino. Enquanto fizermos isso, tal adoração não é idolatria, mas um passo em direção à realização do Absoluto.

Swami Vivekananda sobre a Adoração de Imagens

Durante os dias de sua peregrinação pela Índia, Swami Vivekananda foi ao estado de Alwar. O então Maharaja era um jovem de educação moderna. Ele disse ao Swami: 'Não tenho fé na adoração de ídolos. Não posso realmente adorar madeira, terra ou pedra, como outras pessoas fazem.' O Swami respondeu calmamente: 'Todo homem deve seguir seu ideal religioso de acordo com sua própria fé!' Os ministros e cortesãos ficaram surpresos com a resposta, tendo esperado algo diferente. Mas os olhos do Swami, olhando ao redor, pousaram sobre um retrato do Maharaja. Pegando aquele retrato da parede, ele pediu ao *Dewan* [Primeiro-ministro] e aos cortesãos que cuspissem nele. Eles ficaram naturalmente chocados com a proposta. O Swami disse: 'Cuspe nele, é apenas um pedaço de papel.' Os cortesãos perplexos responderam: 'O que está nos pedindo para fazer? Esta é a imagem de nosso Maharaja. Como poderíamos fazer tal coisa?' Então, voltando-se para o príncipe, o Swami disse: 'Esta é uma sombra de vossa alteza que os traz à mente deles, e eles naturalmente a olham com respeito. Da mesma forma, uma imagem no templo traz à mente dos devotos seu aspecto escolhido da Divindade. Os devotos adoram a Deus com a ajuda de uma imagem. Eles não adoram a madeira, a terra ou o metal de que a imagem é composta. Eles adoram o espírito simbolizado pela imagem. O ídolo é meramente um cabide no qual penduramos nossa fé.' O Maharaja entendeu e disse: 'Você abriu meus olhos.'¹³²

Símbolos para diferentes buscadores

Se um símbolo se mostra inadequado, há sempre outros que podem ser substituídos à medida que progredimos. O buscador espiritual move-se de um estágio inferior para um superior, com uma consciência cada vez maior, até que a alma finalmente alcance a unidade com a Superalma.

Assim como existem símbolos pessoais, existem também os impessoais. O fogo tem sido tal símbolo desde tempos muito antigos. A alma é concebida como uma centelha de um fogo infinito e sempre ardente.

¹³² The Life of Swami Vivekananda. P. 211.

Às vezes Deus é concebido como um círculo, e as almas como pequenos pontos de consciência dentro da circunferência do círculo que abraça o universo inteiro. O oceano é outro grande símbolo. A alma individual é pensada como um rio que se move em direção ao oceano e se funde em sua foz no vasto e profundo oceano. O devoto pode também pensar em si mesmo como uma mera bolha flutuando no oceano, sustentada por ele e, finalmente, retornando a ele. A alma pode também ser pensada como um peixe nadando no oceano infinito.

Ou, a personalidade humana é concebida como um pote de barro imerso no oceano, água dentro, água fora. Quando o devoto consegue quebrar o pote, a água dentro e a água fora se fundem numa só.

Melhor do que o símbolo da água é a ideia do espaço infinito no qual um pássaro voa. A personalidade humana pode também ser considerada como uma respiração do Infinito, ou um raio da luz infinita. Ou pode ser considerada como um vaso preenchido com o espírito.

O próprio som é um símbolo. Com a ajuda do som, tentamos expressar o que está além de todo som. Qualquer ideia pode ser um símbolo com o qual tentamos expressar algo além do pensamento. À medida que recorremos à ajuda de símbolos externos, enquanto oramos e repetimos o nome divino, passamos a ter uma experiência intuitiva da relação entre a alma eterna e o Deus eterno. Esta é a realização que culmina em um senso de unidade com Deus, a experiência que transcende o pensamento, o nome e a forma.

Luz – O melhor símbolo

O melhor símbolo, talvez, seja a Luz, a Luz que brilha em toda parte. Um sábio iluminado, retornando do plano supraconsciente, exclamou:

“Lá o sol não pode iluminar, nem a lua, nem as estrelas; o clarão do relâmpago não pode iluminar aquilo. Que dizer deste fogo mortal! Brilhando Aquele, tudo o mais brilha.”¹³³

Há místicos que realizam o Espírito Supremo na forma de luz. Sri Ramakrishna falou de uma de suas grandes experiências a Swami Brahmananda:

¹³³ Mundaka Upanishad. II: 2: 10.

‘Certa vez, enquanto meditava no templo, tela após tela de *Māyā* foi removida de minha consciência. A Mãe me mostrou uma Luz mais brilhante do que um milhão de sóis. Dessa Luz emergiu uma forma espiritual. Então esta forma se dissolveu na própria Luz. O sem forma tinha assumido forma e então se dissolveu novamente no sem forma.’¹³⁴

Swami Brahmananda instruiu seus discípulos assim:

‘Na meditação, você deve pensar que seu Ideal Escolhido é luminoso e que Sua luz está iluminando tudo. Pense n’Ele como vivo e consciente. Ao continuar meditando assim sobre a forma do Ideal Escolhido, a forma gradualmente se dissolverá no sem forma, no Infinito. Então virá um vívido senso da Divina Presença Viva.’¹³⁵

O *Bhagavad Gita* nos diz: ‘A Luz de todas as luzes brilha nos corações de todos os seres.’¹³⁶

Como essa luz brilha dentro de nós? Assim como temos nossos pequenos corpos, há também o corpo cósmico. Similarmente, como a mente individual, há a mente cósmica. A mesma Luz brilha tanto no cósmico quanto no individual. Com o olho da intuição, o buscador espiritual percebe esta verdade. Como Sri Ramakrishna ilustrou claramente: ‘O corpo é como um prato, contendo a água da mente, inteligência e ego. Brahman é como o sol. Ele é refletido na água. Portanto, o devoto vê a forma divina.’

A luz refletida na mente individual é a alma. A luz refletida na mente cósmica é o Espírito Universal. As ondas que se levantam na mente individual refletem a luz; assim também as ondas que se levantam na mente cósmica. Tudo o que se levanta na mente individual é iluminado pelo Espírito. Tudo o que se levanta na mente cósmica é também iluminado pelo mesmo Espírito. Formas divinas são vistas dentro da pequena mente. Formas divinas são também vistas fora, dentro da mente cósmica. Além de ambos, o individual e o cósmico, está a Única Luz do Espírito Infinito, além do nome e da forma. Todas as formas, seja no mundo exterior ou interior, são iluminadas pela mesma Luz Divina.

As mais elevadas experiências espirituais

¹³⁴ The Eternal Companion. P. 125.

¹³⁵ Ibid. P. 140.

¹³⁶ XIII: 17.

Todas essas formas refletem a Luz Divina, e não há mais qualquer divisão entre o mundo interior e o exterior. Pode ainda haver uma partição sombreada, mas tudo o que o devoto iluminado sente, vê ou pensa é iluminado pela luz divina do Infinito. Esta é a mais elevada experiência espiritual. A boneca de sal, na parábola de Sri Ramakrishna, é mergulhada no oceano.

A Consciência Infinita está além de todo nome, além de toda forma e além de toda personalidade. Esta é a Realidade Última; mas para compreendê-la, devemos usar algum símbolo. Somos como crianças que precisam de apoio. Formas e imagens são tais apoios. Que os tenhamos por todos os meios, mas tentemos também superar nossa infância espiritual e, finalmente, atingir o objetivo mais elevado da vida, a realização de *Sat-Chit-Ananda*, a Existência-Consciência-Bem-aventurança Eterna.



CAPÍTULO XII

AS ESCADAS SECRETAS PARA A SUPRACONSCIÊNCIA

Swami Vivekananda, ele próprio uma pessoa bem estabelecida no estado da supraconsciência, disse as seguintes palavras iluminadoras sobre o assunto:

“De acordo com os *Yogis*, existem duas correntes nervosas na coluna vertebral, chamadas *Pingala* e *Ida*, e um canal oco chamado *Sushumna* que percorre a medula espinhal. Na extremidade inferior do canal oco está o que os *Yogis* chamam de ‘*Lótus da Kundalini*’; eles o descrevem como de forma triangular, no qual, na linguagem simbólica dos *Yogis*, há um poder enrolado chamado *Kundalini*. Quando essa *Kundalini* desperta, ela tenta forçar passagem através deste canal oco, e à medida que sobe passo a passo, por assim dizer, camada após camada da mente se abre e todas as diferentes visões e poderes maravilhosos vêm ao *Yogi*. Quando atinge o cérebro, o *yogi* se torna perfeitamente desapegado do corpo e da mente; a alma se vê livre.

“O *yogi* concebe vários centros, começando com o *Muladhara*, o básico, e terminando com o *Sahasrara*, o lótus de mil pétalas no cérebro.

“A *Sushumna* em pessoas comuns está fechada na extremidade inferior; nenhuma ação passa por ela. O *Yogi* propõe uma prática pela qual ela pode ser aberta e as correntes nervosas podem percorrê-la. Quando uma sensação é levada a um centro, o centro reage. Esta reação, no caso de centros automáticos, é seguida por movimento; no caso de centros conscientes, é seguida primeiro pela percepção e, em segundo lugar, pelo movimento. Toda percepção é a reação à ação de fora. Como, então, surgem as percepções nos sonhos? Não há então ação externa. Os movimentos sensoriais, portanto, estão enrolados em algum lugar.

“Agora, o centro onde todas essas... sensações estão, por assim dizer, armazenadas, é chamado de *Muladhara*, o receptáculo raiz, e a energia enrolada da ação é *Kundalini*, ‘a enrolada’.

“Se esta energia enrolada for despertada e se tornar ativa, e então conscientemente for forçada a subir pelo canal *Sushumna*, à medida que atua sobre centro após centro, uma reação tremenda se instalará. Quando uma porção ínfima de energia viaja ao longo de uma fibra nervosa e causa reação dos centros, a percepção é de sonho ou imaginação. Mas quando, pelo poder da longa meditação interna, a vasta massa de energia armazenada viaja ao longo da *Sushumna* e atinge os centros, a reação é tremenda, imensamente superior à reação do sonho ou da imaginação, imensamente mais intensa do que a reação da percepção sensorial. É percepção suprassensorial. E quando atinge a metrópole de todas as sensações, o cérebro, todo o cérebro, por assim dizer, reage, e o resultado é a plena explosão de iluminação, a percepção do ser.

“À medida que esta força *Kundalini* viaja de centro para centro, camada após camada da mente, por assim dizer, se abre, e este universo é percebido pelo *Yogi* em sua forma sutil ou causal. Somente então as causas deste universo, tanto como sensação quanto como reação, são conhecidas como são, e daí vem todo o conhecimento. Conhecidas as causas, o conhecimento dos efeitos certamente se seguirá.

“Assim, o despertar da *Kundalini* é o único caminho para alcançar a sabedoria divina, a percepção supraconsciente, a realização do Espírito. O despertar pode vir de várias maneiras, através do amor por Deus, através da misericórdia de sábios aperfeiçoados, ou através do poder da vontade analítica do filósofo.”¹³⁷

O que queremos dizer com percepção supraconsciente ou supraconsciência? É um assunto mistificador, mas nos tornaremos mais claros em nossa concepção à medida que prosseguirmos. Por

¹³⁷ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. P. 160 e segs.

supraconsciência entendemos uma consciência bastante diferente da de nosso estado de vigília, estado de sonho ou estado de sono profundo.

As experiências de Sri Ramakrishna

Uma experiência de Sri Ramakrishna demonstra adequadamente isso. Em anos posteriores, ele narrou este incidente de sua infância:

“Um dia, em junho ou julho, quando eu tinha seis ou sete anos, caminhava por uma estreita vereda que separava os arrozais, comendo um pouco de arroz inflado que carregava numa cesta. Olhando para o céu, vi uma bela nuvem de tempestade, carregada e sombria. À medida que se espalhava rapidamente, envolvendo todo o céu, um bando de garças brancas voou sobre minha cabeça, em frente a ela. Isso apresentou um contraste tão belo que minha mente vagou para regiões distantes. Perdido para os sentidos externos, caí. Algumas pessoas me encontraram naquele estado e me carregaram para casa em seus braços.”¹³⁸

Esta foi a primeira vez que o Mestre perdeu a consciência e atingiu a supraconsciência em êxtase, dominado por uma emoção inexprimível e alegria indescritível.

Mais tarde, ele realizou a Divina Mãe do universo como um oceano ilimitado e resplandecente de consciência e, nas profundezas de seu ser, estava consciente da presença da Divina Mãe e também a via manifesta em toda parte — em todos os seres, em todas as coisas. Esta experiência é o próprio ápice da supraconsciência. Todos os místicos — hindus, cristãos, sufis e outros — falam dela. ‘Às vezes’, o Mestre costumava dizer, ‘descubro que o universo está saturado da consciência de Deus, como a terra está encharcada de água na estação das chuvas.’¹³⁹

Visões sobre a experiência supraconsciente — a Oriental e a Ocidental.

Os mestres do Vedanta reconhecem diferentes estágios de experiência supraconsciente: ‘Quando me identifico com o corpo, olho para Ti, ó Senhor, como meu Mestre e para mim mesmo como Teu servo. Quando penso em mim mesmo como a alma individualizada, considero-Te como o Todo Infinito e a mim mesmo como uma parte. Quando olho para mim mesmo como o Espírito transcendendo todas as minhas

¹³⁸ The Life of Sri Ramakrishna. P. 20.

¹³⁹ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 200.

limitações, minha individualidade se perde em Ti, e percebo que sou meramente Ti mesmo'. Estes são os três andares, por assim dizer, da supraconsciência. São João da Cruz, um dos maiores dos místicos cristãos, declarou que no último degrau da escada mística, o amor divino capacita a alma a ser inteiramente assimilada em Deus. Esta é uma experiência que apenas algumas almas excepcionais podem obter, mas mesmo aquelas que a realizaram não podem descrever o estado de 'assimilação absoluta com a Essência Divina'.

Os sábios hindus a compararam à experiência de um homem mudo, que pode provar um doce, mas é incapaz de descrevê-lo. Para ilustrar este estado mais elevado, que está além de todo pensamento e fala, Sri Ramakrishna fala de uma boneca de sal. Ela se move em direção ao oceano em seu desejo de medir a profundidade do oceano, mas no momento em que toca a água, perde toda a forma e se perde nele.

Há buscadores espirituais que, cansados de sua individualidade, de sua personalidade separada, anseiam por se perder na supraconsciência. Mas a maioria de nós quer 'não se tornar açúcar, mas provar o açúcar'. Queremos saborear a bem-aventurança da consciência divina. Nós, aspirantes espirituais, que estamos identificados com nosso próprio ego, mente e corpo, desejamos nos libertar do cativeiro, sentir-nos como partes ou modos da Superalma, o Espírito Supremo, a Alma de nossas almas. Como podemos alcançar esta união?

Num poema maravilhoso, São João da Cruz dá algumas pistas aos buscadores espirituais sobre como esta união é realizada. Ele descreve em linguagem mística a jornada da alma a Deus, o amado:

"Para a escuridão, e ainda seguro
Por escada secreta e disfarçado,
Ó venturosa sorte!
Na escuridão, e em segredo me arrastei,
Estando minha casa envolta em sono.
Para a noite feliz
Em segredo, vista por ninguém,
Nem vi eu nada,
Sem outra luz ou guia externo,
Salvo a que em meu coração ardia.
Este fogo foi o que me guiou
Mais certo que o sol do meio-dia,
Onde Ele esperava,
Aquele que eu sabia impresso em meu coração,

Em lugar onde ninguém aparecia.
Ó Noite que me guiaste, noite guia,
Ó Noite muito mais doce que a Alvorada:
Ó Noite, que então uniste
O Amado com sua Amada,
Transformando o Amante no Bem-amado.”

Plotino, que é chamado o pai do misticismo cristão, fala do movimento da alma em direção à Divindade como ‘o voo do só para o Só’. A alma deixa seu lar, o corpo, toda só, por uma escada secreta para a morada do Amado sempre à espera de estar em união com a ‘porção eterna de Si mesmo’. Isto, claramente, é um plano de existência além de toda consciência humana comum.

‘Chakras’ no ‘Sushumna’ – as escadas secretas

O objetivo de todo esforço espiritual é a realização da experiência supraconsciente ou *Samādhi*, como os hindus a chamam. As Escadas Secretas são chamadas de *Chakras* no *Sushumna*. No Evangelho de Sri Ramakrishna, encontramos o mestre místico de nossa era nos dando uma descrição pitoresca do que acontecia dentro de si mesmo. O Mestre descreve o movimento da corrente espiritual ou *Kundalini* ao longo dos *Chakras* ou centros de consciência. Falando a seus discípulos, ele disse:

“Alguns dizem que minha alma, entrando em *samādhi*, voa como um pássaro no *mahakasa*, o Espaço Infinito. Certa vez, um *Sadhu* veio aqui (Dakshineswar) e me disse: ‘Há cinco tipos de *samādhi*. Descubro que você experimentou todos eles. Nestes *Samādhis*, sente-se a sensação da Corrente Espiritual como sendo o movimento de uma formiga, um peixe, um macaco, um pássaro ou uma serpente’. (Os místicos usam uma linguagem estranha.) Às vezes, a Corrente Espiritual sobe através da espinha, rastejando como uma formiga. Às vezes, em *Samādhi*, a alma nada alegremente no oceano do êxtase divino, como um peixe. Às vezes, quando me deito de lado, sinto a Corrente Espiritual empurrando-me como um macaco e brincando comigo alegremente. Essa corrente, como um macaco, de repente, com um salto, alcança o *Sahasrara* (o centro mais elevado da consciência). Às vezes, novamente, a Corrente Espiritual sobe como um pássaro pulando de um galho para outro (até o voo final) ... Às vezes, a Corrente Espiritual sobe como uma cobra. Indo de forma zigzagueante,

por fim atinge a cabeça e eu entro em *Samādhi*. A consciência espiritual de um homem não é despertada a menos que sua *Kundalini* seja despertada.”¹⁴⁰

Despertando a consciência espiritual

A *Kundalini* habita no *Muladhara*, na base da espinha. Ela passa ao longo do *Sushumna*, o canal espiritual, até que finalmente induz o *samādhi*, o estado supraconsciente. Este estado nunca é alcançado meramente pela leitura de livros. Deve-se orar a Deus, com grande inquietação e anseio por libertação, pois é dessa inquietação por Deus que a *Kundalini* é inicialmente despertada. *Esta inquietação, a verdadeira fome da alma, este anseio – não explosões emocionais artificialmente estimuladas – deve ser intensificado através da purificação moral sistemática, oração, meditação e outros exercícios espirituais.* Descrevendo sua experiência, Sri Ramakrishna diz:

‘Pouco antes de atingir este estado de mente (*Samādhi*), foi-me revelado como a *Kundalini* é despertada, como os lótus dos diferentes centros desabrocham e como tudo isso culmina em *Samādhi*.’¹⁴¹

Estes centros são como botões de lótus pendurados para baixo. À medida que a corrente espiritual sobe, cada lótus se ergue e abre suas pétalas. Quando o lótus de mil pétalas se abre na cabeça, o objetivo é alcançado. ‘Desde então (após o desabrochar do lótus de mil pétalas)’, disse Sri Ramakrishna, ‘tenho estado neste estado.’¹⁴²

A meditação, sem orientação adequada, no *Muladhara*, o centro básico onde habita a *Kundalini*, pode estimular desejos e paixões animais, levando ao desastre. Para a maioria das pessoas, o caminho mais seguro é abrir os centros superiores movendo-se primeiro ao longo dos canais laterais, chamados em sânscrito de ‘*Ida*’ e ‘*Pingala*’. Estes estão conectados com a vida física e psíquica do homem. Quando a obstrução no canal superior é parcialmente removida através das práticas espirituais necessárias, é mais fácil para a *Kundalini* subir cada vez mais.

Os *Yogis* nos dizem que o cativo da alma se deve ao seu controle pelos centros inferiores. A liberdade espiritual é alcançada tornando os centros superiores ativos e permitindo-lhes controlar os inferiores.

¹⁴⁰ The Gospel of Sri Ramakrishna. Pp. 813 e 814

¹⁴¹ Ibid.

¹⁴² Ibid.

Após a realização do mais elevado estado de supraconsciência, almas comuns não podem mais reter seus corpos físicos. Mas as maiores almas iluminadas, como as Encarnações Divinas e seus companheiros, podem descer de seu estado supraconsciente, pois gostam de viver na companhia dos devotos e desfrutar do amor de Deus. Deus retém neles o ego do conhecimento e o ego da devoção, para que possam ensinar o mundo.

Microcosmo e Macrocosmo construídos no mesmo plano

Em seus ensinamentos, encontramos a descrição das escadas secretas para a supraconsciência que está oculta em cada um. O poder da introspecção revelou aos sábios não apenas o microcosmo, mas também o macrocosmo. 'Aquilo que não está no microcosmo não existe no macrocosmo.' Durante os dias de suas peregrinações, após o falecimento do Mestre (Sri Ramakrishna), Swami Vivekananda teve uma experiência notável que escreveu no caderno que sempre carregava.

'O microcosmo e o macrocosmo são construídos no mesmo plano. Assim como a alma individual está encerrada no corpo vivo, assim também a Alma Universal está na *Prakriti* (Natureza) viva — o universo objetivo.'¹⁴³ Esta é uma verdade antiga e é bom tê-la em mente ao estudar os ensinamentos dos grandes mestres.

O microcosmo, a personalidade humana, consiste em três corpos: (1) o corpo causal, que, durante o período de ignorância, limita a consciência e lhe dá a cobertura do ego; (2) o corpo mental ou emocional; e (3) o corpo grosseiro. Aqueles que possuem um sentido sutil descobrem que nosso corpo físico está colocado em um corpo sutil e que este, por sua vez, está encerrado no corpo causal. Este é um microcosmo completo que é uma parte do macrocosmo.

Mente e corpo — inter-relacionados

As emoções desempenham um papel tremendo na vida física. O corpo nunca pode ser suficientemente saudável para práticas espirituais a menos que as emoções, intelecto e vontade sejam harmonizados tanto quanto possível. Por trás de ambos, o individual e o universal, está o mesmo Espírito, o único espírito infinito manifestando-se tanto no

¹⁴³ The Life of Swami Vivekananda. P. 198.

individual quanto no cósmico. Nosso pequeno corpo é uma parte do infinito Corpo cósmico; nossa pequena mente é uma parte da Mente cósmica; nosso pequeno ego é uma parte do Ego Cósmico. É suficiente para nós se pudermos experimentar a relação entre a Alma e a Superalma. Esta é a religião real. Cada um de nós habita a cada momento na vida eterna, mas sem o saber. Através da prática moral, oração e autoentrega, o buscador espiritual desenvolve um novo senso de introspecção, um poder que lhe revela a existência das Escadas Secretas. Ao elevar-se acima das limitações do corpo grosseiro, do corpo sutil e do corpo causal, o aspirante experimenta o macrocosmo do Deus Eterno, e a alma finalmente entra em contato com a Superalma.

Pensamentos, emoções e atividades afetam o órgão sexual, o estômago, os olhos e a força de vontade. Schopenhauer diz: Quando o sexo se torna o foco da vontade, um novo mundo se abre para o jovem. Em outros momentos, o estômago se torna o foco da vontade e, em outros, o coração. Há uma conexão inseparável entre os estados de espírito, órgãos corporais e os centros de consciência. Os pensamentos estimulam os centros nervosos. Os *Yogis* nos falam dos vários *Chakras*, que, nas palavras de Arthur Avalon em seu *Serpent Power*, são: 'centros sutis que controlam e vitalizam as regiões corporais grosseiras indicadas pelas várias regiões da coluna vertebral, gânglios, plexos, nervos, artérias e os órgãos situados nessas respectivas regiões.'¹⁴⁴

Estados de espírito humanos e centros de consciência

O centro mais baixo está na base da coluna vertebral, próximo ao órgão de evacuação. O próximo está localizado na região correspondente ao órgão sexual. O terceiro está na região do umbigo, o quarto na região do coração, o quinto corresponde à garganta e, finalmente, o sexto está entre as sobrancelhas. Cada um destes centros, ou *Chakras*, é um ponto de contato entre o microcosmo e o macrocosmo — o individual e o universal. Quando uma pessoa habita um centro particular, ela se torna consciente não apenas de si mesma, mas também de outras coisas pertencentes àquele plano correspondente. Quando a mente está imersa na mundanidade, ela habita nos planos inferiores, resultando em sensualidade. Os centros superiores estão conectados com a vida espiritual do homem. Quando um homem é espiritualmente despertado, sua consciência sobe primeiro ao

¹⁴⁴ P. 178.

coração. Então ele vê uma nova luz espiritual. 'Em mudo espanto, ele vê um resplendor e exclama: O que é isto? O que é isto?' Todos os místicos — hindus, cristãos, sufis e outros — falam desta luz interior.

Como já observado, os *Yogis* falam dos três *Nadis* ou nervos na espinha. O central é o canal para a energia espiritual. Este é conhecido como *Sushumna*. O da esquerda é *Ida* e o da direita é *Pingala*. Todos os três têm sua confluência na base da espinha.

No homem comum, a energia que se acumula na confluência dos três canais flui apenas através dos dois laterais e se expressa como pensamentos, sentimentos e atividades mundanas comuns. Mas no *Yogi*, a corrente se move ao longo do canal central. *Ida* e *Pingala* são como escadas, enquanto *Sushumna* é como um elevador. *Kundalini* é a consciência em seu aspecto criativo como Poder. É a energia espiritual latente no homem. No homem mundano, ela permanece como uma serpente enrolada. A tarefa na vida espiritual é fazer com que esta energia espiritual flua através de *Sushumna* — o canal espiritual central. Com o movimento ascendente do poder serpentino, o buscador espiritual, ou melhor, a Alma, eleva-se a planos de consciência cada vez mais elevados.

A Pureza é essencial

Mas o canal espiritual, embora latente em todos, não pode ser descoberto sem um certo grau de pureza. A impureza é um grande obstáculo. O abuso de qualquer um dos órgãos corporais — sexo, estômago, coração, cérebro e outros — cria obstrução e impede o movimento ascendente da corrente espiritual. Se toda a energia flui pelos caminhos laterais, nada resta para nos levar para cima. É necessário fechar os portões dos canais inferiores com a ajuda de uma vida moral e espiritual bem regulada. Então os centros superiores se abrem, permitindo-nos alcançar planos de consciência cada vez mais elevados até que haja uma nova visão, uma nova paz e um novo sentido de existência.

Certa vez, visitei um conhecido indologista na Alemanha que dava palestras sobre o *Kundalini Yoga* e encontrei sua esposa pintando os *Chakras* a partir do *Serpent Power* de Arthur Avalon. Perguntei a outro indologista: 'Você não acha perigoso brincar com a serpente?' Ele riu e respondeu: 'Swami, nenhuma dessas pessoas que ouvem as palestras as leva muito a sério.' No entanto, conheço algumas almas sinceras, mas equivocadas, que ignorantemente mexeram com o poder serpentino e sofreram as consequências.

Nossos mestres nos dizem: Se você souber usar esse poder serpentino corretamente, ele o levará a planos de consciência cada vez mais elevados, mas se não o despertar da maneira certa, ele pode vomitar veneno.

No curso da evolução espiritual, todo o conteúdo do subconsciente pode vir à tona. Um aspirante deve ter grande força moral e espiritual para suportar isso. O despertar parcial é perigoso.

Japa – o meio infalível

Um discípulo perguntou certa vez a Swami Brahmananda: ‘Senhor, como a *Kundalini* pode ser despertada?’ O Swami respondeu: ‘De acordo com alguns, existem exercícios especiais, mas acredito que isso pode ser feito melhor através da repetição do Nome Divino e da meditação. Especialmente adequada à nossa era atual é a prática do *Japa* ou repetição constante do Nome Divino e meditação sobre ele. Não há prática espiritual mais fácil do que esta. Mas a meditação deve acompanhar a repetição do *Mantra* (ou a palavra mística)’.¹⁴⁵

O corpo é como um instrumento de cordas. Cada órgão, cada centro nervoso, tem uma música própria. Quando nos tornamos conscientes de nosso coração, descobrimos que há um tipo de música que pertence ao coração. Os *Yogis* hindus dão a analogia do encantador de serpentes que controla a cobra com música. Tocando várias melodias, ele pode fazê-la erguer-se sobre a cauda. Isso tem um significado místico. Ao criar uma música espiritual, o poder latente da *Kundalini* pode ser despertado. Quanto mais sutil a música e mais espiritual o músico, mais alto o poder sutil se elevará, até atingir o mais elevado e se unir ao Espírito Supremo – a Alma de todas as almas.

A união da alma com a Superalma

Há uma analogia muito adequada nos *Upanishads*. O corpo é comparado a uma árvore, na qual duas aves estão pousadas, uma no topo e a outra na base. A ave inferior, esquecida de sua natureza superior, está ocupada provando os frutos da árvore para satisfazer sua fome. Os frutos doces a tornam feliz. Os amargos e azedos a tornam infeliz. Ela salta para cima, galho por galho, aproxima-se da ave superior – o espectador não

¹⁴⁵ The Eternal Companion. P. 149.

afetado pelo prazer e pela dor — e torna-se unida a ela. Da mesma forma, o buscador espiritual sente-se separado até que se eleva e encontra sua alma unida à Superalma.

Em todo caminho espiritual, o primeiro passo é a purificação. Trabalho e adoração devem tornar-se um, combinados numa maneira harmoniosa de vida. Com a ajuda da devoção sincera e da meditação, a alma se liberta do cativeiro da mente e, à medida que se move constantemente dos planos inferiores para os superiores da consciência, as limitações se dissolvem e a alma finalmente encontra o Amado, a Superalma, no plano da supraconsciência. A alma atinge sua união com *Sat-Chit-Ananda* ou Existência-Consciência-Bem-aventurança Eterna — a meta de toda vida espiritual.



CAPÍTULO XIII

COMO DES-HIPNOTIZAR-NOS

A Des-hipnotização

No ano de 1896, quando Swami Vivekananda falava sobre ‘A Filosofia Vedanta’ na Sociedade Filosófica de Pós-Graduados da Universidade de Harvard, um dos ouvintes perguntou: ‘Swami, gostaria de perguntar se você conhece pessoas que estudaram os princípios da auto-hipnose, que sem dúvida foram amplamente praticados na Índia antiga.’ Existem várias formas de meditação que os buscadores espirituais praticam e, como resultado, eles passam a ter um novo despertar e experiência do Espírito Interior. Certas classes de pessoas, às quais o questionador pertence, chamam este processo de auto-hipnose. O Swami respondeu:

“O que vocês chamam de hipnose no Ocidente é apenas uma parte da coisa real... Os hindus dizem que vocês já estão hipnotizados e que vocês devem sair disso e des-hipnotizar-se.”¹⁴⁶

O que acontece quando alguém se des-hipnotiza real e verdadeiramente? Se passa a ter a experiência do Espírito que é tanto imanente quanto transcendente. O Swami citou aqui um verso dos *Upanishads*:

“Lá o sol não pode iluminar, nem a lua, nem as estrelas; o clarão do relâmpago não pode iluminar aquilo, que dizer deste fogo mortal! Brilhando Aquele, tudo o mais brilha.”¹⁴⁷

Pela luz do Espírito, tudo o mais brilha. O Swami observou: ‘Isso não é hipnotização, mas des-hipnotização.’

Os mestres espirituais hindus nos dizem que a ignorância, ao criar o falso ego e nos fazer identificar-nos com ele, hipnotizou-nos a todos. Assim, o objetivo da vida espiritual é livrar-se da ignorância, des-hipnotizar-nos e realizar nosso verdadeiro Ser — o Espírito.

Este ideal, o Swami elabora em seu *Raja Yoga*:

“Através da ignorância, juntamo-nos a um corpo particular e, assim, nos abrimos para a miséria. Esta ideia do corpo é uma simples superstição. É a superstição que nos faz felizes ou infelizes. É superstição causada pela ignorância que nos faz sentir calor e frio, dor e prazer. É nosso dever elevar-nos acima desta superstição, e o *Yogi* nos mostra como podemos fazer isso. Está demonstrado que, sob certas condições mentais, um homem pode ser queimado e ainda assim não sentir dor. A dificuldade é que esta súbita elevação da mente vem como um turbilhão num minuto e vai embora no próximo. Se, no entanto, a obtivermos através do Yoga, alcançaremos permanentemente a separação do ‘Ser do corpo’.”

“De acordo com a Filosofia do Yoga, é através da ignorância que a alma foi unida à natureza. O objetivo é livrar-nos do controle da natureza sobre nós. Esse é a meta de todas as religiões. Cada alma é potencialmente divina. A meta é manifestar esta Divindade interior, controlando a natureza, externa e interna. Faça isso através do trabalho, ou adoração, ou controle psíquico, ou filosofia, por um ou mais ou todos estes — e seja livre. Esta é a totalidade da religião.

¹⁴⁶ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. V. P. 227.

¹⁴⁷ Mundaka Upanishad. II: 2: 10.

Doutrinas, ou dogmas, ou rituais, ou livros, ou templos, ou formas são meros detalhes secundários!”¹⁴⁸

Aqui o Swami cita Patanjali, o antigo mestre de Yoga:

‘O meio de destruição da ignorância é a prática ininterrupta da discriminação’ e comenta sobre isso: ‘Este é o verdadeiro objetivo da prática — discriminação entre o real e o irreal, sabendo que o *Purusha* não é a natureza, que não é nem matéria nem mente, e que, porque não é natureza, não pode possivelmente mudar. É apenas a natureza que muda, combinando-se e recombina-se, dissolvendo-se continuamente. Quando, através da prática constante, começamos a discriminar, a ignorância desaparecerá, e o *Purusha* começará a brilhar em sua natureza real, onisciente, onipotente, onipresente.’¹⁴⁹

Este é o processo de des-hipnotização espiritual que traz a experiência direta do Espírito Puro, Autoluminoso — o Princípio Divino em nós, que é a Alma das almas.

Meios para a des-hipnotização

Estamos realmente todos hipnotizados? Estamos todos sob algum tipo de feitiço hipnótico? A resposta, se acreditarmos em nossos homens iluminados, deve ser afirmativa. Estamos todos, na verdade, sob alguma forma de hipnose, mas não o sabemos. Os homens de conhecimento nos dizem que somos como o ébrio. Somos como o sujeito hipnotizado. Somos até como o insano.

Sempre que algum estimulante era oferecido ao grande poeta irlandês George Russel — mais conhecido como ‘A.E.’ — ele o recusava graciosamente, dizendo: ‘Não, obrigado. Veja, já estou intoxicado.’ Estando já intoxicado, ele não podia dar-se ao luxo de beber. Podemos nós realmente dar-nos ao luxo de o fazer?

Quem está hipnotizado e quem está des-hipnotizado?

Se nossos Krishnas, nossos Buddhas, nossos Cristos e nossos Ramakrishnas, que viram o único Espírito brilhando em todos e praticaram intensas disciplinas espirituais, estão des-hipnotizados, então nós, pessoas

¹⁴⁸ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. Pp. 256-257.

¹⁴⁹ Ibid. P. 258.

comuns, que vemos apenas a multiplicidade, e até detestamos uma vida de autocontrole, estamos certamente hipnotizados.

Há a anedota de um pai pregando um sermão ao seu filho. O pai estava sentado num bar de cerveja na Alemanha, bebendo bastante. Seu filho veio buscá-lo para levar para casa. O pai estava num humor muito jovial e começou a dar algumas instruções ao filho: 'Olhe aqui, meu rapaz, um cavalheiro nunca fica bêbado.' E o menino, surpreso, disse: 'Papai, como sei se alguém está bêbado ou não?' Apontando para o lado oposto da sala, o pai disse: 'Não vê aquelas duas pessoas sentadas ali? Quando você começar a ver quatro delas, saberá que está bêbado.' O menino esfregou os olhos e, pensando que não estava vendo a coisa certa, disse: 'Papai, mas eu vejo apenas uma.' O homem já estava bêbado e, em vez de ver apenas um, estava vendo dois!

Quanto mais bêbados nós, que vemos muitos e não apenas dois, devemos estar? É deveras um pensamento para reflexão.

A questão surge naturalmente: Que garantia há de que Cristo, Buddha, Ramakrishna e outras almas iluminadas estão certos e nós errados? Por que as experiências de poucos devem ser tidas como verdadeiras e as percepções da vasta maioria de inúmeros milhões consideradas falsas? Isso não é contra as regras da democracia?

Que o Senhor nos livre deste tipo de democracia! A verdade mais elevada não deve ser julgada pela opinião de ninguém, nem da maioria, nem da minoria. Deve ser julgada por seu próprio mérito.

De acordo com nossos mestres espirituais, só é realmente verdadeiro aquilo que persiste em todas as circunstâncias, que liberta a alma do cativeiro e da limitação, que desperta a consciência espiritual e traz imortalidade e bem-aventurança ao buscador da verdade.

Diferentes graus de Realidade

Os mestres espirituais hindus reconhecem vários graus de realidade. 'Algo pode ser absolutamente irreal e, no entanto, com a ajuda de nossa fantasia mórbida, podemos tomá-lo como real. Quando tomamos algo fantasioso como real, isso reage sobre nós como se fosse real, mas um dia seremos desiludidos. Pode não haver o menor fundamento para entreter uma imaginação, mas ainda assim, com nossas mentes perversas, às vezes o fazemos e sofremos.

Outro tipo de realidade é ilustrado pelo exemplo clássico de confundir a corda com uma cobra na escuridão. Ou, a madrepérola vista

na escuridão pode ser tomada por prata. Podemos ver a miragem diante de nós e, estando sedentos, podemos correr atrás dela para saciar nossa sede. A miragem não molha nem um grão de areia, então como pode saciar nossa sede? É uma ilusão, mas tomamos a ilusão como real. Muitos de nós estamos fazendo uma coisa semelhante em nossas vidas quando deveríamos saber mais.

A miragem parece irreal após um exame mais aprofundado. Mas o lugar onde ela apareceu continua a existir. Isso é chamado de ‘realidade empírica’ — a realidade com a qual normalmente temos que lidar. A realidade de nosso corpo é deste tipo. Suponha que de repente sejamos lançados num estado de espírito espiritual — como alguns de nós às vezes estamos — e sintamos a presença do Espírito interior, comparado ao qual este corpo parece ser uma sombra, uma prisão ou, na melhor das hipóteses, um templo — a morada de Deus. Mas a velha realidade do corpo desapareceu. Sentimos que somos o Espírito. E quando tal consciência vem, os valores das coisas mudam. Passamos a ter uma nova atitude em relação a nós mesmos e em relação aos outros. Quando alguém, como Swami Vivekananda disse, obtém esta experiência como resultado de práticas e disciplinas espirituais regulares, como resultado da prática da pureza, essa experiência vem para ficar e terá um tremendo efeito transformador sobre o experimentador.

O que é real e o que é irreal?

O irreal não é algo absolutamente inexistente. Não, tem uma existência relativa. Ao tomar o irreal como real, tornamo-lo relativamente real e criamos todo tipo de problemas para nós mesmos, talvez até uma desilusão amorosa. É bom ter uma desilusão amorosa se isso nos traz um novo despertar.

Este é certamente o caminho difícil de aprender a Verdade. Mas a Verdade tem um tremendo efeito transformador e curativo. Mesmo que parta nosso coração, ela constrói um novo coração, um coração espiritualizado. Com que frequência tomamos o irreal como real, e então sofremos e tentamos encontrar remédios imaginários para problemas imaginários — problemas que se tornaram reais para nós.

Um cavaleiro ébrio movia-se suavemente pela rua carregando na mão uma caixa vazia com perfurações na tampa e nas laterais. Parecia que ele estava carregando algum animal vivo dentro dela. Um conhecido parou-o e perguntou: ‘O que tem na caixa?’ ‘É um mangusto’, respondeu o

embriagado. 'Para que diabo?' 'Bem, você sabe como é comigo, não estou muito bêbado agora, mas logo estarei, e quando estiver, vejo cobras e tenho medo delas. É para isso que tenho o mangusto, para me proteger.' 'Mas, céus, essas são cobras imaginárias!' 'Tudo bem', disse o bêbado de forma tranquilizadora, 'este também é um mangusto imaginário!'

Da mesma forma, todos nós precisamos de uma imaginação para neutralizar outra. Quando tomamos algo imaginário como real, precisamos de outra imaginação para neutralizar o efeito da anterior. A dificuldade conosco é que nos recusamos a tirar proveito de nossas experiências e persistimos em construir paraísos de tolos, mesmo quando eles desabam um após o outro e nos fazem sofrer infinitos problemas. A verdadeira razão para tudo isso é nossa recusa em sermos des-hipnotizados. Preferimos estar sob o feitiço de algum tipo de hipnose.

Estados de consciência

Os mestres do Vedanta e os psicólogos hindus falam dos quatro estados de consciência:

1. O estado de sonhos, no qual parecemos ser transportados para mundos fantásticos, onde até o que é considerado impossível parece ser real.

2. O chamado estado de vigília, no qual frequentemente vemos as coisas erradamente e baseamos nossas especulações em suposições falsas. É neste estado que vemos o sol movendo-se ao redor da terra, tomamos a corda caída na escuridão por uma cobra e sentimos medo, tomamos a miragem como real e tentamos saciar nossa sede com sua água.

3. O estado de sono profundo, no qual nossas percepções sensoriais são suspensas, a mente torna-se vazia e nos perdemos no colo da inconsciência.

4. A consciência transcendental, realizada por uma alma iluminada, na qual ele descobre a verdade eterna que permanece sempre imutável no meio de percepções falsas, noções erradas e suspensão de todas as atividades, mentais e físicas.

Os sonhos são reais enquanto sonhamos, mas ao acordarmos, tornam-se irrealis. Novamente, se tivermos uma experiência de sono profundo, então do ponto de vista desse estado, tanto nosso estado de vigília quanto o de sonho parecem irrealis. No sono profundo, todos os fenômenos estão, por assim dizer, suspensos. Mas, infelizmente, muito poucos de nós que obtêm sono profundo sabem disso. Do ponto de vista

do estado supraconsciente do homem de Deus, no entanto, todos os estados de consciência — vigília, sonho e sono profundo — parecem irreais; mas, como já mencionado, o irreal não é algo absolutamente inexistente.

A palavra *Māyā* foi erroneamente traduzida como *Ilusão*. Como Swami Vivekananda aponta, quando tomamos algo como real, não é ilusão, mas uma declaração de fato. Mas quando nos elevamos a outro plano de consciência, a mesma coisa parece irreal.

O que é real persiste em todas as circunstâncias e tem um efeito tremendamente transformador sobre aqueles que o realizam. *Liberta a alma da dúvida, do medo e do sofrimento e traz paz eterna e bem-aventurança. Em tais pessoas iluminadas, encontramos um entendimento ilimitado, uma tremenda simpatia e bondade amorosa para com todos os seres, paciência e contentamento; e, com todo o seu conhecimento espiritual, são humildes.* A experiência espiritual dá à alma uma visão da vida cosmocêntrica, em vez de egocêntrica. Em suma, as almas iluminadas tornam-se des-hipnotizadas emocional e espiritualmente.

A história religiosa do mundo dá muitas ilustrações daqueles que atingiram a mais elevada iluminação e falaram a toda a humanidade sobre suas experiências. Eles nos mostraram o caminho para alcançá-las e realizar a des-hipnotização.

Há uma estória antiga nos *Upanishads*, a estória de um jovem estudante, Nārada. Ele havia estudado todos os ramos do conhecimento — teologia, as escrituras antigas, drama, arte, ciências; ele era uma mina de conhecimento. Mas, com tudo isso, sentia-se desconsolado e, aproximando-se de um grande mestre espiritual, disse: “Senhor, com todo o meu estudo, estou em grande aflição. Apreendi apenas palavras, mas não conheci a Verdade.” O que ele queria dizer era que meras palavras nunca podem satisfazer a alma. Com grande amor, o mestre deu a este discípulo instrução após instrução, levou-o de um estágio a outro e, finalmente, disse-lhe: ‘Meu querido rapaz, você está realmente buscando a bem-aventurança imortal. A bem-aventurança imortal não pode ser obtida em nada finito. Ela só pode ser realizada no Infinito.’

Através da pureza do alimento, a mente torna-se pura. Mas o alimento não é meramente o que ingerimos pela boca, mas também o que absorvemos através de nossos vários sentidos e mente. Todo o alimento que ingerimos deve ser puro e, quando praticamos essa pureza, nossa memória da Realidade Divina torna-se firme. Devido à ignorância e ao apego, o espírito esquece-se de si mesmo, mas quando a mente e o coração

se tornam puros, a memória retorna. Com o retorno dessa memória, o espírito atinge a Autorrealização.

No estado hipnótico, não podemos descobrir a realidade interior. Mas quando começamos a nos des-hipnotizar, a realidade interior começa a brilhar em toda a sua glória. Isto encontramos nas vidas dos grandes místicos.

Experiências dos místicos

O grande místico cristão, Santo Agostinho — um dos maiores dos antigos Padres da Igreja — era, no início, um jovem amante dos prazeres. Então, uma mudança tremenda ocorreu nele e, enquanto orava, uma força espiritual que a própria mente era incapaz de apreender veio em seu auxílio; ela o capacitou a olhar além do vórtice de seu ego e ele viu algo permeando seu ego. Ele entrou em contato direto com Deus — a Realidade Divina — que, como ele disse, ‘precede todo o conhecimento humano e existe independentemente da capacidade da mente humana de conhecê-Lo’. Sua oração era ‘Imploro-Te que me reveles a mim mesmo’. O pecador tornou-se um santo. O egocêntrico tornou-se cosmocêntrico.

Rabbia, a senhora mística do Sufismo, estava doente. Dois homens santos a visitaram. Um deles disse: ‘Aquele cuja oração é pura suportará os castigos de Deus.’ O outro proferiu sua experiência: ‘Aquele que ama a escolha de seu senhor, no castigo se regozijará.’ Mas Rabbia respondeu: ‘Ó homens de graça, aquele que vê a face de seu Senhor não se lembrará em suas orações de que está sendo castigado de forma alguma!’¹⁵⁰ Rabbia orava: ‘Ó meu Senhor, se Te adoro por medo do inferno, queima-me no fogo do inferno. Se Te adoro na esperança do paraíso, exclua-me do paraíso. Mas se Te adoro por Ti mesmo, então não me negues a Tua eterna beleza.’

Quando, seguindo o caminho da adoração e da oração, o buscador espiritual sente a presença viva de Deus dentro de sua própria alma, bem como em todos os seres; o falso ego que hipnotiza a alma desaparece, dando lugar a uma nova consciência espiritual. Ele assim se eleva acima da existência fenomênica e dos cálculos e permanece absorto em Deus.

Chaitanya, em seus primeiros dias, era um grande erudito, afeiçoado a disputas e discursos. Mas seu encontro com o santo *Vaishnava* Isvara Puri em Gaya, e sua visita ao templo lá, provocaram uma grande mudança nele.

¹⁵⁰ Vide 'The Complete Works of Swami Vivekananda'. Vol. VII. Pp. 43-44.

Então ele teve visões no templo que o transformaram completamente. Ele começou a pregar o amor divino, trazendo luz e devoção a muitos. Ele havia se des-hipnotizado. ‘Amor pelo nome de Deus, compaixão por todos os seres vivos e serviço amoroso aos devotos do Senhor’ tornou-se sua mensagem vitalícia.

Típico do jovem estudante universitário moderno, Swami Vivekananda era, a princípio, cético sobre a existência de Deus em todos os seres e coisas. Após a morte súbita de seu pai, o jovem Narendranath estava passando pelos dias mais terríveis de pobreza e sofrimento. Sua família estava em grande angústia. Ele tentou encontrar um emprego, foi de escritório em escritório sem qualquer sucesso. Aqueles que, poucos dias antes, professavam ser seus amigos, agora voltavam o rosto contra ele. Vendo tudo isso, ele às vezes se perguntava se o mundo era criação do diabo. Em alguns dias, não havia nem mesmo comida suficiente para a família, e ele saía de casa com o pretexto de que havia sido convidado para jantar fora e ficava sem comer. Ele orou por alívio, mas sem qualquer resposta. Em alguns dias, a dúvida cruzava sua mente — Deus existe? E, se existe, Ele realmente ouve as orações fervorosas dos homens em dificuldades?

Certa noite, após um dia inteiro de jejum e exposição à chuva, ele voltava para casa cansado no corpo e exausto na mente. Dominado pelo esforço, sentou-se no plinto externo de uma casa à beira da estrada. Então, de repente, sentiu como se alguns poderes divinos estivessem removendo as coberturas de sua alma uma após a outra. Como o Swami narrou mais tarde: “Todas as minhas dúvidas anteriores sobre a coexistência da justiça e misericórdia divinas e a presença da miséria na criação de uma Providência Bondosa foram automaticamente resolvidas. Por uma profunda introspecção, encontrei o significado de tudo e fiquei satisfeito. Ao prosseguir para casa, descobri que não havia vestígio de fadiga no corpo, e a mente estava revigorada com maravilhosa força e paz.”¹⁵¹

As almas des-hipnotizadas não apenas chegam a alcançar um novo espírito de consciência e alegria, mas também, compassivas, tentam compartilhar isso com seus semelhantes.

Temos então o exemplo de um homem de iluminação estranho — um iletrado, alguém que não tinha absolutamente nenhuma educação secular, e ainda assim alcançou a mais alta sabedoria. Swami Adbhutananda era de uma família humilde. Ele era um criado. Mas Sri

¹⁵¹ The Life of Swami Vivekananda. P. 74.

Ramakrishna notou a potencialidade espiritual do rapaz e o colocou sob seus cuidados. Houve um grande despertar espiritual no rapaz que, mais tarde, alcançou grande realização espiritual e se tornou um sábio, um homem de Deus. Quando alguém lhe perguntou se ele podia provar que Deus existe em todos, ele respondeu: 'Por que não, mas é uma experiência subjetiva. O amor não pode ser explicado a outro. Apenas quem ama entende, e também quem é amado. O mesmo acontece com Deus; Ele sabe, e aquele a quem Ele abençoa sabe. O homem está sempre consciente da existência do Ser. Cada vez que diz: 'Meu corpo, minha mente, minha inteligência', etc., ele inconscientemente admite um 'eu' — o Ser. Mas ele é incapaz de manifestar sua natureza real. Daí a necessidade de disciplinas espirituais e a firme vontade de desenvolver esta divindade latente.'

Isto é exatamente o que o erudito Vivekananda também ensinou. Quando o chamado letrado e o iletrado experimentam o mesmo Espírito Divino e obtêm sua inspiração da mesma Fonte, eles falam a mesma língua e dão expressão ao mesmo ideal espiritual.

Discriminação [discernimento] — o caminho para a des-hipnotização

Como vimos, Patanjali declara que: 'O meio de destruição da ignorância é a prática ininterrupta de discriminação entre o real e o irreal.' O irreal hipnotiza e o real des-hipnotiza.

Há três tipos de conhecimento:

1. O conhecimento pelo qual as almas iluminadas veem a única substância indestrutível em todos os seres, o indiviso no dividido. Este é o conhecimento *sáttoico* ou espiritual — o conhecimento do tipo mais elevado.

2. O conhecimento através do qual se vê todos os seres como várias entidades de diferentes tipos, diferentes uns dos outros. Este é o tipo de conhecimento *rajásico* e produz paixão.

3. O conhecimento que está confinado a uma coisa particular, como se fosse o todo. Este é o tipo de conhecimento *tamásico* — um produto da escuridão e ignorância.¹⁵²

Aqueles que são des-hipnotizados reconhecem o Um nos muitos. Aqueles que são parcialmente des-hipnotizados veem apenas os muitos.

¹⁵² Bhagavad Gita. XVIII: 20, 21, 22.

Mas aqueles que são totalmente hipnotizados estão tão identificados com uma coisa, ou seja, os objetos dos sentidos, que nem sequer reconhecem os muitos.

Nossas mentes hipnotizadas fazem muitas travessuras e nos mantêm no cativeiro. A mente pura, por outro lado, tende a libertar a alma.

“É a mente a causa do cativeiro e da libertação do homem. A mente que está apegada aos objetos dos sentidos leva ao cativeiro, enquanto que a mente que está desapegada deles leva à liberdade.”¹⁵³

Assim, abandonando toda atração por objetos materiais, podemos ser des-hipnotizados, iluminados e libertados. Então, por que não abandonar todos os falsos desejos que nos intoxicam e hipnotizam? A questão é: podemos fazê-lo?

O grande Quaker William Penn exortava um bêbado a abandonar seu hábito de beber. Este lamentou que isso era impossível. ‘Não’, disse Penn, ‘É tão fácil quanto abrir tua mão, amigo.’ ‘Diga-me como é, e farei como você diz’, respondeu o bêbado. ‘Amigo, quando encontrares qualquer copo de bebida intoxicante em tua mão, abre a mão que o contém, antes que ele chegue à tua boca, e nunca mais ficarás bêbado.’

A ignorância e os desejos mundanos são como bebida intoxicante para todos nós. Aprendamos o segredo de abandonar a bebida e tornemo-nos des-hipnotizados, sóbrios, iluminados e livres.

Mas abandonar o velho hábito não é fácil. O hábito não desaparece facilmente. Daí a necessidade de disciplinas espirituais constantes sob a orientação de um mestre competente.

O processo de hipnotização e des-hipnotização

Sri Ramakrishna descreve, em uma de suas parábolas, como o auto-esquecimento causado pela ignorância pode dar lugar à autorrealização através do seguir o caminho espiritual sob a orientação de um mestre competente:

Certa vez, uma tigresa atacou um rebanho de cabras. Ao saltar sobre sua presa, deu à luz a um filhote e morreu. O bondoso pastor permitiu que o filhote crescesse entre as cabras.

¹⁵³ Brahmabindu Upanishad. I: 2.

Ele via os cabritos mamarem o leite da cabra mãe e fazia o mesmo. Seguindo o exemplo das cabras, aprendeu a comer grama e também a balir, embora tenha crescido e se tornado um grande tigre.

Algum tempo depois, outro tigre atacou o rebanho e ficou surpreso ao encontrar um tigre se comportando exatamente como uma cabra! O animal selvagem agarrou o tigre que balia, arrastou-o até um riacho na floresta e pediu-lhe que olhasse sua imagem na água e depois para seu rosto. O outro tigre fez como lhe foi dito e descobriu que os dois rostos eram parecidos. Então, um pouco de carne foi forçado para dentro de sua boca. O tigre da floresta disse: 'Olha, tu não és uma cabra, és um tigre como eu. Então vem comigo.' O tigre comedor de grama finalmente realizou sua natureza de tigre e seguiu o outro para a floresta.

Sri Ramakrishna ouvira seu guru monge dizer, comentando a história: "Comer grama é como desfrutar dos objetos da luxúria e cobiça. Balir e fugir como uma cabra é comportar-se como um homem comum. Ir embora com o novo tigre é como buscar abrigo no guru, que desperta a consciência espiritual, e reconhecê-lo como seu único parente. Ver seu rosto corretamente é conhecer o seu verdadeiro Ser."¹⁵⁴

A alma hipnotizada não perde sua natureza real, embora, devido à ignorância, a esqueça temporariamente. Com a dissipação da ignorância, ela se des-hipnotiza e recupera sua verdadeira natureza espiritual.

Sigamos os passos de nossos mestres iluminados e alcancemos a verdadeira experiência espiritual e a liberdade.



CAPÍTULO XIV

O MISTÉRIO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

¹⁵⁴ The Gospel of Sri Ramakrishna. Pp. 305-306.

Religião é realização

“Religião é uma questão de fato, não de conversa”, diz Swami Vivekananda enfaticamente e continua, “temos que analisar nossas próprias almas para descobrir o que há lá. Temos que entendê-lo e realizar o que é entendido. Isso é religião. Nenhuma quantidade de conversa fará religião... Esta é uma grande ideia a aprender e a manter, esta ideia de realização. A turbulência e diferenças nas religiões cessarão somente quando entendermos que a religião não está em livros e em templos. É uma percepção real. Apenas o homem que realmente percebeu Deus e a alma tem religião.”¹⁵⁵

De fato, o tema central na religião é a realização espiritual, a experiência da Realidade última, chame-a de Deus, Jeová, Allah, Tao, ou como quiser. E esta experiência espiritual é certamente misteriosa. Com razão Sri Krishna declara no *Bhagavad Gita*: “Alguns olham para o Ser, o Espírito Supremo, como uma maravilha; alguns falam dele como uma maravilha; outros, embora ouçam, não o entendem de forma alguma.”¹⁵⁶

Experiências pseudo-religiosas

É dito assim porque há um grande mal-entendido sobre o significado da realização espiritual e as pessoas às vezes confundem uma experiência psíquica com uma espiritual. Eu conhecia uma senhora holandesa cujos olhos durante a meditação eram tão estimulados que ela via faíscas. Ela pensou que estava tendo uma maravilhosa realização espiritual até que eu lhe disse que tais experiências significam pouco na vida espiritual; então ela logo perdeu o interesse e parou de vir ao Centro.

Outra senhora altamente imaginativa viu a forma de uma personalidade santa que lhe trouxe uma espécie de satisfação e ela pensou tão bem de sua visão que falou dela para muitos e fez tudo para divulgar a notícia, exceto publicá-la no jornal. Depois de um tempo, suas tendências mundanas começaram a se afirmar, ela sucumbiu a elas e criou problemas para si e para os outros ligados a ela.

Visões por si sós significam pouco, a menos que haja uma base de pureza. Precisamos de pureza de pensamento e emoção, em vez de visões, que vêm por si mesmas quando o tempo está maduro. A árvore é julgada pelos seus frutos.

¹⁵⁵ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. II. P. 163.

¹⁵⁶ Bhagavad Gita. II: 29.

Não são apenas as mulheres que deixam suas imaginações correrem soltas. Um homem que tinha lido a vida de Sri Ramakrishna, inconscientemente começou a imitá-lo e teve visões da Divina Mãe na forma de uma jovem que ele conhecia. Ele começou a se entregar a imaginações mórbidas em conexão a ela. Sabendo algo do funcionamento de sua mente, pedi-lhe que parasse com este tipo de meditação e sugeri um método que achei que seria melhor para ele, mas ele pensava tão bem de sua revelação que por um tempo ficou amargamente desapontado e reclamou que eu não o apreciava. Por um tempo ele perdeu a fé em minhas instruções, mas mais tarde ficou bem. Nossas mentes pregam peças sem fim, e devemos estar em guarda, pois a menos que consigamos despertar o verdadeiro poder introspectivo, nunca poderemos avaliar corretamente os estados de espírito que acompanham a meditação. Se primeiro prestarmos atenção à prática moral, então no devido tempo — através da prática espiritual — chegaremos à verdadeira realização espiritual. Não há atalhos. É por isso que todos os grandes mestres enfatizaram a necessidade de concentrar-se primeiro na vida moral e construir um caráter forte antes que se possa esperar alcançar qualquer tipo de experiência espiritual.

Eu conheci um jovem de inclinação espiritual que uma vez bebeu um pouco de bebida alcoólica numa festa quando estava no que ele chamava de estado de espírito espiritual. Dessa forma, ele conseguiu se isolar por um tempo do mundo exterior e obteve um vislumbre de um vasto estado de existência que causou uma impressão tremenda nele, mas a experiência foi muito súbita e provocou uma perturbação na personalidade na qual a natureza inferior não era mais controlada pela superior. Disciplinas espirituais regulares teriam evitado isso, mas ele não se deu ao trabalho de praticá-las e, conseqüentemente, passou por um estranho estado anormal, oscilando entre o sublime e o ridículo.

Pureza — a necessidade essencial

Os sábios hindus nos ensinam como praticar yoga para purificar a mente e o coração e colocar nossos pés firmemente no caminho espiritual para Deus. Lembre-se do que Jesus disse: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.” Este é o primeiro ensinamento de toda religião verdadeira. Quando a nuvem é dissipada, a luz brilha. Aqueles que leram a vida de Mahatma Gandhi aprenderam sobre sua luta singular para alcançar a pureza. Com grande humildade, ele diz em sua autobiografia:

“Adoro a Deus apenas como Verdade. Ainda não O encontrei, mas estou buscando-O... Frequentemente, em meu progresso, tive débeis vislumbres da Verdade Absoluta, Deus, e diariamente a convicção cresce em mim de que só Ele é real e todo o resto é irreal... É uma tortura incessante para mim que eu ainda esteja tão longe d’Ele, que, como sei perfeitamente, governa cada respiração da minha vida e de quem sou descendente. Sei que são as paixões malignas interiores que me mantêm tão longe d’Ele.”¹⁵⁷

Deus nunca pode ser realizado por quem não é puro de coração. Para alcançar a pureza perfeita, é preciso tornar-se absolutamente livre de paixões em pensamento, palavra e ação.

O tipo de delírios psíquicos ou psicopáticos descritos acima são muito diferentes dos vislumbres da divindade que todos os grandes santos e sábios experimentaram e sobre os quais escreveram. Quando vislumbres mais profundos como o de Gandhi seguem a luta sincera pela pureza e são seguidos por mais luta, eles conduzem a alma lenta e constantemente em direção à mais elevada autorrealização.

Experiências místicas genuínas

A mãe de Santo Agostinho era uma mulher de alto desenvolvimento espiritual que mais tarde também foi considerada uma santa. Certa vez, quando o filho estava tendo uma conversa mística com ela, ele sentiu que todo o tumulto de sua carne estava aquietado e no silêncio que se seguiu, sua mente desperta contemplou o rosto último da sabedoria. Este contato fugaz deixou uma marca permanente em sua vida e pensamento.

Quando o Cristo ressuscitado apareceu a Santa Teresa em toda a sua humanidade sacrossanta, em indescritível majestade e beleza, não foi uma visão comum. Teve um poderoso efeito purificador e transformador.

Como mencionado antes, o jovem Vivekananda não conseguia ver como tudo no universo é de Deus até que Ramakrishna o tocou. Ele percebeu num lampejo que não há nada no universo além de Deus e ficou estupefato. Ele descreveu depois como um vislumbre do estado monista, o verdadeiro *Advaita* ou unidade completa de toda a vida e matéria, uma experiência que o levou diretamente ao Absoluto. Quando retornou à consciência, encontrou o Absoluto em tudo, e isso se tornou o ponto de

¹⁵⁷ An Autobiography or The Story of my Experiments with Truth — M. K. Gandhi. Introdução.

partida para uma notável vida espiritual. Ele teve tanto a realização transcendental quanto a imanente da Divindade, à qual imediatamente dedicou o resto de sua vida, de modo que em anos posteriores foi capaz de transmitir tais vislumbres a alguns de seus próprios discípulos.

Mesmo o grande Swami Brahmananda não alcançou a princípio nenhum senso de realidade em suas meditações solitárias. Foi sob a inspiração de Ramakrishna que ele viu seu ideal escolhido, vivo e luminoso, um aspecto pessoal da Divindade. Esse foi o início de uma vida espiritual única, de realizações maravilhosas e poder tremendo que podia transformar outras vidas.

O que é realização espiritual?

Para buscadores espirituais mais humildes que não são elegíveis para a realização plena, mesmo um vislumbre, por mais débil que seja, pode trazer uma convicção positiva da realidade da existência espiritual. Esta Realidade devemos nos esforçar para experimentar com a ajuda de práticas morais e espirituais constantes e intensas. Tenhamos uma concepção clara da realização espiritual que os maiores místicos do mundo nos apresentam. Há um antigo ditado hindu: ‘O dinheiro que encontramos em nossos sonhos não comprará comida em nosso estado de vigília.’ Devemos ter dinheiro também em nosso estado de vigília para que possamos comprar comida, saciar nossa fome e sermos nutridos.

Sri Ramakrishna esclareceu o ponto quando seu discípulo Vivekananda lhe perguntou: ‘Acredita em Deus, Senhor?’ ‘Sim’, respondeu Ramakrishna. ‘Pode prová-lo, Senhor?’ insistiu o discípulo. Novamente veio a resposta num firme afirmativo: ‘Sim’. O discípulo perguntou: ‘Como?’ Sri Ramakrishna respondeu: ‘Porque O vejo assim como o vejo aqui, só que de um modo muito mais intenso.’ É essa ideia que Swami Vivekananda expressa quando diz: ‘Quando você vê a religião ou Deus de um modo mais intenso, e depois vê o mundo interior, nada será capaz de abalar sua crença.’¹⁵⁸ O Mestre fala no mesmo tom no ‘*Evangelho de Sri Ramakrishna*’:

“Alguns ouviram falar de leite, alguns viram leite e alguns beberam leite. Aquele que apenas ouviu falar é ‘ignorante’. Aquele que o viu é um *Jnāni*. Mas aquele que o bebeu tem *Vijnāna*, isto é, conhecimento mais pleno dele.... Após ter

¹⁵⁸ Cf. The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. IV. P. 175.

a visão de Deus, fala-se com Ele como se Ele fosse um parente íntimo. Isso é *Vijnāna*... O *Vijnāni* vê que Brahman é imóvel e além de toda atividade. Ele vê ainda que Ele se manifesta como *Bhagavan*, o Deus Pessoal. Seres vivos, o universo, mente, inteligência, amor, renúncia, conhecimento, tudo isso são manifestações de Seu poder. O *Vijnāni* retém o 'eu' do devoto, o 'eu' do *Jnāni*, para saborear essa bem-aventurança de Deus e ensinar as pessoas."¹⁵⁹

Certa vez, perguntou a um discípulo: "O que você ganhará apenas estando intuitivamente ciente da existência de Deus? Uma mera visão de Deus não é de modo algum tudo. Você tem que trazê-Lo para a sua sala. Você tem que falar com Ele. Alguns viram o rei, mas apenas um ou dois podem trazer o rei para casa e entretê-Lo." O que Ramakrishna quis dizer foi que a realização inclui aspectos tanto transcendentais quanto imanentes, até que se veja a Ele em todas as Suas variadas manifestações, pessoais e impessoais.

Muitos de vocês leram aquela obra marcante de William James, "As Variedades da Experiência Religiosa". O que fez com que este grande psicólogo pragmático se interessasse profundamente pelo misticismo, pela experiência espiritual? "Uma noite nas Montanhas Adirondack", conta Rufus Jones, 'em 1898, William James teve uma experiência que foi, para citar suas próprias palavras, 'a mais memorável de todas as minhas experiências memoráveis. Entrei num estado de alerta espiritual da mais vital descrição.' Ele ficou profundamente impressionado com 'seu apelo intenso e sua perene frescura'. Ele sentiu que grande parte das palestras de Edimburgo, mais tarde publicadas como 'As Variedades da Experiência Religiosa', eram atribuíveis a ela. Trouxe-lhe 'um triunfante senso de certeza'."¹⁶⁰

Nas palavras de Swami Vivekananda: "Religião é a relação eterna entre a alma eterna e o Deus eterno." Todos os místicos procuraram realizar esta relação eterna para alcançar o que São Paulo se referiu quando disse: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim. Só quando me torno nada pode Deus entrar, e nenhuma diferença entre a Sua vida e a minha permanece." Há um Cristo pessoal e também um Cristo cósmico imanente em toda a vida. A alma e a Superalma fundem-se, como o rio se funde no oceano em sua foz. William James expressa o mesmo ideal nas palavras: "Esta superação de todas as barreiras usuais entre o indivíduo e o Absoluto

¹⁵⁹ The Gospel of Sri Ramakrishna. Pp. 368, 30 e 434.

¹⁶⁰ A Call to what is Vital — Rufus Jones. P. 410.

é a grande realização mística.”¹⁶¹ Encontramos esta experiência em todos os místicos. Quando o poeta Whitman escreveu: “Ergueu-se rapidamente e espalhou-se ao meu redor a paz e o conhecimento que superam todos os argumentos da terra”, ele se referia a uma experiência que trouxe uma mudança tremenda em sua vida e arte. Por ser tão diferente daqueles ao seu redor, foi chamado de excêntrico.

Tennyson, seu grande contemporâneo inglês, dá voz a uma experiência semelhante em suas palavras poéticas:¹⁶²

O limite mortal do ser foi solto
E passou ao Inominado, como uma nuvem
Derrete no céu. Toquei meus membros — os membros
Eram estranhos, não meus — e ainda assim nenhuma sombra de dúvida,
Mas total clareza, e da perda do Ser
O ganho de tão vasta vida que se iguala à nossa
Era Sol para faiscar.¹⁶³

Da Sombra à Realidade

De acordo com todas as escolas de Vedanta, a ignorância esconde a Verdade. “Naquilo que é noite para todos os seres, o homem de autocontrole está desperto; e onde todos os seres estão despertos, ali é a noite para o sábio que vê.”¹⁶⁴

Para o homem não-iluminado, iludido pela ignorância, a Realidade Suprema é inexistente. Para ele, seu mundo é tudo o que existe. Mas para a alma iluminada, o Espírito Infinito é a única Realidade. O mundo, e até mesmo a personalidade humana, parecem ser uma sombra da Realidade.

Platão, em sua *República*, fala de homens e mulheres vivendo em uma espécie de caverna subterrânea onde estão acorrentados desde a infância. Eles têm suas pernas e cabeças presas de modo que não podem virar a cabeça. Acima e atrás deles arde um fogo que projeta suas sombras na parede da caverna diante de seus olhos. Naturalmente, os prisioneiros, não conhecendo nada mais, tomam essas sombras como reais. Por fim, um deles é compelido a livrar-se das correntes e virar a cabeça para olhar a luz. Ele é perturbado pelo clarão e, por um momento, inclinado a continuar

¹⁶¹ The Varieties of Religious Experience. P. 419.

¹⁶² Este tradutor se sente incapaz de traduzir corretamente a poesia dos grandes poetas de língua inglesa para o português.

¹⁶³ The Ancient Sage-Lord Tennyson.

¹⁶⁴ Gita. II.69.

olhando para as sombras como reais, mas quando é arrastado para cima e forçado à presença do sol, gradualmente se acostuma com a visão do mundo superior. Primeiro ele vê as sombras melhor, depois reflexos de homens e outros objetos na água, finalmente os próprios objetos. Então ele contempla a lua e as estrelas e as acha mais fáceis de olhar do que o sol durante o dia. Por fim, ele aprende a olhar diretamente para o próprio sol.

A moral é que a pureza mental e a iluminação espiritual devem ambas prosseguir passo a passo. Ser repentinamente trazido ao domínio do espírito é confuso para aqueles que não foram previamente treinados. Mas não há tal problema no caso daqueles que se disciplinaram adequadamente.

Poderosas experiências dos Poderosos

Sri Ramakrishna tinha um sobrinho chamado Hriday que costumava atendê-lo. Ele estava ansioso para alcançar a iluminação espiritual e pressionava Ramakrishna por uma visão. “Está bem, que a vontade da Mãe seja feita. Foi Ela que revolucionou minha mente e me fez passar por todos os estágios da realização. Se Ela quiser, você também terá visões.” Naquela noite, Hriday viu o corpo de Ramakrishna desaparecer, substituído por um corpo luminoso, cuja refulgência irradiava em todas as direções. Ele olhou para seu próprio corpo e descobriu que ele também se tornara luminoso. Ambos eram manifestações do mesmo Espírito. Dominado pela alegria, Hriday correu para seu tio: “Você e eu somos da mesma matéria”, gritou, “não somos homens. Vamos, vamos de lugar em lugar salvar as pessoas de sua miséria.” Ramakrishna tocou seu peito e o trouxe de volta ao normal. “Você levanta tal tempestade por uma visão insignificante. Eu vejo inúmeras visões a todas as horas do dia, mas faço alarde por elas? Você ainda não está apto para vê-las. Fique quieto agora e verá mais quando chegar a hora.”¹⁶⁵

Emocionalismo superficial versus Transformação básica do Caráter

Existem regiões espirituais que têm um efeito tremendo na mente e no corpo. Aprendemos com os discípulos de Sri Ramakrishna que nos contaram que, próximo ao fim da vida do Mestre, alguns dos que vinham a ele costumavam cair em transes acompanhados de contorções, lágrimas

¹⁶⁵ Adaptado e resumido de: The Life of Sri Ramakrishna. P. 235.

e grande demonstração de emoção. Swami Vivekananda, no entanto, não experimentou tais estados e perguntou ao Mestre por que isso acontecia. “Meu filho, não se perturbe”, foi a resposta. “Quando um elefante entra numa pequena poça, uma grande comoção é criada, mas se ele entra na água do Ganges, há pouca perturbação na superfície. Esses devotos são como pequenos lagos, mas você é como o poderoso rio.”¹⁶⁶

Swami Vivekananda dizia aos jovens devotos que a efusão de sentimento que não é acompanhada por uma correspondente transformação de caráter não é suficientemente forte para destruir os desejos mundanos e despertar a consciência espiritual, e, portanto, não tem valor real na vida espiritual. Pessoas ignorantes pensam que sintomas externos são indicações de fervor espiritual profundo e, em vez de praticar controle, devoção e renúncia, cultivam estados emocionais, com o resultado de que seus nervos enfraquecidos respondem ao mais leve estímulo emocional. Se isso for permitido sem controle, o resultado pode ser desastre físico e mental. De cem aspirantes, oitenta podem se tornar charlatães, quinze podem enlouquecer e apenas os cinco restantes podem ser abençoados com uma visão da Verdade real. Os grandes mestres exortam seus discípulos a lutar primeiro pela pureza da mente e alcançar aquela transformação de caráter e vida que é o primeiro requisito essencial para a realização espiritual. Se seguirmos lenta e firmemente o caminho para a cultura espiritual, certamente chegaremos a realizar o verdadeiro Ser — o Ser de todos.

A Revelação do mistério

O homem não-iluminado não tem consciência do Ser — a Realidade mais íntima — e está identificado com o corpo, sentidos, mente, ego e o mundo exterior. O Ser, que é a Luz da Consciência, permanece não reconhecido e, portanto, permanece um grande mistério. Mas está sempre lá.

A consciência espiritual nos leva àquele senso de unidade que resulta da percepção de que a luz da qual nos tornamos conscientes em nossos próprios corações é a mesma que a Luz que nos rodeia, e que conhecemos como Deus. Como dizem os *Upanishads*: “Tanto o ser individual quanto o Ser Universal entraram no núcleo do coração, a

¹⁶⁶ Cf. The Life of Swami Vivekananda. P. 111.

morada do Supremo. Os conhecedores de Brahman veem uma diferença entre eles como entre a luz do sol e a sombra.”¹⁶⁷

A relação entre a alma e a Superalma foi comparada ao espectro visível e às ondas de luz que estão além do vermelho e do violeta, além da visão humana. Como observa William James: “A pessoa consciente é contínua com um ser mais amplo, através do qual as experiências salvadoras vêm.”¹⁶⁸ Sri Ramakrishna diz: “O corpo é como uma bandeja; a mente e o *buddhi* são como água. O Sol de *Satchidananda* é refletido nesta água. Meditando no sol refletido, vê-se o Sol Real através da graça de Deus.” Se a água está suja e agitada, deve ser purificada e acalmada antes que possa refletir a luz. Meditando na luz refletida com seriedade, chega-se a realizar a Verdadeira Luz.

Como o Upanishad declara: “O Ser não é conhecido através do estudo das escrituras, nem através do intelecto mais sutil, nem através de muito erudição; mas é conhecido por quem anseia por Ele. Em verdade, para ele esse Ser revela seu verdadeiro ser.”¹⁶⁹

Lemos sobre o místico sufi Bayazid e sua experiência de Deus:

“Quando Deus, o mais glorioso, percebeu a sinceridade do meu desejo por Ele, Ele me chamou dizendo: ‘Ó meu escolhido, aproxima-te de Mim. Sobe às alturas da Minha Glória, escala os planos do Meu Esplendor e senta-te no tapete da Minha Santidade.’”

“Com isso, comecei a derreter-me como metal se dissolve no fogo. Então Ele me deu de beber da fonte da Graça e me transformou além da descrição. Ele parou minha visão exterior e me ensinou a ver interiormente. Ele me fez morto para minha própria existência e vivo para a Sua. Ele me levou à Verdade. Olhei para ela através d’Ele. Então O vi verdadeiramente. Quando cantei Seu louvor com a língua dada por Sua Graça, quando realizei o conhecimento através do Seu Conhecimento e contemplei através da Sua Luz, Ele me disse: ‘Bayazid, apenas veja! Quando nada existe, tudo, tudo existe.’”

Suso, um místico cristão, compartilha conosco esta rara experiência sua:

“O espírito morre e ainda assim está todo vivo nas maravilhas da Divindade e está perdido na quietude da gloriosa e ofuscante obscuridade e da

¹⁶⁷ Katha Upanishad. I: 3: 1.

¹⁶⁸ The Varieties of Religious Experience — William James. P. 505.

¹⁶⁹ A Mundaka Upanishad. III: 2: 3.

nua e simples unidade. É neste estado sem modo que a mais elevada bem-aventurança deve ser encontrada.”

Deus aparece quando o ego morre. Através da Vontade Divina, algumas almas descem ao plano humano com o ego espiritualizado e promovem o bem-estar da humanidade. Citando as palavras de Sri Ramakrishna:

“Há alguns que descem, por assim dizer, depois de alcançar o conhecimento de Brahman — após o *Samādhi* — e retêm o ‘ego do conhecimento’ ou o ‘ego da devoção’, assim como há pessoas que, por sua própria vontade, ficam no mercado depois que o mercado acaba. Este foi o caso de sábios como Nārada. Eles mantiveram o ‘ego da devoção’ com o propósito de ensinar os homens. Shankaracharya manteve o ‘ego do conhecimento’ para o mesmo propósito.”¹⁷⁰

Swami Vivekananda acrescenta:

“Este pequeno ser separado deve morrer. Então descobriremos que estamos no Real, e que a Realidade é Deus, e Ele é nossa própria verdadeira natureza e Ele está sempre em nós e conosco. Vivamos n’Ele e permaneçamos n’Ele. É o único estado feliz de existência. A vida no plano do Espírito é a única vida, e tentemos todos alcançar esta realização.”¹⁷¹

Embora os homens de Deus pareçam descer ao plano relativo para o bem da humanidade, eles realmente permanecem estabelecidos na mais elevada consciência espiritual e felicidade, mesmo quando estão ativamente engajados em trazer luz e conhecimento a seus semelhantes e promover o bem-estar de todos.

Estes são nossos maiores mestres espirituais. Esforcemo-nos para seguir seus passos e alcançar a realização espiritual.



¹⁷⁰ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 111.

¹⁷¹ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. VII. P. 174.

CAPÍTULO XV

O PODER DA VIBRAÇÃO ESPIRITUAL

Universo – seus materiais básicos

Swami Vivekananda, falando sobre vibrações em seu livro “*Raja Yoga*”, diz que, de acordo com os filósofos da Índia, todo o universo é composto de dois materiais, um dos quais eles chamam de *Akasha*, que é a existência onipresente. Tudo o que tem forma, tudo o que é resultado de combinação, é evoluído a partir deste *Akasha*. É o *Akasha* que se torna o ar, que se torna os líquidos, que se torna os sólidos, e o sol, a terra, a lua, as estrelas e os cometas; é o *Akasha* que se torna o corpo humano, o corpo animal, as plantas. Na verdade, toda forma que vemos, tudo o que pode ser sentido, tudo o que existe.

Por qual poder este *Akasha* é manufaturado neste universo? Pelo poder de *Prāna*. Assim como *Akasha* é o material infinito e onipresente do universo, assim também é este *Prāna* o poder fabricante, infinito e onipresente do universo. *Prāna* manifesta-se como movimento, gravitação, magnetismo; manifesta-se também como as ações do corpo, como as correntes nervosas, como a força do pensamento. Do pensamento até a força mais baixa, tudo é apenas uma manifestação de *Prāna*. A soma total de todas as forças no universo, mentais ou físicas, quando vão de volta ao seu estado original, é chamada de *Prāna*.

Controle do Prāna

“Obtenha o controle desta força vital e você obterá o controle sobre o corpo. É possível controlar o *Prāna* em todas as partes do corpo, e é até possível influenciar outros. Se seu corpo está em certo estado de tensão, pode haver uma tendência a produzir a mesma condição em outros. Por exemplo, se você é forte e saudável, aqueles que vivem com você tenderão a serem fortes e saudáveis. Por outro lado, se você é doentio, aqueles ao seu redor receberão essa influência. Quando o curador busca curar uma pessoa doente, sua primeira ideia é transferir sua própria saúde para o outro, mas essa é uma forma primitiva de pensar. Um homem forte pode realmente tornar uma pessoa fraca um pouco mais forte, quer

ele tente conscientemente fazê-lo ou não. Também, um homem que está longe de ser saudável pode, no entanto, trazer saúde a outro. Isso porque ele pode aumentar a taxa de vibração de seu próprio *Prāna* até que seja transmitida a outro. Mas isso depende da pureza.

O homem puro que tem o poder de colocar seu próprio *Prāna* em certo estado de vibração pode despertar um estado similar de vibração em outra pessoa. Vemos isso demonstrado na vida cotidiana; estou agora mesmo engajado em colocar minha mente em certo estado de vibração mental, e quanto maior meu sucesso, mais você será afetado pelo que digo. Quanto mais sincero eu for, mais você se beneficiará com minha palestra. Mas se eu não tiver interesse, você também não terá. Os grandes líderes, os que movem e sacodem o mundo, aprenderam como colocar seu *Prāna* em um alto estado de vibração, de modo que outros são atraídos para eles e são levados a pensar como eles pensam. Eles tiveram o mais maravilhoso controle do *Prāna*, o que lhes dava tremendo poder de vontade e poder para influenciar o mundo.”¹⁷²

O significado de vibração

O que queremos dizer com vibração? Uma senhora estava falando com sua amiga. Ela disse: ‘Quando você acorda, está em certo estado de vibração; quando sonha, está em outro; quando descansa após um bom sono, está em outro. E quando você está com raiva, ou se sentindo miserável, ou feliz, todos esses são estados de vibração. Algumas pessoas harmonizam seus nervos, e você pode ter o mesmo efeito neles. Você pode não gostar das vibrações de algumas pessoas, pode ser alérgico a elas, como elas às suas.’

A ouvinte perdeu a paciência. ‘Se você usar essa palavra vibração novamente’, disse ela, ‘vou gritar.’ Mas a oradora, imperturbável, observou: ‘Até o seu grito seria um estado de vibração!’

Agora, vamos discutir o assunto um pouco mais seriamente. Em vez de gritar, talvez possamos encontrar meios de tornar nossas vibrações espirituais e harmoniosas, não apenas para nós mesmos, mas para aqueles com quem nos associamos.

Vibração é o movimento dentro de um corpo que se projeta e provoca reação em outros corpos que entram em contato com ele. O que recebemos através de nossos sentidos de audição, tato, visão, paladar e olfato, formando várias impressões, são todas vibrações. Som, calor, gás, líquido, sólidos, sol, lua, estrelas, terra — todos têm vibrações próprias. E

¹⁷² The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. P. 147 e segs.

nossos próprios sentidos vibram de maneiras diferentes em momentos diferentes, de modo que nossas reações também variam.

O pensamento científico moderno revolucionou nossa concepção de matéria. Um átomo não é mais considerado o constituinte último, mas é ele próprio composto de elétrons, prótons, nêutrons — todas formas de ondas elétricas. Assim, o que antes era considerado matéria inerte é agora conhecido como ‘uma estrutura de unidades de energia, girando com imensa velocidade no espaço-tempo’. Alguns pensadores eminentes chegam a dizer que ‘este universo começa a parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina’. E, também, eles dizem: ‘A substância do mundo é substância-mental.’

Aqui encontramos um eco da teoria cosmológica hindu que declara que tanto a mente quanto a matéria são produtos de um material muito mais sutil, do qual a mente é um produto sutil e a matéria física um produto mais grosseiro.

Experimentos do Professor J. C. Bose

Durante nossos dias de faculdade, ficamos impressionados com algumas das experiências delicadas feitas pelos físicos treinados na escola do grande cientista, Sir J. C. Bose. Com a ajuda de instrumentos supersensíveis, ele demonstrou que um pedaço de uma folha de metal, fibra vegetal e músculo animal, chamados de ‘mortos’, reagem a estímulos externos de maneiras mais ou menos semelhantes, a diferença sendo apenas de grau, não de tipo. Mais encantadores foram os experimentos feitos com plantas sensíveis, particularmente a mimosa, cujas folhas murcham ao mais leve toque. Elas reagem de forma muito semelhante aos seres humanos a queimaduras, cortes, abrasões, álcool e veneno. O Professor Bose descobriu que as plantas têm uma espécie de sistema nervoso e até indicam algo semelhante a respostas mentais, incluindo a tendência de ficarem ‘bêbadas’. Quando o Professor Bose palestrou em Londres, conta-se que George Bernard Shaw, o grande vegetariano, sentiu-se extremamente desconfortável quando o cientista demonstrou que, ao serem beliscadas e perfuradas, cenouras cruas emitiam sinais elétricos violentos, correspondendo aos gritos de socorro de um homem! O cientista observou que estava demonstrando experimentalmente o que seus ancestrais hindus chamavam de ‘Único Princípio da Vida’, que pulsa e vibra em formas múltiplas por todo o universo.

Os três Gunas ou forças cósmicas

Como os antigos hindus descobriram este Princípio ativo? Intuitivamente ou fisicamente? Mergulhando nas profundezas de seu ser e na natureza das coisas, os sábios videntes descobriram o poder infinito do Espírito Supremo escondido nos *Gunas*, ou forças cósmicas — *Sattva*, *Rajas* e *Tamas*. Em linguagem simbólica, eles expressaram sua experiência deste poder infinito:

“Há uma fêmea não nascida, a Mãe, que produz múltipla prole. O único Poder, consistindo de forças cósmicas triplas, traz o múltiplo universo à existência.”¹⁷³

De acordo com os cosmologistas hindus, no plano relativo existem dois princípios. O primeiro é o princípio senciente ou espiritual puro, e o segundo, o poder ou força insenciente no qual o espírito senciente é imanente. Nos grandes hinos do *Rig-Veda* lemos:

“Imóvel, o Espírito Supremo vibrava sozinho em sua própria glória. Além disso, nada existia. Criativa então se tornou a glória com princípio autossustentável abaixo e energia criativa acima.”¹⁷⁴

Assim, *Prāna* manifestou-se e todo o processo cósmico veio a existir. Através da ação e interação de *Akasha* — a substância material sutilíssima e onipresente — e *Prāna*, a energia cósmica, surgiram o ego, a mente, os sentidos e o que chamamos de matéria, tanto cósmica quanto individual. E assim encontramos o Único Espírito Infinito, que é imanente em tudo, manifestando-se como o Ser Cósmico ou *Ishvara*, possuindo um corpo sutil e um corpo grosseiro, e também encontramos a alma individual vestindo as coberturas de um corpo sutil e de um corpo grosseiro. Todos os corpos, grosseiros ou sutis, são produtos de *Akasha* atuado por *Prāna*, a energia cósmica; e assim como temos nosso próprio corpo individual, que é parte do grande corpo cósmico, também temos nossas pequenas mentes individuais que são partes da mente cósmica onipresente. Tanto o corpo e mente individuais quanto os cósmicos estão vibrando com a energia cósmica chamada *Prāna*. Consciente da intensa vibração cósmica, o sábio vidente dos *Upanishads* diz:

¹⁷³ Svetaswatara Upanishad. IV: 5.

¹⁷⁴ IX: 129.

“O que quer que exista neste universo vibra dentro do Prāna.”¹⁷⁵

A natureza desta energia cósmica é mover-se. O que parece estático é apenas uma baixa taxa de vibração; o que parece dinâmico está se movendo a uma taxa intensa de vibração. A palavra sânscrita para Universo, *Jagat*, é derivada da raiz *Gam*, que significa ‘mover-se, mudar, balançar, vibrar’. O universo está em constante estado de vibração e, como Swami Vivekananda diz, muito acertadamente:

“É o *Prāna* que está se manifestando como movimento; é o *Prāna* que está se manifestando como gravitação, como magnetismo. É o *Prāna* que está se manifestando como as ações do corpo, como as correntes nervosas, como a força do pensamento.”¹⁷⁶

É muito importante para nós lembrarmos que nossa mente, com todas as suas faculdades de pensar, sentir e querer, é uma substância. Nossos pensamentos, sentimentos e vontades são como ondas na mente e são coisas tão reais, senão mais, do que a matéria física, e esses estados mentais são vibrações de uma taxa ou outra. Pode a taxa de vibração ser controlada?

Os *Upanishads* nos dizem que há três taxas de vibração, modos, correspondendo a três cores — branco, vermelho e preto. Preto representa *Tamas* ou forças inertes; Vermelho representa *Rajas*, as forças tensas da paixão, desejo e cobiça; Branco indica *Sattva*, as forças harmoniosas da pureza. *Tamas* produz escuridão, negligência e ilusão; *Rajas*, atividade mundana, empreendimento e ambição, marcados por inquietação e insatisfação; e *Sattva* traz conhecimento, compaixão, retidão de espírito e devoção.¹⁷⁷

Platão e os Gunas

Essas ideias são estranhas às mentes ocidentais, mas eram familiares a Platão, o antigo filósofo grego. Em sua ‘*República*’, ele fala de três princípios ativos que chama de *Epithumia*, *Thumos* e *Logistikon*, correspondendo, nessa ordem, a *Tamas*, *Rajas* e *Sattva*. A primeira força,

¹⁷⁵ Katha Upanishad. II : 6 : 2.

¹⁷⁶ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. P. 147.

¹⁷⁷ Bhagavad Gita. XIV: 5-13.

Epithumia, diz ele, é uma multiplicidade de apetites ou desejos cegos que dominam os devotos dos prazeres sensuais, e cujo principal objetivo é a gratificação dos apetites animais. *Thumos*, como o *Rajas* hindu, domina o homem de ação que trabalha com zelo frenético por distinção ou posição e poder mundanos; ávido e ganancioso, tal homem é preenchido com infelicidade inquieta. *Logistikon*, como *Sattva*, representa os elementos racionais que caracterizam o filósofo e o sábio, tais como desapego, moderação, pureza e harmonia.

Esses três tipos de forças estão em ação dentro de nós o tempo todo. Quando dizemos que uma pessoa tem muito *Tamas*, queremos dizer que as forças escuras e inertes ofuscam, temporariamente, os outros dois tipos. Quando uma pessoa é governada pela paixão e desejo, dizemos que *Rajas* é predominante. Se sua vida é pacífica e harmoniosa, se ele parece ter-se desapegado dos desejos mundanos, dizemos que *Sattva* reina. Estes são os três *Gunas*.

Como realizar o Espírito que está além dos Gunas

Agora, o objetivo final da vida espiritual é ir além dos *Gunas* e realizar o Espírito Supremo, Transcendente. Para alcançar este estado, precisamos cada vez mais de *Sattva*. Devemos viver moralmente, tentando ser puros em pensamento, palavra e ação. À medida que corpo, mente e alma são purificados e nos estabelecemos na vida moral, conquistamos a inércia e a tensão. Tornamo-nos mais harmoniosos e estáveis, e podemos ajudar outros a também se elevarem. As baixas vibrações do homem impuro são prejudiciais a ele e também aos outros. Afetam-no como vapores de veneno e podem infectar outros, trazendo depressão, inquietação e instabilidade. Por outro lado, as vibrações mais refinadas da pessoa pura elevam a ele e àqueles que entram em contato com ele. *Sattva* é um degrau para o Estado Transcendental.

Vibrações — boas e más

Na vida de Sri Ramakrishna, encontramos como ele foi incapaz de beber um copo de água trazido a ele por um homem de aparência aparentemente decente que, descobriu-se, levava uma vida impura. Swami Vivekananda relata como, quando suas próprias vibrações eram más, o Mestre não podia aceitar comida de suas mãos. O próprio Vivekananda era um homem de pureza resplandecente, mas às vezes tinha que se associar

a vários tipos de pessoas, e as vibrações más de algumas delas pareciam, por um tempo, aderir a ele, de modo que surgiam ocasiões em que o Mestre não podia deixar de sentir a contaminação.

Vibrações podem ser mudadas, o impuro pode tornar-se puro. Sempre que descobrimos que *Rajas* ou *Tamas* está predominante em nossas vidas, podemos aprender a nos sintonizar com a harmonia de *Sattva* e gradualmente mudar nossas vibrações.

As vibrações amorosas do homem de Deus têm um poder transformador que desperta a consciência espiritual latente de outros.

Almas iluminadas transformam

Durante o auge da realização espiritual, a alma transcende os *Gunas* e se torna livre de desejos. É após esta experiência que a pureza perfeita é alcançada e as vibrações são totalmente espiritualizadas. *Apenas os totalmente iluminados possuem o poderoso poder espiritual capaz de transformar muitos, pois se tornaram canais claros para o fluxo da Graça e do Poder Divinos. No entanto, na medida em que alguém alcança a iluminação e se estabelece nas qualidades morais, sente harmonia e paz interior e é capaz de irradiar vibrações para o benefício de outros.*

Há muitos tipos e graus de poder espiritual. Há as almas iluminadas silenciosas que, por suas vibrações espirituais, pensamentos e emoções, fertilizam o mundo mental e tornam mais fácil para outros levar uma vida verdadeiramente espiritual. Também, há as dinâmicas que se envolvem ativamente na promoção do bem-estar de outros. Conhecemos apenas aqueles que, por suas poderosas vibrações, influenciam a humanidade de forma tangível. Patanjali, em um de seus aforismos, diz:

“Na presença daquele que está estabelecido na não-violência, amor, simpatia, compaixão, todas as inimizades cessam.”¹⁷⁸

A compaixão de Buddha era baseada na Iluminação Suprema. Um homem tolo, não sabendo que Buddha observava o princípio do amor que recomenda retribuir o bem com o mal, abusou dele. Buddha silenciosamente lamentou sua tolice. Quando o homem terminou, Buddha perguntou-lhe: “Filho, se um homem se recusa a aceitar um presente que lhe é oferecido, a quem pertenceria?” “Ao homem que o ofereceu”, foi a resposta. Então disse Buddha calmamente: “Recuso-me a aceitar seu

¹⁷⁸ Yoga Sutras. II: 35.

abuso. Um homem perverso que repreende um virtuoso é como alguém que olha para cima e cospe para o céu; o cuspe não suja o céu, mas volta e contamina sua própria pessoa.” O abusador afastou-se, envergonhado. Mais tarde, ele voltou e se refugiou em Buddha.

Divini, um grande poeta de seu tempo, na Itália, ouviu um sermão de São Francisco de Assis. “Que loucura tola é esta!”, pensou ele a princípio, em sua arrogância, mas enquanto o santo falava, o poeta ficou fascinado pela beleza da mensagem. Ajoelhou-se diante dele e suplicou: “Paz, Oh, dá-me paz!” O santo disse: “Levanta-te, vem conosco, Irmão Pacífico, irmão da paz.” O toque do santo eventualmente operou uma grande mudança no poeta e, a partir de então, seus escritos refletiram uma paz de espírito que ele nunca conhecera antes.

Certa vez, Swami Vivekananda sentiu a onda de energia e poder divinos em si mesmo ainda durante a vida de seu Mestre. “Vem, toca-me”, disse ele a um irmão monge, e este experimentou algo como um choque elétrico e sentiu uma transformação tremenda ocorrendo dentro de si. Mas Vivekananda foi advertido pelo Mestre a não desperdiçar esta energia preciosa até que tivesse acumulado o suficiente para si.

Mais tarde, quando Swami Vivekananda se estabeleceu na mais alta consciência espiritual, tornou-se também um repositório de um tremendo poder espiritual de transformar outros. Em Madras, ele conheceu um jovem professor assistente de ciências que professava ser ateu e continuou argumentando veementemente com o Swami por um tempo. Num profundo estado de espírito espiritual, o Swami tocou a pessoa do argumentador e provocou uma mudança notável nele. Falando dele, o Swami costumava dizer jocosamente: “César disse ‘Vim, vi e venci’, mas Kidi veio, viu e foi vencido!” Doravante, o chamado ateu tornou-se um devoto ardente de Deus e dedicou-se à causa do Swami, tornando-se o gerente honorário da revista — ‘*Prabuddha Bharata*’ originalmente iniciada em Madras. Ele renunciou ao mundo e viveu uma vida santa. As vibrações espirituais do Swami sobrepujaram as vibrações não espirituais do jovem e, em vez disso, elevaram as espirituais, transformando-o completamente.¹⁷⁹

Deparamo-nos com um incidente notável de como um jovem de Calcutá que caiu sob a influência de más companhias, tornou-se viciado em intoxicantes e adotou maus caminhos, foi completamente transformado por Swami Premananda, um dos maiores irmãos discípulos

¹⁷⁹ The Life of Swami Vivekananda. P. 272.

de Swami Vivekananda. Seus parentes e amigos abandonaram todas as esperanças de sua recuperação e imploraram a Swami Premananda que o afastasse de seus maus associados e hábitos. O coração do Swami encheu-se de amor e simpatia. Um dia, ele encontrou o rapaz em sua própria casa e o convidou para visitar o Belur Math, onde o Swami residia. O jovem veio um dia e pareceu ter gostado da visita. Com grande ternura, o Swami pediu-lhe que voltasse novamente. Após várias visitas, uma grande mudança ocorreu nele. Muito surpreso com o amor do Swami, ele pensou consigo mesmo: “Como ele poderia tratar com tão incomparável afeição alguém que se tornou fonte de vergonha e desgraça até para seus parentes e foi por todos eles evitado? Maravilhoso, na verdade, é este amor.” No devido tempo, ele abandonou o mau caminho, tornou-se profundamente inclinado espiritualmente e veio ao Swami para levar a vida de renúncia e serviço.

No entanto, não tanto para mudar os outros, mas para transformar a nós mesmos e trazer paz à nossa alma, precisamos de vibrações espirituais dentro de nós mesmos.

Espiritualizando nossas emoções

Devemos espiritualizar nossos pensamentos, emoções e ações. Somos como aparelhos de rádio e devemos nos sintonizar corretamente. Se deixarmos ficarmos inertes, seremos presa das forças inertes. Se nos sintonizarmos tensamente, estaremos à mercê de forças perturbadoras. Devemos aprender a nos sintonizar através de disciplinas espirituais e, assim, criar condições harmoniosas dentro de nós mesmos. Então, nos elevamos cada vez mais e alcançamos aquela consciência espiritual que transcende todas as vibrações.

Vivendo uma vida de pureza sob a influência de *Sattva*, o aspirante espiritual alcança alegria de espírito, concentração, conquista dos órgãos dos sentidos e aptidão para a realização do Ser. Se desejamos crescer em espírito e desejarmos que outros também o façam, sigamos os passos das almas iluminadas e submetamo-nos a práticas morais e espirituais rigorosas com inteligência, firmeza e resignação à vontade do Espírito Supremo.



CAPÍTULO XVI

A REALIDADE ALÉM DO TEMPO E DO ESPAÇO

Discurso de um Sábio Antigo

Nos tempos antigos, havia um sábio chefe de família chamado Yajnavalkya, que havia alcançado o mais alto conhecimento. Maitreyi, uma de suas duas esposas, também era muito devotada ao ideal espiritual. Chegou a hora de este sábio renunciar ao mundo, então ele chamou Maitreyi e disse:

“Minha querida, estou resolvido a começar uma vida de renúncia. Proponho, portanto, dividir toda a minha propriedade entre vocês duas.’ A esposa respondeu: ‘Meu senhor, se eu possuísse a terra inteira cheia de riquezas, alcançaria a imortalidade?’ ‘Não’, respondeu o sábio, ‘Sua vida seria a dos ricos, e ninguém pode esperar ganhar a imortalidade através da riqueza.’ A isso, a esposa retrucou: ‘Então, que necessidade tenho eu de riqueza? Prefiro aprender sobre o caminho para a imortalidade.’

Em sua resposta, o sábio proferiu um famoso discurso: “Querida para mim você sempre foi, Maitreyi, e chegou agora a hora de revelar a você aquela verdade que me é mais cara. Vem, senta-te ao meu lado, e eu a explicarei a você. Não é por causa do marido, minha amada, que o marido é querido, mas por causa do Ser. Não é por causa da esposa, minha amada, que a esposa é querida, mas por causa do Ser. Não é por causa dos filhos, minha amada, que os filhos são queridos, mas por causa do Ser. Não é por causa das criaturas, minha amada, que as criaturas são queridas, mas por causa do Ser. O Ser deve ser conhecido. Ouça sobre ele, reflita sobre ele, medite sobre ele. Conhecendo o Ser, através da audição, reflexão, meditação, chega-se a conhecer o Ser. Não há existência separada do Ser. Como um pedaço de sal jogado na água não pode ser retirado, e onde quer que provemos a água é salgada, assim também o ser individual se dissolve na Consciência Eterna.

A individualidade surge pela identificação do ser, através da ignorância, com os elementos; e com o desaparecimento da consciência da multiplicidade, na iluminação divina, ela desaparece. Onde há consciência do Ser, a individualidade não existe mais. Isto, minha amada, é o que eu quero lhe dizer.”

A esposa não entendeu, então retrucou: ‘Você diz que onde há consciência do Ser Supremo a individualidade não existe mais. Isto me confunde.’

O sábio respondeu: “Que nada do que eu disse a confunda. Apenas medite bem sobre as verdades que eu falei. Enquanto há dualidade, um vê o outro, ouve o outro, cheira o outro, pensa no outro, conhece o outro; mas a alma iluminada sabe que tudo está dissolvido no Ser. Então, quem há para ser pensado por quem? Quem será o conhecedor e o que será o conhecido? O Ser é descrito como ‘não isto, não isto’. Não pode ser compreendido. Nunca se apega, pois nunca está preso. Por quem, então, será o conhecedor conhecido? Esta é a verdade da imortalidade. Você encontrará a imortalidade apenas no Ser Supremo.”¹⁸⁰

Realidade, Tempo e Espaço

O grande filósofo alemão Immanuel Kant declarou que tudo o que percebemos, seja no mundo exterior ou dentro de nós mesmos, conhecemos em termos de tempo, espaço e causalidade, as categorias de nosso pensamento ou intelecto. Assim como quando colocamos óculos coloridos vemos tudo tingido pela cor, e não como é, assim nunca podemos conhecer a coisa-em-si dentro de nós mesmos ou dentro dos fenômenos do mundo exterior. Do ponto de vista Vedântico, dizemos que o intelecto de Kant o levou a uma espécie de agnosticismo filosófico, que sustenta que existe o Absoluto, mas ele nunca pode ser experimentado como é.

Mil anos antes de Kant, na Índia do século VIII, viveu um místico e filósofo não-dualista, Shankaracharya. Ele também falou de *desa*, *kala* e *nimitta* — espaço, tempo e causalidade — através dos quais o Espírito Supremo se manifesta, mas que nunca podem revelar a natureza do Absoluto, a Realidade além do tempo, espaço e causalidade. Mas há muitos pontos de diferença entre esses dois grandes pensadores. Para Kant, tempo, espaço e causalidade, as categorias da mente, são reais. De acordo com Shankara, eles têm apenas um valor empírico. Eles são válidos para todos os propósitos práticos de nossa vida fenomênica, mas não têm realidade absoluta porque são produtos de Māyā, ignorância. Assim, descobrimos que a Vedanta de Shankara é mais crítica do que a filosofia crítica de Kant!

Ignorância Cósmica e Criação dos Fenômenos

Kant sustentava que é o indivíduo que cria o mundo de nome e forma. Shankara declara que o universo de nome e forma é um fenômeno

¹⁸⁰ Brihadaranyaka Upanishad. IV: 5. Adaptado e resumido de 'The Upanishads' — Tradução de Swami Prabhavananda e Frederick Manchester. Pp. 141 etc.

cósmico que o indivíduo percebe de uma certa maneira. Cada indivíduo entende o mundo à sua própria maneira. Um erro inicial é cometido, devido à nossa ignorância, e então cada um de nós comete mais erros sobre a verdadeira natureza do fenômeno cósmico. O Espírito indivisível parece ser diferenciado como indivíduos. Esquecendo sua natureza real, o Espírito individual se identifica com o mundo fenomênico. Ele falha em reconhecer a Realidade Última por trás de si mesmo e por trás do mundo.

Conta-se a história de um certo oficial militar com muitas condecorações que gostava de exibir suas medalhas. Um jovem visitante perguntou-lhe: 'Como você conseguiu ganhar tantas medalhas?' O homem respondeu: 'Vê esta grande? Primeiro eu consegui essa por engano, e então as outras se seguiram naturalmente.' Estando embriagados com o vinho da ignorância, esquecemos de nós mesmos. Cometemos um grande erro e, em seguida, cometemos erros menores um após o outro.

Estamos todos presos por nossas limitações, pelas quais a ignorância é responsável. Assim, devido a esta bebida da ignorância cósmica que nos enlouqueceu, o Espírito Indivisível parece ser diferenciado em indivíduos. A alma individual, esquecendo sua verdadeira natureza, identifica-se com os vários elementos, veste diferentes corpos, percebe e entende as coisas erradamente e, conseqüentemente, sofre.

Kant e Shankara comparados

Não é difícil reconhecer que existe a coisa-em-si por trás de cada fenômeno no mundo exterior, e também a coisa-em-si por trás de nossa vida interior. A questão é: são esses dois aspectos da mesma coisa? E se a realidade por trás do mundo exterior e a realidade por trás do mundo interior são uma e a mesma, é possível para uma alma humana experimentar a coisa-em-si com uma faculdade superior à dos sentidos ou da mente? Agnóstico que era, perdido em sua própria especulação, Kant não pôde dar resposta a isso.

Shankara, por outro lado, com sua visão intuitiva direta da Verdade, declarou que por trás de *tat* (aquilo), o fenômeno cósmico objetivo, e *tvam* (o sujeito), está o mesmo Absoluto que, através de nossa ignorância, parece ser bifurcado em sujeito e objeto, microcosmo e macrocosmo, individual e cósmico ou universal. Na realidade, é o Único Espírito que se manifesta como os dois. Shankara observa:

“Nem sequer se pode dizer que é um. Pois como pode haver um segundo outro que não aquele? Não há nem o absoluto, nem o não-absoluto, nem não-entidade nem entidade, pois a Realidade é absolutamente não-dual. Como, então, posso descrever Aquilo que é a meta do supremo conhecimento?”¹⁸¹

Como lemos nos *Upanishads*, o Ātman, Brahman, o Ser Infinito pode ser realizado através da reflexão e meditação que desenvolvem a faculdade intuitiva que revela a Realidade Última além do tempo, espaço e causalidade, e além da noção do conhecedor, do conhecido e do conhecimento. A Realidade só pode ser alcançada transcendendo todas as limitações. A alma não pode conhecer o Ser como um objeto, mas pode tornar-se uma com ele. Essa é a nossa meta. Isso é o que os iluminados apontam quando nos convidam a seguir o caminho e realizar a Verdade.

Concepções de Espaço e Tempo

Vamos agora tentar entender algo sobre espaço e tempo. Numa passagem notável das *Upanishads* lemos:

“Tudo isto, o que quer que se mova no Universo, deve ser envolto no Ser.”¹⁸²

A natureza do universo é mover-se, mudar. Mas como percebemos essas mudanças? Um movimento existe no tempo. Como obtemos nossas concepções de espaço e tempo?

A teoria comum é que nos tornamos cientes de que uma coisa que está perto de nós está se afastando, e quando isso acontece, percebemos um movimento no tempo e no espaço. Novamente, quando experimentamos que uma coisa segue outra, seja no mesmo espaço ou em outro, obtemos nosso senso de tempo, nossas ideias de agora, antes, depois, presente, passado ou futuro. Considere o pêndulo de um relógio antigo que vemos se mover no espaço de uma posição para outra, um movimento seguindo o outro. O número de períodos (tempo do relógio) decorrido serve como uma medida de tempo.

A moderna teoria da relatividade, da qual muitos de nós falamos, mas poucos parecem entender, efetuou uma mudança fundamental na

¹⁸¹ Nirvana Dasakam. 10.

¹⁸² Isa Upanishad. 1.

concepção científica de espaço e tempo. Nas palavras do grande cientista, Minkowski:

“De agora em diante, o espaço em si e o tempo em si afundam em meras sombras, e apenas uma espécie de união entre os dois preserva uma existência independente. Cada evento que acontece no mundo é determinado pelas coordenadas espaciais X, Y, Z e pela coordenada temporal T. Assim, a dimensão física era quadridimensional desde o início.”

Seja como for, esta medição de eventos externos em termos de espaço e tempo é possível por causa do senso de espaço e tempo que temos em nossas mentes. Os objetos que percebemos no espaço têm comprimento, largura e espessura; a mudança e o movimento surgem no tempo, o repouso no tempo, e desaparecem no tempo. Mas se o senso de tempo e espaço existe apenas em nós mesmos, algo deve ser feito para nos permitir elevar-nos acima desta limitação, se quisermos conhecer a Realidade.

O Individual e o Universal

Aqui surgem algumas questões sutis: É possível para nós termos qualquer concepção de espaço sem pelo menos uma ideia indefinida de algo além do espaço? Sempre que pensamos em espaço, há também a ideia de infinito, e quando falamos de tempo, há a ideia de ausência de tempo. Sem estas, não podemos conhecer nada. O filósofo hindu pergunta: Como podemos ter qualquer ideia de movimento ou mudança? E assim chegamos à concepção do Absoluto, que é infinito, imutável, eterno. Declara o *Upanishad*:

“O Ser não nasce nem morre. Não veio a ser a partir de nada. O não-nascido, eterno, sempiterno e antigo não sofre destruição com a aparente destruição da matéria.”¹⁸³

E a mesma ideia é enfatizada no *Bhagavad Gita*:

“O eterno, onipresente, imutável e imóvel Ser é o mesmo para sempre.”¹⁸⁴

¹⁸³ Katha Upanishad. II: 18.

¹⁸⁴ VI: 24.

A mais elevada meta da religião é experimentar esta Realidade Última, além de toda relatividade, todas as limitações de tempo, espaço e causalidade, além de todas as concepções do individual e do universal.

Três tipos de Akasha ou Espaço

À medida que crescemos em inteligência, passamos a ter um senso de espaço cada vez melhor. Este senso é limitado numa criança, que acha difícil atravessar a rua em meio ao trânsito em movimento, enquanto o adulto mais experiente, com seu senso de espaço mais amplo que coloca cada coisa em seu devido lugar, não tem dificuldade em encontrar seu caminho mesmo através de tráfego intenso e em julgar a distância correta para o outro lado da estrada.

Os filósofos hindus falam de vários tipos de *Akasha* ou espaço: Há a concepção física do espaço circundante chamada *Mahakasha*. Sabemos que o corpo físico e os fenômenos cósmicos, o microcosmo e o macrocosmo, ambos existem no espaço; lua, estrelas e planetas existem no espaço. À medida que nossa concepção de espaço se torna cada vez mais vasta, e à medida que nos tornamos cada vez mais introspectivos, entramos numa nova concepção de espaço mental, chamada *Chittakasha*. Começamos a perceber que nossas pequenas mentes são apenas partes de uma Mente Infinita. Os pensamentos surgem, permanecem por um tempo e voltam para o mundo sutil, do qual o mundo exterior é apenas um fragmento, coberto pela substância sutil de *Chittakasha*.

Isso nos leva ao terceiro plano de existência, o plano sutil do espírito chamado *Chidakasha*, que se manifesta através de nomes e formas sutis. Este plano sutilíssimo de consciência espiritual é algo com nome e forma, mas nele a luz divina brilha. É o plano causal no qual várias formas surgem, iluminadas pela luz do espírito. Ao lermos as vidas de santos e místicos, encontramos relatos de visões cósmicas onde eles veem o mundo inteiro iluminado pelo espírito de Deus. O senso de espaço ainda não é transcendido, pois o vidente em sua visão ainda está ciente de nomes e formas, embora tudo seja permeado por esta maravilhosa radiação divina. Este é o plano do qual várias formas surgem como bolhas no oceano. Neste plano também, o Espírito Infinito parece ter se bifurcado na alma e na Superalma. Existem o único espírito infinito universal e muitas pequenas almas individuais. O objetivo de cada pessoa em sua vida espiritual é realizar a união dos dois.

A Realidade Última além do Fenômeno

Muito além deste plano sutil e causal está a região do Espírito puro, despojado de todas as limitações, onde a alma individual está fundida no universal. O senso de espaço é transcendido, e o homem realiza um estado de consciência pura no qual não há sementes de apego ou desejo. É este plano de consciência transcendental que é descrito quando Yajnavalkya diz a sua esposa:

“Onde há realização do Ser, a individualidade não existe mais.”¹⁸⁵

Em sânscrito, temos a palavra *Sat*, que traduzimos como o ‘Real’. O Real é aquilo que transcende o tempo, que existe agora e que continuará a existir por todo o futuro. Isso é *Sat*, e isso é Real. Então, o que é irreal? É aquilo que parece real à primeira vista, mas que se prova o contrário no exame final. Diz Shankara:

“Aquilo é dito real de que nossa consciência nunca falha, e aquilo é dito irreal de que nossa consciência falha. Um pano existe, um pote existe, um elefante existe. A consciência do pano, etc., é temporária, mas não a consciência da existência.”¹⁸⁶

Nossos mestres iluminados continuam nos lembrando que há algo real, mas o que vemos em nossa vida humana, com nossas percepções limitadas, não é esta realidade, mas apenas um reflexo dela. Se pudéssemos penetrar através deste nome e forma que escondem a Realidade, poderíamos ter uma visão da verdade que buscamos. Quando o sol se põe, a miragem desaparece, mas as areias sobre as quais foi produzida permanecem como sempre foram. Da mesma forma, nosso ser observador também permanece; apenas a miragem se dissolveu no nada, embora por um tempo parecesse tão real.

Percebemos o mundo fenomênico ao nosso redor; mas de repente algo acontece e vemos o Espírito brilhar através desses fenômenos, transformando-os, até que tudo ao nosso redor — todo o mundo de nome e forma — se torna tão irreal quanto a miragem. Realizamos então que o Espírito por si só é a Realidade Última, e que o mundo dos sentidos existe apenas relativamente. Para o místico que se eleva ao plano da mais alta consciência, esses fenômenos do mundo exterior não existem de forma

¹⁸⁵ Brihadaranyaka Upanishad. IV: 5.

¹⁸⁶ Gita Bhashya. Comentário sobre II: 16.

alguma. Sua consciência corporal, consciência mental, desejo e interesse próprio desaparecem.

Este é o grande *dictum* da Vedanta não-dualista — que Brahman, o Espírito Infinito, o Absoluto, é real. Mas a irrealidade não significa não-existência completa; meramente parece ser algo que não é. O mundo de múltiplos nomes e formas parece real enquanto vivemos na ignorância, mas cessa de existir quando alcançamos o estado superior de consciência espiritual. Esse estado muitos podem experimentar, mas ninguém pode descrever, pois então a própria individualidade se torna, como uma boneca de sal, perdida no oceano de Brahman.

O Absoluto e o Neoplatonismo

Um dos maiores místicos, que exerceu tremenda influência sobre o Cristianismo por mil anos, foi Plotino, o não-cristão que combinava o melhor do pensamento indiano e grego. Ele foi ao Egito, naqueles dias o centro cultural tanto para o Oriente quanto para o Ocidente e, absorvendo a cultura espiritual, alcançou eventualmente o plano além do tempo e do espaço. De sua própria experiência, ele escreveu:

“Cada ser contém em si mesmo todo o mundo inteligível. Portanto, tudo está em toda parte. Cada um é então tudo e tudo é cada um. O homem como ele é agora cessou de ser o todo, mas quando ele cessa de ser um indivíduo, eleva-se novamente e penetra o mundo inteiro.”

E assim ele ecoa a grande verdade *Upanishádica* de que onde há consciência do Ser, a individualidade não existe mais. De Deus ele diz:

“Não mintamos dizendo que há algo n’Ele. Deixemo-lo simplesmente Ser.”

“Nada afirmamos; não Lhe damos nome algum.”

Plotino deixou-nos alguns registros surpreendentes de suas experiências transcendentais. Numa de suas cartas, ele fala assim da união entre a alma e a Superalma:

“Na redução de sua alma ao seu ser mais simples, sua essência divina, você realiza esta união, esta identidade. Eu mesmo a realizei apenas três vezes até agora. Porfírio (seu discípulo) nenhuma vez até aqui. Tudo o que tende à pureza e eleva a mente nos auxilia nesta realização.”

Mais tarde, Porfírio também foi agraciado com a experiência transcendental. Seu próprio testemunho declara:

“A Plotino apareceu Deus, que não tinha nem rosto nem forma, que está acima de nossa inteligência. Eu mesmo, Porfírio, uma vez na minha vida, aos 78 anos de idade, aproximei-me deste Deus e tornei-me unido a Ele. Esta união formava a soma total dos desejos de Plotino. Ele teve esta união quatro vezes enquanto estive com ele, e o que aconteceu então foi inefável.”

“Deves amar a Deus, como não-Deus, não-Espírito, não-pessoa, não-imagem, mas como Ele é um puro, simples, absoluto Um, separado de toda dualidade, no qual devemos eternamente afundar do nada ao nada.”

Isto é semelhante ao processo ‘*Neti, Neti*’ (não isto, não isto) que encontramos mencionado nos *Upanishads*. Para contemplar o Ser, devemos aprender a transcender a experiência sensorial.

O Absoluto descrito em termos negativos

Dionísio, o *Areopagita*, um seguidor cristão de Plotino, descreve o Absoluto em termos negativos:

“Ele não é nem alma nem mente, nem expresso nem concebido, nem grandeza nem pequenez, nem igualdade nem desigualdade, nem parado nem em movimento nem em repouso. Não é essência, nem eternidade, nem tempo.”

No *Mandukya Upanishad*, encontramos místicos hindus de tempos antigos dizendo praticamente a mesma coisa:

“Nem é uma massa indefinida de cognição, nem cognição coletiva, nem não-cognição. É invisível, não relacionado, inconcebível e indescritível.”¹⁸⁷

E Buddha, após sua iluminação, também falou em termos negativos:

“Há um estado onde não há nem água nem ar; nem infinidade de espaço, nem consciência, nem nada; nem percepção nem não-percepção. É sem estabilidade, sem mudança; é o eterno que nunca se origina e nunca desaparece.”

¹⁸⁷ Mandukya Upanishad. 7.

Entre os místicos cristãos, talvez o maior tenha sido Meister Eckhart, que viveu na Alemanha no século XIII. Ele falou em termos semelhantes do Base Divina além de toda relatividade:

“Para medir a alma, devemos medi-la com Deus, pois a base de Deus e a base da alma são um e o mesmo.”

“Há um Espírito na alma, intocado pelo tempo e pela carne, fluindo do Espírito, permanecendo no Espiritual, ele próprio totalmente espiritual... É livre de todos os nomes e vazio de todas as formas. É uno e simples.”

Realizações de Sri Ramakrishna

Sri Ramakrishna, o grande místico dos tempos modernos, descreve vividamente sua primeira realização do *Nirvikalpa Samādhi*, o estado de consciência indiferenciada, sem quaisquer impressões fenomênicas, sem sementes de apego, e até mesmo sem imagem de Deus:

“Quando meu guru começou a me ensinar as várias conclusões do *Advaita Vedanta* (filosofia não-dualista, sem imagem de Deus), ele me disse para retirar minha mente completamente de todos os objetos do mundo exterior — do corpo, mente e ego — e mergulhar no *Ātman*. Não tive dificuldade em afastar minha mente dos objetos do mundo e do ser, mas apesar de todas as minhas tentativas, não consegui atravessar inteiramente o reino de nome e forma e levar minha mente ao estado incondicionado. A figura radiante da bem-aventurada Mãe aparecia sempre diante de mim como uma realidade viva, impedindo-me de passar para o grande além. ‘É inútil’, disse ao meu guru, ‘não consigo elevar minha mente ao estado incondicionado.’ O guru disse: ‘O quê? Não consegues? Mas tens que conseguir.’ Ele encontrou um pedaço de vidro quebrado e o cravou entre minhas sobrancelhas. ‘Concentre tua mente neste ponto’, ordenou.

Então, com firme determinação, pus-me novamente a meditar. Assim que a forma graciosa da Divina Mãe aparecia diante de mim, eu usei minha discriminação como uma espada e com ela a dividi em duas. A última barreira caiu, e meu espírito voou imediatamente para além do plano relativo até que me perdi em *samādhi*.”¹⁸⁸

O maior discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda, que era chamado Narendra em seus dias de estudante, ansiava por alcançar o mais elevado objetivo da Vedanta. Uma noite, aconteceu inesperadamente.

¹⁸⁸ The Life of Sri Ramakrishna. Pp. 189-190.

Quando ele estava meditando, sentiu uma luz na parte de trás de sua cabeça, como se uma tocha tivesse sido colocada ali. Tornou-se cada vez mais brilhante até que todo o seu ser se fundiu na luz. Ele alcançou o *Nirvikalpa Samādhi*, perdendo todo o senso de individualidade. O que aconteceu em sua consciência durante esses momentos nunca pôde ser descrito. Tudo estava quieto no quarto onde ele se sentou meditando com um irmão discípulo. De repente, Narendra gritou: 'Onde está meu corpo?' Ao descer parcialmente do transcendental para um plano inferior de consciência, ele estava ciente apenas de sua cabeça; seu corpo parecia ter desaparecido. 'Está aqui! Está aqui!', gritou seu irmão discípulo. Mas ao observar o corpo rígido de Narendra, ele ficou assustado e correu para o primeiro andar para consultar o Mestre. Sri Ramakrishna parecia saber o que estava acontecendo. Então ele disse: 'Ele tem desejado alcançar este estado há muito tempo. Deixe-o permanecer nele por um tempo.' Mais tarde, quando Swami Vivekananda, trazendo consigo a refulgência que encontrara em *samādhi*, veio a Sri Ramakrishna, foi-lhe dito: "Assim como um tesouro é trancado numa caixa, assim esta realização que você acabou de experimentar deve ser trancada agora. Você tem um grande trabalho a fazer no mundo, mas quando terminar sua tarefa designada, a caixa do tesouro será destrancada e você saberá tudo então, assim como agora."

Mais tarde na vida, em '*O Hino do Samadhi*, Swami Vivekananda tentou expressar sua experiência além do tempo e espaço¹⁸⁹:

Eis! O sol não é, nem a graciosa lua,
Toda luz extinta; no grande vazio do espaço
Flutua, como sombra, o universo-imagem.
Devagar, bem devagar, a multidão-sombra
Entrou no ventre primordial, e fluiu sem cessar
A única corrente, o 'Eu sou! Eu sou!'
Eis! parou, até essa corrente já não flui,
Vazio fundido no vazio, — além da fala e mente!
Aquele cujo coração entende, ele verdadeiramente o faz.¹⁹⁰

É assim que as almas iluminadas entram no grande mistério além do tempo e do espaço. Quando retornam, pela graça de Deus, trazem-nos a

¹⁸⁹ Este tradutor se sente totalmente incapaz de traduzir corretamente da língua inglesa para o português, a poesia do grande Swami Vivekananda.

¹⁹⁰ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. IV. P. 431.

mensagem do tesouro que encontraram, com o objetivo de ajudar-nos a realizar a mesma consciência eterna, a mesma bem-aventurança eterna.



CAPÍTULO XVII

DEUS E O PROBLEMA DO MAL

Aspectos da Criação de Deus

Duas forças opostas estão em guerra uma com a outra. Encontramos este conflito em todo lugar no universo, dentro de nós e fora de nós. As duas forças estão tão interligadas que é impossível separá-las. Luz e escuridão, pureza e impureza, calor e frio, saúde e doença, prazer e dor, vida e morte — em suma, o que chamamos de bem e mal parecem inseparáveis. Nossa dificuldade é reconciliar este bem e mal — particularmente o mal — com a existência de um Deus bom. Pode ser que precisemos de uma concepção mais elevada de Deus do que a que temos normalmente. Vejamos o que Swami Vivekananda diz sobre este ponto:

“Brahman, o Deus do Vedanta, não tem nada fora de Si mesmo, absolutamente nada. Tudo isto, de fato, é Ele; Ele está no universo; Ele é o próprio universo. Ele está aqui. Nós O vemos e sentimos; n’Ele vivemos, nos movemos e temos nosso ser. Vocês têm essa concepção no Novo Testamento. É essa ideia, Deus imanente no universo, a própria essência, o coração e alma das coisas. Ele Se manifesta, por assim dizer, neste universo. Você e eu somos pequenos pedaços, pequenos pontos, como canais, pequenas expressões, todos vivendo dentro desse oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. Você e eu somos ambos saídas do mesmo canal, e isso é Deus; como tal, sua natureza é Deus, e a minha também. Você é da natureza de Deus por direito de nascença, e eu também. Você pode ser um anjo de pureza, e eu posso ser o mais

negro dos demônios, no entanto, meu direito de nascença é aquele oceano infinito de Existência, Conhecimento e Bem-aventurança. Assim também é o seu.

“Uma generalização que termina no Deus Pessoal nunca pode ser universal, pois, antes de tudo, para conceber um Deus Pessoal, devemos dizer que Ele é todo-misericordioso, todo-bondade. Mas este mundo é uma coisa mista, um pouco de bem, um pouco de mal. E você sempre descobrirá que a ideia de um Deus Pessoal tem que carregar consigo a de um diabo pessoal. É assim que vemos claramente que a ideia de um Deus Pessoal não é uma verdadeira generalização. Temos que ir além, para o Impessoal. Nisso, o universo existe, com todas as suas alegrias e misérias, pois o que quer que exista nele veio do Impessoal. A tempestade que mata meu amigo, eu chamo de mal, mas isso pode ter salvado a vida de centenas de milhares de pessoas ao destruir os bacilos no ar. Eles chamam isso de bom, mas eu chamo de mal. Portanto, tanto o bem quanto o mal pertencem ao mundo relativo, aos fenômenos. O Deus Impessoal não é um Deus relativo; portanto, não se pode dizer que Ele é bom ou mau, mas que é algo além, porque não é nem bom nem mau. O bem, no entanto, é uma manifestação mais próxima d’Ele do que o mal.”¹⁹¹

Várias concepções de Bem e Mal

Ao longo dos tempos, o problema do bem e do mal tem sido discutido por filósofos e mestres religiosos tanto do Oriente quanto do Ocidente, e muitas e variadas têm sido as soluções oferecidas.

Empédocles

Empédocles, nascido na Sicília em 490 a.C., um eminente médico, cientista e místico religioso, sustentava que a vida na terra é formada pelo conflito dos dois princípios opostos de amor e discórdia, atração e repulsão. O amor é a substância que impele os elementos a se misturarem, enquanto a discórdia é a substância que os separa e força suas partículas a se coletarem em várias proporções. Na opinião de Empédocles, Deus é a substância-mundo viva, móvel, pensante e divina. Ele é o mundo-todo, e como todas as coisas são partes d’Ele, os constituintes do universo também podem ser chamados de divinos. O homem é um ‘deus’ decaído, condenado a vagar por uma longa série de encarnações antes de alcançar a salvação. O conflito entre as forças opostas é parte de um processo natural.

¹⁹¹ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. I. Pp. 373-376.

Heráclito

Heráclito, o filósofo grego da Mudança, nascido por volta de 500 a.C., sustentava que o bem e o mal eram duas notas numa harmonia. Nós, seres humanos, vemos apenas os opostos, mas Deus vê a harmonia. Heráclito e muitos dos primeiros filósofos não se incomodavam com o problema do mal; eles meramente sustentavam que o mal não era realmente mal, mas uma parte necessária do todo. Uma boa vida era a vida vivida em sintonia com a harmonia universal. A bondade consiste não apenas em fazer o bem, mas também em tornar-se bom, em viver livre de desejos maus, em viver uma vida de reflexão e razão.

Os Sofistas

Em meio a essa concepção de harmonia, os sofistas vieram criar uma confusão moral. Eles sustentavam que ‘o homem é a medida de si mesmo’, então cada homem poderia criar seu próprio código de bem e mal — uma teoria que é, sem dúvida, muito perigosa de se seguir na vida.

Sócrates

O advento de Sócrates, nascido em 470 a.C., em tal época, foi uma bênção. Ele tinha uma firme crença no princípio básico do certo e do errado. “Ninguém é voluntariamente mau”, declarou ele. O conhecimento era o bem mais elevado. Quando alguém sabe o que é bom, escolherá fazer isso. Sócrates passou sua vida tentando ajudar o homem a adquirir o conhecimento correto, e descobrir e seguir o caminho do bem.

Platão

Platão, nascido por volta de 427 a.C., avançou a ideia de seu mestre, Sócrates. Segundo ele, o mundo das ideias puras e imutáveis é o mundo do bem. O mundo dos sentidos, o mundo da mudança, é o mal. Aquele que governa seus apetites e vontade apenas pela razão vive a boa vida.

Aristóteles

Aristóteles, 384 a.C., sustentava que a boa vida é aquela em que o homem realiza ao máximo a parte suprema de sua natureza — a razão. É

uma vida em que a razão governa e os sentimentos e desejos obedecem. A atitude racional consistia no ‘meio-termo dourado’ entre os dois extremos, sendo o meio-termo determinado pela razão.

Fílon

Para Fílon, o Judeu Alexandrino conhecido como Fílon, nascido no último quarto do primeiro século antes de Cristo, Deus era a pureza perfeita e a fonte de todo o bem. A matéria era a fonte de todo o mal. O objetivo do homem é libertar sua alma, sua parte espiritual, do corpo, da matéria, a sede do mal, e retornar a Deus e à bondade perfeita. Diz-se que Fílon influenciou grandemente o pensamento cristão.

Zoroastro

Como observado anteriormente, Zoroastro, por volta de 1000 a.C., reformou a antiga fé baseada na escritura persa, o *Avesta*, que fala de Deus como *Ahura*, um caráter sublime, e também de *Ahriman*, o espírito do mal, e deu-lhe uma forma estritamente monoteísta. Ele elevou a concepção de *Ahura*, no qual concentrou todos os atributos divinos, e conferiu a Ele o epíteto de *Mazda*, o sábio. Assim, *Ahura Mazda* passou a significar o principal Ser Espiritual, o autor do mundo e o guia de seu destino. Ele quer o bem, mas é oposto por seu antagonista e irmão gêmeo, *Ahriman*, o espírito do mal, o chefe de todas as forças menores do mal. Os *Gathas*, que incorporam os ensinamentos de Zoroastro, falam do triunfo final do bem. Zoroastro espera que *Ahura Mazda* finalmente quebre o poder do mal e estabeleça o Reino de Deus no céu e na terra. Esta é também, mais ou menos, a visão cristã.

Cristianismo

Este dualismo definido de bem e mal é encontrado de forma muito proeminente no Cristianismo.

Deus criou o homem bom, mas ele se voltou para a carne e tornou-se sujeito ao mal e ao pecado. O pecado original do primeiro homem foi transmitido a todos os homens — seus descendentes. Todas as forças do mal e do pecado vieram a ser personificadas em Satanás. Assim, no Cristianismo tradicional, dois seres parecem estar funcionando — Deus, a força de todo o bem, e o Diabo, a fonte de todo o mal. Acredita-se que

Cristo conquistou Satanás ao resistir à sua tentação. Se diz que seu primeiro advento libertou os crentes da escravidão de Satanás, mas seu segundo advento completará a derrota de Satanás e estabelecerá o reino de Deus tanto no céu quanto na terra.

Esta é, sem dúvida, uma esperança muito boa e piedosa. Mas considerando a tendência dos acontecimentos, podemos honestamente dizer que é provável que se realize? O mundo será um dia todo-bom? Isso parece muito duvidoso. A crença em Satanás era muito forte nos países ocidentais durante a Idade Média até os séculos XVII e XVIII, mas a ciência e o pensamento modernos explicaram tantos dos processos da natureza externa e também da vida interior do homem que muitos, mesmo entre os frequentadores de igrejas, já não acreditam nas explicações cruas dos teólogos, que precisam tanto de um Deus pessoal quanto do Satanás pessoal em seu esquema de criação. Muitos homens pensantes querem uma explicação mais satisfatória.

Perigo da nova moda do Monismo

Muitas mentes modernas não se importam com o dualismo de Deus e Satanás. Querem o monoteísmo e até uma espécie de Monismo. Devido ao crescimento do materialismo refinado no mundo do pensamento, um tipo estranho de monismo surgiu. Ele acredita no Monismo do bem, distinto do dualismo do bem e do mal no domínio da mente e da matéria. O monoteísmo antigo reconhece a existência tanto do bem quanto do mal. Ele nos conta como as duas forças criam um grande conflito tanto no mundo físico quanto até no coração do homem, e fala do triunfo final do bem em algum futuro distante. Mas o monismo moderno, que é materialismo refinado sob outra forma, sustenta que mesmo no plano físico é possível livrar-se do mal, da doença, pobreza, dor e infelicidade e ganhar saúde perpétua, prosperidade, prazer e felicidade. Alguém já realizou sol perpétuo sem nuvem, ou saúde sem doença, ou prazer sem dor, ou prosperidade sem adversidade no plano físico? Devemos tomar cuidado para não aceitar uma falsa filosofia de vida, aceitar uma ordem de coisas e negar a outra, e tender para um culto de adoração ao corpo e busca de prazer que é perigoso tanto para nosso corpo quanto para nossa alma. Monóculos às vezes são perigosos. Aprendamos a ver as coisas como elas são com ambos os olhos bem abertos.

Bem e mal – correlativos

O que encontramos quando olhamos as coisas com ambos os olhos bem abertos? Descobrimos que o bem e o mal são correlativos. Logicamente falando, não podemos pensar em um sem o outro. Os dois estão misturados em tudo o que experimentamos. Se sustentamos que Deus criou o bem e Satanás o mal, devemos também acreditar que Deus e Satanás se sentaram juntos à mesma mesa para criar este mundo no qual bem e mal são inseparáveis. Às vezes, quando pensamos nos sofrimentos das pessoas em nosso mundo louco atual, pensamos, como Swami Vivekananda reitera, que se o bem aumenta em progressão aritmética, o mal aumenta em progressão geométrica. Mas qualquer que seja a proporção, Swami Vivekananda nos diz claramente:

“A sociedade objetiva será sempre uma mistura de bem e mal. A vida objetiva será sempre seguida por sua sombra, a morte... Nossas próprias vidas dependem da morte de outros — plantas ou animais ou bacilos! ... O progresso do mundo significa mais gozo e também mais miséria. Esta mistura de vida e morte, bem e mal, conhecimento e ignorância, é o que se chama Mâyā, ou fenômeno universal. Você pode prosseguir por toda a eternidade dentro desta rede, buscando felicidade — você encontra muita felicidade e também muito mal. Querer ter bem e nenhum mal é uma tolice infantil.”¹⁹²

Podemos entender a ansiedade dos teólogos em salvar Deus da contaminação do mal, mas a maneira como tentam fazê-lo não ajuda nem a Deus nem ao homem. Dizer que tudo é para o melhor é uma pobre consolação. Swami Vivekananda conta a história de um jovem cujo pai morreu e o deixou na pobreza com uma grande família para sustentar. Ele descobriu que os amigos de seu pai não estavam dispostos a ajudá-lo. Alguns de seus parentes até tentaram roubar a casa ancestral da família. O jovem estava em grande dificuldade. Ele conversou sobre o assunto com um clérigo cristão que o consolou dizendo: ‘Oh, todos esses problemas são enviados para o nosso bem. Não há miséria, apenas o bem, no que aconteceu com você.’ Então, seis meses depois, nasceu um filho do clérigo, e para celebrar este evento ele deu uma festa de ação de graças para a qual o jovem também foi convidado. O clérigo orou e agradeceu a Deus por suas misericórdias. O jovem levantou-se: ‘Pare!’, gritou ele, ‘Isto é tudo miséria!’ ‘Mas por quê?’, perguntou o clérigo espantado. E o jovem respondeu: ‘Porque quando meu pai morreu, você disse que era bom, embora

¹⁹² Ibid. Vol. VI. Pp. 341, 342.

aparentemente mau; assim também, agora este nascimento de seu filho, embora aparentemente bom, é realmente mau!’

A tentativa de curar a miséria e o sofrimento do mundo colocando uma folha de ouro sobre uma ferida antiga não adianta. Devemos ir à raiz de nossos problemas e olhar tanto para o bem quanto para o mal de um novo ponto de vista.

A visão Vedântica do bem e do mal

Chegamos aqui à teoria Vedântica de Mâyā. De acordo com a Vedanta Monista, Deus, ou o Ser Supremo, não é afetado pelo mal e está acima do bem relativo, que é o correlativo do mal. Tanto o bem relativo quanto o mal relativo têm uma origem comum. *São manifestações duais do mesmo poder cósmico, da energia universal no plano dos fenômenos.* Esta é também a visão científica. Como Herbert Spencer diz:

“Somos obrigados a considerar todo fenômeno como uma manifestação de algum poder pelo qual somos afetados.”¹⁹³

Dizer que é tudo vontade ou jogo de Deus não é explicação. É claro, Mâyā também não é uma explicação. É uma declaração de fato. Mâyā não implica em ilusão, significa o mundo da relatividade com todos os seus opostos e contradições.

Os persas, cristãos e outros dualistas que acreditam no dualismo do bem e do mal tentaram dividir o poder cósmico em dois. A Vedanta o toma como um todo, mas reconhece sua manifestação dual.

Os mestres da Vedanta nos dizem que Mâyā é como uma nuvem. Ela esconde a verdade e cria um fenômeno maravilhoso com luz e sombra. O belo pôr do sol no Himalaia muitas vezes nos lembra de Mâyā. Este poder misterioso é chamado de ignorância criativa, e aqui citamos as palavras de Swami Vivekananda:

“Há apenas Um — o Livre — o Ser Conhecedor
Sem nome, sem forma ou mancha.
Nele está Mâyā sonhando todo este sonho.
A Testemunha, Ele aparece como Natureza, Alma.”¹⁹⁴

¹⁹³ "First Principles." P. 73.

¹⁹⁴ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. IV. P. 328.

“Vidyā Māyā” e “Avidyā Māyā”

Māyā tem seus dois opostos, *Vidyā Māyā* e *Avidyā Māyā*. Sri Ramakrishna diz:

“Brahman está além de *vidyā* e *avidyā*, conhecimento e ignorância. Está além de Māyā, a ilusão da dualidade. O mundo consiste na dualidade ilusória de conhecimento e ignorância. Contém conhecimento e devoção, e também apego a ‘sexo e ouro’; retidão e injustiça; bem e mal. Mas Brahman não está ligado a isso. O bem e o mal aplicam-se ao *jīva*, à alma individual, assim como a retidão e a injustiça; mas Brahman não é de modo algum afetado por eles...

“Você pode perguntar: ‘Como, então, explicar a miséria, o pecado e a infelicidade?’ A resposta é que estes se aplicam apenas ao *jīva*. Brahman não é afetado por eles. Há veneno numa cobra; mas embora outros possam morrer mordidos por ela, a própria cobra não é afetada pelo veneno.”¹⁹⁵

Vida espiritual

A vida espiritual é uma guerra contínua entre as forças opostas, entre a natureza superior e inferior do homem. Tanto as tendências divinas quanto as tendências animais são tantas vezes encontradas misteriosamente misturadas no mesmo indivíduo. O aspirante deve seguir o caminho da purificação, sendo seu esforço constante eliminar o mal e fortalecer o bem em si mesmo.

À medida que a pureza é cultivada, à medida que nos elevamos acima do mal para o domínio do bem, sentimos nosso corpo tornar-se leve, nossos sentidos tornarem-se quietos e firmes, nosso intelecto tornar-se luminoso; todo o nosso ser brilha com uma estranha luminosidade. Mais um passo e alcançamos o terraço da consciência espiritual. É lá que nossa alma se unifica com a Luz Suprema que brilha em e através de tudo. É como ser elevado acima das nuvens.

Devemos ser corajosos e reconhecer o Princípio Divino na criação, preservação e destruição; na beleza e na feiura, na dor e no prazer; na honra e na desonra; na juventude e na velhice e na vida e na morte igualmente. À medida que realizamos o Espírito imutável no meio dos nomes e formas mutáveis e permanecemos não afetados por eles, permanecemos acima do bem relativo e do mal relativo.

¹⁹⁵ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 28.

A alma iluminada

A alma iluminada é muito diferente de todos nós, e deve ser julgada não pelo nosso padrão, mas pelo seu próprio. Estando estabelecida na glória do Espírito, ela transcendeu todos os conflitos morais que tão frequentemente nos dilaceram. Tendo eliminado o mal através de práticas morais e espirituais rigorosas, ela apenas alimenta bons desejos e pode fazer o bem sem produzir mal. Ela faz o bem aos outros por seu amor ilimitado por todos.

“Ele vê o Ser em seu próprio corpo, vê tudo como o Ser. O mal não o alcança; mas ele transcende todo mal. O mal não o perturba: ele consome todo mal.”¹⁹⁶

Então, sigamos seus passos; sigamos o caminho do bem em todas as circunstâncias, lembrando sempre que o bem está mais próximo da Verdade última do que o mal.



CAPÍTULO XVIII

DEUS EM TUDO

Deus tornou-se tudo

O mundo não existe de modo algum separado de Deus, e é o objetivo de todos os aspirantes espirituais realizar esta verdade por si mesmos. A

¹⁹⁶ Brihadaranyaka Upanishad. IV: iv: 23.

alma iluminada sabe que é só Deus que se tornou tudo. Vejamos o que Sri Ramakrishna diz sobre o assunto de alcançar este estado de consciência:

“Um homem deve alcançar o *Nitya*, o Absoluto, seguindo o rastro do *Lila*, o Relativo. É como alcançar o telhado pelas escadas. Depois de realizar o Absoluto, ele deve descer ao Relativo e viver nesse plano na companhia de devotos, carregando sua mente com o amor de Deus. Esta é minha opinião final e mais madura.”¹⁹⁷

“Deus tem diferentes formas, e Ele joga como *Íśvara*, deva, homem e o universo. Em todas as eras, Ele desce à Terra em forma humana, como uma Encarnação, para ensinar às pessoas amor e devoção.”¹⁹⁸

“Um devoto de Deus aceita tudo. Ele aceita o universo e seus seres criados, bem como o indivisível *Satchidananda*.”¹⁹⁹

“Todas as dúvidas desaparecem quando se vê a Deus. Uma coisa é ouvir falar de Deus, mas bem diferente é vê-Lo. Um homem não pode ter cem por cento de convicção através da mera audição. Mas se ele contempla Deus face a face, então está totalmente convencido.”²⁰⁰

“O conhecedor parcial limita Deus a um único objeto. Ele pensa que Deus não pode existir em nada além disso.”²⁰¹

“A adoração formal cai após a visão de Deus. Foi assim que minha adoração no templo chegou ao fim. Eu costumava adorar a Divindade no templo de Kali. Foi subitamente revelado para mim que tudo é Puro Espírito. Os utensílios de adoração, o altar, a moldura da porta — tudo Puro Espírito. Homens, animais e outros seres — tudo Puro Espírito. Então, como um louco, comecei a espalhar flores em todas as direções. Tudo o que eu via, eu adorava.”²⁰²

“Um dia, enquanto adorava Shiva, estava prestes a oferecer uma folha de bel na cabeça da imagem, quando me foi revelado que este universo *Virat* é o próprio Shiva. Depois disso, minha adoração de Shiva através da imagem chegou ao fim. Outro dia, eu estava colhendo flores, quando me foi revelado que as plantas floridas eram como tantos buquês. Foi-me revelado num lampejo. Não calculei sobre isso. Foi-me mostrado que cada planta era um buquê adornando a Forma Universal de Deus. Vejo o homem exatamente da mesma maneira. Quando vejo um homem, vejo que é o próprio Deus que anda na terra.”²⁰³

Deus e Mal

¹⁹⁷ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 196.

¹⁹⁸ Ibid.

¹⁹⁹ Ibid. P. 345.

²⁰⁰ Ibid. P. 346.

²⁰¹ Ibid.

²⁰² Ibid.

²⁰³ Ibid.

Seria muito natural para uma mente cética, ao ler as citações acima, perguntar como é possível que Deus esteja em tudo. A maioria das pessoas aceitará a ideia de que Deus está no bem, mas não está disposta a admitir que Ele também está no mal. Por exemplo, se alguém nos fere e calunia, achamos a princípio quase impossível ver Deus nessa pessoa; para nós, ele é a encarnação do mal. Mas refletindo, podemos descobrir que o caluniador nos fez um serviço; ele pode ter nos tornado mais introspectivos do que antes e revelado falhas nossas das quais até então não estávamos conscientes, com o resultado de que começamos a tentar melhorar nosso caráter. E assim, à medida que pensamos mais profundamente, torna-se aparente que Deus habita em todos, e que é possível que algum bem provenha do mal.

Para ilustrar este ponto — que o mal é frequentemente uma bênção disfarçada — eis uma anedota sobre Ibrahim Ibn Adham, o grande místico sufi do século VIII:

“Certa vez, uma grande multidão se reuniu para homenagear o bendito Santo de Allah. Era assim que o chamavam. Vendo a multidão, Ibrahim ficou muito constrangido. Ele disse à multidão: ‘Meu bom povo, por que fazer tanto alvoroço por esse homem indigno? Conheço-o bem. Ele é tanto um pecador quanto um infiel.’ As pessoas, não sabendo quem ele era, levantaram-se furiosas, dizendo: ‘Você chama um homem tão grande de pecador? Então você mesmo é o pecador!’ E alguém o pegou pela garganta, enquanto outro lhe deu uma boa sova. Insultado e ferido, o santo permaneceu calmo. Disse a si mesmo: ‘Oh minha mente, recebeste tua justa recompensa.’ E agradeceu a Deus por lhe dar o que merecia. Mais tarde, quando as pessoas se conscientizaram de sua identidade, vieram a ele implorando perdão.’

Foi a desonra todo mal?

E há o exemplo do grande discípulo de Sri Ramakrishna, Durgacharan Nag, que costumava sofrer dores agonizantes devido a cólicas e outros problemas; quando a dor se tornava mais excruciante, ele dizia: “Salve Ramakrishna! Glória a Ti! Bendita é de fato o sofrimento, pois me lembra de Deus!” Foi a dor todo mal aqui?

A atitude do iluminado é muito diferente da nossa com relação ao bem e ao mal. Para eles, o mal é aquilo que torna a alma egoísta — faz a alma afastar-se da Verdade Última, enquanto o bem, por outro lado, é aquilo que ajuda alguém a elevar-se acima do egoísmo e a mover-se em direção à Realidade Suprema.

Um Poder com dupla manifestação

Para aceitar, mesmo intelectualmente, a ideia de que Deus está em tudo, do sublime ao mais terrível, é preciso considerar todos os fenômenos como manifestação do mesmo poder. Como observado anteriormente, esta visão é tanto científica quanto filosófica. Os filósofos hindus chamam este poder de *Prakriti* ou *Māyā*. Às vezes referem-se a ele como a grande causa de todas as contradições. A *Māyā* que produz e traz à existência o mundo fenomênico ou a existência de contradições tem dois aspectos. Um conduz a alma em direção a Deus, enquanto o outro a afasta.

Como os antigos mestres chegaram a esta Verdade? Primeiro tentaram a especulação; tentaram formular vários sistemas, mas não ficaram satisfeitos. Finalmente, mergulharam nas profundezas de seu ser, na própria natureza das coisas, através da meditação. Eles se absorveram e entraram no estado supraconsciente. Quando saíram disso, descobriram que é o único Poder Divino que traz todo este mundo à existência, e que este poder tem dois aspectos, um prende e o outro liberta a alma. Como Sri Ramakrishna nos diz, o que chamamos de *Vidyā*, o poder libertador, manifesta-se como discriminação, desapego, devoção e amor por Deus; e *Avidyā*, o poder que prende, expressa-se como paixão, ambição, desejo por riqueza e honra. Tudo isso encontramos dentro de nós mesmos, e ainda assim acreditamos que Deus habita nos corações de todos nós. Ambos os aspectos são, por assim dizer, partes da mesma escada, levando tanto ao terraço quanto ao porão. Ambos são partes do mesmo edifício e feitos do mesmo material — tijolos e argamassa.

O que mais importa em nossa vida espiritual são nossas reações, mas não as manifestações objetivas como tais. O terno e o terrível, o belo e o feio, a luz do sol e a escuridão, o calor e o frio, a saúde e a doença, a prosperidade e a pobreza, tudo isso compõe o Cosmos, mas se podem produzir em nós amor pela Verdade, são, cada um deles, bênçãos disfarçadas.

Luz Divina escondida em tudo

As almas iluminadas nos dizem que veem a mesma Luz Divina brilhando em e através de todos, os bons e os maus. Os bons estão descobrindo esta Luz interior. Os maus ainda não estão conscientes dela,

mas algum dia também realizarão o que está em seu íntimo. Esse é seu direito de nascença. Diz o sábio vidente dos *Upanishads*:

“Este Ser está escondido em todos os seres. Não se revela a todos, mas pode ser visto e é visto apenas pelos videntes sutis, que tornaram suas mentes refinadas, unidirecionadas e puras.”²⁰⁴

Esta pureza só pode ser obtida através de disciplinas espirituais.

A Vida de Sri Ramakrishna narra como Narendra, que a princípio repelia a própria ideia do *Advaita* e zombava do Mestre sobre isso, foi totalmente transformado por um toque do Mestre. Quando Sri Ramakrishna tentava incutir em seu jovem discípulo que tudo é permeado pelo Espírito Supremo, Narendra estava até rindo disso com um homem meio religioso, meio mundano que vivia no mesmo templo que o Mestre, com as palavras: “Como pode ser? Este jarro é Deus, este copo é Deus, tudo o que vemos é Deus, e nós também somos Deus! Nada pode ser mais absurdo!” Sri Ramakrishna, que estava em seu quarto, ouviu a risada de Narendra e saiu em estado de semiconsciência com seu traje debaixo do braço como uma criança: “Olá! O que vocês estão falando?”, disse ele sorrindo, tocou Narendra e mergulhou em *Samādhi*. Narendra descreveu o efeito do toque:

“Aquele toque mágico do Mestre imediatamente trouxe uma mudança sobre minha mente. Fiquei estupefato ao descobrir que realmente não havia nada no universo senão Deus! ... Voltei para casa, mas lá também tudo o que eu via parecia ser Brahman. Sentei-me para fazer minha refeição, mas descobri que tudo — a comida, o prato, a pessoa que servia e até eu mesmo — não era nada além D’Aquilo.”²⁰⁵

Este estado continuou por alguns dias, e quando o Swami retornou ao plano normal, percebeu que tivera um vislumbre daquele estado de consciência no qual se vê o único ser espiritual permeando tudo. Em anos posteriores, após experiências e compreensão mais profundas, Swami Vivekananda declarou:

“Há o mal e há o bem, mas o ápice, o centro, é a Realidade. Ele não é nem mau nem bom. Ele é o melhor. O melhor só pode ser um, o bom pode ser muitos,

²⁰⁴ Katha Upanishad. III: 12.

²⁰⁵ The Life of Sri Ramakrishna. P. 343.

o mal muitos. Haverá graus de variação, entre o bem e o mal, mas o melhor é apenas um.”²⁰⁶

Ele havia realizado o Único Espírito Transcendental que se manifesta como tudo e ainda assim permanece intocado.

Experiências suprasensoriais

Agora, neste ponto, temos que entender a relação entre o microcosmo e o macrocosmo — o individual e o universal. Temos nosso corpo; nosso pequeno corpo é parte do corpo cósmico — é parte do oceano infinito de matéria. Nosso corpo sutil, ou corpo mental, é novamente parte da mente cósmica. Se pudéssemos ir mais fundo, descobriríamos que a alma, nossa alma, ou consciência individual, é parte da consciência cósmica que nos envolve a todos. Estamos todos imersos nela. Isto não é imaginação; é uma experiência. Assim, temos este plano físico, e também os planos mental e espiritual. Experiências suprasensoriais ocorrem em todos os três planos.

Para descobrir a estrutura do Benzeno, Kekule, o químico alemão, meditou sobre isso dias e noites a fio, e eventualmente teve um sonho. Ele viu um número de cobras, e uma delas agarrou sua própria cauda. A imagem rodopiou diante de seus olhos; como que por um relâmpago, ele acordou. Passou o resto da noite elaborando as consequências da hipótese. Ele descobrira a estrutura do Benzeno. É um hexágono, exatamente como um anel. Em cada canto, ele encontrou um átomo de hidrogênio e um de carbono. Esta foi uma experiência suprasensorial, mas relacionada a algo físico. Depois, há experiências no plano mental que levam a poderes psíquicos, e experiências no plano espiritual que levam à iluminação.

Experiências espirituais — pessoais e impessoais

Sri Ramakrishna fala dos três corpos do homem e também da Realidade Última além de todos eles: o corpo consistindo dos elementos grosseiros é o corpo físico; o corpo composto pela mente, o ego, e assim por diante, é o corpo sutil; e o corpo por meio do qual se desfruta a Bem-aventurança de Deus e se mantém comunhão com Ele é o corpo causal. No plano físico, com nossos olhos físicos, vemos apenas coisas físicas. No plano psíquico, com nosso olho mental, vemos coisas mais sutis. No plano

²⁰⁶ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. II. P. 418.

espiritual, com nosso olho espiritual, com nossa visão espiritual, entramos em contato com as formas divinas, com a Realidade Divina. Podemos ver formas divinas. Podemos também realizar o sem-forma. Agora, correspondendo ao que chamamos de corpo causal individual, há o corpo causal universal. Nossos mestres o chamam de Ísvara. Esse é o aspecto pessoal da Realidade Divina onipresente. O Espírito transcendental primeiro se manifesta no plano mais sutil de consciência do qual surgem diferentes formas espirituais. Neste plano, ainda temos o individual como a alma e o Cósmico como a Superalma. Maravilhoso é o Jogo Divino que ocorre entre a alma e a Superalma. Isto apenas os místicos realizam.

Realizações místicas com e sem forma

Agora, quando o místico vê uma forma divina e santa — pode ser a de um Cristo, um Buddha ou um Krishna —, ele está vendo algo muito pessoal. Assim, talvez o mesmo místico contemple um fenômeno mais grandioso quando o pessoal se funde no impessoal. Ele vê o Espírito Divino brilhando em e através de tudo. Do plano da forma, o devoto vai ao plano do sem forma.

Às vezes surge um conflito na mente — como pode Deus ser tanto com forma quanto sem forma? De sua experiência mais profunda, Sri Ramakrishna nos diz:

“Pense em Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, como um oceano sem margens. Através da influência refrescante, por assim dizer, do amor do *bhakta*, a água congelou em lugares em blocos de gelo. Em outras palavras, Deus ora assume várias formas para Seus amantes e Se revela a eles como uma pessoa. Mas com o nascer do sol do conhecimento, os blocos de gelo derretem. Então não se sente mais que Deus é uma pessoa, nem se vê as formas de Deus.”²⁰⁷

Não há contradição entre a forma e o sem forma. Quando está frio, as formas aparecem como gelo e quando o sol nasce novamente, a forma torna-se sem forma. Assim também é o caso do devoto. Quando seu coração está cheio de devoção, ele deseja ver formas divinas; e às vezes ele quer estar em comunhão com o sem forma, ou pode ser que o Espírito Infinito Se revele como tal. Os místicos possuem o olho e o entendimento espirituais que são desenvolvidos através de disciplinas espirituais.

²⁰⁷ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 78.

Ilustrações de místicos cristãos

Pense em Santa Teresa vendo a santa forma do Cristo ressuscitado. A forma era de indescritível beleza e majestade. Mas às vezes ela não via forma alguma — sentia a presença do Cristo invisível, e este sentimento era transformador. Teve ela alguma visão do Cósmico? Um dia, conta-se, ela foi capaz de perceber num instante como todas as coisas são vistas e contidas em Deus. Isso deixou uma tremenda impressão em sua mente, mas ela não podia descrever com precisão sua experiência, e de qualquer forma, se tivesse escrito sobre isso, provavelmente teria sido rotulada de herege. É criminoso para um místico cristão dizer que viu tudo como uma manifestação de Deus.

São Francisco de Assis é classificado como o principal dos místicos da natureza do mundo ocidental. Ele tinha visões de Deus, mas mais do que qualquer outro, via algo divino na natureza. Seu amor por Deus, pelo homem, animais e pássaros era ilimitado. Os elementos eram seus irmãos e irmãs. Ele até reconhecia uma irmã na morte ‘da qual nenhum homem vivo pode escapar’. Todas as criaturas, para ele, refletiam uma radiação divina, e isso enchia o coração do santo de alegria.

Experiências de Sri Ramakrishna

Sri Ramakrishna teve muitas visões de Deus em Seus vários aspectos — Deus como mãe, pai, amigo, amado, como a Alma de todas as almas. Ele realizou o Espírito Universal e sentiu que era parte D’Aquilo. E chegou um tempo em que ele também realizou o Ser Transcendente. Passo a passo, da forma ao sem forma, ele foi cada vez mais alto e se perdeu na experiência da Realidade Transcendental além de toda relatividade. Seguindo o processo de ‘não isto, não isto’, ele alcançou a experiência transcendental que Shankara descreveu em termos tão entusiásticos:

“Apenas Bem-aventurança, Bem-aventurança — sem direção, relação, nome ou forma. A Alma desencarnada perdida em sua indescritível Bem-aventurança além de toda relatividade, vigília, sonho e sono profundo.”²⁰⁸

A maioria dos místicos, como Sri Ramakrishna nos diz, não se importa em descer deste estado bem-aventurado, mas ele desceu, trazido

²⁰⁸ Vivekachudamani. V. 408.

para baixo pela Vontade Divina. Ele desceu para compartilhar suas experiências espirituais únicas com seus discípulos e seus semelhantes. E não só isso, mas, como sabemos, ele fez com que o mais importante de seus discípulos, Swami Vivekananda, realizasse por si mesmo a experiência do Transcendental e também o ajudou a descer ao plano da Imanência Divina, onde ele viu tudo brilhando com Glória Divina. Falando ao Mestre sobre esta experiência maravilhosa, Swami Vivekananda disse:

“Eu estava feliz no estado supraconsciente. Em minha felicidade infinita, havia esquecido o mundo. Suplico-lhe que me permita permanecer nesse estado.”

“Que vergonha!”, exclamou o Mestre. “Como você pode pedir tais coisas? Pensei que você fosse um vasto receptáculo de vida e aqui você deseja permanecer absorto em sua felicidade pessoal como um homem comum! Esta realização se tornará tão natural para você, pela graça da Mãe, que em seu estado normal você realizará a única Divindade em todos os seres, você fará grandes coisas no mundo; você trará a consciência espiritual aos homens e aliviará a miséria dos humildes e dos pobres.”²⁰⁹

Vendo Deus no Homem

Sentados aos pés de seu Mestre iluminado, Swami Vivekananda e seus irmãos discípulos aprenderam o ideal duplo que eles graciosamente nos transmitiram — o ideal de renúncia e serviço, o ideal de trabalho e adoração, o ideal de meditação na Divindade e, junto com isso, o ideal de serviço ao Deus-no-homem. Todos eles perceberam que a humanidade é uma e que é Deus encarnado.

Um dia, o Mestre falava aos discípulos sobre os ensinamentos do grande profeta do Amor Divino, Sri Chaitanya, cujo tema central é:

“Tenha prazer no nome de Deus, tenha compaixão por todas as criaturas vivas e sirva aos devotos do Senhor.”

Discutindo isso, o Mestre caiu no estado superconsciente e, ao emergir dele, os discípulos o ouviram dizer a si mesmo:

²⁰⁹ Carta de Swami Shivananda. Datada de 7 de dez. 1927. Citado por Romain Rolland na 'Vida de Sri Ramakrishna.' P. 268.

“Compaixão às criaturas! Compaixão às criaturas! Mostrar compaixão às criaturas — não, isso não está certo. Não é compaixão, mas é serviço aos homens, reconhecendo-os como verdadeiras manifestações de Deus.”

Swami Vivekananda obteve uma nova luz com isso e observou:

“O ideal da Vedanta vivido pelo recluso fora do âmbito da sociedade pode ser praticado também em casa e pode ser aplicado a todos os nossos esquemas diários de vida. Que todos entendam que é só Deus quem Se manifestou como o mundo, e como todos os seres e coisas criados. Faça o serviço ao homem, sabendo que ele é a manifestação de Deus. Isso purificará seu coração e você perceberá no devido tempo que você, também, é parte e parcela do Ser Divino.”²¹⁰

E ouvimos o Swami dizer:

“Do mais alto Brahman ao verme lá embaixo,
E ao mais ínfimo átomo,
Em toda parte está o mesmo Deus, o Todo-Amor;
Amigo, oferece mente, alma, corpo a seus pés.
Estas são Suas formas múltiplas diante de ti,
Rejeitando-as, onde procuras por Deus?
Aquele que ama todos os seres, sem distinção,
Esse, na verdade, adora melhor o seu Deus.”²¹¹

Vendo Deus em tudo

O homem de Autorrealização vê Deus em tudo. Como diz Sri Ramakrishna:

“Realiza-se claramente que o próprio Deus se tornou o universo e todos os seres vivos.”²¹²

Nós, buscadores espirituais, devemos ter o olho espiritual para ver isso por nós mesmos. O Mestre diz novamente:

“Você desenvolverá esse olho assim que sua mente se tornar pura.”²¹³

²¹⁰ Cf. The Life of Swami Vivekananda. P. 107 e segs.

²¹¹ The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. IV. P. 429.

²¹² The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 369.

²¹³ Ibid.

Em nosso mundo moderno, distraído e dividido, precisamos de algo dessa Visão Cósmica de que a humanidade é uma e Deus encarnada. É necessário para todos nós sentir esta presença viva do Espírito Supremo, realizar a Imanência Divina em todo o nosso ser, em todos os nossos sentidos, em todos os nossos membros, e em nossa mente e coração.

Como? Ouça sobre isso. Reflita sobre isso. Medite sobre isso. Nossos mestres espirituais nos dizem, junto com isso, para fazer serviço aos nossos semelhantes. Meditação, adoração, oração, bem como serviço espiritualizado, permitem-nos alcançar nosso objetivo mais cedo. Eles nos ajudam a desenvolver o olho espiritual que permite à alma ter visões; a meditação sincera e o serviço amoroso juntos purificam a mente rapidamente, então lembremo-nos sempre das palavras de Sri Ramakrishna:

“A mente pura adquire uma nova atitude. Através dessa mente, vê-se Deus neste mundo. Portanto, precisa-se de disciplina espiritual.”²¹⁴



CAPÍTULO XIX

COMO AS ALMAS ILUMINADAS VIVEM NO MUNDO

Erudição e Iluminação

Almas iluminadas são aquelas cuja consciência foi iluminada pela luz autorresplandecente da Verdade, a Realidade Divina Suprema, chamada variadamente de Deus, Brahman, Jeová, Alah. Devemos, no entanto, distinguir claramente entre mero conhecimento teórico e o

²¹⁴ Ibid.

conhecimento que segue a experiência real. O conhecimento livresco é muitas vezes confundido com o mais alto conhecimento, *mas o conhecimento intelectual sobre a Realidade Última é totalmente diferente de sua realização direta. Há um mundo de diferença entre o homem de realização e o mero intelectual. Enquanto o primeiro é aquele que é “Livre de imperfeições e dúvidas, com os sentidos controlados e engajado no bem de todos os seres”,*²¹⁵ o último pode, como Sri Ramakrishna aponta, não ser melhor do que o abutre que voa alto no céu, mas tem seu olhar apenas no poço de carniça abaixo; *intelectualmente, ele pode estar mergulhando nas mais altas verdades, mas seu coração pode estar sempre voltado para ganhos mesquinhos e egoístas.*

Os mestres hindus sempre traçam uma distinção entre os dois tipos de conhecimento — o *Para Vidyā* e o *Apara Vidyā*, o superior e o inferior. O inferior é o conhecimento teórico das escrituras e assuntos relacionados como fonética, prosódia, gramática, etc. *O superior é aquele conhecimento pelo qual o Espírito Supremo é conhecido ou realizado.*

Há um grande risco de se perder neste conhecimento inferior, que certamente possui uma atração sem fim para nossas mentes superficialmente inquisitivas. Fariamos bem em perceber suas severas limitações. Esta verdade é apontada por Sri Ramakrishna numa parábola simples:

“Um *pandit* [erudito] estava certa vez atravessando o Ganges num barco. Gostando de exhibir sua erudição, perguntava a um companheiro de viagem: ‘Você conhece a *Vedanta*?’ E a resposta foi: ‘Não, reverendo senhor.’ ‘O *Samkhya* e o *Yoga*?’ Mas o companheiro de viagem ignorava todas as filosofias. De repente, enquanto conversavam, uma grande tempestade surgiu e o barco estava prestes a afundar, quando o passageiro se virou para o *pandit* e perguntou-lhe: ‘Senhor, o senhor sabe nadar?’ ‘Não’, respondeu o *pandit*. ‘Não conheço a *Vedanta*, *Samkhya* ou *Yoga*’, disse o passageiro, ‘mas sei nadar.’”²¹⁶

Se não se sabe como atravessar as águas de *Māyā* ou *Samsāra*, nenhuma quantidade de erudição escritural será de qualquer utilidade.

Quando M, o autor de ‘*O Evangelho de Sri Ramakrishna*’, conheceu o Mestre, logo após o início do conhecimento, Sri Ramakrishna perguntou sobre a esposa de M: ‘Diga-me, que tipo de pessoa é sua esposa? Ela tem atributos espirituais, ou está sob o poder de *avidyā*?’ M respondeu: ‘Ela está bem, mas receio que seja ignorante.’ M era um homem altamente educado,

²¹⁵ Bhagavad Gita. V: 25.

²¹⁶ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 343.

o diretor de uma escola secundária, e assim descreveu sua esposa como ignorante. Mas veio, incisiva, a admoestação do Mestre: 'Então você é um homem de conhecimento?' O ego de M foi severamente abalado, mas mais tarde ele aprendeu que conhecer a Deus é conhecimento, e não conhecê-Lo é ignorância.²¹⁷

O *Chandogya Upanishad* relata um episódio que reforça a mesma verdade. Nārada, que mais tarde se tornou um dos maiores santos iluminados de todos os tempos, aproximou-se do santo Sanatkumara como estudante e pediu instrução. O mestre perguntou: 'O que você já estudou?' Narada respondeu que havia dominado todos os ramos do aprendizado — arte, ciência, música, filosofia e as escrituras sagradas. 'Mas', disse ele, 'não obtive paz. Estudei tudo isso, mas não conheci o Ser.' Eu ouvi que aquele que conhece o Ser supera a tristeza. A tristeza é sempre minha sina. Ajude-me, eu lhe suplico, a superá-la." E a essência da instrução do mestre em resposta foi: "O Infinito apenas é Bem-aventurança. Não há bem-aventurança no finito. Realize o Infinito." Nārada realizou o Infinito e assim tornou-se iluminado. Seu coração se encheu de amor por todos os seres aflitos. Ele se tornou um mestre do mais elevado conhecimento e devoção, e ajudou muitos a elevarem-se acima de toda tristeza realizando a Bem-aventurança Divina.²¹⁸

Assim, são os conhecedores da Verdade que são as 'Almas Iluminadas', assim como Cristo disse: "Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará."

Os tipos ativo e quieto de almas iluminadas

Entre as almas iluminadas, há o tipo ativo e também o tipo quieto. Sobre eles, Sri Ramakrishna diz:

"Há duas classes de *Paramahamsas*. Os pertencentes à primeira cuidam apenas do seu próprio bem; sentem-se satisfeitos se eles mesmos alcançam o objetivo. Mas há outros que, mesmo após alcançar o conhecimento de Brahman, permanecem neste plano para que possam descrever aos outros as várias disciplinas espirituais pelas quais realizaram a Deus. Essas almas aperfeiçoadas ensinam verdades espirituais a outros, e o fazem apenas para ajudá-los na vida espiritual... Alguns comem mangas secretamente e removem todo o vestígio delas limpando a boca com uma toalha. Mas alguns compartilham a fruta com

²¹⁷ Ibid. P. 1.

²¹⁸ Chandogya Upanishad. VII.

outros. Há sábios que, mesmo após alcançar o conhecimento, trabalham para ajudar os outros e também para desfrutar da Bem-aventurança de Deus na companhia dos devotos.”²¹⁹

Ele também relata a parábola dos quatro amigos que certa vez viram um lugar cercado por um muro. O muro era muito alto e estavam todos ansiosos para saber o que havia do outro lado. Um deles escalou até o topo do muro. O que ele viu ao olhar para dentro deixou-o mudo de espanto. Ele apenas gritou ‘Ah! Ah!’ e saltou para dentro. Os outros também fizeram o mesmo. Agora, quem poderia contar o que havia lá dentro?

Felizmente, nem todas as almas iluminadas são assim. Algumas podem e, de fato, voltam para nos contar sobre os mistérios do além e nos ajudar também a experimentá-los. Eles são nossos maiores mestres. Mas, em nossa gratidão e admiração por eles, não devemos deixar de apreciar também a grandeza do tipo quieto ou contemplativo de almas iluminadas. Não sejamos tão impensados a ponto de chamar estes últimos de egoístas. Ao viver e realizar o ideal espiritual, eles o tornam uma bênção para nós. Seus poderosos pensamentos espirituais purificam a atmosfera mental e fertilizam o solo necessário para o crescimento de homens e mulheres espirituais. Suas vibrações espirituais ativas sempre nos apoiam em nossos esforços e lutas espirituais. O poder do pensamento e da realização espiritual silenciosa é grande demais para ser subestimado.

Em todas as grandes religiões, encontramos tanto o tipo ativo ou prático quanto o tipo silencioso ou contemplativo de místicos. Havia muitos ascetas nas fés hindu e budhista, os padres do deserto e os santos das colunas no Cristianismo, e no Islã os santos sufis que se retiraram da vida social e se dedicaram exclusivamente a uma vida de contemplação. Eles são como algumas das maravilhosas flores do deserto que, sem serem vistas por olho humano, desaparecem completamente, mas deixam sua adorável fragrância no ar.

Lao Tsé e Confúcio

Assim, entre os grandes sábios da China, temos Lao Tsé, o místico quieto, e Confúcio, o humanista ativo que estava profundamente interessado na estabilidade social. Enquanto muito pouco se sabe sobre Lao Tsé, há muitas obras biográficas sobre Confúcio. O maior interesse de Lao Tsé era a realização do Espírito transcendente e imanente, o *Tao*:

²¹⁹ The Gospel of Sri Ramakrishna. P. 850.

“Existe um Ser maravilhoso e completo,
Antes do céu e da terra, Ele era;
Quão calmo Ele é! Quão espiritual!
Mesmo que alguém tenha apenas um pouco de conhecimento,
Pode andar no caminho do Grande Supremo.”²²⁰

O que Lao Tsé ensinou foi isto:
‘Entre em harmonia com o Tao — o Grande Espírito nas coisas — e você
será impelido inconscientemente à ação correta.’

Ele apresenta o ideal de iluminação e o homem iluminado quando
diz:

“Bana a (mera mundana) sabedoria, descarte o (mero teórico)
conhecimento,

Revele teu Simples Ser,
Abrace tua Natureza Original,
Refreie teu egoísmo,
Reduza teus desejos.”²²¹

“O sábio não conhece muitas coisas,
Aquele que conhece muitas coisas não é sábio.
O sábio não acumula (para si):
Ele vive para outras pessoas,
E torna-se mais rico:
Ele dá a outras pessoas,
E tem maior abundância.
O Tao do Céu
Abençoa, mas não fere.
O caminho do Sábio
Realiza, mas não disputa.”²²²

O sábio também abençoa como o Tao, pois é um canal através do
qual o Tao age.

Confúcio também se tornou iluminado à sua própria maneira. Ele
sustentava que:

²²⁰ Citado por R. E. Hume em "The Treasure House of the Living Religions." P. 6.

²²¹ "The Wisdom of China and India" — Lin Yutang, P. 592.

²²² Ibid. P. 624.

“Encontrar a pista central para nosso ser moral que nos une à ordem universal, essa é de fato a mais alta realização humana.”²²³

E aos setenta anos declarou:

“Aos quinze comecei a me interessar seriamente pelo estudo. Aos trinta tinha formado meu caráter. Aos cinquenta conhecia a vontade do céu. Aos sessenta nada do que ouvia me perturbava. Aos setenta podia deixar meus pensamentos vaguearem sem transgredir a lei moral.”²²⁴

A estabilidade da sociedade chinesa deve-se em grande parte aos ensinamentos de Confúcio. Mas Lao Tsé também deixou sua grande contribuição para a cultura espiritual chinesa e mundial. Só alguém como ele, dedicado à quietude, contemplação e iluminação, poderia escrever o livro do *Tao*.

Para o bem-estar integral do mundo, precisamos tanto do tipo Lao Tsé quanto do tipo Confúcio.

Assim como no caso do Taoísmo e do Confucionismo, todas as religiões do mundo têm o ideal do homem perfeito e da perfeição.

O Buddha e o ideal de perfeição no Buddhismo

O Buddhismo declara que:

“Aquele que removeu de si todo pecado, que está livre de impureza, que é autodisciplinado, que é um mestre consumado do conhecimento, que cumpriu os deveres da santidade — tal pode justamente chamar a si mesmo uma pessoa de primeira classe. Aquele que é profundo em sabedoria e inteligência, que com habilidade pode discernir o certo e o errado, que alcançou o mais elevado objetivo — a esse considero uma pessoa de primeira classe.”

O próprio Buddha nunca falou de Deus. Para ele, a Verdade era a realidade transcendental — além do uno e do múltiplo; além de Deus, o Criador, das almas e do universo. Esta realização deu-lhe uma estabilidade sobre-humana, transformando-o de Gautama no Buddha, o Iluminado.

Kisa Gotami tinha um único filho, e ele morreu. Afogada em tristeza, levou a criança morta a todos os seus vizinhos, pedindo-lhes um remédio

²²³ Ibid. P. 831.

²²⁴ Ibid. P. 814.

que curasse a criança. Eles naturalmente concluíram que ela estava fora de si. Alguém, no entanto, a direcionou ao Buddha. Ela foi e implorou-lhe: 'Mestre, dá-me o remédio que curará meu filho.' Ele respondeu: 'Traga um punhado de sementes de mostarda; mas deve ser de uma casa onde ninguém tenha perdido um filho, marido, pai ou amigo.' Gotami foi de porta em porta pela semente de mostarda. Compadecendo-se dela, as pessoas prontamente lhe ofereciam a semente de mostarda, mas não havia uma casa onde algum ente querido não tivesse sido levado pela morte. Ao final desta busca infrutífera, o conhecimento raiou sobre ela. Ela percebeu que a morte era comum a todos e que havia sido egoísta demais em sua dor. Buscando o caminho que leva à imortalidade para fora do vale da morte e da desolação, ela abandonou seu apego egoísta ao filho, retornou ao Buddha e refugiou-se nele.

Foi dessa maneira gentil que o Buddha a fez compreender a inevitabilidade da morte. Sua compaixão era tão grande que ele não seria duro mesmo ao pregar o que é verdade universal. Seu coração estava tão cheio de amor e simpatia pelas criaturas sofredoras que ele declarou em outra ocasião:

"Que todos os males e sofrimentos do mundo venham a mim. Que o mundo seja salvo."

Cristo e o ideal cristão

O Cristianismo declara que o homem perfeito é pobre em espírito, manso, tem fome e sede de justiça, é misericordioso, puro de coração, e perfeito assim como o Pai no Céu é perfeito. Cristo ensinou:

"Eu estou no meu Pai, vós em mim, e eu em vós. Eu e o Pai somos um. Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração. Amarás o teu próximo como a ti mesmo."

Lázaro, o irmão de Maria e Marta — todos eles devotos de Cristo — estava doente, e as irmãs mandaram avisar a Cristo. Cristo, sabendo que 'a doença não era para morte', mas 'para a glória do Senhor, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela', foi até elas. 'Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou, para que o desperte do sono.' Naquela altura, Lázaro já estava 'morto' e fora colocado no túmulo. As irmãs encontraram Cristo e, em grande tristeza, disseram: 'Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não

teria morrido.’ Quando Jesus viu Maria chorando, e também os judeus que estavam com ela, ele também chorou. Então ele clamou em alta voz: ‘Lázaro, vem para fora!’ e Lázaro, como conta a história, saiu do túmulo.

Vemos aqui a tremenda simpatia de Jesus, assim como sua consciência do poder interior nele nascido da perfeição divina.

Mohammed e o ideal islâmico

De acordo com o Islã, a piedade não consiste meramente em voltar o rosto para o oriente ou ocidente. Piedoso é aquele que crê em Deus; que, por amor a Deus, despende sua riqueza com os parentes, órfãos e necessitados; que observa a oração; que é paciente sob males e dificuldades e em tempos de tribulação; e que teme ao Senhor.

Mohammed tinha uma fé inabalável em Deus. Um beduíno, um dia, encontrou-o sozinho e estava prestes a atacá-lo. ‘Quem vai te salvar?’, perguntou ele. Maomé respondeu: ‘Deus.’ A espada caiu, Mohammed a agarrou e, brandindo-a, perguntou por sua vez: ‘Quem vai te salvar?’ Veio a resposta desesperada: ‘Ninguém, ó Mohammed.’ Ao que Mohammed declarou: ‘Então aprende comigo sobre a Misericórdia Divina.’ Doravante, o beduíno tornou-se um devoto seguidor de Mohammed.

Em outra ocasião, Mohammed e um seguidor estavam escondidos. Os inimigos se aproximaram deles. O seguidor disse: ‘Estamos sós.’ Mohammed respondeu: ‘Por que, não somos dois, somos três!’ Em outra ocasião, ele declarou:

“Não há conversa privada entre três pessoas sem que Ele (significando Deus) seja o quarto entre elas. Ele está com elas onde quer que estejam.”

É esta fé viva em Deus que impressionou muitos e os trouxe para o seu grupo.

O ideal Vedântico

A Vedanta apresenta o tipo mais elevado de alma iluminada. O *Mundaka Upanishad* declara:

“Verdadeiramente, ele se torna Brahman quem realiza Brahman. Ele supera o mal e transcende a tristeza. Estando livre de todos os nós do coração, ele alcança a imortalidade.”²²⁵

Alcançando o mais alto estado de supraconsciência, ele descobre que os fenômenos desapareceram totalmente dele. Por esta experiência, toda a sua atitude e visão da vida são transformadas. Mesmo quando ele desce ao plano do mundo externo, a experiência transcendental permanece. Ele é apenas a testemunha de todos os fenômenos. De tal pessoa, o *Bhagavad Gita* diz:

“Quando um homem lançou fora todos os desejos de seu coração e se sente satisfeito apenas no Ser, então se diz que ele é de sabedoria estável. Tendo realizado no estado transcendental o Ser habitando igualmente em todos, ele não odeia ninguém e é amigável e compassivo para com todos. Ele está livre dos sentimentos de ‘eu e meu’. Equânime na dor e no prazer, tolerante, sempre contente, firme na meditação, autocontrolado, possuído de convicções firmes, ele tem sua mente e intelecto fixos no Divino.”²²⁶

Ele não precisa mais se esforçar para afirmar a realidade do Ser; ele se estabeleceu totalmente nele. Ele também superou todos os conflitos morais inevitáveis para o aspirante que luta. Como Sri Ramakrishna diz, “Como um dançarino perito, ele nunca pode dar um passo em falso,” embora não se esforce, ou não precise se esforçar, para seguir regras estabelecidas laboriosamente como o principiante. Tendo alcançado a autorrealização, ele superou o bem e o mal relativos. Como o Professor Max Muller observa corretamente:

“Isso nunca foi concebido como liberdade no sentido de licença dos sentidos, mas como liberdade que não pode cair em atos pecaminosos, nem reivindicar qualquer mérito por boas ações, estando em repouso e bem-aventurado em si mesmo e em Brahman.”²²⁷

Com a conquista do *summum bonum* da vida, todo interesse egoísta cessou para ele. Se tais almas iluminadas vivem, é apenas para trazer luz aos outros e promover seu bem-estar; sua vida é apenas o cumprimento de algum propósito cósmico.

²²⁵ III: ii: 9.

²²⁶ Bhagavad Gita. II: 55 e XII: 13-14.

²²⁷ "The Six Systems of Indian Philosophy." P. 180.

Entre os hindus, encontra-se uma variedade de almas supremamente iluminadas, desde os tempos mais antigos até os dias modernos. Alexandre, no meio de suas campanhas militares implacáveis na Índia, ouviu falar de um grande sábio hindu. Embriagado com suas vitórias, enviou um mensageiro ao sábio com o ultimato de que se o sábio fosse até Alexandre, seria recompensado com presentes esplêndidos; se não, sua cabeça seria cortada. Mas o sábio apenas sorriu para esta mensagem sombria e respondeu: 'Todos os dons e promessas de Alexandre são para mim totalmente inúteis. Se ele cortar minha cabeça, não pode destruir minha alma. A alma irá para seu [da Alma] Mestre, deixando o corpo como uma roupa gasta. Deixe-o aterrorizar aqueles que desejam ouro e riqueza e que temem a morte. Não tenho necessidade de nenhuma das coisas de Alexandre e não irei até ele. Mas se ele quiser algo de mim, que venha aqui!'

Forte com a força da iluminação, ele era mais do que páreo para o conquistador.

Shankara e Ramanuja

Em seu '*Viveka Chudamani*', ou "Joia Suprema da Discernimento", Shankaracharya descreve o homem de iluminação nestas palavras:

"Grandes almas, calmas e magnânimas, fazem o bem aos outros como a primavera. Tendo elas mesmas cruzado o terrível oceano da morte, ajudam outros a cruzar o mesmo, sem qualquer motivo egoísta. É da natureza dos magnânimos moverem-se por sua própria iniciativa para remover os problemas dos outros."²²⁸

O próprio Shankara foi um desses. Tendo alcançado a mais elevada iluminação espiritual, engajou-se no serviço ativo da humanidade, percorrendo toda a extensão do vasto subcontinente indiano, mesmo naqueles dias do século IX, quando as condições de viagem eram tão difíceis. Espalhando a Verdade entre o povo, dando um rumo mais elevado a seus ideais espirituais, compondo várias obras filosóficas da mais alta sabedoria e hinos da mais profunda devoção, ele apresentou ao povo o ideal da verdadeira espiritualidade.

Ramanuja enfatizou o caminho da devoção e serviço ao Senhor num espírito de autoentrega como o melhor meio para a salvação. A experiência

²²⁸ 37-38.

espiritual trouxe a seu coração uma compaixão ilimitada. Ao iniciá-lo no Santo Nome do Senhor, que destruiria todos os pecados, o Guru de Ramanuja proibiu-o estritamente de divulgá-lo a qualquer outra pessoa. Se ele desobedecesse, iria para o inferno. Mas a compaixão de Ramanuja fê-lo sentir que se o Santo Nome pudesse salvar aqueles que o repetissem, então ele o daria a tantos quantos possível e os habilitaria a salvarem-se por ele. Se isso significasse transgredir as instruções do Guru e ir para o inferno, ele o faria de bom grado. Então, ele subiu ao topo da torre do templo e, alegremente convocando a todos, revelou à multidão o Santo *Mantra* dado por seu Guru.

Pavahari Baba – o contemplativo silencioso

Pavahari Baba (século XIX) era do tipo silencioso e contemplativo. Swami Vivekananda falou dele como ‘um homem de maravilhosa humildade e autorrealização’. Um dia, um ladrão invadiu seu Ashrama; mas quando viu o santo, assustou-se e fugiu, deixando as coisas que havia juntado num embrulho para trás. O santo, no entanto, pegou-o e correu atrás do ladrão. Com medo de ser pego, o ladrão correu cada vez mais rápido, mas finalmente o Baba o alcançou. Imagine sua surpresa quando o santo colocou o embrulho a seus pés e, com as mãos postas e olhos lacrimejantes, disse-lhe: “Ó Narayana, perdoa-me por me intrometer! Por favor, aceita estas coisas que te pertencem e não a mim.” Sua realização espiritual fazia-o ver realmente o Senhor em todos os seres, mesmo no ladrão, cuja vida foi completamente transformada por este contato estranho, porém santo.

Quando Vivekananda lhe perguntou por que ele não saía de seu isolamento em sua caverna para ajudar o mundo, ele respondeu: “Você acha que a ajuda física é a única ajuda possível? Não é possível que uma mente possa ajudar outras mentes, mesmo sem a atividade do corpo?” Em outra ocasião, em resposta a uma pergunta sobre por que ele, um Yogi aperfeiçoado, estava realizando alguns rituais e adoração destinados apenas a principiantes, ele disse: “Por que você toma como certo que todo mundo realiza Karma para seu próprio bem? Não se pode realizar Karma para os outros?”

Sri Ramakrishna

Em Sri Ramakrishna, encontramos um exemplo maravilhoso da realização e manifestação da mais elevada consciência espiritual numa variedade de aspectos. Quer introvertido ou consciente do mundo externo, ele via o mesmo Espírito Divino em todos os seres. Mesmo numa mulher caída, ele via a mesma Divina Mãe.

Girish Chandra Ghosh, o grande dramaturgo e ator bengali, foi um daqueles cuja vida foi totalmente transformada ao entrar em contato com o Mestre. Ele era um boêmio declarado, entregue a muitos vícios; mas pela graça de Sri Ramakrishna, foi elevado das profundezas de sua degradação moral às raras alturas da devoção e da completa autoentrega a Deus.

Um dia, sob a influência da bebida, ele abusou do Mestre em linguagem tão chocante que os outros devotos estavam prestes a puni-lo, mas o próprio Mestre os conteve. Ele ficou quieto, sabendo que no fundo Girish era terno e sincero. Enquanto isso, o próprio Girish não sentiu qualquer remorso até que outros o fizeram entender o que tinha feito. Um dos devotos observou ao Mestre: “Afinal, o que Girish tem é só veneno; o que mais ele poderia lhe dar?” Ele foi instado a não visitar Girish novamente. Mas sua resposta característica foi: “Apenas ouço suas palavras. Arranje-me uma carruagem. Irei à casa de Girish hoje.” E, despreocupado com o sol do meio-dia, ele foi ver Girish. Encontrando-o cheio de angústia e remorso, confortou-o, dizendo: “Girish, não se preocupe com isso; as pessoas ficarão espantadas com a mudança maravilhosa que ocorrerá em você.” E assim foi.

As almas iluminadas nunca são movidas por honra ou insulto pessoais; eles derramam sua compaixão e graça sobre todos que dela precisam, mesmo que sejam os piores pecadores.

Sri Sarada Devi

Sri Sarada Devi, a divina consorte de Sri Ramakrishna, era a personificação da pureza. Quando menina, costumava orar: “Ó Senhor, há uma mancha até na lua, mas que não haja o menor traço de mancha em minha mente.”²²⁹ Após o falecimento do Mestre, por força de sua própria iluminação espiritual, ela se tornou uma grande mestra espiritual, trazendo luz e paz a muitos.

Seu grande coração de Mãe não conhecia limites. Quando alguém protestou contra ela abençoar um jovem desencaminhado, ela disse

²²⁹ Sri Sarada Devi. P. 52.

asperamente: “Se meu filho se cobre de lama ou poeira, não é meu dever limpá-lo e colocá-lo no meu colo?”²³⁰

Uma devota certa vez queixou-se a ela: “Mãe, a senhora não consegue ver os defeitos dos outros!” A Mãe respondeu: “Não faltam pessoas para ver os defeitos dos outros. O mundo não vai parar se eu for diferente.” Sua última mensagem, por assim dizer, a todos que têm ouvidos para ouvir foi: “Se queres paz de espírito, não busque defeitos nos outros. Antes, vê teus próprios defeitos. Aprende a fazer do mundo inteiro o teu próprio. Ninguém é estranho, meu filho. Este mundo inteiro é teu.”²³¹

Swami Vivekananda

Swami Vivekananda, o maior dos discípulos de Sri Ramakrishna, fez a missão de sua vida incutir na humanidade, por palavras e ações, o ideal do serviço a Deus no homem. “Primeiro, sejamos Deuses, e então ajudemos outros a serem Deuses,” foi sua mensagem e lema. Seu poderoso coração, sangrando pelos pobres, oprimidos e sofredores, fê-lo declarar:

“Que eu nasça de novo e de novo, e sofra milhares de misérias para que possa adorar o único Deus que existe, o único Deus em que acredito, a soma total de todas as almas, — e acima de tudo, meu Deus o perverso, meu Deus o miserável, meu Deus o pobre de todas as raças, de todas as espécies, é o Deus especial da minha adoração.”²³²

Falando do homem iluminado, sendo ele próprio um deles, disse:

“Ele trabalha apenas para fazer o bem; seus lábios só pronunciam bênçãos a todos; suas mãos só realizam boas obras; sua mente só pode pensar bons pensamentos; sua presença é uma bênção onde quer que vá. Ele próprio é uma bênção viva. Tal homem, por sua própria presença, mudará até as pessoas mais perversas em santos. Mesmo que não fale, sua mera presença é uma bênção para a humanidade.”²³³

Essas almas iluminadas pertencem a toda a humanidade. Elas transcendem todas as divisões de raça, religião, sexo ou casta. Tendo

²³⁰ Ibid. p. 199.

²³¹ Ibid. p. 589.

²³² The Complete Works of Swami Vivekananda. Vol. V. P. 106.

²³³ Ibid.

alcançado o Divino, elas se tornaram o Divino e, como tal, uma com todas as almas.

Durante nossas lutas morais e espirituais, durante nossos períodos de dúvidas e escuridão, lembremo-nos delas e encontremos nova força, esperança e luz. Que elas nos abençoem a todos. Que sigamos seus passos e nos tornemos, à nossa humilde maneira, uma bênção para nós mesmos e uma bênção para nossos semelhantes.

